

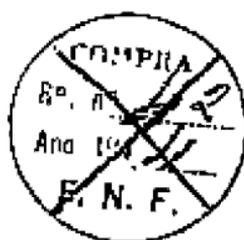
RIO DE JANEIRO
DE ANTANHO

BIBLIOTECA — PEDAGOGICA — BRASILEIRA
Serie V — BRASILIANA — Vol. 222

Affonso de E. Taunay

RIO DE JANEIRO DE ANTANHO

IMPRESSÕES DE VIAJANTES ESTRANGEIROS



500.523
2221942

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE



Volumes publicados por Affonso de E. Taunay

FICÇÃO

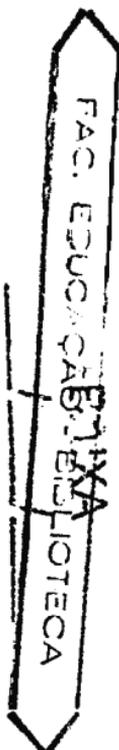
Leonor de Avila, romance brasileiro seiscentista (Chronica do tempo dos Philippes).

HISTORIA DO BRASIL

Grandes vultos da Independencia Brasileira
Na Bahia colonial
Na Bahia de Dom João VI
Rio de Janeiro de antanho
Sob El Rey Nosso Senhor
No Brasil imperial
A' glória dos Andradas
Do Reino ao Imperio
Viagens e viajantes
Santa Catharina nos annos primevos
A grande vida de Fernão Dias Paes
Visitantes do Brasil colonial
De Brasiliae rebus pluribus
No Brasil de 1840
Em Santa Catharina colonial
A propagação da cultura cafeeira no Brasil
Subsidios para a historia do café no Brasil colonial
A guerra dos barbaros
Historia do café no Brasil
Subsidios para a historia do trafico africano no Brasil
O Senado do Imperio

HISTORIA DE S. PAULO

Na era das bandeiras
A' gloria das monções
Historia Geral das Bandeiras Paulistas
Indios! Ouro! Pedras!
Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu
Collectanea de documentos da antiga cartographia paulista
Ensaio de carta geral das bandeiras paulistas
Estudos de Historia paulista
Antigos aspectos paulistas
Terra bandeirante
Ensaos de historia paulistana



HISTORIA DA CIDADE DE S. PAULO

S. Paulo nos primeiros annos
S. Paulo no seculo XVI
Historia seiscentista da Villa de S. Paulo
Historia da villa de S. Paulo no seculo XVIII
Historia da cidade de S. Paulo no seculo XVIII
Piratininga
Non ducor duco
Historia antiga da Abbadia de S. Paulo — 1598-1772

HISTORIA DA ARTE, DA SCIENCIA E DA LITTERATURA NO BRASIL

A missão artistica de 1816
Nicolau A. Taunay. Documentos sobre sua vida e sua obra
A vida gloriosa e tragica de Bartholomeu de Gusmão
Bartholomeu de Gusmão e sua prioridade aerostatica
Bartholomeu de Gusmão, inventor do aerostato
Zoologia phantastica do Brasil
Monstros e mostrengos do Brasil
Pedro Taques e seu tempo
Escriptores colonias
Martim Francisco III

LINGUISTICA

Lexico de termos technicos e scientificos
Lexico de lacunas
Vocabulario de omissões
Collectanea de falhas
Reparos ao Diccionario de Candido de Figueiredo
A terminologia scientifica e os grandes dictionarios portuguezes
Insufficiencia e deficiencia dos grandes dictionarios portuguezes
Inopia scientifica e vocabular dos grandes dictionarios portuguezes

ASSUMPTOS SCIENTIFICOS

Ensaio de bibliographia referente ao Brasil e ás sciencias naturaes (em
collaboração). I parte: Literatura brasileira
Ensaio de Bibliographia (2.ª parte: litteratura estrangeira)

TRADUCÇÕES

A Retirada da Laguna
A segunda viagem de Saint-Hilaire a S. Paulo

REEDIÇÕES COMMENTADAS

Pedro Taques: Nobiliarchia paulistana
Informação sobre as minas de S. Paulo
Historia da capitania de S. Vicente
Frei Gaspar da Madre de Deus: Memorias para a historia da capitania
da S. Vicente
Antonil: Cultura e opulencia do Brasil
Bartholomeu de Gusmão: obras completas
Jorge Marcgrave: Historia Natural do Brasil

EM PREPARAÇÃO

Historia Geral das Bandeiras Paulistas (tomo VIII)

A MAX FLEIUSS,

Amigo, Amigo,

*lembrança affectuosa e testemunho
de uma amizade de vinte e cinco annos.*

A. DE E. T.

P R E F A C I O

Levou-nos o pendor pela leitura das velhas relações de viagens referentes ao Brasil, a percorrer numerosas obras de navegantes, que de sua permanencia no Rio de Janeiro deixaram noticia. Nellas ha, frequentemente, cousas tão interessantes! E muitas são pouco conhecidas e até mesmo raras, sinão rarissimas algumas! perdidas nos recessos das bibliothecas. . .

Resumindo estas paginas de literatura exotica sôbre o antigo Rio de Janeiro, julgamos prestar pequeno serviço aos amantes das cousas brasileiras, facilitando-lhes o conhecimento de livros que versam sobre as éras distantes, fluminenses e do nosso tempo tão differentes.

AFFONSO DE E. TAUNAY.

I N D I C E

| | |
|---|-----|
| Froger | 13 |
| Official negreiro francez anonymo | 31 |
| Bougainville | 47 |
| Parny | 61 |
| Cirurgião-mor John White | 73 |
| Sir George Staunton | 101 |
| Victor Jacquemont | 113 |
| Eduardo Theodoro Boesche | 151 |
| William Gore Ouseley | 169 |
| Francis de Castelnau | 217 |
| C. H. Lavollée | 261 |
| Julio Itier | 291 |
| De Ferrière-le-Vayer | 331 |
| Ida Pfeiffer | 343 |

F R O G E R

(1695)

I

De Gennes, seus meritos, projectos e viagem ao Atlantico Sul — A relação de sua jornada por Froger — Chegada ao Rio de Janeiro — Receio da população — Mau acolhimento — Fogo dos fortes sobre os navios francezes — Attitude do governador fluminense — Questões de pragmatica — Venda de escravos africanos e compra de mantimentos — Accusões abertas á honorabilidade do governador — Boa impressão do Rio de Janeiro e má dos Cariocas — Defeitos graves dos fluminenses — O caso do argueiro e do cavalleiro.

Poucas épocas na Historia occorrem em que francezes e inglezes tenham batalhado como no reinado de Luiz XIV, isto é facto de todos sabido. Na historia da lucta multiseccular das duas grandes nações, ha mais de um século reconciliadas e mais tarde unidas pela communhão dos esforços tremendos e provações da Grande Guerra, uma das phases de mais activa hostilidade, foi certamente a dos ultimos annos seiscentistas, sob Guilherme III, de Orange, o inimigo acerrimo do *Rei Sol*

Derrotada a frota franceza pela anglo-hollandeza, no encontro da Hogue, onde o illustre Tourville perdeu a batalha, mas não a justa fama de grande cabo de guerra, batidas as esquadras de França, rendidas numerosas praças coloniaes, anceiavam os marujos de Luiz XIV por uma desforra dos adversarios seculares e irreductiveis.

Entre estes, um logar tenente de Vivonne, educado na escola dos heróes que eram Duquesne, Duguay Trouin e Jean Bart: o commandante De Gennes.

Aventuroso e valente, engenheiro naval de real merito, auctor de diversos inventos, era muito estimado do proprio Rei: "Inventára, diz o padre Labat, citado no "Dictionnaire Universel du XIXme siècle", varias machinas muito bellas, muito curiosas e muito uteis, canhões e obuzeiros de novo systema, fléchas destinadas a rasgar o velame dos navios, relógios sem molas e contrapeso, um pavão que andava e digería (o que vi), uma bola achatada nos dous polos que subia por si só sôbre um plano quasi perpendicular e descia suavemente e sem cair, e uma infinidade de outras cousas, que o rei examinou com prazer".

Occorreu a De Gennes em 1693, já então capitão de fragata, a idéa de fundar uma Companhia de Commercio para a colonização franceza no Estreito de Magalhães. Pedindo subsidios regios teve o mais favoravel deferimento. Deu-lhe Luiz XIV seis navios de alto bordo, tripulados por 784 homens, com os quaes, em 1695, zarpuu de La Rochelle.

Percorrendo a costa africana occidental, aproveitou o navegante a occasião para expugnar os estabelecimentos britannicos da Gambia (Fort James); D'ahi zarpando em direcção ao Brasil, aportou em S. Vicente do Cabo Verde, onde desembarcou os numerosissimos doentes de febres e escorbuto. Comprou em Santo Antão provisões em abundancia. A 4 de Outubro de 1695 rumava para o Rio de Janeiro, em cuja barra appareceu a 30 de Novembro.

A 5 de Janeiro seguinte partia a sua esquadra para o estreito magalhanico; soffreu nos mares do Sul tremendas tempestades. Attingindo á extremidade do

continente, tiveram De Gennes e os seus commandados o criterio de verificar que o estabelecimento de um presidio naquelles paramos desolados seria a mais calamitosa tentativa, tanto mais quanto os recursos da frota se apresentavam escassos. Assim, pois, decidiu o conselho de guerra o regresso á França.

A 16 de Maio de 1696 navegava a divisão em aguas de Cabo Frio, sabendo De Gennes que as autoridades portuguezas lhe não consentiriam, provavelmente, voltar a fundear no Rio de Janeiro. Demorou-se algumas semanas naquellas paragens e afinal rumou para a Bahia, onde, a 20 de Julho, foi recebido affectivamente e de onde zarpou em direcção ás Antilhas; A 21 de Abril de 1697 entrava novamente em La Rochelle.

Dessa jornada naval existe interessante documento: o livro editado em Paris em 1696 por Michel Brunet: "Rélacion d'un voyage fait en 1695, 1696 et 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et Iles Antilles, par une escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par monsieur De Gennes, fait par le Sieur Froger, Ingénieur Volontaire sur le vaisseau le "Faucon Anglais", enrichie de grand nombre de figures dessinées sur les lieux".

Conhecemos a tiragem feita pelo livreiro Nicolau le Gras, em 1699. Comprara este os direitos auctoraes de Nicolau de Fer, cessionario do auctor.

Eram de Fer e Guilherme de l'Isle, então, as auctoridades maximas da Cartographia franceza. "Esta obra, diz a "Grande Encyclopedie", tem o seu valor sob o ponto de vista da Historia natural e da Hydrographia." Ignoramos si existe terceira edição franceza; honra-se, porém, com uma tradução ingleza, impressa em 1698, por Gillyflower.

Não é muito o que Froger escreve acêrca do nosso paiz, mas não deixam de ser curiosas suas informações, Seu livro, hoje raridade bibliographica, não é dos que se acham ao alcance de todos.

A 29 de Novembro de 1695 chegava a esquadra de De Gennes á altura de Cabo Frio e a 30 á barra do Rio de Janeiro, onde pediu practico. Custaram tanto os de terra a responder que o commandante ordenou que os seus vasos ficassem bordejando, enquanto mandava um dos officiaes entender-se com as auctoridades do porto. A's 6 horas da tarde de primeiro de dezembro voltava o emissario contando que havia grande alvoroço na cidade.

Não se sabia, exactamente, no Rio de Janeiro, si reinava ou não guerra entre a França e Portugal; a chegada desde alguns dias do bergantim da esquadra tal panico provocára, que tinham as familias começado a retirar-se para o campo, carregando as melhores alfaias.

No dia seguinte souberam os Francezes por um official portuguez que podiam ancorar ao alcance immediato dos canhões de Santa Cruz. Havia brisa forte, porém, e os navios garraram para dentro do porto. Immediatamente sôbre elles atiraram as baterias de terra. Não responderam os Francezes, que conseguiram fundear pouco depois. Voltou o official trazendo piloto e medico. Estava o governador muito hesitante si devia, ou não, deixar que a esquadra viesse ao fundeadouro. Allegava a existencia de numerosos enfermos a bordo e receava o contagio.

Era elle Sebastião de Castro Caldas, personagem mais tarde muito conhecido pelo papel que lhe coube na chamada "Guerra dos Mascates".

Afinal, avisou o ajudante de ordens que iria a Santa Cruz notificar a permissão de passagem dos navios francezes.

Como, porém, houvessem estes aparelhado antes de sua chegada á fortaleza, ainda receberam mais de dez tiros, dos quaes um por um triz não alcança o paiol de polvora da capitanea.

Assim mesmo, veio ordem para que dous dos maiores navios ficassem fóra da barra; havia expressas instrucções reaes para que não entrassem no porto mais de tres barcos de guerra estrangeiros. Assim, partiram para a Ilha Grande.

Apenas chegado, desembarcou o sr. De Gennes e foi queixar-se ao governador dos balazios recebidos. Que praxe era esta de se tractarem por tal fóma as náos de uma potencia amiga?

Respondeu-lhe Castro Caldas dizendo-lhe que desejára consentir na entrada franca da frota. Havia, porém, muita gente contraria a tal licença e grande fermentação popular, perigosa mesmo, para a manutenção da ordem. Em todo caso, permittia que os doentes desembarcassem na Praia Grande e promettia-lhes a assistencia, que lhe fosse possível.

Deu-se, então, novo incidente, caracteristico da vaidade das pragmaticas e regimentos. Perguntou o commandante francez si acaso salvasse de terra lhe responderiam tiro por tiro. Respondeu-lhe o governador que absolutamente não; daria quando muito alguns disparos, por lhe caber a homenagem. A' vista de similhante resposta, resolveu o francez não salvar. A 4 desembarcaram os escorbuticos, e a esquadra demorou-se nas aguas guanabarinas até 27 de Dezembro, fazendo grandes compras de mantimentos: cârnes salgadas, farinha de mandioca, assucar, arroz, milho, tapioca, etc.

Traziam da Africa os navios francezes grande numero de negros escravos, então negociados, salvo os mais robustos, destinados a substituir os marinheiros brancos dizimados na costa da Gambia, pela febre amarella. Só a capitanea, o "Faucon anglais", perdera mais de cincoenta homens!

Em todos os fornecimentos, pretende Froger, foram os Francezes muito prejudicados pela tratantice do governador, que prohibira aos particulares commerciar com a esquadra, querendo ser o unico comprador e vendedor. "Vimo-nos obrigados a lhe ceder as nossas mercadorias muito mais barato do que pelos preços da Europa".

Dá-lhe isto o ensejo de lembrar a má fé da nação lusa, "em que, affirma, predominavam os individuos de raça judaica na proporção de mais de tres quartos".

↓ Do Rio de Janeiro, "grande cidade bem construida e de excellente aspecto, estendendo-se pela praia desde o magnifico Mosteiro de S. Bento até ao não menos monumental Collegio dós Jesuitas", teve o viajante boa impressão, mas não dos fluminenses.

"Bem vestidos, gravibundos como a gente de sua nação, se mostram, ricos, amantes do trafico, possuem numerosos escravos negros, fóra varias familias de indios que empregam nos engenhos de assucar, mas a quem não querem escravisar, por serem filhos da terra".

Nada mais nefasto para os brancos do que a instituição servil, insiste o navegante.

Tanto desfibrava e amolentava os cariocas, que nem sequer eram capazes de se abaixar para apanhar um objecto de que carecessem. Muito mal o impressionaram tambem os costumes livres da cidade, onde os burguezes viviam licenciosamente e onde, infelizmente, accrescenta, havia ecclesiasticos mal notados em tal par-

ticular, sem que, comtudo, similhante pécha lhes desabonasse a reputação. X

O eterno "infra-equinoxiale" lançado em rosto aos colonos americanos pelos reparadores de todos os tempos, cheios de preconceitos e opiniões antedatadas... Esquecia-se mestre Froger que, havia bem pouco, relatará a lucrativa venda de africanos que a esquadra do rei christianissimo transportára para o Brasil, naturalmente obedecendo a dictames de ordem humanitaria...

II

Acerbas accusações ao clero brasileiro — Rixa — Mau procedimento de um frade do Carmo — Noticias de S. Paulo e dos paulistas — Série de extravagancias, inverdades e fabulas — A Republica Paulista.

Virulentamente continuando Froger a aggreir o clero do Brasil, segundo o que pretende haver visto no Rio de Janeiro, declara "que a impudicia não é o unico defeito dos frades impios da terra".

† "Vivem numa ignorancia crassa, muito poucos se encontram que saibam o latim; é de recear que nos façam vêr o incendio de uma nova Sodoma. Ha em todo o Brasil legiões de Franciscanos, Carmelitas e Benedictinos, mas todos elles pouco se incommodam com a conversão dos pobres Indios, que não pedem outra cousa sinão serem instruidos nas luzes do Evangelho".

Reparador severo este rapazola de 19 annos, que se gaba de haver examinado com exactidão "o commercio dos paizes, os interesses particulares de cada colonia, as fôrças, a situação e as vantagens dos portos, os costumes e a religião dos povos, as propriedades das fructas, plantas, passaros, peixes e animaes (sic) que lhe parece-

ram extraordinarios”, e julga ter escoimado o seu livro “dos pormenores maçadores, que geralmente atulham as relações de viagem!”. Assim está certo de que o leitor terá “prazer em tomar conhecimento de novas descrições, etc., etc.”!

↳ Em todo o vasto Brasil, avança o impetuoso generalizador, “só ha oito ou dez bons Capuchinhos francezes e alguns Jesuitas que com extraordinario zelo se applicam ás santas Missões”. ↴

Para mostrar de que fôrça eram os religiosos no Rio de Janeiro, conta Froger o seguinte: havendo um dos officiaes da esquadra altercado com um fluminense, foi obrigado a sacar da espada para se defender. Viuse então atacado por um magote de Portuguezes, e assim tratou de fugir.

“Vendo a porta dos Carmelitas aberta entrou, crendo que alli encontraria seguro asylo. Mas qual! foi o contrario, “pois um destes caridosos religiosos lhe descarregou na cabeça um golpe, cujos vestigios lhe restariam para sempre. E acudiram outros, ainda, que o encheram de pauladas e o entregaram aos perseguidores.

Estes, porém, delle tiveram compaixão, ficando horrorisados com o procedimento dos frades”.

“O que digo destes falsos religiosos, resalva o viajante francez, em nada deve offender aquelles que cumprem o dever, pois as invectivas dirigidas aos libertinos não fazem sinão augmentar o respeito devido aos que procuram o ensejo de mostrar o zêlo e derramar sangue para maior gloria de Jesus Christo”.

Depois de gabar a fertilidade da região fluminense e mencionar-lhe as principaes producções, passa Froger a dar noticia do que no Rio de Janeiro veio a saber de S. Paulo e dos Paulistas: uma série de cousas pittorescas e por vezes extravagantes.

“A cidade de S. Paulo, frisa o auctor francez, é tributaria e não subdita do rei de Portugal. Situada a dez leguas da costa foi como um refugio de bandidos de todas as Nações, que pouco a pouco formaram uma grande cidade e uma especie de Republica, cuja lei é sobretudo não reconhecer governador algum.

Circundada por altas montanhas só se pôde entrar ou sair de S. Paulo por pequeno desfiladeiro, que os Paulistas vigiam attentamente com o receio de serem surprehendidos pelos Indios (com quem quasi sempre estão em guerra) ou de que estes, a quem escravizam, venham a fugir.

Estes paulistas vão em bandos de quarenta e cinquenta homens, armados de flechas, e seguidos por bugres, de que se servem com uma superioridade que nenhuma outra nação possui. Atravessam todo o Brasil, vão até aos “Rios, ou da Prata ou Amazonas, e dalli voltam, passados quatro ou cinco mezes, ás vezes com mais de 300 escravos que tangerem como rebanhos de bois.”

Pela referencia se vê que o nosso engenheiro naval não estava bem ao par das distancias atravez da vastidão sul-americana.

“Quando os paulistas têm amansado um pouco os Indios, mandam-n’os para os campos cultivar a terra ou os empregam a pescar (*sic*) ouro, continua o alviçareiro viajante. E do metal encontram tal abundancia, que o rei de Portugal, a quem pontualmente mandam o quinto, recebe por anno mais de oito ou nove centos marcos.”

Explicando contudo a natureza do imposto, pormenorisa logo: “Não é que lhe paguem estes impostos, a isto constrangidos, pois são mais poderosos do que elle: obedecem apenas a uma tradição dos paes, que

não se sentindo ainda bem firmes no seu retiro queriam escapar á dominação dos governadores, sob o pretexto de acautelar os interesses do soberano, de quem se dizem hoje tributarios, mas não subditos, afim de sacudirem o jugo na primeira occasião”.

Estas impressões sobre o espirito de independencia dos Paulistas do planalto, colhidas pelo autor francez no Rio de Janeiro, entre luso-brasileiros e alguns religiosos seus compatriotas, parecem-nos fortemente indicativas da opinião geral existente nos meios lusitanos sôbre a autonomia da gente de S. Paulo.

Estão perfeitamente de accôrdo com o que diziam da população paulista os capitães-generaes fluminenses de fins do seculo XVII, ao informarem d. Pedro II dos motins havidos em S. Paulo, a proposito da alteração do valor da moeda, ou ainda por causa da escravisação dos Indios.

Em Maio de 1691 não escrevia Luiz Cesar de Menezes ao monarcha “acho que estes moradores vivem quasi á lei da natureza e não guardam mais ordens que aquella que convem á sua conveniencia?” E em 1697, pouco depois da passagem de Froger pelo Rio de Janeiro, não mandava Pedro de Camargo, o chefe dos amotinados contra as leis monetarias, dizer a Arthur de Sá e Menezes, capitão-general do Rio de Janeiro, “que era escusada a sua ida a S. Paulo porque os paulistas sabiam muito se governar?”

Voltemos, porém, ao autor francez, cujo depoimento de alienigena é vigorosa contraprova demonstrativa da feição independente da vida paulistana seiscentista.

A 25 de Dezembro de 1695 embarcava a esquadra franceza os seus doentes, cuja convalescença se passara em logar onde exercia autoridade um bom velho “probo e inteiramente alheio ás machinações interesseiras

dos Portuguezes. Tratara os enfermos com paternal caridade, dando-lhes á sua custa ovos, doces, vinho e geralmente tudo de que precisavam. Chegara mesmo a offerecer-se para ter em casa os mais doentes, até o regresso da esquadra”.

Quem seria este philanthropo brasileiro de quem o engenheiro naval chega a dizer não parecia portuguez? *Mysterio inesclarecível!* A saída da esquadra fez-se com preparativos geraes de batalha, de lado a lado.

“A 27 zarpámos, passando entre os fortes com os morrões accesos e os canhões prestes a fazer fogo, prestes a responder aos Portuguezes, si acaso houvessem querido aborrecer-nos em materia das salvas do estylo ou pretender fazer-nos esperar as ordens do seu governador para sair barra fóra”.

Bellas demonstrações de cortezia internacional e do respeito pela soberania das aguas territoriaes, estas então correntes no seculo XVII entre nações, que desde muito estavam em paz e diziam-se amigas! “Não precisavamos mais delles, explica, laconica e deliciosamente o diarista, e elles bem o comprehenderam. Estavam encantados com a nossa partida, e vimo-los alinhados sobre os parapeitos das fortalezas. Sentiam-se fatigados das alertas continuas e das guardas, a que os obrigara a nossa presença”.

Vaidosamente pretende Froger que o governador do Rio de Janeiro andara tão assustado, que mobilisara todos os homens validos das redondezas da cidade. “Apenas saimos, accrescenta, fez construir um forte com alguns canhões sôbre uma ilhota que domina o fundeadoiro e onde outróra, ao se descobrir o Rio de Janeiro, os francezes se estabeleceram”, facto, entre parentheses, veridico.

Zarpando do Rio ancorou a esquadra de De Gennes em Angra dos Reis, onde já havia seus quatrocentos ou quinhentos habitantes. Alli compraram os francezes bois, gallinhas, muito peixe salgado e secco e quatro grandes escaleres.

Prohibira o governador aos Angrenses o menor contacto com os estrangeiros, mas elles não fizeram o minimo caso de semelhante ordem. "Como têm casas no alto das montanhas vizinhas desejam bastante tornar-se livres como os paulistas, commenta Froger, ao lhe acudir á mente a topographia da região, em que a costa é quasi constituida pelas penedias abruptas da Serra Maritima.

Afinal a 5 de Janeiro de 1696 partiam os vasos de França em direcção ao Sul. A 6 de Março dobravam o Cabo Forward e a 5 attingiam as praias desoladas do Porto da Fome, á entrada do estreito magalhanico.

III

Renuncia ao projeto de fundação patagónica — Volta ao Norte

Aviso de recepção hostil no Rio de Janeiro — Ida para a Bahia — Novas questões de pragmática — Insolencia dos francezes — A procissão de "Corpus" — Scenas escandalosas — Impressões da Bahia e dos bahianos — Gente amorosa — Maridos ferozes — Francezes favorecidos — Riquezas das igrejas e mosteiros — Noticias de rixas no Rio de Janeiro — Regresso da esquadra de De Gennes á Europa.

De prompto verificou o navegador francez quanto seria rematada loucura tentar fundar em paragens tão miseraveis qualquer estabelecimento a tão grande distancia da Mãe Patria e em região de tão pequenas perspectivas, ou antes, de tão sombrio aspecto quanto a Terra do Fogo.

Corriam os mezes e velozmente vinha chegando o asperrimo inverno patagonico; a 3 de Abril de 1696, depois de bem medidos os prós e contras, exposto por De Gennes ao grande Conselho de guerra, o estado alarmante da maruja desfalcadissima, decidiu-se de vez abandonar a idéa do estabelecimento em terras magalhánicas, “com grande e geral desgosto das officialidade e tripulações”, pretende Froger.

Partindo para o Norte, regressou a esquadra passando a 16 de Maio pelo Cabo Frio. Alli soube o commandante que havia ordens severas do governador do Rio de Janeiro para que os Francezes não tivessem commercio com a terra. Chegara a esquadra de guerra portugueza, que se achava de prevenção para repellir qualquer tentativa de entrada na Guanabara.

A 20 de Junho entrava parte da frota no porto d’O Salvador, estando alguns de seus vasos desgarrados, desde a Patagonia.

Apenas ancorada, veio a bordo um official portuguez exigir a salva. De Gennes respondeu-lhe que o seu Rei lhe prohibira salvar, a menos que não respondessem tiro por tiro. O seu immediato iria logo entender-se com o Governador. Assim succedeu: mostrando-se as duas partes intrataveis, combinou-se que não haveria salvas.

Os Portuguezes presentes murmuravam indignados com a fraqueza do governador, que era D. João de Lencastre, dizendo que se não devia permittir que um francez impunemente passasse sob as baterias lusitanas sem salvar á terra. “Sabem todos, commenta arrogantemente o auctor da *Relação*, que esta gente só é brava quando de cima e nos apertos prefere recorrer á recitação do Terço a dar provas de valentia”.

No dia immediato, Festa de *Corpus*, foi o commandante francez, seguido do seu Estado Maior, cumprimentar o Governador Vice-Rei do Brasil.

Isto lhes deu o ensejo de assistir á grande precisão commemorativa do dia. Pasmaram os francezes do prestito: “uma quantidade prodigiosa de cruces, relicarios, andores, paramentos ricos, muita tropa formada, mesteres, confrarias e congregações”. Causou-lhes, porém, pessima impressão a aparição de “bandos mascarados, musicos e dansarinhas que, com as posturas lubricas, perturbavam extremamente a ordem da santa cerimonia”.

Finda esta, foram os officiaes francezes ouvir missa no collegio dos jesuitas, onde encontraram padres compatriotas, que lhes deram noticias do andamento da guerra então reinante entre a França e as potencias da colligação de Augsburgo.

Do Collegio foram á casa do consul de sua nação jantar e souberam da perda de Montauban, o famoso flibusteiro, seu patricio.

A sahida do grande comboio de navios mercantes, escoltado por uma divisão de naus de guerra portuguezas, foi um spectaculo que muito chamou a attenção dos francezes, attonitos do volume de mercadorias exportadas da Bahia para Lisboa.

Da cidade d’o Salvador traça Froger lisonjeira descripção, gaba-lhe os edificios publicos, os estaleiros de construcção naval, as fortalezas, as igrejas e conventos.

Quanto aos bahianos, achou-os “asseados, cortezes, serios; a não ser a arraia miuda atrevida ao ultimo ponto. Geralmente ricos, são muito affeiçoados ao commercio e geralmente tambem de raça judia. Quando alguém deseja ordenar um filho, precisa provar o chris-

tianismo dos antepassados, como para a Ordem de Malta”.

O pendor amoroso dos bahianos é que causou espanto ao joven engenheiro naval. “Prodigiosamente ardentes, nada negam ás mulheres, que aliás são dignas de lastima, pois nunca vêem a quem quer que seja. Apenas sahem aos domingos, de madrugada, para ir á igreja.

São os bahianos extraordinariamente ciumentos e é um ponto de honra apunhalar um marido á mulher desde que se convença de sua infidelidade”.

“Isto não impediu, comtudo, avança o gabarola do auctor, — provavelmente tomando gato por lébre — que várias não achassem meios de favorecer os nossos Francezes, cujos modos livres e affaveis apreciam”.

“Como a cidade tem altos e baixos e por conseguinte os carros alli não podem prestar serviços, os escravos fazem as vezes de cavallo, transportando de um lado para outro as mercadorias as mais pesadas. E’ tambem pela mesma razão que o emprego dos palanquins está alli generalisado”.

“Constitue o tal vehiculo uma rêde, coberta por pequeno docel bordado, carregado por dous negros e suspensa de longa vara. A gente de distincção nella se faz transportar á igreja, ás visitas e ao campo”.

Da altura da construcção das casas da Bahia faz o autor os maiores elogios, assim como das igrejas, sua rica ornamentação, paramentos e alfaias.

Muito o impressionaram os grandes mosteiros, ricos e numerosos, sobretudo o dos jésuitas, que abrigava 190 religiosos e em cuja igreja havia a mais rica, artistica e monumental das sacristias.

Gaba muito Froger o zelo apostolico dos capuchinhos francezes, incansaveis na catechese dos Indios e,

passando a descrever o Reconcavo, trata de suas produções, legumes e fructas, da caça, sobretudo dos macacos, da prodigiosa quantidade de formigas, das hervas medicinaes, entre as quaes sobremodo exalta a *Parayra-braba* (sic?), grossa e dura raiz, antidoto infallivel contra todos os venenos!

Um mez após a chegada á O Salvador do sr. De Gennes, alli appareceram os seus navios desgarrados no sul. Haviam tido grave questão no Rio de Janeiro, onde encontraram uma frota de guerra portugueza, de dezoito naus.

Havendo desertado, alli, quinze marinheiros da *Felicidade*, debalde reclamara o commandante a sua entrega; pouco depois dava-se uma rixa entre officiaes francezes e populares, dahi resultando a morte de dous fluminenses. As autoridades locaes encarceraram cinco ou seis desses officiaes, o que motivou um desembarque do Capitão de Fragata de la Roque, exigindo a entrega dos compatriotas. Dera-se então escaramuça, de que proviera a morte de dous officiaes francezes e os ferimentos graves de um terceiro.

Não diz Froger como terminou o incidente.

A seu respeito, assim como sôbre a viagem do sr. De Gennes, existem no Archivo Nacional varios documentos interessantes, na correspondencia de Sebastião de Castro Caldas com a Côrte, e nos seus bandos.

A 6 de Agosto, tendo as suas provisões de agua e lenha feitas e armazenado viveres para seis mezes, resolveu De Gennes partir para a França. Despedindo-se do Governador da Bahia, recebeu, assim como todos os commandantes, algumas amethistas, como lembrança, e diversos generos para refresco.

A 7 zarpava a esquadra, com rumo para Cayenna, a 8 encontrava canôas em que vinham varios negros,

pedindo pelo amor de Deus aos francezes que os levassem. Se os repellissem preferiam morrer afogados a voltar para casa dos seus tyrannos. Não quiz o commandante, comtudo, recebê-los, receoso de desgostar os portuguezes.

A tal proposito faz o auctor uma serie de considerações sobre a desgraçadissima condição dos negros no Brasil e a crueldade com que os tratavam os brancos. “Assim mesmo, declara os hespanhóes e os inglezes ainda são mais crueis, e relata ainda que entre os seus patricios da Martinica era costume cortar-se uma das pernas ao negro apanhado após duas escapulas!”

De Cayenna passou a esquadra á Martinica, á Guadelupe, visitou varias das Antilhas pequenas. De S. Thomaz rumou para os Açores. A 21 de Abril de 1697 ancorava no porto de Rochelle, terminando ahi a grande jornada comprehendida sob a direcção do sr. De Gennes.

OFFICIAL NEGREIRO FRANCEZ ANONYMO

(1703)

I

Sua passagem e suas impressões sobre o Rio de Janeiro de 1703

No interessante Diario de Viagem, publicado por um anonymo sob o titulo "*Journal d'un voyage sur les costes d'Afrique, et aux Indes d'Espagne*", e impresso em Amsterdam em 1730, relata o viajante, em fórma de carta a um amigo, as impressões que teve visitando a Bahia. Dalli partiu a sumaca *Notre Dame de l'Épine de France* com rumo ao Sul do dia 16 de Junho de 1703. Só a 10 de Julho entrou no porto do Rio de Janeiro, cuja barra pareceu ao viajante bem fortificada. Eis o que naquelle livro se encontra ácerca da bella Guanabara e de seus habitantes.

Como não houvesse hotéis nem hospedarias na cidade, tiveram os Francezes de dormir a bordo. Afinal achou um delles certo amigo que, havia 10 ou 12 annos, estava no Brásil e lhe tomou commodos. Era este patricio um provençal; viera fazer a America, tinha boa reputação e fama de já arranjado, tanto assim, que pensava voltar para a sua terra dentro de um ou dous annos.

Foi quem, no dia 12, apresentava os compatriotas ao governador, então Francisco de Castro Moraes, servindo-lhes de interprete. Acolhimento amavel e grandes

promessas de serviçalismo. Desconfiou o negreiro de taes palavras, observando “o presente que lhe vamos fazer o incitará a cumprir a palavra dada”. “O secretario é que vai recebê-lo, mas terá de prestar contas ao patrão”, commenta ainda o traficante, a deixar entrever a possibilidade de um suborno possível de s. ex.

Naquelle dia percorreu o nosso autor a rua Direita, que então era a mais notavel do Rio de Janeiro. Achou-a bella e comprida.

Mas, o que o espicava doidamente era a ancia de seguir para o Prata. Afinal, achou camarote e alojamento num grande navio que devia partir dentro de 2 ou 3 semanas. Renasciam as esperanças de attingir Buenos Aires, a cidade onde julgava estar-lhe a fortuna á espera. Assim não o desenganasse o futuro! A chegada de um navio vindo do Prata trouxe-lhe a noticia de que *L'Aigle* lá se achava desde começos de Março.

Não permittira o governador portenho ao commandante Le Roux a venda de seu carregamento de negros! por falta dos papeis que estavam agora no Rio, provavelmente. Desapontadissimo, pretendia o sr. Le Roux levar os seus escravos, para vêr si os vendia, á Martinica. Veio esta noticia sobremaneira affligir os nossos negreiros. “E’ o que faltava para coroar todo o nosso caiporismo” annota o diarista, assustado com a sua responsabilisação possível, por parte da Companhia e por tal fracasso.

II

Visita ao Castello e a S. Bento — Condições estrategicas do Rio de Janeiro — Nova versão sobre a aventura de Villegaignon A rua Direita — O palacio dos governadores — Carestia da vida no Rio de Janeiro — Cortezia dos fluminenses de posição — Insolencia do populacho — Basotia e empatia

brasileiras — Nada de pilherias com os brasileiros! — Enclausuramento feminino — Acerbas censuras aos costumes cariocas — Aventura amorosa com uma joven carioca.

A' espera de embarcar para Buenos Aires, demorou-se o official negreiro da "Compagnie Royale de Guinée", várias semanas no Rio de Janeiro, o que lhe permittiu vêr bem a cidade, o que, aliás, restricta como ella era, não lhe deveria ter tomado muito tempo. Subiu ao Castello e a S. Bento, resmungando contra os morros, dada a sua permanencia de um anno a bordo, e á falta de habito de andar, e achou ambas as casas dignas de visita. Das condições militares da praça, diz o nosso diarista que eram excellentes.

Santa Cruz possuia 80 canhões, dos quaes 24 ao lume dagua.

Poucas situações estrategicas haveria tão favoraveis quanto a da grande fortaleza da barra guanabarina.

O que nos faz descrever da cultura e da capacidade do official negreiro são as suas notas sôbre a fortaleza de Villegaignon, a que chama *Forte Gaillon* (sic) e colloca num promontorio.

E a este proposito nos dá de seu compatriota quinhentista, e das suas empresas e aventuras, pittoresca versão.

Fôra Villegaignon o descobridor do Rio de Janeiro e estabelecera-se naquella especie de ilha. Enviara depois um navio á França buscar reforço para subjugar os Indios e dominar a região. Mas, como este navio não voltasse, tivera de abandonar aquella terra, uma das melhores e mais ricas de toda a America. Fôra ahi então que os Portuguezes haviam vindo estabelecer-se no Rio (sic!).

Não era a cidade grande, mas não por falta de espaço. Havia por trás della uma planicie cercada de

montanhas, cujo aspecto não deixava de ser agradável. A maior rua e a mais frequentada era aquella em que se achava o palacio do governador. Muito comprida e muito larga, só ella comprehendia a metade da cidade. Numa ponta estava o mosteiro de S. Bento, cuja igreja era a mais bella da cidade, e cujo convento, em obras ainda, parecia dever vir a ser um edificio sumptuoso.

Na extremidade opposta erguia-se o Collegio dos Jesuitas, cuja casa apresentava magnifica architectura e possuia optimas accommodações. Encostado ao morro um de seus edificios, todo de cantaria, tinha prodigiosa altura.

Correspondia o interior ao exterior. As cellas dos padres lambrizadas, eram excellentes, a igreja pequena mas extremamente carregada de enfeites e decoração. A pharmacia do Collegio, que encontrára em obras, tinha todas as drogas do universo.

Não cansavam as rampas que levavam o passeante ao Collegio e a S. Bento, tão suaves eram e tão admiravelmente feitas. Bem se vê que falla um homem habituado a exercicios na mastreação. Deviam ter custado enormes sommas. Tudo pôde ter sido o nosso negreiro, menos sybarita. Ainda passa a subida para S. Bento, mas a do Castello!

Não valia grande cousa o palacio do governo dos fluminenses. Quanto ás ruas da cidade, além da Direita, eram bem traçadas, não deixavam de ser bonitas, e tinham boas casas.

Já nesta época, 1703, era o Rio a melhor praça - portugueza da America. A descoberta das minas de ouro pelos Paulistas, em 1696, occasionára um exodo de mais de dez mil de seus habitantes, para o novo eldorado do Espinhaço.

Dahi, terrivel `desequilibrio financeiro em todo o paiz, e enorme alta dos preços de vida. Estavam as lavouras em torno do Rio abandonadas, tendo até chegado quasi a haver fome na cidade. E o mesmo se dera na Bahia e em Pernambuco, onde não fôra menor a emigração para os diversos pactolos mineiros.

Immenso, baixára a exportação de assucar e fumo. Já não havia quasi farinha de mandioca, o prato de resistencia dos brasileiros, brancos e negros. Estava na Bahia cara, e no Rio carissima.

‡ Apreciando os costumes dos colonos fluminenses, diz o official negreiro que os portuguezes de posição eram em geral muito delicados, affaveis e de excellente tracto. Quanto ao povo baixo, á canalha das ruas, conforme a phrase hoje popular, este era atrevidissimo, de insolencia e semvergonhice acima de qualquer calculo.

Intratavel, mentiroso, velhaco, rixento, insubordinado, sedicioso até, desbocado como ninguem no emprego das mais immundas injurias. Assim retrata o amavel negreiro o facies do carioca do povo: "Em synthese, proclama o nosso philanthropo africanophilo, aqui vive a mais indigna e maldita canalha, de que ha noticia".

Quanto ás pessoas de posição, já arrependido de não as haver tambem arrasado, como á canalha das ruas do Cano e do Piolho, do Sabão e das Violas, volta iracundo o homenzinho a dizer que se lhe podia irrogar a soberba, a empafia, a vaidade.

E de que, santo Deus? Que gente cheia de arrufos, de idéas exaggeradissimas sôbre o que entendia ser cortezia. Não admittia pilherias, nem brincadeiras, acastellada numa empafia intangivel e feroz em suas explosões de reacção aos sentimentos conculcados.

Basta dizer, *ab uno discite*, que havia alguns dias respondera certo official de marinha com uma espada-

gada a uma pilheria que julgára descabida, vindo dahi a fallecer o gracejador malaventurado. Nada de pilherias com brasileiros!

Mandriões, vagabundos, libidinosos, eis o que ainda eram os Cariocas. Quanto á população feminina da cidade, ninguem a via, porque passava a existencia emparedada, atrás das rotulas.

As senhoras ricas nem iam á missa, aos domingos, só concorrendo á igreja por occasião das grandes festas annuaes, mesmo as que alardeavam virtudes e piedade. As mulheres que pelas ruas andavam, gentinha toda, de tal modo se embuçavam que pareciam mantas ambulantes, precursoras do homem invisivel do illustre Wells.

Ponto de honra para as cariocas era esconder os pés; mostra-los attingia o cumulo da leviandade.

“Assim são as cousas desta terra e assim as differenças existentes entre os homens”, philosopha o nosso negrophilo.

“As mais innocentes cousas e as mais licitas, onde quer que seja, no universo culto, passam neste meio por criminosas, porque escapam aos habitos. Aliás em qualquer lugar do mundo ha categorias diversas de mulheres”, lembro o nosso negreiro, com profundeza digna do sabio Bertholdo e das agudas respostas de Marcolfa, sua mulher.

E a este proposito relata um romance de amor esboçado entre elle e uma joven carioca, por quem fulminantemente se apaixonou, historieta que não deixa de ter o seu sabor:

“Não é possivel deixar de confessa-lo, conta ao amigo o nosso diarista, ha brasileiras formosas. Entre outras, temos uma vizinha cuja belleza é quasi incomparavel.

Além da formosura, nella ha algo tão tocante e inesperado, que desde a primeira vez em que a avistei, fiquei como atordoado. E quem não o ficaria á vista de tão bello objecto? Como de nossa casa á sua apenas medeia a largura da rua e suas janellas correspondem exactamente ás nossas, tive muitas vezes o ensejo de a avistar. E para dizer a verdade: creio que de bom grado acceitaria a côrte, e até mesmo, como me indicam as apparencias, poderei realizar uma conquista”.

Retrahia-se, porém: fatuo mas prudente, sem aquella impetuosidade irresistivel dos que são totalmente influenciados pelo signo venusino, presidente de sua entrada no mundo; Receava provavelmente alguma bôa cutilada dos tão rixentos cariocas, parte masculina da familia da sua Dulcinéa.

“Estamos á espera do embarque para Buenos Aires, explicava ao amigo, expondo-lhe as razões da retracção.

Uma aventura descoberta podia com a maior facilidade redundar em graves consequencias e atrazar a data de já tão retardada partida para o Prata”.

Havia, comtudo, séria difficuldade a vencer: “como me entender com alguem que não comprehenderá uma unica palavra do que lhe disser? Na situação em que me acho, tu me aconselharias talvez entregar-me a uma paixão que não poderia cultivar e da qual teria talvez mil difficuldades para me desvencilhar? Assim, pois, via-a, admirei-a e fiquei nisto. E ainda fiz melhor e estou satisfeito commigo.

Quem sabe até onde me levaria esta historia? Diga-se o que se quizer: é o amor mau guia a quem é muito perigoso entregar-se. Aos maiores homens perdeu e não me tenho por mais sensato que elles”.

. Assim philosophava o nosso modesto, sensato, inflammavel e platonico commerciante de carne humana a 3 de Agosto. Fiel ao plano traçado deixou passar uma semana a comprimir a viscera da ternura, como em estylo *precioso* do tempo se dizia.

A 10 estava com o pé no portaló do seu bergantim, de verga d'alto, para o Prata, e sempre cauteloso, julgou, comtudo, poder abrir uma excepção ás suas esquivas normas suffocadoras da *petite fleur bleue* da expressão classica de seu bello idioma:

Não pôde resistir: foi dizer adeus á sua jovem Dulcinéa. "Fui vêr a amavel vizinha, não pude mais conter-me. Resistira sempre, mas afinal succumbi".

Muito pittoresca esta entrevista com a joven e bella carioca que, aliás, se passou *en tout bien tout honneur*, e não como a proposito de incidentes identicos blasonam outros viajantes adonjuanados ou com pretensões a tal.

Avistou-se o apaixonado negreiro com a sua deidade em casa desta. Estava rodeada de diversas senhoras todas sentadas no chão, sôbre esteiras. Ao avistarem o moço, levantaram-se, saiu uma dellas, que logo voltou, trazendo uma cadeira onde o namorado se sentou junto do seu auditorio feminino.

Travou-se a conversa, mas que conversa!

"Jámais me vi tão apurado. Devia responder comtudo. Terias arrebetado de rir si me tivesses ouvido a lingua. Procurei compôr uma especie de lingua franca, com a qual ousadamente contestava perguntas que, ás mais das vezes, eu não comprehendera o que significavam. Em taes aperturas precisei redobrar de topete e procurar safar-me do melhor modo possivel.

Não as comprehendia, nem ellas a mim. Em tudo isto, porém, uma cousa se dava que não deixará de te causar surpresa.

Por mais curiosa, por mais barbara que minha lingua fosse, pouco escapava, do que eu dizia á encantadora pessoa, unico objecto de minha vida. Seria influencia da sympathia que lhe tornava a attenção mais cheia de acuidade? Ou antes, não se tratava de maior affinidade de pensamento? Não seria porque o seu coração, de accôrdo com o meu, lhe servia de interprete?

A razão destes factos me é desconhecida, mas ha muita apparencia para que todas estas cousas tenham podido coexistir, explica o “modesto”, que tanto prestigio attribuia ao seu aspecto de conquistador facil de corações femininos.

“Mas, apesar de tudo, estava eu sôbre brazas e por mais prazer que me causasse a proximidade de alguém por quem o coração começava a bater já me despedira quando appareceu uma senhora cuja intervenção me valeu bôa meia hora de estada a sós.

Quem seria esta iris protectora dos hymeneus, e cuja attitude de pescadora de maridos tão decisivamente se affirmava? E’ o que o nosso homem não revela. O facto é que apenas entrada, a mãe e as irmãs do objecto amado despediram-se do namorado negreiro, deixando que a apaixonada se installasse a seu lado, ou antes, delle separado pela largura da mesa.

Passando a assumir attitudes mais positivas, enceu o official uma conversa cheia de declarações escaldantes. “Ella parecia approva-las e até animava, si assim posso dizer-lo, as minhas esperanças.

E eu, embriagado por uma afeição chimerica, tomado de amor, não percebia as armadilhas que ella me preparava, ameaçando precipitar-me numa aventura egualmente nefasta á minha honra e á minha tranquillidade”.

Terminou esta historia de cabra-céga amorosa sem maiores consequencias. Caindo em si jurou o negreiro com os seus botões jamais voltar á casa da menina, fosse qual fosse a sua demora no Rio ainda.

“Serei um cão, um perdido, um traidor, todos estes nomes me assentam; mereço-os. Mais vale, porém, nos apuros em que me acho supporta-los do que me expôr, graças á probidade por demais severa, e demais escrupulosa á censura de quantos venham a saber de minha aventura”.

Eis uma serie de vozes da consciencia que ninguem julgaria partidas de homem de tão triste profissão.

Dous dias mais tarde partia elle do Rio com destino ao Prata, dando por findo o seu romance de amor.

Com certeza consolou-se depressa a cariocasinha do voluvel admirador, com quem não conseguira entender-se e para os braços de quem a empurrava a abelhuda e leviana matrona arranjadora de casamentos a todo o transe, porque do que se deprehende da historia relatada pelo official negreiro, tudo se passou *en tout bien tout honneur*.

III

Sentimentos pouco affectivos para com os brasileiros — Incredulação de covardia — Preparativos para a viagem ao Prata — Difficuldades de passaporte — Affirmação do suborno do governador fluminense — Negociatas — Permissão para a partida — Sahida para o Prata.

As recordações do fugaz amor pela bella fluminense não inspiraram ao joven official negreiro francez grande indulgencia pelas cousas da terra de sua amada.

No seu diário de viagem escreveu sempre malevolamente sôbre a capital brasileira e seus habitantes.

Gente basofia de bravura e, no emtanto, no fundo, covarde como poucas. Assim vira dous individuos saccarem as espadas, a cincoenta passos do Palacio do Governador, e cruzarem o ferro.

Immediatamente todos os individuos que estavam na rua puzeram-se a berrar: *Terra man! Terra man!* palavras que, em portuguez, queriam dizer: prendam! prendam! (sic). Assim haviam os dous espadachins sido immediatamente separados, antes mesmo de se atracarem deveras e de ter á mão.

“Desta moda pôde a gente bater-se com toda a segurança, o que seria bem apreciavel em França. Alli sim, prestaria serviços. Os portuguezes floreteiam, por assim dizer, e só usam dar na vista; os francezes, sim, estes atacam-se deveras e não se poupam”.

Accusa o official negreiro, formalmente, ao governador fluminense de venalidade.

Era o seu intento partir para Buenos Aires, onde pretendia vender os escravos trazidos da Costa d’Africa. Para isto pretendia seguir até Colonia do Sacramento e de lá atravessar o Prata. Achado logar a bordo de um navio portuguez, difficil era obter a permissão para o embarque.

A 14 de Julho de 1703 fretou camarotes, e praça, muito bons, a bordo de uma destas embarcações e foi ao palacio em companhia de um seu collega pedir a devida licença.

Abordando o assumpto, disse-lhe o vice-rei que com muito gôsto daria a auctorização, mas que tinha ordens expressas do rei seu amo para que não deixasse sair do porto do Rio navio algum estrangeiro e nem mesmo em

navio portuguez subdito de qualquer potencia que fosse, para a Colonia do Sacramento.

Não havia duvida que o rei lhe recommendara proteger especialmente os Francezes da Companhia do Trafico, mas as ordens sôbre os passageiros eram terminantes, positivas, insophismaveis. Não podia infringi-las. Não fosse isto, e com o maior prazer procuraria demonstrar a estima que consagrava á nação franceza.

Explicaram-lhe os dous officiaes quanto era urgente o motivo que os levava ao Prata; não podiam perder o encontro com o navio de sua Companhia alli ancorado.

Mostrou-se o homem irreductivel, e os Francezes retiraram-se desapontados, mas não desanimados. O presente que haviam enviado a s. ex. deveria ter sido dado depois da obtenção do passaporte.

Agora era preciso recorrer a mais fortes argumentos. “Creio que a moeda sonante tem por cá o mesmo poder que no reino de Juvenal. Por mais que aqui seja abundante, nunca ninguem a tem demais. E’ sôbre esta ordem de idéas que assentam agora todas as nossas esperanças, annota o attribulado traficante a 31 de Julho no seu diario.

Nas notas referentes a 1.º de Agosto conta que reservara quarenta moedas de ouro, cêrca de cincoenta pistolas de França, como “lubrificantes”, para o secretario do governador. Seria o intermediario um francez estabelecido no Rio, certo senhor que respondia ao nome extravagante de Bonnechère.

No dia 3 iriam os dous candidatos ao passaporte novamente ao palacio saber si o *backchish* sortira effeito.

“O nosso offerecimento terá sem duvida provocado as reflexões do sr. governador. E nós outros duvidamos

que se mostre, assim, tão fiel, ás ordens do seu real amo”.

A 2 annotava o interessado: “vai tudo bem. Acham-se os nossos negocios em excellente pé. Estão as quarenta moedas de ouro dadas e recebidas. E sabe-se que o que foi dado é para pagar, cousa de bom agouro. Amanhã saberemos como tudo se passou.

A 3 gabava-se: E então? que havia dito? Apenas nos apresentámos concederam-nos tudo o que pediramos, e com os offercimentos de serviços os mais cortes. Persuade o ouro melhor que as mais bellas palavras e dirime immediatamente todas as duvidas e difficuldades. Que estaes pensando? Será menos persuasivo na vossa Europa? Parece-me que por ahi, tanto como por aqui, faz muita gente crear juizo.

Está assentada uma grande cousa. Acha-se o navio carregado e apenas tenhamos vento partiremos.

Assim veio este commerciante de ebano levantar grandes e posthumas duvidas sobre a honorabilidade do governador d. Alvaro da Silveira Albuquerque.

Será verdade o que conta? E’ possível. Não teria a alta autoridade fluminense sido embaçada pela falta de escrupulos de seu secretário? Não pensaria este que commettera insignificante peccadinho? Ora: *infra equinoxialem nil peccari!* estes emolumentinhos a ninguem prejudicavam, não prejudicavam o serviço real e traziam um calorzinho ao bolso. Talvez fosse esta a philosophia do caso.

Dos nossos governadores e satrapas coloniaes muitos sabemos que do Brasil voltaram ao Reino, tendo feito a America, sobretudo no tempo das minas, e nos primeiros annos.

De tal formalmente accusa o bom e consciencioso Pedro Taques até o intelligente e activo Arthur de Sá

e Meneses, a quem deveu a Corôa relevantes serviços. Do Brasil recolheu, levando na bagagem quarenta arroubasitas do ouro novo das Minas Geraes. Ora só quarenta arroubasinhas! menos de seiscentos kilos do vil metal. Que era isto?

Como os ventos não se mostrassem favoraveis, aproveitaram os Francezes a estada no Rio para compras. Adquiriu o nosso diarista um leito e bello e grande cofre.

“Assim possa traze-lo cheio de piastras, o que me daria motivos de alegria a proposito de minha viagem. Trataremos disto”, promettia de si para si.

As compras realisadas no Rio foram sobretudo provocadas pelo facto de que se sabia haver em Buenos Aires grande falta de artigos do commercio e da industria.

Persistiam os ventos em sua contrariedade ao rumo do Sul. A 9 foram os dous francezes despedir-se do governador para “adeantar serviço”.

Assim “ficamos livres desta estopada”, commenta o diarista.

“O governador, talvez porque o logar seja menor que a Bahia, é mais accessivel e mais familiar. Todo homem é humano, não ha dúvida, mas, diga-se o que se quizer, a hierarchia, o cargo, o sequito tudo isto impõe”.

Isto parece indicar que o nosso governador fluminense não se deu muito “por achado” a conversar e despedir-se dos Francezes a quem havia depenado de 40 moedas de ouro, *si vera est fama* . . .

A 12 de Agosto de 1703 embarcavam os dous officiaes negreiros e os seus negros, um tanto ás pressas, devido á subita variação do rumo dos ventos.

“Felizmente, escreve o nosso diarista, vou deixar de expôr-me e, sem duvida alguma, estou forte e posso responder de mim. Estamos todos a bordo, e, amanhã, querendo Deus, desferramos o panno”. Estava definitivamente archivada a sua rapida complicação sentimental fluminense.

A 13 achava-se a 30 leguas do Rio e fóra da vista de qualquer terra. Era o navio bom e forte feito de pau-brasil, “madeira tão dura que mal nella entrava o ferro”.

BOUGAINVILLE

(1766)

I

Bougainville — Sua justa celebridade — Viagens de circum-navegação — A carreira do navegador — Colonia nas Malvinas — Chegada ao Rio — Dificuldades relativas á troca de cortezias — O conde da Cunha e sua rispidez — Representação theatral.

E' Bougainville um dos maiores nomes da geographia historica setecentista e uma das glorias da marinha franceza das explorações oceanicas, ninguem o ignora.

Lançados tarde na rota das grandes navegações de descoberta, muito após os Hollandezes e Inglezes, seculos atraz dos Portuguezes e Hespanhoes, não pódem os Francezes apresentar nomes celebres de navegadores sinão do seculo XVIII em deante.

Bougainville é talvez o primeiro precursor de La Pérouse, de Freycinet e Dumont d'Urville, estes dous ultimos já quasi nossos contemporaneos.

Quando realisou as suas viagens já pouca cousa haviam deixado a descobrir os demais novos maritimos, que se tinham adeantado á franca gente.

Foi comtudo sob o seu commando que pela primeira vez uma divisão de navios de guerra francezes deu a volta ao mundo. Quando ella aportou á costa franceza, de volta do Pacifico, era Bougainville o decimoquinto maritimo, que executava tal façanha desde Fer-

não de Magalhães (1519), os inglezes Drake (1577), Cavendish (1586), Cowley (1683), Woodes Rogers (1708), Edward Cook (1708), Clipperton e Shelvocke (1719), Auson (1741), Byron (1764), os hollandezes Oliver van Noord (1598), Cordes (1598), Lemaire e Schouten (1615), L'Hermitte e Schapenham (1623), os allemães Joris van Spilberg (1614) e Roggewin (1721), cujas datas de partida mencionamos. Nenhuma destas viagens durou menos de quinze mezes.

Verdade é que muitas dellas tinham intuitos belllicosos da flibustice e da pirataria, e não os da descoberta geographica, como no caso de algumas: as de Magalhães, Lemaire, Roggewin, Byron. Estava-se ainda bem longe dos dias quasi modernos de Phileas Fogg e da sua rapida circumvolutura do pequeno orbe terraqueo, de verneana invenção. Rapida para o seu tempo, bem entendido, que hoje se reduz á terça parte, talvez.

Não foi aliás Bougainville o primeiro francez que deu a volta ao mundo. Coube este *record* a um negociante de Saint Malô certo La Barbinais Le Gentil, que esteve no Brasil, em 1714 e 1717, deixando sôbre a vida na Bahia informes desenvolvidos e por vezes interessantes. Voltemos, porém, ao nosso illustre navegante.

Nascido em Pariz, no anno de 1729, abandonou Luiz Antonio de Bougainville o fôro pela carreira das armas. Mostrara desde a infancia notavel intuição mathematica. Embora houvesse estudado Direito, não abandonara os estudos de sua predilecção, chegando a publicar, aos 25 annos de idade, um *Tratado de calculo integral*, em dous volumes, que foi notado.

Afinal, entregando-se á sua vocação, entrou para o exercito, serviu sob as ordens do marechal de Chevert, o bravo defensor de Praga, de quem foi ajudante de campo, mandaram-no para Londres como secretario de

embaixada, e em 1756, ao rebentar a guerra dos Sete Annos, viu-se destacado para o Canadá. Foi então dos mais bravos e heroicos officiaes do famoso defensor de Quebec, o marquez de Montcalm.

Pêrdido o Canadá para a França, conquistado por Wolf após a victoria de Quebec, deixou Bougainville o theatro de uma campanha em que praticara assignalados feitos, indo servir contra os prussianos no Rheno. Novas demonstrações de grande bravura deu, e de tal ordem, que Luiz XV lhe mandou, como lembrança, dous canhões tomados ao inimigo.

Assignado o tratado de Pariz, desastrosissimo para a França, como se sabe, a "paz da Pompadour", entendeu Bougainville que precisava cooperar no restabelecimento da marinha franceza, anniquilada pela guerra dos Sete Annos.

Ardente, irrequieto, activissimo, não tardou a distinguir-se como uma das primeiras figuras da Marinha Real, para a qual entrara no posto de capitão de fragata.

Lembrou-se então de fundar no Atlantico Sul, nas ilhas Malvinas, uma colonia franceza, que servisse de base naval á sua nação. E com o prestigio que alcançara obteve do governo os subsidios de que necessitava para a empresa e poz mãos á obra, em 1764, apesar dos protestos da Hespanha, legitima proprietaria do archipelago.

Afinal, ante as reclamações violentas do governo de Madrid, ordenou Luiz XV a restituição das ilhas ao fiel alliado de pouco e comparticipe dos desastres recentes da guerra dos Sete Annos. E foi ao proprio Bougainville a quem se commetteu a empresa da devolução.

Obtivera, comtudo, do soberano uma commissão, em prolongamento, que lhe era sobremodo agradavel, a de fazer uma viagem de circumnavegação. A 5 de No-

vembro de 1766 partia, pois, de Nantes na *Boudeuse*, fragata real, com 26 canhões, que nas ilhas Falkland devia reunir-se a outro barco, o transporte *l'Étoile*.

A 8 de Janeiro seguinte atravessava o Equador, e a 31 ancorava em Montevidéu, de onde partia para as Malvinas, afim de dar execução ao encargo recebido. No archipelago ficou até 2 de Junho, á espera de *l'Étoile*. Como esta não apparecesse, resolveu partir para o Rio de Janeiro, em cuja barra surgiu a 21 daquelle mez.

Não foi longa a demora de Bougainville na capital brasileira, apenas de 23 dias, nem muita cousa nova nos conta de sua estada alli.

A' barra guanabarina alçou o navegante o pavilhão portuguez, saudando-o com um tiro. A's cinco e meia da tarde passou por Santa Cruz, de quem recebeu a intimação de estacar. Veio-lhe a bordo um official portuguez a indagar das cousas de sua entrada.

Despachou então em sua companhia um de seus tenentes, o cavalheiro de la Mote Bournand, que devia entender-se com o vice-rei, conde da Cunha, a proposito das salvas do estylo.

Voltou de Bournand com a resposta "atravessada" do conde. Mandava dizer aos francezes que, quando alguém encontrava na rua um conhecido, lhe tirava o chapéu, sem saber de antemão si o saudado contestaria, ou não, a cortezia. Si os francezes salvassem, elle iria pensar no que faria.

Irritou-se Bougainville. "Esta resposta não era resposta; ãssim "não salvei", relata.

Sob maus auspicios começava, pois, a estada da fragata franceza em aguas fluminenses.

"Havendo ancorado, teve Bougainville a satisfação de saber que *l'Étoile* estava no porto á sua espera, desde seis dias. Trazia treze mezes de viveres em carnes sal-

gadas e bebidas, apenas cincoenta dias de pão e legumes, porém.

Como no Rio não houvesse trigo, farinha nem bolacha, resolveu o navegador voltar ao Prata.

Apenas chegado, pediu-lhe instante soccorro um official hespanhol, dom Francisco de Medina, commandante de uma nau de guerra, *El Diligente*, que orçava 74 canhões. Saida do Prata, tivera de arribar ao Rio por fazer muita agua. Pois bem, havia mezes allí permanecia, porque o vice-rei lhe negava os meios de ultimar os concertos indispensaveis! Indignado, poz Bougainville á disposição do collega todos os seus carpinteiros e calafates, immediatamente.

Notando quanto era o conde da Cunha birrento, achou o navegante de boa politica visita-lo logo. Assim, á testa de toda a sua officialidade foi a palacio no dia immediato ao da chegada, sendo-lhe a visita retribuida dias mais tarde por Sua Excellencia.

Humanisava-se o rispido e implicante logar-tenente de S. Majestade, Sebastião José de Carvalho, conde de Oeiras, no seu Estado do Brasil.

Offereceu aos francezes os prestimos de que podia dispor, chegou mesmo a autorisar o commandante a comprar uma corveta, de cuja utilidade lhe fallara. Possuisse Sua Majestade alguma em condições, naquelle momento, que elle lha poria ás ordens. E tal a sua *abundantia cordis* imprevista e fóra do commum, que chegou a tocar em melindroso assumpto. Fôra dias antes da chegada da *Bondeuse* assassinado, em pleno largo do Paço, o capellão de *l'Étoile*, e isto sob as janellas do proprio palacio vice-real, e a ninguem se prendera. Avistou o conde que, por ordem sua, se abrira o mais rigoroso inquerito, e se procedia ás mais minudentes perquisições.

E justiça elle a distribuiria do modo mais severo. Não lhe tomou Bougainville a serio as promessas. “Prometteu-o, mas o direito das gentes aqui alçava a sua voz impotente”.

Em todo caso o que convinha era ser agradavel ao delegado regio. Tambem apenas se afastou o seu escafer salvou a nau franceza com dezanove tiros, que de terra contestaram. Parecia evidente que se domesticava o conde. Mandou dizer a Bougainville que lhe daria e aos seus officiaes uma merenda á beira-mar *sub tegmine*, a respirarem a fragrancia dos jasmims e das laranjeiras, e chegou ao cumulo de os convidar para uma representação na casa da Opera.

Curiosos, não se fizeram os francezes rogados. Acharam a sala do theatro “assaz bella”, mas do espectáculo desdenhosamente fallou o navegante, “ouvimos as obras primas de Metastasio, representadas por uma companhia de mulatos, e os trechos divinos dos grandes mestres da Italia executados por uma orchestra má, regida por um padre corcunda em habito ecclesiastico”.

I I

Amabilidade do vice-rei — Questões luso-hespanholas ao Sul — Mudança completa de attitudes por parte do conde da Cunha Resolve Bougainville partir o mais depressa possivel — As rendas reaes arrecadadas no Rio de Janeiro — Enganos de informação.

Estavam os cariocas pasmos das attenções do vice-rei conde da Cunha para com Bougainville e a officialidade de sua esquadriha.

Os Hespanhoes da fragata *El Diligente*, estes então não cabiam em si de surpresos.

Não tardou o navegante francez, aliás, a ouvir de fluminenses, com toda a cautela exigida pelos processos daquelle tempo do posso, quero e mando, que se não fiasse muito na veneta do vice-rei. Viraria breve. E assim se deu.

“Com effeito, fosse porque auxiliássemos os Hespanhoes e com elles entretivéssemos boas relações que lhe eram desagradaveis, ou porque lhe fosse impossivel dominar um procedimento opposto inteiramente a seu genio, não tardou que para comnosco se mostrasse o que para os demais era”.

As cousas do Sul cheiravam aliás a chamusco.

No dia 28 de Junho (de 1767), soube-se no Rio que os Portuguezes haviam atacado os Castelhanos no Rio Grande, enxotando-os de seu fortim da margem esquerda da barra, e que em Santa Catharina fôra aprisionada uma nau hespanhola.

Mandou o vice-rei ultimar os aprestos da nau que se construiu no estaleiro fluminense, a *S. Sebastião*, com 74 canhões, e da fragata de quarenta peças *Nuestra Señora da Gracia* (sic). Desta salada luso-hespanhola de nomes inferimos que o nosso navegante não era forte linguista. Deviam os dous navios, dizia-se, escoltar um comboio de tropas e munições destinado ao Rio Grande e á Colonia do Sacramento.

Querendo proteger os hespanhoes, que receavam ver o seu navio apprehendido, ordenou Bougainville ao seu pessoal que trabalhasse com todo o afinco.

Estava a fragata no dique da Ilha das Cobras, e a 30 de Junho ficou prompta, a tomar carga. Quando o commandante castelhano quiz embarcar a sua artilharia, que por ordem do conde da Cunha fôra desembarcada, oppoz-se o vice-rei, dizendo que não a entregaria

emquanto não tivesse instrucções da sua Côrte sôbre os negocios do Rio Grande.

Fez o capitão do vaso, Don Francisco de Medina, desesperados esforços para ver si obteria os seus canhões, mas debalde. Recusou-se o vice-rei até a receber a carta que o official hespanhol lhe mandou por um de seus tenentes.

Não tardou que a sua má vontade se mostrasse manifesta aos aliados dos hespanhoes. Negociava Bougainville, com permissão sua, a compra de um patacho. Pois bem, ordenou o conde ao proprietario do barco que lho não entregasse, e prohibiu ao Arsenal real que se fornecesse aos francezes a madeira que haviam ajustado comprar, e muito necessitavam. Continuando a serie de demonstrações antipathicas fez saber ao proprietario de uma casa, que pretendia cede-la ao navegante e ao seu estado maior, durante algumas semanas, como em 1765 o fizera ao commodoro Byron, a prohibição expressa de alojar os estrangeiros.

Admirado de tal viravolta violenta, resolveu Bougainville solicitar do colerico e variavel delegadô regio nova audiencia. Esta lhe foi concedida e valeu-lhe grandes humilhações. Apenas começára a justificar-se, não lhe deu tempo o iracundo vice-rei.

“A’s minhas primeiras palavras, levantou-se enfurecido, ordenando-me que me retirasse e exasperado pelo facto de que, apesar de toda a sua colera, eu permanecia assentado, como os dous officiaes que me acompanhavam, começou a chamar a guarda. Mas esta, mais sensata que elle, não acudiu, e assim nos retirámos sem que ninguem parecesse se ter mexido”.

Por muito que nos mereça a boa reputação de Bougainville, como homem veridico, é bem singular o

que nos conta, parecendo-nos incrível esta falta de assistência da guarda aos chamados do vice-rei.

Cada vez mais indignado, mandou o conde da Cunha reforçar patrulhas, dobrar a guarda do palacio e prender todos os francezes encontrados na rua, ao pôr do sol. Os navios francezes ancorados no porto tiveram ordem de ancorar sob as baterias de Villegaignon ou, como escreveu Bougainville, Villagahon.

O melhor era deixar tão inhospitas aguas, tanto mais quanto soubera o navegante que a colera viso-real se abatera sôbre as poucas pessoas que aos francezes haviam manifestado sympathia.

Dous officiaes que neste caso estavam "foram as victimas de sua cortezia, um trancado no calabouço e o outro deportado para *Santa* (sic), pequeno burgo entre Santa Catharina e Rio Grande (sic)".

Esta localização de Santos é um *lapsus calami* certamente. Nem se pôde crer que o illustre navegante se haja tão palmarmente equivocado.

Assim, attestando os seus tanques com a bella agua carioca, e os paioes com as provisões que de *l'Étoile* lhe foram cedidas, preparou-se Bougainville para sair logo. Como houvesse verificado a necessidade de augmentar as suas gaveas, o commandante hespanhol, homem grato, deu-lhe a madeira para isto.

E apesar das gritarias, ameaças de vias de facto do furibundo vice-rei, encontrou Bougainville quem ás occultas lhe vendesse os pranchões, de que tinha absoluta necessidade. Tanto o amor ao lucro supera os sustos e o receio nas almas gananciosas!

Afinal a 12 de julho estava *La Boudeuse* de verga d'alto, e Bougainville achou que devia avisar o vice-rei que partia logo.

Cada qual dava o que tinha! pensaria de si para si.

A 15 levantou ferro, pesaroso de abandonar aquella bella terra "onde gozara a primavera dos Poetas". Aquelle panorama indescriptivel "causava, causaria sempre o mais intenso prazer aos seus contempladores, sobretudo aos que estivessem habituados aos climas em que a calmaria e o sol são raros".

Nada supera a riqueza das paisagens que de todos os cantos ahi se offerecem; para nós teria sido verdadeiro regalo gozar de tão encantador paiz".

E no Rio só havia um brutamontes o conde da Cunha. Os cariocas "do modo mais cortez, haviam demonstrado aos seus hospedes o desgosto que lhes causavam os maus modos do vice-rei para comnosco. Assim, sentimos não poder permanecer mais tempo entre elles".

Era uma prova de generosidade dos sentimentos fluminenses, pois não iam longe ainda os annos de Duclerc e Duguay Trouin. E é o proprio Bougainville quem o lembra, quando se escusa de escrever pormenorisadamente sôbre a capital brasileira, "já uma vez conquistada pelas armas de França". Receava mostrar-se fastidioso.

Contentar-se-ia, pois, em dar alguns informes sôbre as riquezas, de que a cidade era o entreposto, e as rendas que alli arrecadava o rei de Portugal. O Rio de Janeiro, entreposto principal das riquezas do Brasil, como escoadouro das Minas Geraes, vinha a ser o porto natural das minas de ouro do Rio das Mortes, Sabará e Serro do Frio, e do districto diamantino. Diz Bougainville que lhe contaram attingir o quinto real do ouro a 112 arrobas, tendo chegado a 119 em 1762. Relata ainda as precauções paia impedir o furto dos diamantes. O Intendente os recebia e punha num cofrinho de fer-

ro de tres fechaduras, uma abrivel por elle, outra pelo "Provador da Hazienda Reale" (sic) e a terceira pelo vice-rei.

Este cofre, collocado dentro de outro, recebia os sellos destas tres altas personagens e as tres chaves do primeiro, não tendo o vice-rei o direito de examinar-lhe o conteúdo. O que podia fazer era collocar o segundo cofre dentro do terceiro, que se enviava a Lisboa depois de se lhe ter posto o sinete nas fechaduras. O unico a abrir esta caixa magica era El-rei, que escolhia os diamantes como bem entendia, pagando-os segundo uma tabella convencionada.

Ferozmente perseguido o contrabando diamantino. Si o contrabandista era pobre, custava-lhe a vida a proeza; si podia pagar, arrazavam-no as multas, um anno de carcere, e o degredo perpetuo em Africa. Pois bem, apesar de tudo, havia grande contrabando e dos mais bellos diamantes.

Quanto ao ouro, explica Bougainville a sua passagem pelas Casas de fundação (sic), os direitos percebidos pelo thesouro real, os impostos de barreira de Parahibuna, a severidade de sua cobrança.

Ia o ouro barreteado ser amoedado no Rio, onde o direito de cunhagem era forte. Era a Casa da moeda dalli uma das mais bellas do mundo e dotada de todas as commodidades necessarias para o trabalho dos metaes, com a maxima presteza. Realmente notavel a rapidez com que se cunhavam as moedas, sobretudo pelo facto de que coincidiam a chegada das frotas de Portugal, e os comboios auriferos de Minas.

Florescentissimo o commercio carioca, principalmente pelos negocios com a frota de Lisboa, porque a do Porto só trazia vinho, vinagre, generos seccos e alguns pannos grosseiros. Do Rio se fazia então immenso

contrabando com as possessões hespanholas, via Colonia do Sacramento, de onde se infiltrava por Buenos Aires, o Chile e o Perú. Com isto ganhavam annualmente os mercadores portuguezes mais de milhão e meio de piastras, havendo pelo menos trinta embarcações occupadas neste trafico entre o Rio e o Prata.

Doze e meio por cento *ad valorem* eram os direitos alfandegarios do Rio de Janeiro, dos quaes dous e meio de imposto especial para a reconstrucção de Lisboa, pagos incontinenti, ao passo que para o resto havia prazo de seis mezes, sob bôa caução.

O trafico negreiro tambem rendia immenso. As minas de S. Paulo e Paranaguá estas davam ao Rio quatro arrobas de quinto annual; quanto ás mais longinquas, as de *Pracaton* (Paracatú) e *Quibá* (Cuiabá), estas dependiam da capitania de *Matogrosso* (sic), não pagando quintos no Rio como as de Goyaz, capitania cujas minas de diamantes era prohibido explorar. Como vemos, continuava lacunosa a geographia do illustre navegador.

Gastava o rei de Portugal no Rio, com os soldados das tropas, os empregados publicos, ás despesas de mineração, obras publicas e estaleiros, cêrca de tres milhões de libras francezas ou seiscentas mil piastras hespanholas, ou 480 contos de réis, e no emtanto arrecadava 2.667.000 piastras ou 13.335.000 libras, donde lhe sobrava um saldo de 10 milhões de libras, que gostosamente chamava ao seu thesouro de Lisboa.

Assim discrimina Bougainville esta receita, em libras francezas:

| | |
|---|-----------|
| Quinto do ouro, cento e cincoenta arrobas | 5.625.000 |
| Direitos sôbre os diamantes | 1.200.000 |
| Direitos de cunhagem da moeda | 2.000.000 |
| Dez por cento de alfandega | 1.750.000 |

| | |
|---|-------------------|
| Dous e meio por cento do donativo de Lisbôa | 435.000 |
| Pedagios, vendas de empregos, officios e geralmente tudo o que provinha das minas | 1.125.000 |
| Direitos sôbre os negros | 550.000 |
| Direitos sôbre a pesca da baleia, sal, sa- bão e o dizimo sôbre os generos de terra | 650.000 |
| Total | 13.335.000 |

ou sejam 2.133:600\$000, calculando-se a libra franceza a meia pataca, como mais ou menos valia.

Não sabemos quem haja fornecido estes dados ao navegador francez. Não parecem exactos. Em 1789, mais de vinte annos após a sua passagem pelo Rio, dizem-nos as curiosas *Memorias publicas e economicas da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro*, para o uso do vice-rei Luiz de Vasconcellos, que a receita da Thesouraria Geral do Rio de Janeiro fôra de 447:511\$141, menos da quarta parte de que lhe attribue Bougainville! Verdade é que escasseára o quinto do ouro, mas os direitos de alfandega, computados por Bougainville em cêrca de 300 contos, haviam naquelle anno rendido pouco mais de 137. Seria inadmissivel esta baixa, quando a população crescera notadamente.

America . . . Brasil . . . Manôa . . . Eldorado e assim Bougainville "enguliu" plausivelmente a dourada pilula das formidaveis rendas reaes.

No dia 15 de Julho de 1767 deixava para sempre aquelle bello Rio de Janeiro que tanto admirava, mas de onde o enxotavam os maus tratos do conde da Cunha. Homem rispido, secco, mereceu o incriminado vice-rei,

do bom Antonio Duarte Nunes, autor do precioso *Almanac* do Rio de Janeiro para 1799, os mais estrondosos elogios: "No desinteresse não conheceu vantagem no mais independente e no serviço de el-rei se não deixou preferir do maior zelo.

Foi liberal com a tropa e cheio de caridade para os pobres. Nunca precisou de estímulos para obrar acções próprias de seu amigo e de sua obrigação". Mais seria difficil dizer do humanitario delegado regio, fundador do Hospital dos Lazaros do Rio.

P A R N Y

(1773)

I

Parny — O que de sua obra sobrenada — Passagem pelo Rio de Janeiro de 1773 — Descrição agradável da viagem do poeta — Tempestade — Entrada na Guanabara — Impressões da chegada — Recepção no palacio viso-real — Acolhimento sympathico, mas reservado — Impressões das cariocas — Visita a uma feira — Espectaculo inesperado — Um Lucullo carioca colonial — Provavel fantasia de poeta — Um baile — Uma sylphide fluminense — Proibição de ir ao treactro Saudades do Rio de Janeiro — A oppressão portugueza — Estada no Cabo da Boa Esperança — Recordações pouco agradaveis.

Parny... Ninguém, ou quasi ninguém, mais o lê, a não ser em excerptos de chrestomathias, a menos se não trate de alguém que especialmente se dedique ao estudo da historia da litteratura franceza. Em todo caso, o nome do poeta permanece bem conhecido e até mesmo vivaz: o que é immenso, no *mare magnum* das reputações extinctas e das recordações mortas das obras e dos autores, do *tout passe* e do *tout lasse*. A's duas syllabas se associa a reminiscencia immediata de bello renome litterario, que teve notavel destaque numa phase dilatada da litteratura franceza: a transição para o romantismo, de principios do seculo XIX.

E' que á obra de Evaristo de Forges, visconde de Parny, tão gabada dos contemporaneos, tão estimada

dos confrades, que chegou a provocar numerosas imitações, assistem característicos de imaginação e elegancia, com que conquistou a habilitação a um *non omnis moriar*, quiçá perduravel.

Essa reputação, outróra grande e hoje bem esmaecida, se prende, principalmente, a predicaos sobremodo attrahentes em relação aos gostos do grande público: o erotismo e a irreligiosidade.

Lembra logo o nome de Parny o auctor das *Poesias eroticas* e da *Guerra dos deuses*. As primeiras affiliam-no á feição dos autores sensuaes setecentistas, muito embora o rotulo esteja muito além do que realmente dá o livro, que é escabroso e não obsceno.

Não se trata do genero do marquez de Sade ou Restif de la Bretonne e sim de malicias, como algumas das producções do “homem que nada foi, nem mesmo academico”, como elle proprio se “epitaphiou”, segundo é tão sabido de Aleixo Piron.

A irreligiosidade de Parny tornou-o talvez mais conhecido; procede directamente da época do apogeu voltaireano: fórma a sua *Guerra dos Deuses* ao lado das *Ruinas* de Volney, do *Citador* de Pigault Lebrun e outros livros inteiramente esquecidos hoje, e outróra pregoeiros admirados do atheismo francez, da “gente desabalada na penna, os senhores da *Encyclopedia*”, como em Portugal se dizia, nos tempos do suspicaz e vigilante Pina Manique.

Graças a isto, talvez, cresceu a estima dos contemporaneos de Parny pela sua obra. Mas é incontestavel que tinha talento, estro abundante e gracioso, intrinsicamente francez, cheio de verve e espirito. Exerceu influencia sôbre a sua geração e chegou a fazer certa escola; basta dizer que Beranger e Lamartine imitaram o

poeta, a quem Voltaire, moribundo, consagrara, do modo mais brilhante, chamando-lhe “meu caro Tibullo”.

Em todo caso seja como fôr, é Parny um nome que ficou na litteratura franceza.

Numa de suas muitas e excellentes pilherias, relata Armand Sylvestre, o alegre contador, amigo da velha piada gauleza, e cultivador notavel de um genio muito seu, frequentemente oloroso, relata Armand Sylvestre que, em certa occasião, dera o governo francez a um almirante, o celeberrimo Le Kelpudubec, uma commissão tão reservada, tão reservada, que o proprio governo ignorava do que se tratava!

A quem percorre a lista das centenas de immortaes pertencentes ao cenaculo da Academia Franceza occorre uma approximação deste genero, verificando quantos destes apregoados queridos da gloria e da fama são hoje verdadeiros “illustrissimos desconhecidissimos”.

Em cada uma das quarenta cadeiras já se sentaram duas dezenas de academicos ou perto disto, e delles sobrenadam tres, ou quando muito, quatro nomes, por assento, e assim mesmo precisamos não ser demais exigentes. Póde-se dizer que o unico que só conta celebridades é o famoso quadragésimo primeiro *fauteuil*, cujo primeiro titular foi Molière.

E' o caso, pois, de se dizer, a raciocinarmos como o acima citado balista de Toulouse, ao mesmo tempo, singular contraste! — poeta delicadissimo de *Grisélidis* — que a apregoadada immortalidade, conferida a estes individuos, immersos no mais absoluto olvido, serviu para que se tornassem mais nullos, mais apagados do que jámais haviam sido.

Sinão, vejamos. Occupou Parny, eleito em 1803, a 37^a cadeira, a que em 1637 fundara Chapelain, o ridiculo auctor da *Pucelle*, cujo nome escapou ao esque-

cimento devido ás descomposturas continuas de Boileau, em relação a quem contrahiu inapagavel divida de gratidão.

Na lista de seus antecessores figuram Pavillon, Sil-lery, Mirabaud, Devaines, Wattelet; na dos successores, de Jouy, Empis. Quem são? quem foram? que resta destes immortaes todos fallecidos para sempre, fallecidissimos? irresuscitaveis? certamente irresuscitaveis!

Mas Parny não está neste caso. Pelo contrario! E' um nome ainda hoje, porque teve talento incontestavel. Sainte Beuve, critico de exacta visão e bastante imparcialidade, julgou-lhe a obra em algumas phrases dignas de apreço: "Poeta de mais sentimento do que imaginação, de mais estudo e sciencia do que estylo e arte poetica, não teve o dom da invenção. Possuia a elegancia, a pureza e a graça, mas não essa graça que é a divina e a suprema. E', emfim, um amante, um poeta, e não um seductor; não teve a magia do pincel nem força capaz de crear o seu instrumento".

Nascido na ilha Bourbon, em 1753, membro de uma das mais importantes familias daquella colonia, foi Parny, menino ainda, enviado por seus paes á França, afim de se educar e depois seguir a carreira das armas. Mocinho, já poetava muito agradavelmente. Em 1773, aos vinte annos, voltou á terra natal, a longinqua ilha do archipelago Mascarenhas, isolada no Oceano Indico e vizinha da terra de Paulo e Virginia.

Nesta viagem teve o ensejo de tocar no Rio de Janeiro, e esta circumstancia nos leva hoje a lhe lembrar o nome, como o de escriptor estrangeiro que se occupou de nosso paiz.

Descreveu a longa travessia numa serie de cartas alegres, risonhas, *genre-léger*, agradaveis de se lerem, entremeadas de poesias ligeiras, como tanto era moda

no tempo e no genero daquellas deliciosas e despreten-
ciosas *Cartas a Emilia sobre a Mythologia*, do amavel
e sympathico Demoustiers. Algumas de taes epistolas
estão impressas no chamado *Voyage de Parny*.

A unica do Rio de Janeiro, dirigida ao irmão, é da-
tada de 4 de Setembro de 1773. Nella começa contan-
do que os ventos lhe haviam levado o navio a quasi
naufragar na Costa d'Africa. "Por pouco escapei de ser-
vir de almoço a algum tubarão esfaimado", narra ale-
gremente.

Tocado o barco para a costa do Brasil, estivera no-
vamente a pique de se perder nos Abrolhos. A falta
d'agua e o grande numero de escorbuticos levaram o
commandante a refrescar no Rio de Janeiro.

Passou o navio á vista da ilha do Repouso (?!),
a quatro leguas de terra. Achou-a o poeta linda, pensou
que lhe seria a suprema felicidade alli "viver sem aspi-
rações e morrer sem saudades". Mas qual! lembrou-se
logo de Pariz, e a ilha do Repouso se lhe afigurou, logo
o que devia ser: a ilha do Tedio.

Segredou-lhe a Esperança ao ouvido, lembrando-
lhe a capital franceza: "Has de os tornar a ver, os ama-
veis epicuristas que arvoram a tiracollo a fita cinzenta
do linho e o cacho de uvas coroado de murtas".

E assim não mais pensou no humilde ilheu brasi-
leiro, cuja identificação seria bem difficil hoje, com o
unico elemento do nome fantasioso attribuido pelo
amavel poeta.

Nos dias immediatos tempestade tremenda, noctur-
na sombra e sibilante vento, a ponto de não haver
muita esperança de porto e salvamento. Cerração de se
cortar de faca, relampagos deslumbradores, cuja occur-
rencia enchia o ar de emanações isupportaveis! Bem
se vê que se tratava de uma olfação de poeta offendida

com o cheiro de lagosta da ozona. Mar de fogo, silencio acabrunhador a bordo, apenas entrecortado pela voz do official de quarto a gritar intervalladamente: Bom-bordo! Boreste!

Foi ahi que o latinista emerito, que era o jovem passageiro, conheceu em sua plenitude o valor da famosa phrase feita do *Illi robur et aes triplex*.

Afinal surgiu á barra da Guanabara, e o commandante mandou pedir ao vice-rei do Brasil licença para fundear no porto, "precaução indispensavel a todos os navios estrangeiros".

"Esta gente se lembra ainda de Duguay Trouin", adduz maliciosamente o poeta, dando largas ao prurido jactancioso que se attribue aos de sua nação aqui justificado, pois a proeza do illustre maritimo é das de grande vulto dos annaes das campanhas navaes.

A um estheta como Parny não podia deixar de impressionar o aspecto da paisagem guanabarina. "A entrada desta bahia offerece o mais imponente espectáculo e o mais agradável, observa". Fortes, entrincheiramentos, baterias, montanhas e collinas cobertas de bananeiras e laranjeiras, bellas casas de campo dispersas sôbre as collinas, formavam o mais lindo panorama.

Apenas desembarcados, foram os francezes cumprir o vice-rei, que então era o marquez do Lavradio.

Embora vasto, não correspondia o seu palacio, quer externa, quer internamente, á opulencia da grande colonia portugueza.

Em audiencia publica recebeu-os o delegado de d. José I ou antes de s. m. o conde de Oeiras e marquez de Pombal. Houve o seu cerimonial. Entraram os visitantes para grande ante-sala, correu-se um reposteiro e appareceu então Sua Excellencia, cercado de sua côrte.

Foi-lhe o acolhimento amavel; ao commandante concedeu a permissão pedida e aos passageiros licença para passearem pela cidade.

Finda a audiencia, saíram os francezes a fazer visitas militares e voltaram a jantar a bordo, pois lhes fôra defeso comer e sobretudo dormir em terra.“ Essa gente se lembrava de Duguay Trouin”.

† Pareceu a Parny grande a capital brasileira; ruas bem alinhadas, mas muito estreitas; eram-lhe, porém, as casas baixas e mal construidas. ¶

A’ tarde voltou á terra com os companheiros de bordo; tres officiaes os esperavam á praia. “E’ o costume aqui que os estrangeiros andem sempre acompanhados”.

Foram os francezes ver uma feira que occorria a meia legua da cidade.

Nascido *sub signo Veneris* estava Parny, filho dos tropicos além do mais, doudo por avaliar o que seria a parte feminina da população carioca.

Assim, anciosamente, procurou devassar o mysterio das rótulas, atraz das quaes presentia a presença daquellas cujo conhecimento tanto desejava realizar. Não ficou de todo desapontado nas esperanças. “Pelo caminho tive o prazer de enxergar varias portuguezas que levantaram as suas gelosias para nos examinarem.

Muito poucas as bonitas, mas uma navegação de tres mezes a difficuldade de as ver as tornavam encantadoras a meus olhos”. Nenhuma dessas nymphas lhe atirou comtudo as classicas flores, de que á porfia fallam muitos dos viajantes gabarolas que visitaram os nossos portos de mar nos seculos coloniaes.

Na tal feira só havia joias mal lapidadas, mal montadas e de preços exorbitantes. Desapontados, não sa-

biam os francezes que fazer, quando um escravo veio convida-los a entrar num jardim proximo.

Alli estavam quatro barracas bem armadas; havia na primeira uma capella, com moveis, todos de ouro e prata massiços e esculpidos com admiravel arte. Na segunda se viam quatro leitos, com cortinados de precioso panno chinez, pintado no Brasil, colchas de damasco, ornadas de franjas e borlas de ouro, lenções de muselina, guarnecidos de rendas. Servia a terceira barraca de cozinha e todo o seu trem era de prata.

“Quando entrei na quarta, diz o poeta extasiado, julguei-me transportado para um desses palacios de fadas, imaginados pelos romancistas. Nos quatro angulos havia aparadores apinhados de baixelas de ouro e grandes vasos de crystal, contendo os mais raros vinhos. Cobria a mesa magnifica merenda, onde, ao lado das fructas da America, surgiam as da Europa.

↳ A’ alegria que de nós se apossara ainda accrescia o prestigio da illusão. Tudo o que comi me pareceu delicioso e preparado pela mão dos genios; acreditei engulir nectar”. “Para completar o encanto só me faltava uma Hébe”, annota melancolicamente o amorosissimo vate de Leonor. ↙

“Saimos deste local de delicias gratissimos ao deus que o creara. Era elle um fidalgo de seus cincoenta annos de idade. Poderosamente rico, deve mais, comtudo, do que possui. Sua unica mania é devorar o patrimonio proprio e o dos outros em prazeres e regabofes. Faz carregar as suas barracas por toda a parte, onde crê poder divertir-se, e muda-se logo que começa a enfadar-se.

Este homem é um epicurista encantador, digno de arvorar a fita cinzenta do linho. No dia seguinte festança ainda, mas muito mais brilhante, porque elle ti-

vera tempo de a preparar. Entretanto, nem uma só careta de mulher”, conclue o poeta celebrador apaixonado da graça feminina e futuro auctor das *Elegias fesceninas*.

Quem seria este Lucullo fluminense, cujo nome não nos revela o poeta francez? E' o que não podemos revelar aos bondosos leitores. Só a erudição enorme de cousas fluminenses de algum Vieira Fazenda seria capaz de tal descoberta.

Afigura-se-nos tão deslocada esta figura no ambiente setecentista carioca, modestissimo, que chegamos a crêr que o poeta haja dado largas á imaginação e á facundia inventiva de romancista arroubado ao referir o episodio a seu irmão. E' o que nos parece mais curial

Para um devoto da deusa cyprina seria inadmissivel que não se preocupasse, e muito, com a observação das fluminenses, dos unicos habitantes da capital brasileira que lhe causavam interesse. Conta-nos que effectuou diversas visitas á tarde, muito agradaveis. Poude então de perto ver as cariocas que recebiam os officiaes francezes com mil attenções. “Melhor seria impossivel e como si fossemos animaes curiosos examinados com prazer”, relata o poeta.

Todas muito morenas, tinham bellos cabellos, penteados despretentiosamente, vestuario que agradava pela simplicidade. Nos olhos matadores, “negros e volupicos trahia-se-lhes a feição, naturalmente propensa ao amor”.

Em honra aos visitantes estrangeiros houve bonito concerto, seguido de baile, onde só se dansaram minuets “unica dansa conhecida no Rio de Janeiro”, commenta o poeta a generalisar, como tanto fazem os viajantes.

Neste baile conheceu elle uma jovem portugueza, certa dona Tereza, encantadora, de dezeseis annos e meio, "de porte de nympha, e cuja elegancia era mais bella que a propria belleza", declara arroubadamente. Tambem passou a noute a dansar com similhante sylphide.

Desejavam muito os viajantes francezes frequentar o theatro da Opera fluminense, mas a tanto se oppoz, inexplicavel e categoricamente, o vice-rei. Acaso o moveriam patrioticos motivos? Não receava, porventura, que a mordacidade franca, universalmente conhecida, tivesse largas ensanchas para cair sôbre a incipiente arte dramatica nacional, que se arrastava pela penosa infancia de que ha tantos documentos?

Do Rio de Janeiro saiu Parny com a melhor das impressões. "Este paiz é um paraizo terreal; aqui se encontram em abundancia as fructas de todos os climas e os ares são salubres, as minas de ouro e pedrarias avultam".

As egrejas fluminenses achou-as Parny magnificas, de espantosa riqueza. Por toda a parte são os Portuguezes os mesmos, affirma admirado. Infelizmente, nelas faltavam em absoluto as cadeiras.

Uma circumstancia desagradavel tornava penosa a vida no Rio, a oppressão lusitana colonial. "Aqui falta a unica cousa que pôde valorizar as demais: a liberdade. Tudo aqui está no captiveiro; pôde-se entrar, mas difficilmente sairá alguém do Rio de Janeiro".

Assim notou o reparador que os Brasileiros estavam descontentes e lastimosos de sua condição.

No dia 5 de Setembro de 1773 partia o poeta para o Cabo da Boa Esperança, aproando para a ilha de Bourbon. Ao fechar a carta ao irmão, dizia-lhe: "ama-me sempre e nunca viajes no mar".

Dous mezes mais tarde escrevia da extremidade meridional africana ao seu amigo Bertin sobremaneira desapontado do modo pelo qual se houvera com as Boers, cuja rigidez virtuosa estava em inteiro desaccôrdo com as liberdades aliás assaz dilatadas, que facilmente concediam aos seus galanteadores.

Quanta decepção! Assim vivia a se aborrecer prodigiosamente; o passeio era-lhe o unico prazer; "triste prazer para os vinte annos".

Escoavam-se-lhe melancolicas as horas num jardim magnifico, frequentado apenas pelos passaros, as dryades e os faunos. "As divindades destes logares vivem espantadas de me verem sem cachimbo e armado de livro".

Vingando-se da inexpugnabilidade das hollandezas do Cabo escreveu Parny uns versos engraçados e bem pouco apregoadores de qualquer moral que são o panegyrico desses "dragões de virtude", cuja vida, no seu dizer, se escoava no tédio e na digestão, a engulir queijo, cerveja e vinho de Constança tudo isto na mais absoluta vacuidade de pensamento, ao lado dos esposos não menos pesadões, e desinteressantes:

C'est ici que l'on voit deux choses bien cruelles
Des maris ennuyeux et des femmes fidèles
Car l'Amour, tu le sais, n'est pas luthérien.
C'est ici que l'on a santé toujours fleurie
Près d'un large fromage et d'un grand pot à bière
L'on digère, l'on fume, et l'on ne pense à rien.

C'est ici que l'on a santé toujours fleurie
Visage de chanoine, et panse rebondie
C'est dans ces lieux enfin qu'on nous fait aujourd'hui
Avaler à grand traits la "constance" et l'ennui.

Certamente não era o Cabo da Boa Esperança, como aquella ilha famosa imaginada pelo estro do seu genial confrade lusitano para desfastio dos companheiros do Gama.

Dahi esta pequena vingança, aliás bem innocua. . .

CIRURGIÃO-MOR JOHN WHITE

(1787)

I

Sua relação de viagem — Um comboio de galés e rameiras — Viagem desconfortavel — Moedeiros falsos a bordo — Chegada ao Rio de Janeiro — Viveres frescos — Pancadaria — Disciplina terrivel — A festa da Gloria.

E' de bem poucos conhecida a relação de viagem á Nova Galles do Sul, Botany Bay e Port Jackson, da lavra de John White, cirurgião-chefe dos estabelecimentos inglezes nesta parte do globo, "obra contendo novos pormenores sobre o character e costumes dos habitantes do Cabo de Boa Esperança, da Ilha de Teneriffe, Rio de Janeiro e Nova Hollanda, assim como uma descripção exacta de varios animaes até agora desconhecidos", contam-nos os enormes titulo e sub-titulo, muito ao sabor do seculo XVIII, com que se apresenta o livro.

Teve a obra muita acceitação na Inglaterra, e fóra della. E' o que parece pelo menos indicar a traducção franceza de 1795, feita por certo Charles Pougens, e editada pelo livreiro parisiense Pougin, residente á rua des Pères, a recentemente desbaptisada rua des Saints Pères, numa das muitas manifestações grotescas do sectarismo terrorista.

E' que a Australia, região do globo, muitissimo pouco conhecida, até então, attrahia a curiosidade das

pessôas cultas a ponto do editor francez contar com um bom publico, capaz de lhe remunerar as despesas de impressão num tempo, em que muito pouco dinheiro havia em França para comprar pão e, portanto, quasi nenhum para os livros.

Já, entre parentheses, ia passando o exacerbamento revolucionario; mezes haviam decorrido desde a reacção que mandára Robespierre e seus principaes assecclas abraçar a *viuva*, a sinistra machina do dr. Guillotin.

Todos os Francezes, entregues á alegria de viver, compraziam-se em repetir o pittoresco epitaphio do *Incorruptivel*:

Não chores a minha sorte!

Minha vida era a tua morte!!

Assim, pondo as manguinhas de fóra, ousou o editor Pougín datar o seu volume do *anno III da Republica (1795, á moda antiga)*, embora ainda vivesse sob o imperio do tú, do cidadão e do *salut et fraternité* destinado, um seculo mais tarde, a ter nas brasileiras terras a mais deploravel das versões por um *traduttore tradittore* de polpa, que não sabemos quem haja sido.

Voltemos, porém, ao livro do nosso physico-mor. Não o menciona o monumental *Catálogo da Exposição de Historia do Brasil*, a cuja confecção presidiu o illustre Ramiz Galvão, entre as obras estrangeiras e luso-brasileiras do paragrapho sexto da Classe I (*Geographia do Brasil; viagens por ordem chronologica*). Nem jamais lemos referencia alguma a este visitante setecentista da capital brasileira.

Livro de leitura amena, traz a obra de White algumas observações dignas de registo sôbre o Rio de Janeiro, e a descripção que nella ha da Australia é bem

interessante. Tinha o dr. White pronunciado pendor pela Zoologia, e impressionado com a fauna tão estranha da Nova Hollanda, descreveu varios typos daquella bicharada estrambótica povoadora da enorme ilha-continente; kangurús e ornithorynchos, casoares e esquilos voadores.

Sabem todos como começou o Governo inglez a povoar as suas colonias australianas: com presidiarios e mulheres de má vida.

Partiu o dr. White de Plymouth, a 12 de Maio de 1787 no comboio de galés e meretrizes, composto de diversos navios transportes, sob a escolta de navios de guerra, com que se devia fundar o presidio, de onde nasceu a linda cidade de Sidney.

Terrível a severidade com que se guardavam os presos, futuros colonos da Australia, todos elles acorrentados, com excepção das mulheres, amontoados nos porões do navio, em pessimas condições hygienicas. Reclamou o medico, das altas autoridades da Marinha, mais humanidade para com os seus futuros clientes, obtendo do ministro lord Sidney um abrandamento a tanta severidade. Não fôra assim e dentro em pouco teria o escorbuto dizimado os miseraveis *convicts*.

Quasi não havia no publico inglez quem não mal-sinasse da expedição destinada a Botany Bay. Prediziam os parentes do dr. White a sua morte, pedindo-lhe que desistisse da aventureosa jornada. Mas nada o removeu de tal proposito.

A 7 de Junho entrava o comboio a que commandava o capitão Philipp, em Teneriffe. Eram diversos navios, tendo por capitanea uma nau de guerra, o *Syrius*; ia o cirurgião de vaso em vaso inspeccionando-os.

Não é grande cousa o que nos conta da sua passagem pelas Canarias; gaba a gentileza e o aspecto fidalgo

do governador, marquez Branciforte, descreve a extrema pobreza dos camponios canarinos, relata uma scena de excessos religiosos, interpretando-a a seu modo, emfim nada de muito curioso refere.

Apanhou a esquadra insupportavel e intermina calmaria; reduziu-se muito a ração d'agua e surgiu logo o escorbuto a fazer muitas victimas naquelle amontoado de passageiros, sobrecarregando as lotações dos navios.

Só a 2 de Agosto foi que a esquadra se viu em frente ao Cabo Frio. A 5 estava á barra da Guanabara, vindo ao seu encontro um barco portuguez a vender fructas e pão, anciosamente cobichados por toda aquella gente desesperada por viveres frescos.

Passou-se então curioso incidente. Comprou um dos presidiarios, certo Thomaz Barrett, laranjas e bananas, pagando-as com dinheiro falso, que fabricára a bordo com metal de botões e colheres de estanho, moedas aliás admiravelmente imitadas.

Descoberta a tramaioa mandou o commandante Philipp, zeloso do bom nome inglez, que se procedesse a severo inquerito. Como pudera o tratante, que tinha dous cumplices, fabricar moeda portugueza durante a travessia, si havia sempre sentinella á porta de sua escotilha? Si um official de ronda constantemente lhe visitava o alojamento?

A rigorosa busca procedida no beliche dos moedeiros falsos não deu resultado algum. Como poderiam ter fundido metaes? indaga maravilhado o dr. White. Que astucia e extranha subtiliza de velhacos! E a este proposito aproveitou o traductor francez o ensejo para notar que os larapios inglezes são os primeiros do mundo, "chegam a vencer os napolitanos!"

Ancorando a esquadra no Rio de Janeiro, esteve em aguas amigas, tanto mais quanto o commandante Philipp já servira com grande distincção na armada portugueza, nella tendo deixado grandes amizades.

Na manhã de 8 fez a sua visita official ao vice-rei do Brasil, Luiz de Vasconcellos, seguido de garboso estado maior, e ciceroneado por um frade e um official.

Guarda luzida formada á entrada do paço, e teve o commodoro especial saudação da bandeira "o mais alto testemunho de estima, que lhe poderia ser concedido".

Atravessando grande camara, cheia de militares e creadagem, chegaram os inglezes á presença do illustre personagem vice-real em companhia dos officiaes da sua casa e de um physico-mor do exercito portuguez, que falava o inglez perfeitamente.

Corrido um reposteiro, appareceu s. excia., homem de meia idade, quasi obeso, robusto e vesgo de ambos os olhos. Calado e cortez, distincto de modos, estava bem longe, porém, das maneiras fidalgas e elegantes do marquez de Branciforte.

Uma cousa que espantou os inglezes foi o contraste das dimensões desta sala do throno com o seu mobiliario. "Surprehendeu-me a sua pobreza; a guarda numerosa de fóra parecia annunciar a morada de um principe. Entretanto, apenas vimos seis mesas de jogo e os retratos de dous reis de Portugal, d. Sebastião, e o da rainha actualmente reinante".

Ha ahi certamente engano do viajante, que naturalmente attribuiu a effigie de d. Pedro III ao rei Encoberto, mais seu conhecido pelas aventuras da curta e tragica existencia

No Rio de Janeiro pôde a esquadra abastecer-se fartamente de viveres frescos. Dentro em pouco de bordo desaparecia o escorbuto.

Que terrível disciplina nella reinava! Era tremenda a pancadaria que alli imperava a cada passo. Com uma especie de prazer sadico, lembra aqui e acolá o dr. White que este ou aquelle marinheiro, soldado ou galé “chupara” cem, duzentas, trezentas calabrotadas!

Na Bahia do Rio, Cornelio Connel, fuzileiro naval, recebeu cem rabanadas do “gato de nove caudas” por se provar que seduzira (!) uma das passageiras. Thomaz Jones, convencido de ter tentado subornar uma sentinella do alojamento destinado ao bello sexo, viu-se na imminecia de trezentas lambadas. Como até então fôra exemplarmente comportado, perdoou-lhe o commando esta descaida instigada pela vivacidade do ar superoxygenado e as emanações salinas do ambiente marinho.

Assistiu o dr. White, no dia 15 de Agosto, á procissão de Nossa Senhora da Gloria. Saira ao meio dia com enorme acompanhamento, encaminhando-se á ermida do Outeiro, igreja da *Santa Gloria* (sic).

Gente de toda a especie, de carro, a cavallo, a pé. “Nunca pude saber, diz o cirurgião britannico, qual a causa desta affluencia, nem a origem de tal cerimonia, ao que lhe observa o traductor francez em facil quinau de erudição barata: “o dia da Assumpção da Virgem Maria ha de ser certamente celebrado pomposamente pelo povo *fidelissimo*”.

“A Igreja da Gloria que geralmente é mais acesa do que mesmo rica estava neste dia illuminada de modo brilhante e adornada de flores arrumadas com gosto. Observei que o povo se demorava em tal igreja recitando varias preces antes de voltar á cidade. Durou

esta festa o dia todo, mas a gente de posição só appareceu á tarde”.

Vê-se por estes commentarios quanto eram as cousas do culto catholico extranhas ao medico britannico. para que nem comprehendesse a significação daquella romagem annual á ermida do Outeiro.

II

Aspectos da festa da Gloria do Outeiro — Apreciações injustificaveis — Aventuras cupidineas — Observação justiceira — Anniversario régio — Ausencia do elemento feminino á festa — Despedida official — O palacio do vice-rei — A partida — Aspectos do Rio — O casario — As egrejas — O Governo do Brasil — Seges e cadeirinhas — Feições militares — Enorme fartura de viveres — Excellencias da aguardente brasileira — Drogas — Curiosa traducção — Enganos de tradutores.

Saindo á noutinha da igreja da Gloria do Outeiro, no dia de sua festa tradicional, 15 de Agosto, avistou o dr. White, em certa rua afastada, uma igreja ricamente enfeitada, na qual se engolfava uma multidão de homens, mulheres e crianças.

“Por curiosidade juntei-me a esta gente, diz o cirurgião-mor inglez, mas tudo o que ganhei, depois de bem empurrado e haver, com extraordinario trabalho, conseguido furar a multidão, foi vêr esta gente ajoelhar-se e rezar apparentemente com muito fervor. A um dos lados da igreja havia um individuo andrajoso, vendendo rosarios bentos. A’ porta outro. Confesso que não pude deixar de rir, comparando-os a estes charlatães que montados sôbre estrados impingem drogas aos transeuntes. Ainda encontrei na rua varios desses bufarinhos piedosos a quem, receoso de me comprometter,

si discrepasse da turba devota dos habitantes da colonia comprei alguns desses terços”.

Francamente não vemos motivo algum para esta explosão do viajante a quem, quer nos parecer, não era admissivel qualquer discrepancia ás normas de seu paiz natal.

Em frente á porta da igreja havia algum coreto dos nossos, que o cirurgiãõ britannico intitula theatro. Um bando de instrumentistas e cantores alli empregava o folego, todo o folego dos bofes, para encantar o auditorio num charivari pavoroso, é de suppor. A's dez horas da noute fogo de artificio “genero de divertimento que apaixona os portuguezes”.

Concluindo o apanhado de suas observações arrisca o viajante algumas linhas de apreciação sôbre costumes publicos.

“Aventuras amorosas, não pôde haver dúvida, terminaram a festa, pois á noutinha avistei mulheres, á porta de casa, empunhando ramalhetes. Asseguram-me que é de praxe aqui o offerecimento de taes flores áquelles a quem se deseja ser amaveis. E, com effeito, nesta mesma noute, vi no meio da multidãõ diversas dessas mulheres muito enfeitadas a passear livremente”.

Uns após outros, isto até já no seculo XIX, repetem muitos viajantes estrangeiros, a proposito de diversas cidades do Brasil esta mesma historia de flores atiradas ao seus sympathicos pelas mulheres. Reedição e generalização das affirmações de gabarolas conquistadores, genero Pyrard de Laval na Bahia e do impostor Coréal em Santos.

Tinhã o dr. White porém espirito justiceiro e ao mesmo tempo que falla da desenvoltura das mundanas pelas ruas fluminenses annota: “Após um mez de permanencia nesta cidade tive o ensejo de me convencer

que as unicas mulheres mal comportadas e capazes de tal liberdade são as de baixa classe”.

¶ Permittiam-lhe as boas relações anglo-brasileiras agir com a maior liberdade no Rio de Janeiro. Pôde, pois, examinar com toda a acuidade os costumes e o character dos fluminenses. Ao passo que a nenhum estrangeiro se permittia estar em terra, quasi sem sentinella á vista, tiveram os inglezes licença de andar por onde quizessem.

No dia do anniversario do principe do Brasil, herdeiro da corôa, festa de grande gala. Salvou a capitanea britannica, respondendo-lhe os fortes de terra. Foi o commodoro Philipp acompanhado de brilhante estado maior cumprimentar o vice-rei que dava grande cortejo.

Esperados os officiaes britannicos, no caes, por militares da guarnição da cidade, foram ao Paço onde, na sala do docel, recebia S. Excia., majestosamente enthronizado, os cumprimentos de todo o *grand monde* do Rio de Janeiro e vizinhanças; civis, militares, ecclesiasticos.

Cortejo brilhante “si é que pôde ser brilhante um cortejo onde não se vê uma unica mulher”, repara o cirurgião inglez com toda a justeza.

“Apresentaram-se os civis tão ricamente vestidos quanto elegantes, e os chefes militares de linha e milicias tornavam-se notados pelo bom gosto das fardas. Observei apenas que não empoavam os cabellos. São os portuguezes muito parcimoniosos em relação a este artigo; em compensação mostram-se prodigos de pomadas”.

Esta feição musulmana, tão iberica, da ausencia das mulheres ás festas officiaes longos annos subsistiria na colonia e no Brasil independente. Os reparadores haviam de nota-la já em annos adeantados do seculo XIX.

Gravibundantemente acabou a festa, como começara, não tendo havido festejos publicos. “Surpreheu-nos a ausencia de fogos em tão solenne dia, como este do anniversario do principe, amantes como são os portuguezes de taes cousas”.

Alguns dias mais tarde resolveu o commodoro zarpar do Rio. A 31 de Agosto assistiram suas guarnições formadas á tremenda tunda applicada ao fuzileiro naval James Baker. Nada menos de duzentas lambadas por ter querido (conscientemente, averiguou-se di-lo o narrador) passar uma moeda falsa das fabricadas pela quadrilha de bordo.

Como se vê, não perde o dr. White o ensejo de recordar estas scenas de pancadaria desabalada. Talvez porque lhe causassem redobrada impressão como espectador e assistente, após a sova, os pobres diabos reconduzidos á salmoura de sua enfermaria.

A 1.º de Setembro de 1787 despedia-se o commodoro Philipp do vice-rei, agradecendo-lhe muito penhorado tantas gentilezas e atenções dispensadas a elle, commandante e aos officiaes de Sua Graciosa Magestade. Recebido com honras excepcionaes teve a mais respeitosa continencia das bandeiras, que lhe foram postas aos pés; homenagem que só se prestava a personagens reaes ou vice-reaes.

Querendo deixar a melhor impressão possivel aos visitantes, convidou-os Luiz de Vasconcellos a entrar em seus aposentos privados. Assim atravessaram os inglezes um passadiço muito agradável, ornado de flores odoríferas e arbustos aromaticos, de onde pendiam gaiolas cheias de passaros da mais rica plumagem, que aos ares lançavam deliciosos chilreios e trinados.

Bem arrumado o salão do vice-rei, mil vezes mais que as salas de estado. A’ porta esperava s. excia. a of-

ficialidade da graciosa majestade alliada do seu real amo. Fez sentar o commodoro ao seu lado, exprimindo-lhe quanto estava satisfeito que a esquadra se houvesse abundantemente abastecido no Rio de Janeiro.

Fazia votos para que o seu empreendimento tivesse os melhores resultados, pedindo tivesse a bondade de escrever-lhe, narrando as peripecias da viagem, pela qual muito se interessava. Assim conseguisse a justa recompensa de tantos trabalhos, o que seria de inteira justiça, não havendo quem na Europa dissentisse da opinião de generosidade attribuida ao povo britannico.

Não houve official a quem Luiz de Vasconcellos não dissesse alguma amabilidade. Encantados de tanta cortezia, retiraram se os inglezes daquella visita que talvez suppuzessem enfadonha.

O salão onde ocorreu, refugio do vice-rei quando queria isolar-se, tinha elegante mobiliario; pelas paredes viam-se estampas sacras, notando-se no tecto pintura accetavel representando fructos tropicaes e as mais bellas aves do Brasil.

A's seis da manhã de 4 de Setembro levantou ferro a esquadra, tangida pela "esperta brisa" da phrase feita. Saudou-a Santa Cruz com 21 tiros, ultima demonstração de amizade essa, a que contestou a capitanea não menos fragorosamente.

A's 2 da tarde estava em alto mar, mas ainda na manhã de 5 não perdera de vista o perfil caracteristico do Pão d'Assucar, padrão assignalador da barra da Guanabara, e ao mesmo tempo castigador posthumo dos maus na expressão quiçá secular dos votos populares cariocas.

Naquella mesma tarde, em face á natureza esplendorosa, Thomaz Brown, um dos deportados, sentindo provavelmente comichão ás costas, foi apaziguado em

seus ardores por doze lambadas puxadas "a sustancia" pelo executor das altas obras do *Syrius*.

Fôra insolente para com um dos officiaes, e este lhe mostrara qual era o trunfo do seu jogo, o naipe do trevo. Decididamente o dr. White se divertia vendo o trabalho do *cat ó nine tails*, o gato novirabudo de sibilante acção vesicatoria. Não fôra assim, não tomaria com tanto cuidado nota de taes casos entre duas observações de *Nautica* ou *Geographia*.

A descripção que da capital brasileira faz o medico inglez tem alguns pontos de vista interessantes; assim vamos resumi-la.

Começa por uma inexactidão a affirmar que o nome Rio de Janeiro vem de S. Januario, dia da descoberta da Guanabara. A esta se segue outra, dubitativa. Estaria a cidade assente á margem de um rio ou mesmo de um golfo? Ingenuamente, sejamos indulgentes, inclinava-se o auctor pela segunda hypothese.

Do tão gabado panorama, em quanto ha de idiomas pelo mundo, nada diz, o que extranha num membro de um povo de admiradores ferventes da natureza.

Bem menos sensivel do que o seu patricio auctor do *Beautiful Rio*, panegyrista arroubado da belleza guanabarina, achou o dr. White apenas que as montanhas emmolduradoras da cidade tinham formas romanticas.

Fôra o Rio de Janeiro, affirma ainda, construido sob um plano regular. Sua principal rua, a Direita, correndo do palacio vice-real ao rico Mosteiro de S. Bento, larga, bem edificada, cheia de bellas lojas, causava optima impressão, levando immensa vantagem ás demais vias da cidade, estreitissimas.

Tinham as casas do Rio dous a tres andares; os commodos do rez do chão, quando não aproveitados para as lojas serviam para os escravos e criados. Os so-

brados reservavam-nos para si os patrões desejosos de ar mais fresco e mais saudavel.

Igrejas muito numerosas, geralmente de bella architectura e magnificamente adornadas; algumas mesmo edificadas segundo o estylo moderno. As tres mais bellas estavam em construcção que marchava lentamente, apesar das enormes sommas diariamente angariadas para as custear. Mas como ainda não chegasse o dinheiro, frequentes procissões, a cada passo, reanimavam o fervor dos fieis.

Realisavam-se á noute, geralmente, nellas se distinguindo pelo ardor "or irmãos mendicantes" embuçados em samarras lugubres e carregando lanternas á ponta de compridas varas.

Conjunto agradavel aos olhos do estrangeiro era o de alguns tresentos ou quatrocentos destes portadores de lanternas, em transitio pelas ruas, a acompanhar um andor de santo. Outra nota interessante: a pequenez dos oratorios á esquina das ruas com os seus nichos e imagens, deante das quaes a multidão pròstrada, entoava ladainhas.

Gaba o dr. White a abundancia e excellencia da agua do Rio. O principal chafariz da cidade, o do Largo do Paço, vivia rodeado de uma turba de marinheiros, negros e escravos carregando barris.

Era o *rendez-vous* das rixas, e por este motivo a cada passo acudia a guarda do palacio vice-real a distribuir por alli tabefes e pranchadas com visivel prazer. "Neste paiz, observa o viajante, os soldados investidos de grande autoridade tratam o povo com severidade fóra do commum".

Sôbre o governo do Brasil pouco pôde o cirurgião mor saber. "Tão complicado é, declara, que difficilmente pude colher pequeno numero de pormenores sô-

bre este assumpto tão importante da historia do homem”.

Parece-me que o vice-rei possui immensa autoridade mas que, em determinadas circumstancias é possível recorrer de suas decisões para a Côrte de Lisbôa”.

Eis uma observação que pouco abona, entre parentheses, a perspicacia do reparador... “Tambem raramente faz alguma demonstração de magnitude de seus poderes. O actual gosta pouco do fausto e só se apresenta com apparato nos dias de grande gala. Quando sae a passeio, tem como guarda apenas oito dragões; ás ceremonias públicas concorre, comtudo pomposamente. Vi-o passar um dia, *in fuochi*, dirigindo-se a um dos tribunaes, e embora estivesse este a uns cem passos do palacio, seguia muita cavallaria ao seu coche de gala puxado por quatro soberbos cavallos zainos”.

Numerosos carros particulares havia então na cidade: todas as familias de distincção tinham sege, geralmente semelhantes ás cadeirinhas e puxadas por bestas preferidas aos cavallos pela firmeza do passo, nos terrenos accidentados da cidade. Outra observação que nos parece inadequada, pois na época o Rio estendia-se apenas na parte plana estando os morros, salvo o Castella e Santo Antonio e quiçá as primeiras rampas de Santa Tereza cobertas de matta, como se vê das estampas do tempo.

Era então numerosa a guarnição do Rio; além do corpo de cavallaria da guarda vice-real doze regimentos de linha europeus e seis recrutados no Brasil; onde se admittiam homens de côr, o que não succedia á tropa de linha. E além destas forças doze regimentos milicianos. A toda a guarnição mensalmente passava o vice-rei revista.

Ha ahi evidente exaggeração do viajante inglez, a quem algum informante local, patrioticamente munchausiano, contou grandezas muito acima da realidade.

Excellente a disciplina da tropa brasileira, declara o dr. White. Embora prestigiadissimos pelo povo nem por isto se mostravam os soldados menos submissos e obedientes aos superiores. Notava-se a consideração gozada pela farda pelo modo extremamente cortez, com que os paizanos tratavam os militares. Estes por sua vez se esforçavam, de todos os modos, por agradar aos seus patricios.

Tão sympathizado ficou o commodoro Philipp entre os fluminenses que se via forçado a não passar deante do Paço para evitar que a guarda saisse a lhe fazer continencia, bandeiras desfraldadas.

Reinava no Rio de Janeiro enorme fartura de viveres. Fructas e legumes da Europa e do Brasil. Embora não houvesse falta de farinha de trigo, consumia-se em grande escala a de mandioca, alimento dos pobres e escravos.

Essa aliás lindissima de aspecto, além de muito barata. A carne de vacca embora bem succulenta não seria tão boa quanto o *beef* da Inglaterra. Provinha de bois geralmente muito miudos. Carneiros não os havia no Rio. Constava que no interior se criavam alguns, de uma raça entanguida, porém.

Fumo optimo e assucar em abundancia; da canna se fazia uma especie de rhum baratissimo.

A' nossa "dona branca" prestou o commodoro elevada homenagem, pois della comprou no Rio nada menos de cem pipas para a viagem e estada na Nova Galles do Sul, precaução bem britannica, lembramo-lo sem malicia. Já n'esta época curvava-se a Europa...

Nas pharmacias cariocas apreciou o cirurgião-mor encontrar drogas da terra de excellente qualidade: o *hyppo*, o oleo de castor, o balsamo *capiva* e varias outras gommias e resinas preciosas, infelizmente muito mais caras do que deviam ser, pelo facto de produzidos no paiz. E a este proposito o traductor e annotador francez explica o que vem a ser estas drogas de nomes rebarbativos e obsoletos, gabadas pelo autor inglez.

Bem perfunctoriamente o faz, aliás. O tal *hyppo* era uma especie de resina, não se diz de que, parecida com a therebenthina do pinheiro maritimo das landes francezas, essencia cuja preparação constituia um segredo da industria britannica. Quanto ao oleo de castor não passava de uma mistura de *castoreum*, principio extrahido das glandulas do famoso roedor, fortuna dos chapeleiros, e azeite de oliveira, segundo uma observação do traductor do cirurgião-mor inglez, o sr. Pougens que não soube descobrir o equivalente do *castor oil* o nosso tão popular oleo de ricino.

Por ahi se vê o que vai por este mundo fóra em materia de traducções.

Si até a outras palavras da mesma lingua, mas de emprego não universal se dão as mais estramboticas expressões! Haja vista o que entendeu o eminente lexicographo sr. Candido de Figueiredo ser *guaxupé*, da leitura da *Innocencia* do visconde de Taunay. Imaginou que o romancista designara um modo de penteado feminimo, quando se refere ao conhecido vespideo!

Perdõe-nos o amavel leitor esta pequena digressão e permita que voltemos ao oleo castoreo.

Empregavam-no com resultado "nas molestias do cerebro, paralyasia, convulsões, lethargia e arrepios" e tambem nas affecções uterinas. Mas onde teria o dr. White achado castores no Brasil? E azeitonas a pro-

duzir oleo? Quanto ao balsamo de capiva não seria si-
 não oleo de copahiba. Assim pois vemos quanto mal
 informado sobre a distribuição geographica da fauna
 e flora americanas, foi o dr. White injusto ao accusar
 os boticarios cariocas de vender caro as drogas da phar-
 macopéa indigena.

III

— *Os ciumes entre os Brasileiros — Diferença de tempe-
 ramentos — Parallelo entre as cariocas e as holandezas
 do cabo da Bôa Esperança — Fatura do Rio de Janeiro
 — O cambio anglo-portuguez em 1787 — Enganos do via-
 jante — Minas nos suburbios do Rio — Quinaus do tra-
 ductor — As condições estrategicas do Rio.*

√ São os fluminenses de genio alegre, observou com-
 toda a propriedade o dr. John White. “Geralmente altos
 e mais nutridos que os Portuguezes, são bem proporcio-
 nados e assaz, sóbrios, bebendo poucos licores fortes”.

Quanto ás mulheres, achou-as pallidas e delicadas
 até a idade nubil, e robustas depois de casadas, embora
 sempre macilentas, ou antes, esverdinhadas. Bellos den-
 tes, bem implantados, superiores aos do commum das
 mulheres dos paizes quentes, onde as usinas de assucar
 são communs. Dos olhos negros e vivazes serviam-se
 muito bem para captivar a quem desejavam prender.
 Muito attrahentes os seus modos naturaes, e nada ti-
 midas; Tal circumstancia accrescia a seus encantos na-
 turaes.

No Rio de Janeiro homens e mulheres deixavam
 crescer immensos os bastos cabellos negros. Infelizmen-
 te, estas os traziam trançados e levantavam-nos em
 desgraçosos penteados, que lhes iam mal á delicadeza

do rosto. "O habito, observa o reparador, nos affeição comtudo ás mais extravagantes modas".

"Estava eu um dia em casa de um brasileiro rico, a quem notei a surpresa que me causava a prodigiosa quantidade de cabellos das senhoras do Brasil. Accrescentei que me parecia impossivel crer fossem naturaes. Para dissuadir-me do erro, chamou a mulher e, desfazendo-lhe o penteado, me fez vêr que as tranças attingiam o sólo. Offereci arruma-los novamente, o que acceitou polidamente". E excepcionalmente... notemo-lo de passagem.

A este proposito nota o viajante que, apesar da reputação de ciumentos attribuida aos portuguezes, nada pôde notar de tal feição entre os que conheceu no Rio de Janeiro. Pelo contrario, pareciam muito lisonjeados de todas as attenções com que lhes tratavam as mulheres e filhas. Tambem observou que havia na cidade muita sympathia pelos inglezes, entre as pessoas de ambos os sexos.

Entendeu o traductor francez do dr. White expender ahi uma série de observações philosophicas ou com pretenções a tanto, sôbre o ciume entre os povos medidionaes, muito mais susceptiveis neste particular que os seus vizinhos do Norte. Considerações bem tolas, entre parentheses, em que declara acceitar as opiniões do cirurgião inglez, pois convivera em Londres bastante tempo com portuguezes e jamais entre elles percebera vestigios desta ciumada romanesca, que tanto alardeavam os dramas e romances francezes.

Aos Hespanhóes, não os conhecia, mas os Italia- nos do Sul muito bem, pois vivera vários annos na Italia, notando quanto os Romanos e os Napolitanos se mostravam "culposamente indifferentes a este sentimento".

Recrudescencia de ciumes verificava-se agora justamente na Inglaterra “entre os compatriotas do sabio Locke e do grande Newton”. E, depois de umas phrasas muito idiotas termina o tal sr. Pougens por estes profundissimos conceitos: “Não me arrisco a dirimir tão delicada questão. Limito-me a repetir o que bem poucas pessoas ignoram: o ciumento sem amor é o peor dos ciumentos”. E, com esta zargunchada, entendeu verberar a frieza dos phlegmaticos compatriotas do sabio Locke e do grande Newton.

Em outro ponto de sua obra, traz o dr. White novo depoimento em favor da civilidade e dos bons costumes fluminenses setecentistas. E’ quando descreve os costumes dos Hollandezes do Cabo da Bôa Esperança e estabelece confronto entre elles e os habitantes do Rio de Janeiro.

“Os habitos e modos das mulheres do Cabo apresentam frisante contraste com as maneiras e costumes das do Rio de Janeiro. Estas ultimas são mais reservadas, mais modestas, pelo menos em publico. Aquelles que desejam dizer alguma galanteria ou ternura a uma senhora devem faze-lo de soslaio e peneirar os suspiros amorosos através de uma rotula ou das grades de um convento. No Cabo, porém, quando se quer cortejar uma beldade, ha menos reservas a empregar e manobras menos obliquas para se alcançar o triumpho. Um beijo roubado em publico não sómente é um elemento de victoria em relação a uma rapariga, quanto ainda aos olhos dos seus paes. Emfim, todos estes modos passam no Cabo como galanteios de alto quilate.

Observei, aliás, que as mulheres da Hollanda supportam certas liberdades que na Inglaterra pareceriam muito reprehensiveis. Desta falta apparente de modestia e reserva nada desejo concluir; talvez até nem sejam

menos virtuosas e menos castas que as mulheres das demais nações”.

Não havendo fabricas no Brasil, continúa o dr. White, todas as mercadorias européas ahi attingiam exorbitantes preços. Em compensação vendiam-se os viveres por preços muito baixos, sendo a cidade fartissima. Porcos, perús, gallinhas, patos, offereciam-se por preços sobremodo moderados; a caça custava muito menos que na Inglaterra. O pescado, pouco abundante na época da passagem da esquadra, tinha momentos de extraordinaria fartura. Vendiam-se deliciosas laranjas á razão de cinco vintens o cento. O kilo da melhor carne de vacca valia menos de sessenta réis.

Não esqueçamos, comtudo, quanto era diversa naquelle tempo da de hoje, a capacidade acquisitiva da moeda. O cambio anglo-portuguez assim se regulava no Rio de Janeiro em 1787: quatro mil réis em ouro, moeda portugueza, cunhada no Rio, valiam uma libra esterlina, dous shillings e seis pence, o que representaria hoje cem mil réis, papel, approximadamente.

As patacas de prata, trezentos e vinte réis, equivaliam a dous shillings, hoje dez mil réis em papel. Dez equivaliam a um guineu. Houve ahi evidente *lapsus calami* do viajante, pois si esta fosse a equivalencia, quatro mil réis, em prata, corresponderiam a 26 shillings, e, em ouro, apenas a 22 e meio, o que é inadmissivel.

Aliás não é só este o engano do dr. White. Em outro lugar cahe em affirmativa reveladora de sua insciencia das cousas do Brasil: quando conta que, tendo realizado algumas pequenas excursões nos arredores do Rio de Janeiro, num raio de poucas milhas, tomou precauções para não entrar no territorio das Minas Geraes!

E assim tambem procederam os seus companheiros de travessia.

“Bem sabiamos quanto seria igualmente mallograda e perigosa semelhante empresa”, commenta prudentemente. Não podiamos com effeito ignorar que todas as atencões a nós dispensadas provinham do prestigio do nosso commodoro; a elle deviamos a liberdade de que gozavamos. Assim nunca levámos os nossos passeios além de algumas milhas, receosos de inspirar suspeição.

Por toda a parte onde andámos, os habitantes do campo nos trataram com a mesma cortezia que os da cidade. Jamais foram estrangeiros, tão cordialmente acolhidos em nenhuma nação européa, affirma reconhecido o cirurgião-mor.

“Em ambas as margens do rio (sic) que forma a bahia de Guanabara é a paisagem muito pittoresca. Ao campo cobrem flores e arbustos aromaticos, passaros de soberba plumagem volitam pelas arvores. Insectos ha em abundancia, cujas cores estão acima de qualquer descripção”. Estava toda aquella terra por cultivar, porém; apenas, quando muito, se viam pastagens.

“Ninguem põe em duvida que do Brasil saiam immensas riquezas, affirma o cirurgião, mas, como eu já o disse, é impossivel chegar ao local das minas, cujas estradas estão escrupulosamente vigiadas e guardadas.

As pessoas encontradas a caminho dellas e incapazes de explicar perfectamente o modo de vida e as intencões, são encarceradas e frequentemente condemnadas a trabalhar nesses vastos subterraneos, de que por imprudencia se approximaram, por curiosidade ou co-biça. Não ha exemplo de que se tenha permittido a um estrangeiro o accesso ás minas.

Ha tambem nesta parte do Brasil tal quantidade de pedras preciosas que o Governo entendeu dever limitar-lhes a exportação annual afim de lhes sustentar os preços no mercado. Vi em casa dos joalheiros, muito numerosos no Rio de Janeiro, alguns diamantes de preço, topazios muito bellos e outras pedras de qualidade inferior.

Comprei alguns topazios, tomando a precaução de escolher os que estavam polidos, receando ser logrado, si os adquirisse brutos”.

Por esta série de phrases se vê que o viajante inglez bem pouco estava a par da situação das minas brasileiras. Entendeu o seu traductor dar-lhe, em notas, uns quinausinhos. Assim lhe lembra, com exactidão, que as minas distavam 75 leguas do Rio de Janeiro. Mas ao mesmo tempo relata que rendiam a Portugal, em 1787, pelo menos, 112 arrobas de ouro, de quinto, quando já se deixára de cobrar tal percepção, como é sabido.

Aliás o corrector francez bem precisaria de quem lhe fosse á mão, pois por sua vez repete a abusão outr’ora frequente de que o Rio de Janeiro estava situado a duas leguas da foz do rio de S. Januario, “em lugar retirado, insalubre, circumdado de todos os lados de montanhas, que impedindo o ar de circular, occasionavam febres intermittentes e putridas”. “Cidade de extensão consideravel, accrescenta o sr. Pougín, dotada de vasto porto, offerecendo o mais imponente aspecto, era uma das mais fortes praças do globo, após Gibraltar, defendida a sua barra por 15 ou 20 fortes, dotados de bella artilharia de bronze”.

IV

Cadeirasinhas — Idyllio com alumnas da Ajuda — Cirurgia de antanho na Santa Casa fluminense — Triumpho do operador inglez.

Entre os aspectos do Rio de Janeiro que chamaram, fortemente, a attenção do cirurgião-mor inglez, destaca-se o uso frequente das cadeirinhas, então corrente na cidade fluminense.

Pareceram-lhe pesadonas e presas a grosseiros varaes. As de Inglaterra, eram mais bem trabalhadas. Os escravos que as carregavam tinham curioso systema de andar. Punham-se um no passeio da rua e o outro fóra delle e assim caminhaya a cadeirinha, enviezada e de modo inteiramente diverso do de suas congeneres londrinas.

Andavam os pobres negros muito depressa, e a sua passagem em nada incommodava os transeuntes.

Imagine-se como ficariam estafados, sobretudo ao transportar as anafadas damas de antanho, obesas pela reclusão e o abuso das gulodices assucaradas.

A' sua estada no Rio de Janeiro quiz o medico inglez prender uma reminiscencia, suave entre as mais suaves, captivando um coração feminino. Assim tambem pensaram mais dous officiaes.

Tudo não passou, porém, de innocente "flirt", com tres mocinhas pensionistas do convento da Ajuda, que o dr. White intitula, em portuguez (!) *il convento a de Juda* (sic!).

"As freiras deste recolhimento — conta elle, — residem num grande edificio, sob a direcção de uma abbadessa e a vigilancia do bispo. Educam cêrca de setenta mocinhas, submettidas á regra monastica, com a differença de que podem chegar á grade do mosteiro

sem o véu que embuça as religiosas. Attingindo certa idade, podem casar-se ou tomar o véo, á vontade. Não lhes é permittido, comtudo, deixar o convento, si não se casarem e, para isto mesmo, precisam do consentimento do bispo”.

Era um recolhimento de desvalidas ou mesmo enfeitadas, que o medico ingez tomava como aristocratico pensionato de meninas.

Varias destas recolhidas lhe pareceram muito atrahentes, e aos outros officiaes inglezes. Assim, frequentemente, iam conversar com as amaveis reclusas. “E deste modo se estabeleceram entre ellas e nós ligações tão ternas quanto podiam permitti-lo grades e ferrolhos”.

Os dous officiaes e o medico fixaram a attenção sôbre tres mocinhas, cujos modos lhes pareceram mais vivos e desembaraçados, e, assim, se entabolou e proseguiu o innocente namoro, consentido pelas religiosas, talvez com esperanças de aleatoria collocação para as suas queridas educandas.

“Fizemos-lhes diversos presentes, que ellas nos retribuiram com outros mais consideraveis”. Provavelmente, empaturraram os tres subditos de Sua Graciosa Majestade com os deliciosos doces da Ajuda, immemorialmente celebres na cidade fluminense, sobretudo os famosissimos pasteis de Santa Clara, segredo das religiosas, mais religiosamente guardado do que o do *Mascara de Ferro*, e supra-summo das delicias em matéria de pastelaria e confeitaria.

“Estas doces e encantadoras creaturas de tal modo a nós se affeçoaram, affirma o medico, que as lagrimas lhes correram em abundancia no momento em que lhes dissemos o ultimo adeus”.

E dest'arte se dissipou o terno e rapido romance! Lá ficaram as tres cariocasinhas a pensar desoladas nos seus Inglezes, as boas freiras desapontadas do nenhum resultado practico do "flirt" de suas alumnas e os tres namorados com mais um motivo de sympathia em relação ao Rio de Janeiro e a seus habitantes.

Terra onde lhes batera o coração sob o influxo de sentimentos cãndidos... Nada mais natural è humano, pois, do que a observação do dr. White: "Tudo conspirava para que tivéssemos neste bello paiz uma estada deliciosa"! Pobres e desconsoladas namoradas!

No outro convento feminino do Rio, "*il convento de Santa Thereza*", (sic), refere o viajante que as freiras, cêrca de quarenta, não tinham licença de tirar o véo quando iam á grade, pelo que o admoesta o traductor gravibundo ensinando-lhe os costumes das nações meridionaes.

Quiz o dr. White verificar de *visu* os progressos de sua arte na capital brasileira. Assim foi ver operar na Santa Casa de Misericordia, "o sr. Ildefonso, cirurgião geral do exercito, homem muito habil em sua profissão".

Imagine-se o que seria essa cirurgia de fins do seculo XVIII, perfeitamente septica, em que os pobres diabos tinham 999 ensanchas em mil de fallecerem de tetano ou septicemia, essa cirurgia de *Mon oncle Benjamin*, tão deliciosamente commentada pelo talento e graciosidade de Claudio Tillier!

Poz-se Ildefonso em seus grandes dias, para receber a visita profissional do collega britannico. Como *sujet*, appareceu um soldado ferido, do lado esquerdo, no ventre, por facada ou estocada.

A fôrma da chaga não permittia distinguir a do objecto que a causara. O proprio soldado ignorava quem

a fizera. Envolvido numa rixa por causa de mulher, fôra attingido, no escuro por uma camarada cuja arma sentira, mas não vira.

Felizmente, não haviam os intestinos sido attingidos e houve-se o dr. Ildfonso com a maior habilidade na applicação do aparelho.

Perguntou-lhe o dr. White se os assassinios eram frequentes no Brasil, e o cirurgião-mor respondeu-lhe que não: nada sanguinarios os Brasileiros, sendo raras as mortes no Rio, excepto entre negros, gente tão rancorosa que fazia enormes caminhadas para se vingar de um inimigo. Continuou o dr. White a frequentar a Santa Casa. Certo dia, no momento que o cirurgião-mor ia cortar uma perna, pediu-lhe que o deixasse operar, segundo methodo novo e certamente seu desconhecido.

Reluctou o dr. Ildfonso, mas afinal accedeu, e assim pôde o nosso viajante ensinar-lhe o methodo de Allanson, inteiramente novo na Inglaterra. E realmente operara Allanson uma revolução na arte das amputações.

Começava desenhando sôbre o membro o circulo a ser feito pela faca e sua maneira de estabelecer as ligaduras era inteiramente diversas das demais até então applicadas. Grande progresso realizara, desbancando os mais celebres cirurgiões inglezes da época, como Lucas, Keate, Kennedy, Freer.

Assistiram o dr. Ildfonso e seus discipulos, muito desconfiados do que viam, ao retalhamento das carnes do pobre diabo, operação, é bom que se lembre, em que o anesthesico era substituido pelo solido amarrar do paciente á mesa de torturas.

Gaba-se o dr. White de ter tido o melhor exito. Quinze dias mais tarde, estava cicatrizada a chaga e o cirurgião-mor exultou, confidenciando então ao collega

que, si o doente morresse, não escaparia a severissima reprehensão.

Fez a operação grande barulho, gaba-se o dr. White. E, realmente, o methodo de Allanson permittia “a cicatrização da enorme chaga resultante da amputação de uma perna em tantos dias, quanto outróra em semanas”.

“Grande fama creou “o cirurgião inglez”, continúa immodesto o discipulo de Allanson. “Quando eu ia ao hospital, cercavam-me os doentes, que vinham consultar-me, e eu tinha enorme trabalho em me libertar d’elles. Todos, sem excepção, se teriam submettido aos tratamentos que eu lhes indicasse; mas, como vi que o facto desagradava ao physico-mor, fiz timbre em nada prescrever”.

Deixando o Rio de Janeiro, gabou o dr. White as defesas da praça, sobretudo as fortalezas de Santa Cruz e da *Lozia* (Lage). Apesar dos numerosos fortes, ainda devia o Rio a sua principal inexpugnabilidade ás montanhas e á elevação da costa.

“Este porto é dos melhores que jamais vi”, commenta o dr. White, inglez pouco interessado nas bellezas naturaes, circumstancia pouco frequente entre os seus compatriotas.

A única referencia que lhe traz algum pendor pela contemplação de uma natureza como a do Rio é a seguinte: “Tudo conspirava (e como já vimos havia ahi uma questão envolvendo um caso do “eterno feminino”) para nos tornar deliciosa a estada neste bello paiz. O unico incommodo que experimentavamos era não acharmos cafés ou hoteis, onde pudessemos tomar refrescos ou passar uma ou duas noites em terra”.

Assim, no anno da graça de 1787, ainda não existia uma unica hospedaria na capital brasileira!

“A 4 de Setembro de 1787, levantava a esquadra ferros, salvava Santa Cruz com 21 tiros, retribuidos rigorosamente. Thomaz Brown, um dos futuros fundadores de Sidney, tomou então doze chicotadas por ter sido insolente para com um dos officiaes”.

Decididamente a bordo da esquadra do commodoro Philipp era a pancadaria quasi o pão nosso de cada dia...



SIR GEORGE STAUNTON
(LORD MACARTNEY)

(1792)

I

Lord Macartney e sua embaixada á China — Arribada ao Rio de Janeiro — Bôa impressão da cidade — Insensibilidade ante as bellezas guanabarinas — Optimo acolhimento official — A mecanica dos brasileiros louvada pelos engenheiros britannicos — Vehiculos barulhentos — Concertos e oratorios.

Em 1792 resolveu o governo britannico enviar á China a sua primeira embaixada. Para a chefia desta missão escolheu Jorge III o conde Macartney, gentil-homem irlandez, descendente de velha familia escoszeza passada á ilha de S. Patricio.

Era homem em cuja fé de officio se inscrevia longa série de serviços no Oriente. Nascido em 1737 e formado em Direito, começára muito moço a carreira diplomatica como enviado extraordinario á Russia, em 1764, onde negociára uma alliança.

Membro do parlamento, primeiro secretario de estado para a Irlanda, passára depois a governador de Madrasta e em 1785, a governador geral de Bengala. Fizera optima administração que lhe valera a elevação á dignidade condal.

Indicado para a embaixada ao Celeste Imperio, pelo governo e pela posição, tratou lord Macartney de organizar brilhante missão com o fito de impressionar

favoravelmente o Filho do Céu e os seus ministros, e obter para a Inglaterra grandes vantagens commerciaes e politicas.

Como secretario geral levou sir George Staunton, habil diplomata que contava entre bons serviços um tratado de paz, firmado em 1784, com o celebre e irreductivel inimigo dos Inglezes na India, Tippto Sahib, o ultimo rajah ou nababo do Mysore.

Difficil foi ao governo de Jorge II attender aos pedidos dos candidatos á viagem á China: tantos se apresentaram. Basta dizer que se precisou fazer rigorosa escolha entre officiaes do *Lion*, o navio do embaixador, chegando até a embarcarem, como simples fuzileiros navaes, numerosos rapazes da primeira nobreza do Reino Unido, não contemplados na embaixada. Tal a curiosidade por ella despertada.

Desenhistas, medicos, secretarios, sabios, naturalistas, operarios, musicos, mecanicos compunham o brilhante sequito do ministro.

Mais difficil foi ainda, porém, descobrir interprete chinez, prova de quanto, em fins do seculo XVIII, se frequentavam pouquissimo os mundos occidental e oriental.

Recorreu o Governo inglez ás potencias catholicas e até, apesar de herege, ao Summo Pontifice para lhe arranjar algum missionario vindo da China.

Partiu sir George Staunton para o continente; em Paris, só havia um homem que estivera na China; um padre que lhe confessou achar-se muito esquecido da lingua dos celestes. Na Italia nada, até no Vaticano já não existiam os letrados chinezes de outróra.

Afinal, graças ao cardeal Antonelli, arranjou o diplomata, num collegio de Napoles, dous rapazes chine-

zes, convertidos, que se preparavam para missionarios no proprio paiz.

Foi muito custoso obter a licença para os levar a Londres. Enfim, graças a sir William Hamilton, embaixador, e marido complacentissimo da celeberrima Emma Lyons, amante do grande Nelson — entre mil e uma aventuras — obtidos os dous chinezes, diziamos, sabedores do italiano e do latim, foram levados á Inglaterra, onde deram preciosos conselhos ao embaixador.

Assim, graças a elles, para o *Lion* se transportaram numerosissimos caixotes cheios dos mais ricos presentes destinados ao imperador da China, aos principes e mandarins, sobretudo modelos de machinas de toda a especie.

Em 26 de Setembro de 1792, partiu lord Macartney de Portsmouth, com um sequito de nada menos de cem caudatarios, exclusive criados, guardas do piquete e soldados.

Levava credenciaes para os imperadores da China e do Japão e ao rei da Cochinchina. Ao *Lion* acompanhavam outro vaso de guerra, o *Industan*, e um bri-gue cargueiro, o *Jackall*. Era a capitanea, bello e grande vaso de alto bordo, um dos melhores de Sua Magestade Britannica. Commandava-o um baronete, sir Erasmus Gower.

Desta embaixada ha curiosa relação, frequentemente reimpressa e devida á pena do secretario, sir George Staunton. Tambem sobre ella escreveu um allemão erudito, mestre do filho de Staunton, certo sr. Hüttner.

Traçara-se o itinerario da esquadra pelo Atlantico e o Indico. Sahida de Portsmouth, foi ter á Madeira. Acharam os Inglezes atrazadissima a população da ilha.

Do Funchal partiu para as Canarias e o Cabo Verde, cuja falta de progresso não os espantou menos.

Decidiu o commandante da esquadriha zarpar de Praia para o Rio de Janeiro e dahi para o Cabo da Boa Esperança. Nos primeiros dias de Dezembro de 1792 ancorava a divisão britannica em aguas da Guanabara.

Não gástou o autor uma só linha com os louvores do panorama guanabarino, a que parece insensível. Gaba, no emtanto, a segurança do porto fluminense e o aspecto da cidade, de ruas rectas, bem calçadas, onde as casas em pedra de talha abundavam.

O caes de desembarque, achou-o soberbo, assim como o grande aqueducto da Carioca.

Soldados de Policia montavam guarda ás fontes publicas, regularizando o serviço da tomada d'agua. Real prosperidade, sinão opulencia, da cidade, traduzia o grande numero de lojas, armazens e mercados.

Notou o diplomata, com real prazer, que nas montanhas dos negocios só quasi se viam objectos de manufactura ingleza, "o que faz com que se diga, repara maliciosamente, que a riqueza de Portugal e suas colonias se converte quasi exclusivamente em beneficio da Inglaterra. E no emtanto os numerosos navios encontrados na travessia, sempre portuguezes, mostravam que o Atlantico Sul, limitado pelo Brasil e por Angola, era como um lago lusitano".

Rodeado de altas montanhas e espessas florestas, nada salubre se mostrava o Rio de Janeiro, onde a circulação do ar era interceptada, e as manhãs e as tardes occorriam necessariamente humidas. Si a isto se ajuntasse a agua estagnada dos mangues vizinhos, não seria difficil descobrir a causa das febres putridas e intermitentes alli reinantes. A horrivel elephantiasse tambem occorria frequente.

E as nuvens de mosquitos e mutucas? Como atormentavam os estrangeiros!

Peor ainda do que elles, pretende sir George Staunton, o ruido insupportavel dos vehiculos da cidade, á noite, e a tal proposito cita um dito de duvidosa graça (?) de lord Kaims: "Fabricam os Portuguezes as rodas dos seus carros como si pelo barulho percuciente e atordoador que fazem pudessem enxotar o espirito maligno".

Tres conventos masculinos e dous femininos havia no Rio de Janeiro, mas sem a austeridade delles requerida, pretende o reparador: "outróra, os frades incumbiam-se especialmente da conversão dos indios; hoje renunciaram á empresa, abandonando tal gloria a meia duzia de missionarios Italianos".

"As freiras do Rio, accrescenta, recebem com muita affabilidade a visita dos estrangeiros, que se apresentam em frente ás suas grades. Não são comtudo os escriptos dos philosophos que no Brasil perverteram os frades. Taes obras não estão traduzidas em sua lingua e raros Portuguezes conhecem algum idioma além do proprio".

Só havia então duas livrarias no Rio de Janeiro, limitando-se a vender livros de Medicina e Religião.

Todas as practicas do culto externo, multiplas aliás, eram rigorosamente observadas na cidade.

"A todas as horas do dia o som dos sinos e mesmo ás vezes a detonação dos foguetes annunciam a celebração de alguma solennidade. Procissões enchem as ruas, após o pôr do sol. Em todas as esquinas em nichos envidraçados vêem-se imagens da Virgem Maria, a quem os transeuntes nunca deixam de testemunhar veneração".

Sabedores de que nos navios inglezes vinham dous sacerdotes catholicos, os chins interpretes, convidaram-n'os os benedictinos a que se hospedassem em sua abbadia, demonstração cordial que o viajante inglez louva aos bons religiosos.

Facto curioso e sensacional: os mecanicos inglezes açharam engenhosissimos os moinhos brasileiros, apesar da extrema simplicidade: a arvore da roda motriz atravessava a primeira mó, que era jazente, e fazia gyrar a mó movente, no centro da qual se implantava.

“Assim, observa o diplomata, com uma só roda se produz o mesmo resultado o que geralmente se consegue com machinas muito complicadas e de dispendiosa factura”.

Recebidos com extrema cortezia, o embaixador e as pessoas gradas da embaixada, pelo vice-rei conde de Resende, foi-lhes concedida uma serie de privilegios que geralmente não obtinham os estrangeiros. Assim o vice-rei lhes forneceu a propria galeota para a visita da bahia, e os encheu de gentilezas.

II

A alegria dos cariocas — Bôa opinião da honorabilidade feminina e má dos costumes masculinos — O Passeio Publico e seus divertimentos — Cousas do trafico — Um naturalista fluminense — Transformações sociaes no Brasil — Entrada das idéas novas.

Declara sir George Staunton “que todas as classes da sociedade fluminense têm um pendor fortemente pronunciado para a alegria e os prazeres”. Vê-se pois que a tão apregoada queda dos Cariocas pela jovialidade e a despreocupação contam fundas raizes atavicas.

Assim, já em 1792, poudo o diplomata inglez, apesar da feição colonial tediosa, apanhar um traço característico da vida do Rio de Janeiro.

“Os homens do povo vestem-se com um poncho ou manto, narra elle; a gente da classe média ou de alta posição nunca sahe sem a espada á ilharga. As senhoras, sempre sem chapéo, mostram longas tranças ornadas de fitas e flores. Os olhos ternos, tem-n’os negros e vivos, e a physionomia summamente expressiva. A’ tarde, estão todas á janella ou á sacada; amando a musica apaixonadamente, tocam em geral cravo ou guitarra.

Si por acaso algum estrangeiro se detem á rua para ouvir a musica, não raro vem o pae ou algum irmão da executante convida-lo delicadamente a que entre.

Frequentemente, tambem, trocam as damas os seus ramalhetes com os dos cavalheiros, que lhes passam sob as janellas”.

Entretanto, repara o diplomata, raras as Brasileiras que davam azo á maledicencia. Infelizmente, o mesmo se não podia dizer dos costumes da parte masculina da população fluminense.

A comedia, a opera, os bailes a fantasia figuravam na lista dos prazeres innocentes, summamente apreciados pelos cariocas de ambos os sexos.

Góstou muito sir G. Staunton do Passeio Publico, lindo local á beira-mar, ornado de gramados, aléas, caramancheis, bosques de arbustos e arvores cheias de flores, jasmims e plantas olorosas.

Da fonte do Mestre Valentim trouxe boa impressão; achou-lhe os crocodilos e passaros de bronze de delicada factura esculptural. E ainda mais: um mamoeiro, cujas folhas de cobre lhe inspiraram reflexão bem “ingenua” — sejamos indulgentes; — “Para que

tanta arte e tanta despesa em representar uma arvore de rapido crescimento?" (sic!).

Gabou ainda o terraço de granito com os seus dous pavilhões estivaes, em cujas paredes notou uma série de quadros relativos a assumptos brasileiros: a pesca da baleia, a mineração do ouro e dos diamantes, a colheita da canna e a fabricação do assucar, a colheita e a preparação da cochonilha, a cultura do café, do arroz, da mandioca, do anil, a representação, em plumas e conchas, de peixes e aves do paiz, etc.

Na cidade houvéra, outróra, um jardim botanico; mas estava na occasião convertido em manufactura de cochonilha.

Era o Passeio Publico o ponto de encontro do *high-life* fluminense. *Quantum mutatus* . . .

Após o passeio, iam as familias cear em pequenos gabinetes reservados. Havia quasi sempre concertos ao ar livre ou fógos de artificio, circumstancia que ainda acrescentava novo encanto ao prazer da refeição.

Através do commedimento e da frieza do seu estylo, vê-se quanto impressionou agradavelmente ao diplomata inglez a feição da vida carioca, cheia de alegria, communicatividade e singeleza.

As tristes scenas do trafico de africanos deixaram-no pouco commovido. Visitou os lobregos trapiches do Vallongo, deposito da mercadoria negra; alli se lavavam os africanos recémvindos, esfregando-se-lhes a pelle com banha ou oleo para se lhes mascararem as molestias ou defeitos. Vinte mil escravos entravam annualmente no Brasil. Só no Rio de Janeiro se vendiam cinco mil ao preço médio de 28 esterlinos, preço elevadissimo, attendendo á capacidade acquisitiva da moeda, no tempo.

Pareceram-lhe os africanos naturalmente alegres e animados. Resignavam-se admiravelmente á sua dura

sorte, tratando de aproveitar o mais possível os prazeres a seu alcance.

Os cocheiros de praça da cidade eram quasi sempre negros, e nos momentos de descanso viam-se os da boléa tocar violão.

Engana-se sir G. Staunton no computo da população do Brasil, dando-lhe só 800.000 habitantes, dos quaes 200.000 brancos e 600.000 escravos de varias côres. No Rio de Janeiro, pretende que sobre 40.000 habitantes só havia 3.000 brancos. Ora, tem-se como fóra de duvida que em 1808 tinha o paiz perto de dous milhões de almas, e o Rio de Janeiro 80.000. E' pois inaceitavel que em dezeseis annos houvesse a população brasileira augmentado duas vezes e meia.

Como prova de benevolencia para com os escravos, diz o escriptor inglez que os senhores lhes concediam dous dias de liberdade por semana, quando nas Antilhas, quando muito, lhes davam um.

Impressionou-o muito a já profunda mestiçagem de brancos e negros, que se operava nos habitantes do Brasil.

Só a Côroa fazia trabalhar nas minas de diamantes dez mil captivos. Nos conventos havia tambem muita escravaria. O de S. Bento possuia mil em suas fazendas.

Os botanicos inglezes da embaixada extasiaram-se com o aspecto da floresta fluminense, onde a cada passo encontravam numerosas plantas desconhecidas. Refere-se Staunton aos trabalhos de frei Velloso, o patriarcha da nossa Botanica: "um franciscano brasileiro não tardará em publicar uma descripção sob o titulo de *Flora Fluminense*".

Uma cousa que muito interessou aos scientists britannicos foi a ipecacuanha, cujos caracteristicos lhes eram totalmente desconhecidos.

Não sabiam como collocar a planta, em que classe, genero e especie. A pedido de um dos membros da embaixada, veio uma raiz de poaia, mas sem flores e sementes, trazendo apenas folhas longas e pontudas. Assim, nada se poude adeantar para a solução do problema.

Residia no Rio um naturalista possuidor de bella collecção de passaros e insectos, onde se destacava a *anhinga* ou palamedea, ave rarissima, armada de apophyses osseas nas asas e de um chifre de seis pollegadas. Tratava-se, com certeza, da anhumá.

Quizeram os Inglezes percorrer uma floresta; voltaram enthusiasmados com o tamanho e o colorido de varias flores e a roupagem magnifica das aves.

Infelizmente, relata o narrador, por toda a parte pullulavam as serpentes, algumas enormes e perigosissimas. "Por felicidade, accrescenta o diplomata, numa nota de authenticidade bem pouco respeitavel: "póde-se evita-las pelos silvos que emittem quando alguém dellas se approxima. Raramente se lançam sobre o homem quando não provocadas".

Um encanto a excursão á Tijuca, que o autor transforma em Tijonca. Que belleza e frescura e limpidez das aguas! e que spectaculo lindissimo o da Cascatinha, alguns annos mais tarde chamada Taunay! Nas terras ferteis do valle admiravam-se, lado a lado, o anil e o café, o cacáu e a canna, a mandioca, as laranjeiras e os limoeiros, tudo a vicejar admiravelmente.

Prosperissima, diz sir George Staunton, a situação financeira do Brasil, cujas exportações superavam, de muito, as importações.

São interessantes as considerações que, sôbre o estado dos espiritos no Rio de Janeiro e a feição das cousas politicas soube apanhar, muito accetaveis sobretudo para quem tão pouco conviveu com os Brasileiros, quinze dias apenas.

Depois de se referir favoravelmente á acção do marquez de Pombal no Brasil, que libertára de exacções, conta que, sob d. Maria I, a tendencia visava restabelecer, mais pesado ainda, o jugo antigo.

“Mas já não era mais tempo. Diziam altamente os Brasileiros que o seu paiz devia ser o centro da monarchia lusitana e lembravam que por um triz, em 1761, estivera dom José I a embarcar para o Brasil, ante a ameaça da invasão hespanhola.

Extorquia a Corôa aos Brasileiros sommas exorbitantes, direitos enormes, sôbre mercadorias e generos. Nada mais oppressor e vexatorio do que o quinto do ouro e o privilegio realengo diamantino! E que impostos formidaveis os de transito pelo interior do paiz. Dez shillings por uma garrafa de vinho do Porto, em alguns logares; cobravam-se os direitos de barreira enormes!

Aos fluminenses sobremodo irritava a prohibição de lavrarem o ouro. Assim não admirava que se houvesse tramado a conjuração mineira, cujo desfecho ainda era tão recente, com o supplicio de Tiradentes e o degredo de officiaes e ecclesiasticos para Africa.

Os nobres Brasileiros, affirma G. Staunton, já não mostram mais, para o commercio e as manufacturas, a mesma repugnancia de outróra. Chegam mesmo a accusar o governo de mover opposição ao seu projecto de fundação de usinas.

Enfim, notou claramente o diplomata muita irritação e acrimonia dos Brasileiros, contra o governo luso. “O grande interesse com que acompanham a revolução

franceza faz-me presagiar que não estão longe de lhe seguirem o exemplo”.

Enganava-se o illustre viajante na contagem do tempo, mas a sua finura fizera com que discernisse — apesar das difficuldades oriundas da sua posição official e da diversidade de linguas — um estado de alma, cuja revelação bem lhe faz honra á suspicacidade e agudeza de espirito.

E não esqueçamos que a sua observação é contemporanea do supplicio de Tiradentes, reflectindo a impressão deixada na alma brasileira pelo supplicio do protomartyr mineiro.

Dez mil soldados guarneciam o Rio, cujas defesas não sendo das mais consideraveis apresentavam comtudo uma série de numerosos pontos fortificados. Muito embóra pudesse a cidade ser tomada pelo inimigo, difficil seria que este nella conseguisse manter-se.

A 17 de Dezembro de 1792, zarpava a esquadra ingleza para o cabo da Bôa Esperança; á sahida da barra, por um triz não se perde o *Lion*, sobre uns escolhos. “Acabou a nossa viagem”, chegou a exclamar um dos officiaes. Felizmente nada de grave aconteceu; uma ancora providencialmente lançada salvou o navio.

E assim terminou a curta permanencia da embaixada de lord Macartney em terras e aguas brasileiras.

VICTOR JACQUEMENTO

(1828)

I

A fama merecida deste illustre naturalista e escriptor — Rapido escorço biographico — Vinda ao Rio de Janeiro — Primeiras e penosas impressões — Jacquemont e Saint-Hilaire.

Diz uma pilheria popular em França que certo viajante inglez do seculo XVIII, havendo estado em Amiens uma unica noite e altercado muito com a dona do hotel, a proposito da conta, notou ao partir, no seu Diario: "Todas as mulheres de Amiens são grosseirissimas e ruivas".

E' esta a anedocta que nos acode á memoria ao terminar a leitura das poucas paginas em que o illustre viajante Victor Jacquemont descreve as impressões de uma estada accidental de tres semanas no Rio de Janeiro, em fins de 1828. Quasi desconhecida entre nós é, geralmente, a apreciação que de nossa capital e dos costumes e instituições brasileiras fez o itinerante francez, cujo nome figura na resenha dos mais celebres naturalistas das primeiras decadas do seculo XIX e dos antigos exploradores da India.

Jamais tivemos em livro brasileiro ou portuguez o ensejo de ler-lhe uma referencia relembadora da personalidade e da obra.

Nascido em Paris no anno de 1801, talento de primeira agua e precocissimo, vivendo em relações estrei-

tas com os maiores naturalistas de França, como Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, encarregou-o em 1828 o Museu de Historia Natural de Paris de colleccionar no Hindostão. Já nesta época eram-lhe muito extensos os conhecimentos de Zoologia, Botanica, Geologia e Mineralogia.

A Chimica tambem, muito a estudara, havendo longamente trabalhado com Thenard, de quem se vira forçado a afastar-se, após um accidente de laboratorio, em que gravemente compromettera a saude. A tanto se ajunte ainda que tinha a mais notavel veia polyglotta.

Convidado por La Fayette, amigo de seus paes, a passar algum tempo em sua companhia, conviveu bastante com o illustre paladino da liberdade americana...

Aconteceu-lhe, aos vinte e cinco annos, apaixonar-se doida, perdidamente, por uma mulher "a quem não podia amar sem crime", diz um dos seus biographos.

Vendo-o desvairado, fe-lo o irmão embarcar para a America do Norte. Percorreu detidamente os Estados Unidos, cujas instituições o deslumbraram, e a ilha de S. Domingos, extasiando-lhe então, a ardente alma, as bellezas inter-tropicaes.

Obtivera-lhe neste interim o irmão a commissão da India e mandara-o chamar. A 26 de Agosto de 1828 partia de Brest, em pequeno navio de guerra francez destinado a Pondichery. As exigencias da navegação a vela levaram-no ao Rio de Janeiro. Tocou ainda no Cabo da Bôa Esperança, e, em Maio de 1829, chegava a Calcutá.

Ultra-mesquinhos eram os recursos que o Museu parisiense lhe fornecia — quinhentos francos mensaes apenas. Acolheu-o o vice-rei da India, lord Bentinck do modo mais generoso. Como falasse admiravelmente o inglez, fosse fervente admirador de quanto era britan-

nico e a todos impressionasse a sua intelligencia, por toda a parte recebeu o mesmo acolhimento das autoridades inglezas.

Pondo-se activamente a estudar as linguas hindostanicas, dentro de seis mezes encetava Jacquemont as suas longas excursões pela peninsula indica, chegando a explorar e colleccionar no Himalaya e a penetrar no Thibet e Tartaria chinesa. Captivos de seus modos, trataram-no os potentados indianos regiamente: o grão mogol, em Delhi, e sobretudo, os rajahs de Lahore e Cachemir.

Já nesta ultima cidade, em 1831, sentiu o viajante francez que as forças se lhe esvaíam. Uma infecção paludica lhe minava profunda e rapidamente a saude. Melhorou contudo, subindo ás altas montanhas do Cachemir. Julgando-se curado, deixou-se arrastar pelo ardor scientifico e intentou explorar os pantanos da ilha de Salcette.

Teve gravissima recahida, de onde lhe sobreveio um abcesso de figado, que o matou em Bombaim, aos trinta annos de idade, a 7 de Dezembro de 1832, apesar do carinho com que o trataram e acompanharam inglezes e indianos e os melhores clinicos britannicos da cidade.

Não é só como sabio que Jacquemont se tornou celebre. Adquiriu, *post mortem*, merecida reputação como escriptor, dotado das mais raras qualidades de elegancia e pureza de estylo.

O seu *Diario de viagem*, publicado em edição luxuosa por ordem do governo francez, em 1841, sob os auspicios de Guizot e de um grupo de sabios, seus collegas e admiradores, é tido como verdadeiro monumento litterario. Entre os seus ferventes admiradores, contou o grande autor da *Carmen*, da *Chronica do reinado*

de Carlos IX e outras obras primas. Tanto o admirava Merimée, que, em 1867, promoveu a publicação de sua correspondencia intima.

Taes, em largos traços, os principaes dados biographicos do notavel e inditoso naturalista francez, cuja passagem pelo Rio de Janeiro nos leva a estes despreziosos commentarios de suas apreciações e conclusões sobre nossa terra e a nossa gente de antanho.

✧ Procurando, com imparcialidade e isenção de animo, julgar o criterio das observações de Jacquemont, pelo que escreveu ácerca da capital brasileira, é-nos impossivel deixar de taxa-lo de leviandade e precipitação deductiva.

Si algumas cousas disse perfeitamente exactas, deixou-se arrastar pela tendencia a generalisar, tão frequente entre viajantes e tão funesta á sua autoridade. E' que, com o decorrer dos annos, se lhes reduzem as affirmativas ás proporções reaes, impostas pela verdade e pelo tempo.

Escreveu o naturalista a mais acerba diatribe contra os Brasileiros; bastaram-lhe tres semanas para delles dizer o que o Mafoma da chapa classica e archisecular, etc.

Mostrou-se, a nosso respeito, o sectario da maxima virgiliana do *ab uno disce omnes*, essa synthese dos sentimentos precipitados, preconcebidos, apaixonados, cégos á voz da justiça, fugidios á instigação do exame das cousas. . .

Escreveu *ab irato* o moço naturalista, impressionado com o realmente hediondo espectaculo do trafico de escravos, sentindo quiçá ainda latente a incestuosa e desvairada paixão, e além de tudo, movido pelas instigações de um espirito impulsivamente violento, doentamente sentimental. Dahi o fel da sua objurgatoria

contra os Brasileiros e suas instituições, fructo das observações de vinte dias, não o esqueçamos.

Que differença de taes apreciações com as do equilibrado, justo, moderado, imparcial Saint-Hilaire, julgando o Brasil e os brasileiros — após um contacto intimo, e sem solução de continuidade, de longos annos — escrevendo sôbre a nossa terra, escoado um largo lapso de meditação e reconcentramento intimo.

Si duras criticas por vezes lhes faz, quanto tambem não lhes exalta as qualidades aos habitantes da longinqua região meridional, pelo seu compatriota tão acerbamente maltratados!

A duas causas principaes prende-se, a nosso vêr, o pessimismo de Jacquemont: ao estado d'alma e á contemplação das repugnantissimas scenas do trafico africano, realmente repulsivas para um coração bem formado.

Deslumbrado pela natureza guanabarina, irrita-o contudo, desde o dia da chegada, 28 de Outubro de 1828, a inconstancia do tempo que lhe traz uma série de dias encobertos, feios e de chuva. Já isto o predis põe mal.

Impressiona-o o tamanho do Rio, que nunca julgara tão grande, mas — no que tinha aliás carradas de razão — causa-lhe verdadeira nausea a immundicie da cidade.

Nada mais pobre que sua construcção anarchitectural: casas pequenas, baixas, de sordido aspecto, ausencia de edificios publicos, não passando o proprio Palacio Imperial de vasto casarão, muito mal mantido e sujo.

Das egrejas apenas vê a mesquinhez das dimensões. Nas praças publicas, aliás de grande área, a ausencia absoluta de arborisação: nas ruas, regulares no emtanto,

a estreiteza e o detestavel calçamento. “Tudo isto é horrivelmente sujo”.

E a população? Que espectáculo degradante offerece! Havendo desembarcado á noite, encontrou as vias publicas repletas de negros semi-nús, quando muito cobertos de repulsivos andrajos, ou fardados, mulatos e brancos. Toda esta gente, faunivaga, perambulava impellida pelo instincto da crapulice. “Jamais tivera o desgosto de me avistar com tão abjecta, indecente e ignòbil população”, nota.

“Negros bebados caminham pelo centro das ruas, psalmodiando selvagens e monotonas melopéas africanas. Si acaso esbarram em algum branco, apanham logo pancada: dahi decorrem scenas de violencia, gritos e ás vezes homicidios. Acóde a policia, commandada por um negro bronco, quiçá ébrio tambem, a deliberar se deve ou não effectuar prisões. No meio do tumulto, surge um carro puxado por dous cavallos, conduzido por um sóta e precedido de batedor, que traz um archote. Chega á disparada pelas ruas atravancadas, onde de outro lado desemboca uma patrulha de cavalleiros voltando a quartel e cujos cavallos, a todo instante escapam de pranchear sóbre a calçada desigual”.

E fica tudo por isto mesmo. . . Taes as scenas habituaes das ruas fluminenses e taes as primeiras sensações de contacto do naturalista francez com a população da muito heroica e leal cidade sebastianense, por elle avaliada em 150.000 almas, das quaes cem mil escravos pretos e apenas vinte mil brancos, si é que realmente attingiam estes a esta cifra elevada. Compunha-se o resto de mulatos, livres e escravos,

II

Propheta de mau agouro e falho — D. Pedro I e os Brasileiros — Insolencia imperial — A aristocracia do Primeiro Imperio — Nullidade, subserviencia e desbrio — Trafico da honra conjugal — Erotismo exaltado do monarcha — Injustiça vehemente — Parcialidade vergonhosa do reparador — Suas opiniões officiaes e seus desabafos intimos — Divergências que o desabonam.

Torna-se hoje interessante verificar o que sobre o Brasil e os brasileiros, nas tres rapidas semanas passadas em sua capital, atreveu-se Jacquemont, com a mais deploravel, leviana e precipitada mania generalizadora, a escrever. Vinte ou trinta paginas que constituem tremenda verrina. . . Abalançou-se a dogmatisar os mais sombrios prognosticos sobre o futuro do paiz, predizendo-lhe a sorte do Haiti, a fatal desagregação, o extermínio dos brancos e a mais que provavel recolonização pelas potencias europeas.

E nós outros em 1922 a sorrir lhe lemos os tremendos vaticinios. Foi o notavel naturalista o mais desastrado nostradamus em materia de Sociologia.

Violentissima a diatribe com que enceta a sua apresentação da Côrte Imperial brasileira e dos brancos — ou, no seu dizer pseudo brancos — minoria insignificante dos habitantes do Rio de Janeiro.

“Os brancos são portuguezes, geralmente pequenos, azeitoados, de um physico miseravel. Em muitos delles, cujos traços fazem com que se lhes torne suspeita a origem, trahe-se o typo negro.

O imperador dom Pedro chama-lhes macacos. Este insulto grosseiro é o mais merecido. Nos Brasileiros muito ha dos simios. Muito têm de macaco, por dentro e por fóra,

Algumas centenas, tres ou quatro centenas dentre elles, são marquezes, viscondes, barões, cobertos de veneras e fitões. E desde a idade de 15 a 16 annos vivem com grande fausto externo e sem opulencia em casa.

Não andam a pé, só jogam grosso, usam brilhantes, roupas tão luxuosas quanto o permitem as modas europeas, que á risca acompanham e, com maior ou menor resultado, affectam os ares imponentes da côrte ou as attitudes tediosas, displicentes dos dandys de Regent's Street ou do balcão do Theatro dos Italianos. Eis ahi a aristocracia indigena, a materia prima dos estadistas do Brasil. E quasi são só estes Brasileiros os que vão á Europa”.

“Vive esta gente da renda das terras que possui perto ou longe do Rio, cultivadas por escravos continuamente renovados segundo as exigencias da cultura. A monarchia constitucional de dom Pedro é tambem a razão primordial da existencia de varios destes individuos que num regime politico equitativo penosamente conseguiriam o ganha-pão, emquanto aqui se acham muito largamente retribuidos, sob diversas rubricas e para a maior gloria do Imperio”.

Já ahi começa o verberador das instituições brasileiras a claudicar seriamente. Não só o minguidissimo orçamento nacional não permittia taes larguezas, como as retribuições de funcionarios do Imperio foram sempre as mais modestas.

Outra inverdade e grave: os titulos outhorgados por Pedro I não chegaram a cem!

“Este povo de graúdos, continúa Jacquemont, habita chacaras encantadoras dos arredores da capital e vem todas as manhãs á cidade a desempenhar os altos cargos de que se acha investido”.

“Mal está a maioria — em condições de apontar as pennas com que escreve, ou apenas disto cuida; mas refestelados todos, no fundo de seus coches, dão-se ares de absortos em profundas cogitações.

Um negro de libré e botas geralmente os vehicula”.

E assim, em duas pennadas, julgava o viajante demoralisar os titulares e os estadistas do sr. dom Pedro I, reduzindo-lhes a zero o merito e zurzindo-lhes a empanha e pretenção.

Isto posto, passou á gente menos graúda que as taes excellencias. “Os brancos, de categoria inferior a estes privilegiados, pertencem ao fôro, são medicos, professores, do que ridiculamente aqui chamam o ensino superior, ou funcionarios graduados da administração. Esta classe que mais ou menos se aproxima da antiga burguezia de França tambem fornece alguns negociantes. As commendas lhes chovem como as grã cruces aos aristocratas; não ha funcionario publico que não tenha varias condecorações”.

Não deixa este ultimo reparo de ser exacto; ás mancheias distribuiu Pedro I as veneras de suas ordens, e bastante sem discernimento, muitas vezes. Aliás a tanto se via mais ou menos forçado para premiar numerosos servidores, a quem não podia dar emprego, e ainda menos dinheiro, e tudo isto, note-se, numa época agitadissima como a do seu curto reinado.

Logo depois incorre o azedo critico numa cinca decorrente da confusão das cousas hespanholas e portuguezas, tão decorrente entre os Europeus do norte que se mettem a escrever de afogadilho sôbre assumptos ibericos.

“Ignoro si no Brasil o “dom” implica a traducção da nobreza daquelle que o usa, mas parece-me que aqui

todos o arvoram. Aliás estão todos perfeitamente aptos a serem feitos viscondes, marquezes, officiaes do Paço.

Recompensa o imperador com taes titulos e as honras a elles inherentes, os serviços administrativos que podem ter prestado ou a complacencia para com a pessoa do monarcha”.

Ahi, descambando para o terreno da reedição de calumnias, traçou Jacquemont algumas linhas sobremodo falsas.

“Por exemplo aquelles que lhe entregam as mulheres legitimas, arranjam-lhe amantes, dão-lhe sociedade em seus amores ou lh’os cedem de todo, esses a tudo conseguem chegar. Sob este ponto de vista são as velhas tradições monarchicas todo poderosas no Brasil. Cada homem tem na sua baixeza uma ensáncha de fortuna, que o acaso pôde fazer fructificar.

Basta para tanto que o soberano o escolha para desposar uma rapariga, grávida de Sua Majestade, ou para traficar com o preço da mulher, comprando-lh’a, ou antes, alugando-lh’a.

Estas promoções de burguezes que o Imperador, de tempos a tempos, eleva ás altas distincções do Imperio, entre elles mantêm grande emulação para o servirem, e, entre os mais vis, bastante amor a uma ordem de cousas, que lhes pôde redundar em brilhantes vantagens”.

Assim, segundo o depoimento do naturalista parisiense, vivia d. Pedro I a fazer da administração pública, e de sua Côrte, os serventuarios do seu serralho.

Não ha quem ouse defender a moralidade dos costumes do nosso primeiro imperador, cuja chronica escandalosa, apesar do pouco que viveu, equivale ou talvez se avante a dos mais desbragados monarchas de antanho,

Há, porém, nas afirmações de Jacquemont uma serie de inverdades e injustiças clamorosas. Para começar, deixou-se certamente influir por algum detractor acerbo do monarcha. Ainda o não avistára e no emtanto já annunciava em carta ao pae: "Vou esta noite vêr um animal extremamente raro na America: um imperador. Assistirei ao mesmo tempo a uma representação da *Italiana in Algeri*, na Opera, o que me proporcionará o ensejo de me avistar com aquelle habil moço de estrebearia".

E noutra carta a um amigo, o sr. de Mareste, relatava que o monarcha não perdia um só espectáculo, não por causa da musica, mas pelo bailado ou, antes, pelas bailarinas. "Alli está sempre, porque, além das modistas francezas da rua do Ouvidor, ainda se offerece todas as dansarinas, coristas e comparsas, e apenas lhes paga o que valem: dez e vinte francos".

Depois do trabalho exhaustivo de Alberto Rangel sôbre tal assumpto, em seu monumental *D. Pedro I e a Marquessa de Santos*, acha-se reconstituída a vida galante do principe, do grande amoroso que foi o pae do rigido Pedro II, herdeiro das virtudes e qualidades de sua excelsa Mãe, a austera e infeliz esposa do inflamabilissimo Rei Soldado.

As aventuras de Pedro I, no Brasil, tiveram por alvo, geralmente, pessoas de baixa esphera e modesta condição. Vivia a propria marquessa de Santos desde muito separada do marido: Na côrte imperial a unica aventura documentada de d. Pedro I é a da baroneza de Sorocaba e esta irmã da marquessa de Santos.

Refere-se vagamente Mello Moraes a uma marquessa, esposa de um ministro de estado, nas mesmas condições,

A quem lêr o sexto capítulo da obra de Rangel, — “No collo de Eros”, — acudirá provavelmente a convicção de quanto exaggerou Jacquemont as proezas imperiaes e a torpeza por elle attribuida, largamente, aos aulicos brasileiros, bando dos mais vis capachos, traficantes da honra conjugal ou dos sentimentos do ciume. Quem foi esse que assim agindo, conseguiu as vantagens da posição, e pecuniarias, a que allude o viajante?

Nem á familia da favorita absolutamente se applica a situação por elle imaginada, demonstrou-o Rangel cabalmente, com irretorquível precisão. Pequenas vantagens auferiu da situação de favorita imperial.

Ha, porém, nas palavras de Jacquemont sôbre o desregramento de Pedro I, e a falta de brio attribuido aos seus cortezãos e servidores, uma dubieza que o não abona certamente.

Sinão vejamos. Esteve elle no Rio em Outubro de 1828 e não é possível que seus informantes o deixassem na ignorancia de tremendo escandalo imperial, que então justamente occorria.

E' que o *beau rôle*, em tudo isto, não cabia a franquezas...

Assim o silenciou.

Durante um eclipse da marquezia de Santos distinguira o imperante a mulher de um grande lojista da rua do Ouvidor, certo Mr. Saisset, cujos negocios iam pessimamente e cujas dividas foram pagas pelo imperial bolsinho, de onde não tardaria a sahir tambem o *quantum* para a compra de uma casa e mais “miudezas”, relata Alberto Rangel.

Enfim, por occasião da passagem de Jacquemont, as proezas da “Madama Sé Sé”, como pittorescamente escreve o bom João Loureiro, na sua preciosa “*Correspondencia*”, e sobretudo as do caprino e pacifico ma-

rido, constituíam o assumpto exacerbador da maledicencia carioca.

Com grande estardalhaço das ferraduras do piquete imperial chegava, em pleno dia a pesada traquitana de Pedro I á porta dos Saisset, della descendo o monarcha lampeiro, "sem ambages, dia claro". Como, porém, no horizonte, repontasse novamente a figura de Domitila, a 30 de Dezembro desse mesmo anno de 1828 regressava o casal "felicissimo" á Europa, havendo passado pela America com uma aventura que, além das pingues vantagens pecuniarias, tinha ainda o character de singular originalidade.

Não se esqueceria D. Pedro I de legar, da sua terça, quantiosa fatia a *Pedro de Alcantara*, filho de Madame Saisset, e a este proposito haveria o Chalaça, em 1838, de escrever ao marquez de Itanhaem: "das outras duas partes da metade da terça uma pertence ao filho de Mr. e Mme. Saisset, de Pariz, que estão anciosos para receber a sua parte" (sic).

Não é possivel que Jacquemont, nas tres semanas passadas no Rio — terrinha, cidadesinha de vinte mil brancos, como diz, e onde então havia numerosissimos Francezes, que, litteralmente, segundo conta, enchiam a rua do Ouvidor "com as suas casas de negocios elegantes fartamente illuminadas, em frente a cujas vitrinas se embasbacavam os brasileiros apinhados nos estreitos passeios e em extase ante aquellas figuras parisienses"; é impossivel que Jacquemont haja ignorado as proezas da bella Madame Saisset, e mesmo a não tenha visto.

Muito mais justo seria, pois, que se referisse em outros termos a esses pobres brasileiros incivilizados, a quem, com tamanha liberalidade, accusa de traficancia da honra.

E o que a nosso vêr é ainda mais censuravel da sua parte: ao passo que no relatorio official tão impiedosamente os zurzia — calando qualquer referencia ás aventuras da modista — particularmente, na sua correspondencia, dava aos amigos de Pariz conta da penosissima impressão causada pela avultada colonia franceza do Rio de Janeiro, de quem de tal modo se envergonhara que timbrara em se fazer passar por inglez!

E isto tanto mais, quanto por occasião de sua passagem pelo Rio de Janeiro, affirmava, verificara amargamente a insignificancia do prestigio da França no Brasil; factó que attribuia á fraqueza da sua esquadra.

“Parece-me, caro amigo, escrevia ao sr. Mareste, que a França rapidamente resvala para a desconsideração de que gozava no exterior, em 1760, pelos annos da mocidade de Alfieri. Riem-se de nós, por toda a parte, e nada mais razoavel, embora estejamos annualmente a gastar cincoenta e oito milhões com a nossa marinha e duzentos com o exercito”.

Muito maior causa de descredito, provinha, porém, da colonia franceza da capital brasileira.

“No Rio sustentamos com grande vantagem os nossos creditos de cabelleiros e mestres de dansa. A rua Vivienne da terra, que aqui se chama do Ouvidor, está apinhada de modistas, alfaiates e penteadores de Pariz. As modistas são as hetairas do mais alto cothurno” (Serve-se aliás o naturalista das mais rudes expressões, lembramo-lo de passagem, receosos de incorrer na pecha irrogada aos traductores). “Outorga-se o imperador a phantasia de as pagar quasi todas. E assim é que no Rio de Janeiro, graças a uma regra de tres summamente falsa, pensa todo o mundo que todos os francezes sejam cabelleiros e todas as francezas...” (sejamos pudicos).

Ora ante esta duplicata de expansões tão diversas, a official e a privada, não é cousa que muito honre a lealdade do viajante o furor, o encarniçamento com que aggride exclusivamente, em bordoadade de cego, o povo a quem visitava, nas paginas destinadas á publicidade e á divulgação universaes por intermedio do orgam de um instituto como o Museu de Pariz. E' que não admittia — e isto lhe não vai em louvor — a feição camoneana, no emtanto tão nobre, de quem confessava:

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.*

III

D. Pedro I e os seus processos de governo — Falsa apreciação do seu character — Corrupção e venalidade dos politicos — Parlamento ignaro — Deploravel estado das forças armadas do Brasil — Perigos que ameaçaram o paiz — Arneações de sublevação negra — Desmentido de Boesche a Jacquemont

Para um homem como Jacquemont, que tão pouco ainda havia, suffocara os impetos de furiosa paixão, dominando-a graças ás instigações do dever e da honra, não podia inspirar sympathia a feição do coroado erotico que em 1828 dirigia os destinos do Brasil.

Assim, desapiedadamente o desanca, increpa-lhe os costumes licenciosos, lembrando quanto, "sem prejuizo do pendor pelas damas da cõrte" e mil e uma passageiras pacholices, perseguia "dansarinas e comparsas do Theatro lyrico, a quem summamente apreciava, motivo pelo qual era um dos mais, sinão o mais assiduo frequentador da Opera".

Diziam-no criterioso, “apesar da vulgaridade das idéas, revelada pelas tendencias e costumes e a ausencia quasi absoluta de qualquer educação basica. Era esta falta de modos, que o levava a chamar imprudentemente aos subditos de macacos”.

Di-lo o naturalista, é bom que se o note.

Mocinho, enamorára-se infantilmente de sua obra constitucional, mostrando-se então ardente patriota brasileiro; mas este bello enthusiasmo se extinguiu. Era para conservar uma corôa, que a grandeza dos seus domínios parecia tornar sobremodo cheia de realce, que procurava zelar a integridade do Imperio”.

“Actualmente, dogmatisa o reparador das tres semanas, só governa *pro aris et focis*. Este interesse, mais que prosaico, não o impede de vêr, contudo, não só as vantagens positivas que para os seus subditos resultam da submissão a uma lei unica, e de sua união em um só corpo nacional (vantagens totalmente negativas, entende lá no seu bestunto o iracundo naturalista) — como tambem os males innumerados que os acabrunhariam desde que as provincias do Imperio formassem uma Republica federativa, *ad instar* do que succedera aos hispano-americanos”.

Na opinião de Jacquemont, estavam summamente gastos, em 1828, o prestigio e a autoridade do imperador, o que não deixa de ser verdadeiro. . . Conseguira o principe suffocar ás primeiras tentativas de desagregação do paiz, mas certamente não lhe seria possível reduzir quaesquer outras que sobreviessem, por mais debellaveis se mostrassem.

“Sentia, aliás, Pedro I que, para prolongar a existencia do Imperio e impedir-lhe o desmembramento, só podia lançar mão da politica de persuasão e neste sentido empregava todos os esforços do governo”.

Nada mais falso, para a apreciação do caracter impulsivo e violento do monarcha, do que os topicos onde o viajante francez explica as tergiversações attribuidas ao imperante, cujos ministros só os escolhia entre as pessoas do peito; do principe que, com uma duzia de palavras, encerrando as sessões da Camara dos Deputados, a despachava com a sem cerimonia de quem despede famulos; do irreductivel voluntarioso que se obstinaria em longamente manter na pasta do Imperio detestado politico, como era Silva Maia, e cuja obstinação insolente, irreductivel, proposital, preparou a tensão productora do desfecho de 7 de Abril.

Não ha mais quem se illuda sôbre os dictames que levaram Pedro I a provocar a propria abdicação. Alegria delirante trouxe-lhe ella, confirmam-no eloquentemente os depoimentos diplomaticos, ultimamente publicados. Estava farto do Brasil, e vivia sob a obsessão da vingança a tomar do odiado irmão, o usurpador do throno da filha, que, afinal, era o seu.

Entende, entretanto, Jacquemont que o Rei Soldado vivia agachado a tremer pela sorte da sua corôa, "habilmente distribuindo pastas ministeriaes aos membros em destaque do Parlamento, filiados ao partido federalista ou republicano".

Tambem nada mais cynico, avança elle, do que a rapidez com que taes democratras ardentissimos, uma vez empoleirados, se convertiam ao monarchismo absoluto. "Infelizmente, como no conselho imperial não ha tantos assentos quantas são as virtudes republicanas a amortecer, precisa o imperador, ás occultas, indemnisar em moeda sonante aquelles a quem não pôde conceder as honras do ministerio e cujas influencias e empresas poderiam tornar-se perigosas".

Depois de subscrever taes dislates e calumnias, hoje mais que nunca insubsistentes, passa o viajante a fazer a critica do parlamentarismo brasileiro.

“Nada mais ridiculo do que tal parlamento pseudo-representativo, num paiz ignorante, depravado, liberto na vespera do despotismo colonial, em que não ha nem costumes politicos nem os elementos para um governo criterioso. Aqui, eleitores elegiveis, tudo falta. Uma eleição occorreu no Rio, quando alli me achava; tratava-se de preencher a vaga de um demissionario. Escolheram-lhe um successor qualquer; a cousa se passou dentro de uma camarilha, muito pouco numerosa, a que davam o nome de assembléa eleitoral”.

Garantia a Constituição o voto a todos os livres, de qualquer côr, desde que tivessem uma certa renda; poderia ser o corpo de eleitores avultado, mas a maioria dos alistaveis abdicava de taes direitos, e só os ricos tomavam, então, algum interesse pelas cousas da Política.

Não sabendo uma palavra de portuguez, pôde, contudo, Jacquemont affirmar “que os parlamentares brasileiros da época revelavam nos debates das Camaras rara ignorancia das cousas comesinhas, que qualquer politico deve saber em qualquer paiz do mundo”.

E tão ignaros eram os monarchistas como os “federalistas”, relataram-lhe. Estes ultimos, porém, passavam por menos probos, e as boas rodas da sociedade brasileiras apreciavam muito mais os seus adversarios”.

Nada mais triste e degradante do que o aspecto das forças armadas imperiaes do Brasil, avança ainda o naturalista parisiense, escolhendo agora novo assumpto para o depreciativo prurido. Como praças de pret, quasi só negros e mulatos, recém-libertos pelo Governo, que os adquirira escravos e lhes concedera a alforria,

afim de que pudessem jurar bandeira. Felizmente, ainda tinham officialidade branca.

“Era impossivel imaginar-se cousa mais vergonhosa ou mais covarde do que tal exercito admiravelmente fardado á ingleza, mas absolutamente sem disciplina nem traquejo. Estou certo de que as tropas haitienses lhe são superiores”, avança o terrivel censor trisemana-rio.

“Alguns officiaes europeus engajaram-se ao serviço do Brasil, sobretudo italianos e francezes. Fazem-lhes mil despeitas, pois parece que inspiram desconfiança. Retêm-nos nos postos subalternos, onde as suas facul-dades se embotam e sentem-se comprimidos.

Odeiam-nos os Brasileiros, porque lhes sentem a superioridade. Consideram-nos mais juizes e censores do que amigos. Aliás pouco adeanta para a independencia do Brasil o estado de suas fôrças militares; não tem como reccar aggressões exteriores, fracos como são os vizinhos do Imperio; o perigo é todo interno, nesse innumeravel povo de negros livres e escravos, que vive submisso, geralmente, a um punhado de brancos dege-nerados, de Portuguezes covardes e fracos, cujas riquezas e privilegios constantemente cobiça.

Assim, pois, o exercito brasileiro actual — que quando muito comprehende alguns regimentos brancos, compostos de estrangeiros, empregados contra a vanta-de no serviço militar e por consequencia descontentes — ameaça terrivelmente a segurança interna do Im-perio”.

A estes conceitos violentos contrapõem-se os dos homens do officio, os dos mercenarios allemães, como Boesche, por exemplo. Apesar do horror que creára do Brasil e dos Brasileiros, pelo muito que aqui padecera e fôra desilludido de promessas, relata o hannoveriano,

com a sinceridade que lhe é peculiar, quanto era feroz a disciplina no exercito brasileiro de Pedro I, quanto esfalfante o serviço dos exercicios militares, e como as nossas tropas sabiam manobrar bem. Leia-se a descripção que da grande parada annual de 12 de Outubro traça o official germanico nos seus *Quadros alternados* . . .

Não escapou a Marinha brasileira a essa desmoralisação por atacado, emprehendida pelo famoso explorador da India. O material era bom: “dous ou tres navios de linha, navegando raramente, e varias grandes e bellas fragatas, construidas segundo os typos americana da época.

Mas que pessoal, o de bordol”, marujada internacional, canalha recolhida nos portos onde os navios brasileiros ancoravam, negros sahidos das barcas de cabotagem, ex-catraeiros, servindo á força, etc. “Quanto aos officiaes, quasi todos brasileiros, acabavam de provar no Prata como sabiam bater-se . . . mal”. “A impericia e a covardia dos estados maiores annullam completamente os resultados que se poderiam obter da composição relativamente boa das equipagens”, conclue o escriptor, para quem o *ne sutor* parece ter sido o mais desconhecido dos conceitos da sabedoria vulgar, pelo menos quando se refere ao Brasil.

IV

Horrores do trafico de Africanos — Revolta do naturalista — Odio que lhe inspiram os brasileiros — Vantagens da posição do Rio de Janeiro para o estudo da ethnographia africana — Quilombos no Corcovado — Diferença do trato dos luso-brasileiros e dos demais brancos para com os africanos e negros em geral — Insolencia dos mulatos.

Temperamento exageradamente sentimental, não podia Victor Jacquemont deixar de revoltar-se presen-

ciando as hediondas scenas do trafico de escravos africanos no Rio de Janeiro.

Foram ellas, provavelmente, ás inspiradoras da violentissima objurgatoria que, contra o povo e o governo, cumplices de taes ignominias, deixou traçada no seu *Diario de Viagem*.

Estava o commercio livre do ebano a findar: conseguiu d. Pedro I que a Inglaterra o tolerasse ainda até 1830. Rapidamente subia o preço dos escravos, apesar das enormes importações apressadamente feitas pelos negreiros.

Tão enraizada se achava no Brasil, porém a instituição servil que o naturalista não a acreditava capaz de extincção, e a este proposito escreveu uma série de conceitos como antecipação dos acontecimentos, que se dariam até 1851.

“Emquanto o Governo brasileiro não se unir sinceramente ao britannico para reprimir o trafico, por mais numerosos e activos que possam ser os cruzeiros inglezes, apenas o conseguirão perturbar, sem chegar a destrui-lo. Ora, nunca será o Governo brasileiro fiel á execução do tratado, porque, ella arrastaria a sua ruina total.

Nesta occasião em 1828, fallava-se que a entrada annual de Africanos no Rio orçava por 30.000 cabeças.

Já no dia da ancoragem do seu navio nas aguas da Guanabara tivera o viajante a mais desagradavel antevisão das scenas do captiveiro.

Grande embarcação negreira passara rente a amurada da fragata franceza. “Fizera sem duvida feliz viagem, pois vinha embandeirada como em dia de gala. Ao convéz e coberta, desde o beque da prôa até ao

mastro de mesena, apinhavam-se negros acorrentados uns aos outros e enfileirados, de modo a não atrapalhar a manobra. Todos estes desgraçados, inteiramente nus, á excepção de uma carapuça vermelha e de uma tanga de zuarte, pareciam comtudo assás alegres, vendo terra, arvores e quiçá, a esperança de um allivio proximo das suas miserias. Sôbre um passadiço, para trás da mesena, achava-se o capitão, acompanhado dos officiaes, vestido com elegancia e commandando em attitude displicente”.

Ao naturalista inspirou a maior revolta o aspecto desse negociante de carne viva. “Causou-me horror; creio que sem o minimo escrupulo lhe mandaria uma boa bala”.

Desembaraçado, quiz Jacquemont visitar o famoso e sinistro Vallongo, os trapiches, que os negreiros atulhavam de sua mercadoria humana. Naquellas vastas e sordidas casas, situadas no peor bairro da cidade, mulheres homens e crianças estavam separados. Alli passavam dias e noites, sentados sobre bancos, acorrentados, symetricamente, como meninos de escola. Rapa-vam-nos, forçavam-nos a alguns cuidados hygienicos, friccionavam-nos com unguentos mercuriaes e sulfurosos para lhes combater as dermatoses.

Duas vezes frequentou o naturalista os locaes, onde se realizavam os leilões de negros: “A tristeza estúpida, tediosa, daquelles infelizes, o espectáculo asqueroso e confrangente de suas molestias, de sua magreza hedionda, deixam-me uma impressão de horror que já mais me haviam causado os navios negreiros”.

Apesar da repulsão provocada por estas scenas de barbaria, o naturalista apaixonado que era Jacquemont não pôde eximir-se á curiosidade provocada pelo aspecto diverso daquelles Africanos.

Examinou-lhes as tatuagens, tão differentes, que a quasi todos desfiguravam horrivelmente — como essa que consistia em produzir excrescencias carnosas no rosto, em fórma de ervilha e dispostas em filas — informou-se ácerca de sua lingua, comparou-lhes os typos ethnicos, chegando á conclusão de que o Rio de Janeiro era o logar do mundo mais propicio para os estudos ethnographicos relativos á Africa Occidental.

A este proposito endereçou judiciosos conselhos aos anthropologos. Viessem ao Rio de Janeiro e tratassem de se informar com os negreiros brasileiros. “Estes homens conhecem as diversas raças de negros, como os tropeiros mais habeis distinguem as dos cavallos”.

Dos seus depoimentos tem immenso a Anthropologia a esperar. Sobretudo dos traficantes que vão ao interior para negociar com os régulos africanos carregamentos de escravos, e cuja abominavel profissão exige certamente uma grande dóse de sagacidade.

Possuem sôbre o regimen social das tribus que frequentam uma infinidade de conhecimentos, que á Europa letrada faltam por completo. Um viajante que se dedique á perigosa exploração do continente africano deve começar adquirindo todas estas informações.

Dahi do Rio de Janeiro lhe convem partir — ou de qualquer ponto da America, onde o trafico se faz intensamente — para começar sua expedição. Dalli deve prepara-la longamente pela frequentação assidua dos traficantes, o estudo prévio das diversas raças de negros escravos, encontradas, e a acquisição de seus idiomas.

Melhor nem mais util companheiro de viagem pôde ter do que algum velho traficante”.

Dava-se no Brasil o que geralmente se passava em quasi todas as terras de escravidão, e o naturalista já

em Haiti observára. Havia incomparavelmente mais escravos importados do que escravas, sendo a causa de tal desproporção o facto dos homens se venderem mais caro que as mulheres.

Na opinião do viajante francez, “a confusão e a desordem” eram duas instituições permanentes “naquella grande cidade do Rio de Janeiro”. Serviam, contudo, “para mascarar algum dos mais repulsivos aspectos da escravidão”. Já então se notavam bastantes negros e mulatos forros: alguns dos quaes ricos, varios abastados.

Si acaso não pretendiam usar dos direitos politicos, faziam-no por méra questão de relaxamento, não que o orgulho de raça dos brancos os perseguisse.

Viviam muitos dos taes libertos dos seus escravos alugados, dos seus *negros de ganho*, instituição cruel que justamente lhe inspirou a maior repulsão. Grandes bandos de escravos trabalhavam nas ruas do Rio, sob a vigilancia de feitores. “Moderados pareciam ser os castigos, raramente me affligiu o seu espectáculo; mas aquella nudez, miseria e embrutecimento de seres humanos eram cousa para profundamente entristecer a alma e a confranger”.

Um facto que ao viajante causou especie foi a fraqueza dos brancos em relação ás attitudes de egualdade e até mesmo de insolencia, que supportavam por parte de libertos negros e mulatos, circumstancia que a Francezes e Inglezes revoltava, habituados como estavam em suas colonias á sujeição dos escravos e á maxima subserviencia dos homens de côr livres.

As vantagens sociaes concedidas aos alforriados pelos brancos, do Brasil, deveriam inspirar-lhes alguma gratidão para com a raça superior.

“Porque em louvor dos Portuguezes, preciso dizer que não manifestam pela gente de côr, nem mesmo pelos escravos, negros, este desprezo, este afastamento, que, parece, no francez, e sobretudo no inglez, proceder, mais de uma repugnancia physica instinctiva, do que de um preconceito social.

Vivem os brancos das classes baixas do Brasil em pé de egualdade com os libertos de sua categoria. Não parecem — é verdade — dedicar-lhes grande estima, mas não os mantêm naquella respeitosa distancia, que nas colonias francezas os mais modestos fazendeiros conservam entre elles e os homens livres, de côr, com a confissão tacita que da inferioridade destes ultimos exigem.

Havia, porém, nessa indulgencia dos brancos brasileiros grande perigo latente, pensa o reparador. Concedidas todas as liberdades aos homens de côr para que adquirissem fortuna, haveriam de instruir-se e compenetrar-se das idéas da independencia absoluta; reclamariam brevemente a posse integral dos privilegios de que se irrogavam os detentores do poder politico.

Relataram a Jacquemont que nas fazendas o regime dos escravos era “bastante suave”. Entretanto, elevada se mantinha, entre elles, a mortalidade, apesar da grande salubridade climatica. Fugiam muitos delles para “as solidões immensas do Brasil”. Até nas florestas do Corcovado havia quilombos; si os quilombolas assim o entendessem, poderiam reduzir a capital do imperio a sêde.

Desde annos viviam na serra do Andarahy e á noite vinham saquear as chacaras da cidade e os viajantes que encontravam. Até o Imperador, indo para a cidade, como costumava fazer, acompanhado de fraca escolha, poderia, algum dia, ser capturado pelos negros fugidos.

A tal proposito, amontoando phantasias provavelmente devidas á infidelidade de algum informante imaginoso, conta Jacquemont que já por diversas vezes haviam destacamentos de infantaria procurado destruir os quilombos do Corcovado.

Em certa occasião, havendo um dos negros morto um dos soldados assaltantes, tinham os seus adversarios descido as encostas da gibosa montanha com uma velocidade mais que vellosina.

E relatando o incidente aproveita o naturalista para acrescentar mais um elemento depreciativo á sua pesada objurgatoria contra o Brasil: "Algumas esquadras de policia franceza, em poucos dias, teriam aniquilado aquelles desventurados negros, quasi todos desprovidos de meios de defesa, em condições de só poderem resistir a tropas do exercito brasileiro".

Continuando a tratar ainda dos problemas servis brasileiros, affirma Jacquemont que o numero de mulattos escravos no nosso paiz, era diminuto, ou porque aos brancos repugnasse vêr os seus bastardos no captiveiro, ou porque a mestiçagem já lhes trouxera mais intelligencia e, portanto, meios mais efficientes para a recuperação da liberdade.

Aspecto curioso offerencia no Rio de Janeiro, em 1828, o culto catholico, especialmente affecto aos negros, e servido por sacerdotes, mestiços, que os pretos preferiam aos padres brancos. Era a liturgia a mesma das demais; religião só a tinham os negros nascidos no Brasil ou transplantados na primeira infancia, porque vivia o resto entregue ao fetichismo africano, a que addicionavam algumas practicas christãs. Os senhores, de escravos, neste particular, tudo deixavam correr á revelia. "O aperfeiçoamento moral e a instrucção religiosa dos pretos eram cousas que jamais poderiam entrar na mente de um Brasileiro".

V

Abominavel administração da justiça no Brasil — Falso sentimentalismo em relação á pena de morte — Horrivel sistema penitenciario — Falta d'agua no Rio de Janeiro — Escolas superiores de charlatanice e mentira — O Theatro Imperial — Curiosas scenas de costumes — Civilização pechisbeque — A Imprensa — Violencias contra jornalistas.

Proseguindo nos reparos sôbre numerosos assumptos attinentes á vida brasileira e especialmente fluminense, extranha Jacquemont que a uma grande cidade como o Rio de Janeiro, tão admiravelmente dotada sob tantos aspectos, faltasse agua quando se achava ao sopé de grandes serras vestidas de magnificas florestas, cujos cimos viviam recobertos pelas nuvens. Raro e caro, o liquido precioso do velho chavão. Seria inacessivel ás classes pobres, si acaso houvesse uma diminuição de fornecimento, ou si os quilombolas do Corcovado se lembrassem de cortar o aqueducto da Carioca.

A administração da justiça era um dos cancrios do Brasil, affirma o viajante. Numerosissimos os crimes impunes; ao pequeno numero de culpados apprehendidos pela Policia deixava a Justiça brasileira longos annos no carcere sem julgamento.

Afinal, chegado este, davam-se absolvições em massa.

Condemnados apenas os maiores scelerados: apesar da vigencia da pena de morte, applicavam-n'a com extrema parcimonia, recorrendo os jurys ás galés perpetuas ou aos trabalhos forçados. Assim, muito raramente se dependuravam criminosos nas duas forcas do Rio, uma reservada aos brancos e outra á gente de côr.

Nada mais popularizador para um governo ou ministro do que a commutação da pena capital, pronunciada que houvesse sido contra o mais hediondo faci-

nora. E a este proposito refere o naturalista a historia provavelmente inexacta, de que durante annos se recusara d. João VI a assignar sentenças de morte. Uma unica vez confirmara o julgamento de suas justiças. Tambem se tratava de um negro que, após vários homicidios, acabara envenenando o senhor e toda a sua familia. Pois bem, fôra o dia da execução do assassino de lucto e desolação para todo o Rio de Janeiro. "Não houve irmandade nem confraria religiosa que á força deixasse de acompanhar o padecente. Milhares de missas rezaram-se por sua alma, chegando o rei a mandar dizer muitas pela mesma intenção".

Malevolamente como sempre, para com os Brasileiros, nota o viajante: "E' muito exquisito que este povo, familiarisado com o assassinio nas sombras, tanto horror demonstre ás execuções publicas".

"Nada mais pavoroso do que o regime das prisões brasileiras, avança Jacquemont, onde aliás brancos e negros vivem promiscuamente.

Nunca allí faz a administração da justiça uma distribuição de viveres.

Aos prisioneiros geralmente sustenta a caridade pública. Já é uma especie de consagração ser um individuo condemnado a galés e as pessoas devotas fazem muitas esmolas aos forçados. Entretanto, algumas vezes a fome os tortura. As molestias, oriundas da permanencia, nas prisões infectas, e da immundicie, os acabrunham e dizimam.

Assim, a pena de galés é como uma especie de sentença capital. Sómente dura o seu supplicio alguns annos em vez de terminar instantaneamente.

Os trabalhos publicos mais penosos ou mais nauseantes, proprios das grandes cidades, são no Rio de Janeiro executados pelos condemnados acorrentados

dous a dous ou em bandos. Notei-lhes no rosto uma expressão mais de tédio do que de soffrimento, observação que já me occorrera nos presidios de Brest e de Toulon”.

Inaudito era, porém, o costume, então vigente no Brasil, de se encabulharem nessas correntes de calcetas individuos não julgados ainda, ou cuja formação de culpa estava em andamento!

Desfructando uma civilização pechisbeque, diz ainda o naturalista, possuia a capital brasileira o pomposo apparatus de uma série de instituições scientificas e artisticas, como as suas congeneres europeas.

“Alli ha universidades, faculdades, academias de toda a especie, onde nada se ensina... a ninguem. A Academia Imperial de Bellas Artes, ha treze annos fundada pelo sr. Lebreton, secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes do Instituto de França, jamais fez outra cousa do que se arrastar. Os brasileiros ricos não ligam o menor apreço aos objectos de arte. Nem os percebem.

“Theatro no Rio de Janeiro digno de algum reparo só o da Opera italiana, cujos espectaculos terminam por um bailado execravel, e, no emtanto, o trecho mais apreciado da representação.

“Alli ouvi *l'Italiana in Algeri*. Tudo horrivel: orchestra, cantores, espectaculo. Parecia o público enfiar-se a valer; no emtanto estava a sala cheia, e ella é muito vasta. Seu aspecto lembra o das salas de Italia: não ha lustres e sim velas em frente a todos os camarotes.

As mulheres muito enfeitadas, os homens muito vestidos todos elles, todos os maiores de quinze annos, com o peito constellado de commendas, tomando os ares desdenhosos e exaggerados dos dandys de “Regent's

Street". Creio que tudo quanto no Rio de Janeiro passa por pertencer ás altas rodas tem camarote na Opera.

"Mostra-se o Imperador muito assiduo ao theatro, porque ás dançarinas e coristas muito aprecia, sem detrimento das damas de alto cothurno.

"Durante a representação fica a praça do Theatro apinhada das seges, em que de suas chacaras vieram os espectadores dos camarotes. Desatrelam-se as mulas, que pastam um pouco de capim poeirento, aqui e alli a crescer sôbre a praça. Os cocheiros, estes dormem pelas bo-léas. jogam ou embebedam-se.

D'ahi scenas de desordem, quando, pelas onze horas, os patrões, saindo do theatro, não encontram os carros promptos ou quando a criadagem está por demais embriagada para os conduzir, á noite, pela escuridão, ás suas residencias geralmente afastadas de uma a duas leguas.

O largo, durante a representação, toma o aspecto de um acampamento. Não ha alli menos de trezentos ou quatrocentos vehiculos e um milheiro de cavallos e bestas, além de algumas centenas de famulos negros. Tudo isto é necessario para o prazer de duas ou tres centenas de familias. Si ao menos ellas se divertissem!

"A platéa da Opera, no Rio de Janeiro, pareceu-me composta dessa classe burgueza de tez indubitavelmente branca, que aqui exerce as profissões de medico, advogado ou occupa os cargos secundarios e subalternos da administração.

"Debalde entre estes espectadores procurei pessoas de côr; ellas teriam o *direito* de alli se achar, mas é provavel fossem mal acolhidas, pois vale bem pouco, no Rio, ter alguem por si o direito legal quando pela frente encontra a opinião geral".

Nada lisonjeira, como se vê, a descripção que das recitas do Imperial Theatro de S. Pedro de Alcantara deixou o naturalista francez, desses espectaculos a que concorria, como por mero dever social, uma multidão de figurões entediados e insolentes, a começar pelo soberano, cuja feição faunesca era o principal incentivo da presença.

Pretende Jacquemont haver encontrado no Brasil pessima situação financeira. Estava o Thesouro em grandes apuros, sem credito, não conseguindo realizar emprestimos para saldar os *deficits* accumulados de diversos exercicios. Procurava o Governo remediar a situação, emittindo papel-moeda, mas o descredito da administração fizera que tal dinheiro estivesse a soffrer depreciações de quarenta por cento, até, do valor nominal. Havia tambem, em circulação, abundante moeda metallica de baixo titulo.

Vivia o governo da renda das alfandegas, sendo a administração mal organizada demais, para que comportasse a percepção de outro genero de impostos. Nada entraria então no Thesouro.

Fazedor de moeda-falsa, meditava o Estado brasileiro uma bancarrota para breve. . .

Depois de tão negro quadro das condições do paiz e dos defeitos dos seus habitantes, que haveria ainda de achar a dizer de mal o illustre futuro explorador da India?

Pois encontrou novo assumpto de reparos, tratando das condições da vida da imprensa. "A constituição do Imperio reconhecia-lhe formal liberdade; lealmente queria o imperador que assim fosse. Haviam alguns jornalistas, porém, ensaiado usar das prerogativas e franquezas que a lei lhes outorgava; a nação, porém, não o admitia, disto não sendo digna".

Ilustrando as asserções com exemplos, relata então o viajante um caso que nos parece mera historia da cá-rocha, ouvida de desleal informante.

Havendo com alguma severidade ousado criticar os actos de poderosos da côrte, já tinham varios jornalista sido assassinados no proprio foyer da Opera por pessoas da mais alta sociedade brasileira (sic).

Bem mostra a asserção que, sob os olhos de Jacquemont, jamais cahiram as nossas foliculas do primeiro imperio, energumenas na sua desabrida paixão partidaria e nada respeitando.

De tal maneira se foi exaltando o naturalista contra os Brasileiros, que confessa haverem chegado os seus sentimentos de aversão a impedir-lhe o prazer da contemplação dos panoramas da natureza guanabarina, que no emtanto classifica de estupendos; pareceu-lhe ver nos diversos recantos da bahia fluminense "um lago da Lombardia enquadado pela pesada e brilhante magnificencia da natureza equinocial".

"Raramente, porém, diz elle, esses scenarios me commovem; o que ha de tocante no espectaculo da natureza vem a ser, no recúo longinquo das sismarias que nos inspira, as imagens phantasticas da felicidade humana.

Por mais penosa que na Europa seja frequentemente a condição dos seres que vivem tão perto desta natureza, pelo menos na mocidade, prazeres ingenuos e animados lhes empolgaram as paixões e talvez lhes hajam agitado a monotona existencia. Os suaves sentimentos da paternidade devem have-los occupado mais tarde neste exercicio que compensam muitas miserias! Pode o observador, sem azedume, contemplar estes quadros da vida humana; sua melancolia jamais deixa de ter algum encanto.

Mas aqui! enquanto alguém não póde habituar-se a considerar os negros como animaes e a suffocar, em relação a elles, esta sympathy ardente inspirada por todos quantos vêm a ser os seus semelhantes, não ha si-não dôr na contemplação destes bellos locaes, onde os olhos só percebem, onde a imaginação só póde collocar estes desgraçados.

Assim a taes logares, para mim, falta a poesia. Minha imaginação jamais me fará, no futuro, visita-los novamente; estas reminiscencias, a que falta a suavidade, hão de apagar-se antes de outras mais. Nunca voltarei a sentar-me, melancolicamente, ao pé das palmeiras do Brasil!"

Era natural, pois, que, arraigada como se achava no espirito do viajante tão grande antipathia, visse elle com verdadeiro allivio zarpar o seu navio, para o Cabo da Bôa Esperança, a 18 de Novembro de 1828, após vinte e um dias passados na bahia do Rio de Janeiro.

VI

Pessimismo e precipitação — Vaticinios falhos — A infallivel desaggregação do Brasil — A fatal haitisação brasileira — Verdades e injustiças.

Sob o fluxo de morbida melancolia, aggravada pelas scenas de crueldade, a que assistira no Rio de Janeiro, fataes acompanhadoras, do commercio dos escravos, deixou-se Victor Jacquemont levar á mais violenta e por vezes infantilmente injusta diatribe contra o povo e as instituições brasileiros.

Entendeu ainda, com as suas tres semanas de observações, achar-se em condições de traçar seguro horoscopo do Brasil, e esta innocente phantasia, examinada

hoje, decorrido mais de um seculo da sua divulgação, é a segura prova de quanto a tendencia generalisadora se torna perigosa demonstração da leviandade de um escriptor, e as antecipações afoitas o melhor meio de descredito do criterio daquelles que as redigem, atabalhoada e imprudentemente.

Depois de muito, e acerbamente, criticar os Brasileiros, exclama o naturalista: "Lá isto é nação! Que futuro social e politico pôde aguardar um paiz que tem os elementos de população do Brasil? De que vale a remoção de peias áquelles que não querem mover-se? De que serve a liberdade de agir e pensar para os que não pensam nem agem?"

O governo colonial hespanhol e portuguez refreava, dizem, o desenvolvimento dos seus subditos americanos. Não seria, porém, uma indolencia aviltante o que lhes interdizia qualquer trabalho? Agora, estão os Brasileiros livres, governam-se por si; acaso haverá no paiz mais trabalho e riqueza? Não! O imperio do Brasil é industrialmente o que era a provincia colonial do Brasil e nada mais. Trocaram-se rotulos, fizeram-se modificações no inutil estado maior da sociedade; mudanças, porém, não houve; nem a menor melhoria nas existencias individuaes".

Isto é o que apontava no seu relatorio official, porque particularmente ainda mais violentamente se exprimia quando, escrevendo a um dos seus diversos correspondentes, bradava: "*c'est l'abomination de la désolation que ce Brésil!*"

Terriveis, ao seu vêr, as perspectivas que o problema racial apresentava aos Brasileiros.

"Deixavam os brancos que os individuos de côr pudessem subir na escala social e pretendiam que lhes ficassem submissos!"

D'ahi este dilemma fatal, prophetizava o sociologo das tres semanas: "As propriedades e a riqueza passarão rapidamente ás mãos dos mulatos, ou estes hão de as arrancar violentamente aos brancos. Uma vez donos do paiz, não creio que os mestiços consigam manter na escravidão os negros. Com a dominação dos brancos extinguir-se-á o pouco de ordem pública que ainda reina no paiz; com a escravidão, o pouco de trabalho que alli se executa. Só haverá anarchia e miseria.

Não será o Brasil o unico ameaçado pelo sombrio futuro que o espera. Seu destino é o de todas estas nações puramente nominaes, que acabam de avolumar a lista das associações politicas humanas, dessas sociedades coloniaes assentes sobre o sinistro principio de uma raça de homens, cuja timidez e embrutecimento permite a facilidade da sujeição, mas cujos traços distinctivos e indeleveis da organização physica lhes dão seguro prenuncio de entendimento, graças ao qual hão de um dia computar seu numero. E uma vez feito isto, esmagarão os seus senhores, tomando á força o que estes commettem o erro irreparavel de lhes não conceder gradualmente".

Assim, para Jacquemont, toda a America Latina tropical, dentro em breve, se transformaria num prolongamento do Haiti e S. Domingos. Era o caso francez das Antilhas que o impressionara e lhe inspirava o vaticinio sombrio.

Outro, não menos lobrego, foi o da desagregação do Brasil, tão rapida quanto inevitavel, annunciada pelo nosso pouco amavel visitante, com o mais topetudo dogmatismo: "O laço affectivo, que numa unica associação politica reúne as diversas provincias do Imperio, é bem fraco. Não tardará a romper-se. Desertos por demais

vastos separam os diversos nucleos brasileiros para que possam formar um unico Estado.

Não se percebe em cada uma das provincias, qual seja a vantagem de pertencer a este immenso Imperio, do qual o centro se acha ás vezes afastado de quinhentas leguas, vencidas a custo de quarenta a cincoenta dias de marcha. As provincias sempre mandam á capital algum dinheiro, por pouco que seja, mas em trôco disto que recebem? Nada.

Administração interna é o que não ha. Policia, tão pouco; de justiça, apenas uns vislumbres. Acaso protege a Marinha Imperial o reduzido commercio littoraneo? Qual! Ainda ultimamente capitulou ante alguns brigues buenaienses. Assim a ninguem protege. Já os corsarios de tal inimigo, o mais fraco que o Imperio possa ter, cruzavam sobre todas suas costas, arruinando a navegação de cabotagem.

Eis por que é tão natural a pergunta que fazem os Bahianos e Pernambucanos e os habitantes das provincias centraes: — que nos serve ser brasileiros, si do Governo do Rio nenhuma assistencia e protecção recebemos? Para que ficarmos unidos pelo mesmo estatuto ás provincias que nos cercam, já que tal união não nos dá a minima força?

Alguns annos mais tarde, acaso houvesse vivido o reparador, ter-lhe ia o periodo regencial, a principio, dando razão ás previsões e, por fim, formal contestação.

Veria que no tão desfibrado povo, no tão desgobernado paiz, a principio abatido pelo vendaval separatista da época regencial, solida corrente de opinião se estabeleceria em favor da unidade nacional, essa cujos maiores representantes foram Feijó e Caxias, e que, afinal, vencido o separatismo, pelo criterio, a sensatez, o patriotismo, haveria de surgir uma nação cada vez mais

homogeneizada pela politica interna e as aggressões externas.

Vivesse Jacquemont, e teria novos desmentidos aos seus vaticinios quanto "o miseravel exercito e a miseravel marinha" do tão detratado Brasil se convertessem em instrumentos da regeneração politica e da libertação dos povos vizinhos, oppressos por abominaveis tyrannos, verdadeiros inimigos da civilisação.

Concluindo a série dos seus reparos sobre o nosso paiz, entende que para os Brasileiros, "para taes miseraveis", só convinha o despotismo de um homem forte e esclarecido.

Julgava-se Pedro I á altura de semelhante missão, mas enganava-se singularmente annota. "Que contraste entre aquella inercia, aquella torpor, aquella dissolução de um povo de Europeus meridionaes, esperando passiva, indolente, covardemente os avatares de sua condição social, sem fazer o minimo esforço para desviar os perigos de que o futuro estava prenhe, e combater vigorosamente aquelles contra os quaes sua resistencia não seria util; que contraste entre aquella indecorosa agonia de Portuguezes e a grandeza politica dos Anglo-americanos! exclama o naturalista, aliás anglo-americano energumeno, e para quem a raça britannica valia mais que a franceza, como varias vezes declarara".

E depois de exaltada, dithirambica, apotheticamente fazer o elogio dos Estados Unidos, de suas instituições e homens publicos, contrapondo-os á estulta miseria de seus macaqueadores hispano-americanos e dos degradados luso-brasileiros, remata Jacquemont a tremenda objurgatoria com estas phrases repassadas da synthese de seu amargor:

"Filho mirrado e rachitico de um pae decrepito, tudo fizera a Natureza para bem dotar a terra de tal

povo, e nella o homem tudo estragara. Delle e de suas obras era preciso desviar os olhos. Tornava-se preciso sahir das cidades, afastar-se até mesmo dos campos cultivados, internar-se nos desertos para que á alma não affligissem os infortunios humanos. Naquelle paiz só eram bellas as paisagens, em que não havia figuras”.

A menos de se deixar alguém cegar pelo mais estulto dos nativismos, pela intransigencia — já não mais a de um *Knownothing*, mas a de um *boxer* —, não ha quem possa deixar de reconhecer que na catilinaria jacquemontiana bastante cousa de procedente existe, ao lado das mais asperas injustiças, oriundas de uma generalisação indefensavel.

Onde, porém, o mallogrado explorador francez da India redondamente se enganou foi ao emittir os seus vaticinios agourentos da desaggregação brasileira e da inevitavel quéda do Brasil ás mãos dos escravos africanos, transformando-se num immenso Haiti.

Devia moderar-o a lembrança de que em vinte dias de permanencia onde quer que seja, pessoa alguma se acha em condições de estabelecer conclusões de ordem sociologica — ácerca de um paiz prévia e absolutamente ignorado, totalmente diverso do meio de onde se partiu, cujo idioma e costumes se desconhecem por completo.

A’ leviandade dos vaticinios de Jacquemont, tão pomposamente annunciados como infalliveis, oppoz a historia do insultado Brasil um desmentido, que os classifica entre os conceitos dignos da penna do inglez imbecil de Amiens.

EDUARDO THEODORO BOESCHE

I

Boesche — Qualidades e defeitos — Suas apreciações sobre D. Pedro I — O meo fluminense — Depoimento sôbre o monarcha — Inacreditaveis scenas.

Já no nosso *Brasil Imperial*, tivemos o ensejo de analysar a excellente traducção dos *Quadros alternados*, de Eduardo Theodoro Boesche, que o saudosissimo amigo Vicente de Sousa Queroz, — bella e culta intelligencia, character admiravel — com tanta felicidade realizou, aproveitando lazeres da curta vida de insaciavel e erudito ledor.

Homem muito intelligente, mas de cultura mediana, engajado aos dezeseite annos entre os mercenarios do ignobil aventureiro alliciador de janizaros para o throno de Pedro I — o dr. Jorge Schaefer — soffreu Boesche, como tantos outros infelizes compatriotas seus — vilmente embaraçados pelo trampolineiro — o mais cruel desengano na longa permanencia feita em nosso paiz, como soldado e inferior de um regimento de caçadores allemães.

Assim, das suas reminiscencias justa acrimonia requeira contra o Brasil e os Brasileiros, ao par da impressão da mediania de suas faculdades estylisticas e descriptivas, fructo da incompleta educação de autodidacta.

A tal defeito compensa aliás a vivacidade da intelligencia que a narrativa trahe, o amor á observação, o

pendor pela parte anecdótica e a pesquisa do documento humano, uma série de attributos, enfim, que não são o apanagio das mentalidades vulgares.

Ao relatar os acontecimentos decorridos em tórno da abdicação do nosso primeiro imperador, lembra o soldado de Schaefer quanto em Pedro I havia “qualquer cousa de extraordinario” que a detestavel educação e a ignorancia tinham conseguido obliterar.

“Crescêra entre negros e mulatos, conhecia bem a gymnastica e pouca cousa mais”. A teimosia e o arrebatamento valiam-lhe innumerados inimigos. “Tinha prazer em maltratar as pessoas que delle se acercavam, dando-lhes continuamente murros e chibatadas. Passava dias a fio nas estrebarias de palacio, entre negros e moços de cavallariça ou estafando cavallos”.

E proseguindo no perfil do monarcha, narra o hanoveriano diversos episodios pouco lisonjeiros. Assim, pretende que tal era a sua moralidade e despudoramento, que em certa occasião não trepidara em exhibir-se nú em pêllo á sacada de um predio do Cattete fronteiro ao Consulado Geral da Prussia. E isto num dia de recepção de gala do Consul Von Theremin, em que as janellas e salas do consulado se achavam apinhadas de convidados, entre os quaes numerosissimas senhoras.

Ao avistarem a extranha apparição “in puris naturalibus”, espavoridas fugiram as damas enquanto desatava o imperial e paradisiaco perturbador da festa consular nas mais estrepitosas e boças gargalhadas.

Que pensar de semelhante e inácreditavel anecdota? E’ de tal ordem, que a levamos á conta de verdadeiro munchausianismo do autor, aliás geralmente aceitavel como depoente. Outra increpação — esta cremos que razoavel, por Boesche feita ao fundador do Imperio — é a do continuo emprego das mais asperas palavras.

Parecia sentir verdadeiro prazer em apostrophar amigos e creados, ou mais altos dignitarios da côrte e as mais humildes pessoas nos mais rudes termos. Não lhe sahia dos labios uma locução summamente injuriosa para a legitimidade da origem dos interpellados. “Estas palavras lhe eram predilectas, pretende o auctor germanico, e usava-as até mesmo em relação aos membros da propria familia”.

Traduziam a impulsividade do Rei Soldado continuas demonstrações de brutalidade effectuadas por intermedio do rebenque, vehiculo de destendimento de musculos e nervos, a que sobremodo se afeiçãoara o principe escudeiro. Tal no dizer do autor germanico o seu frenesi de bater, o gôzo de chibatear, a necessidade de espancar, que não conseguia dominar-se, embora occorressem, simultaneamente, circunstancias solennes e improprias a taes demonstrações de paranoia.

Assim conta o auctor dos *Quadros*, que, com fim de lhe reafirmarem a popularidade e o prestigio quasi desaparecido e lhe darem alguma firmeza ao throno, aconselharam-lhe os ministros, em vespervas do sete de Abril, a 20 de Março, que passasse em revista de gala as fôrças da guarnição do Rio de Janeiro.

Realizou-se a parada — a sua ultima no Brasil — entre a maior frieza da immensa multidão, que a ella concorrera. Subitamente se ouviram acclamações estrepitosas. “Partiam de bandos de vagabundos andrajosos, pagos para tal fim, alli não se achando nenhum cidadão de certa respeitabilidade”.

Quando o monarcha, cuja irascibilidade exasperara ao ultimo gráo a taciturnidade e reserva dos fluminenses, no entanto expansivos e tumultuosos como sempre foram, — quando Pedro I viu de que laia eram os seus victoriadores, allucinou-o a colera, e não se conteve. Es-

quecendo-se da qualidade de soberano de um grande imperio e generalissimo do exercito brasileiro, "correu-os a chicote" relata Boesche, a berrar, fóra de si, as cousas mais insultuosas, num epitheto collectivo, deshonorador de lares, e a manda-los "para o Inferno".

Assim trouxe este desfecho o mais contraproducente dos resultados para o exito, ansiosamente esperado, de tal cerimonia faustosa e prestigiadora.

Ainda é Boesche quem narra uma ultima anecdota para justificar a fama de violencia, que á memoria do nosso primeiro imperante acompanha.

Segundo affirma, ao enviar um dos corpos de caçadores allemães, o 27, para o Sul, afim de reforçar o exercito do marquez de Barbacena, então em operações de guerra contra os Argentinos, ordenara Pedro I que ao quartel-mestre do regimento se fizesse determinado supprimento de dinheiro, correspondente ao pagamento de soldos atrasados.

Indo o official ao Thesouro receber esta quantia, não só lhe disseram os funcionarios da Fazenda que lh'a não dariam, como não tinham tempo para lhe atender ao pedido.

Já se achava o batalhão embarcado e o navio prestes a levantar ferro. Assim lhes relatou o quartel-mestre as difficuldades em que se achava. Como lhe fizessem ouvidos de mercador e ainda o maltratassem mandando "que se queixasse ao bispo", resolveu o official responsabilisar o thesoureiro pelas consequencias desastrosas da recusa injustificavel e partiu para São Christovam.

Estava Pedro I á janella do palacio, quando surpreso avistou o official allemão. Interrogado expoz-lhe este a que vinha, percebendo logo quanto se incendera o rosto do monarcha da furibunda ira que o afogueava

e quasi o suffocava. Logo depois ordenava-lhe que voltasse ao Thesouro e por elle esperasse.

Mal chegara, viu o imperador que se approximava empunhando grosso rebenque. Chamou-o e disse-lhe que o seguisse. Minutos depois entravam ambos numa sala, onde a apparição do monarcha causou o maior estarrecimento aos empregados alli a trabalhar.

“Dirigiu-se, narra Boesche, aos funcionarios consternados nas seguintes palavras: “Então, pelo que me dizem, Vocês não têm tempo de executar as minhas ordens! Resolvi vir ajuda-los, pois”. E, tremulo de colera, começou a apostropha-los com uma série de “seus”... e “seus”, em que esgotou a escala dos mais pavorosos doestos.

Subitamente passando aos actos saltou sôbre o rabicho de um dos mais velhos empregados e applicou-lhe uma série de lambadas. Espavoridos, tentaram os collegas do espancado fugir á explosão imperial, mas nenhum conseguiu sahir da sala incolume.

Agilimo na sua furia fustigante, “a todos surrou conscienciosamente” annota o official teuto, que, á guisa de commentario, accrescenta: “Produziu a imperial admoestação os desejados effeitos”. O modo por que foi feita, annota ainda accacianamente, não deixa contudo de revoltar os sentimentos de qualquer homem de educação”.

Num dos melhores capitulos de sua bella obra sôbre o nosso primeiro dynasta e a marquezia de Santos, reuniu Alberto Rangel copiosa documentação sôbre os traços caracteristicos do principe. Nesta tão curiosa “ana” não figuram duas aneddotas bastante interessantes, que do conselheiro dr. Luiz Pedreira de Magalhães Castro ouvimos. Elle as houvera, cremos, que do pae, o brigadeiro Magalhães Castro.

Em certa ocasião galopava o imperador acompanhado de grande escolta por uma estrada dos arredores do Rio de Janeiro, quando a montaria perdeu uma ferradura. Assim dentro em breve parava á porta de um ferrador, ordenando-lhe que ferrasse o animal.

Apenas começara o serviço, porém, viu-se repellido pelo monarcha que, a lhe dizer "sahe dahi, porca-lhão, que não sabes o teu officio!" tomou-lhe a ferramenta e num abrir e fechar de olhos ferrou o cavallo com a maior mestria.

Refere-se o segundo caso a uma scena passada em reunião do ministerio e Conselho de Estado.

Começavam os Inglezes a sua campanha de repressão ao trafico, e vários de seus cruzeiros haviam detido ou visitado navios negreiros destinados ao porto do Rio.

Sob a pressão dos traficantes fluminenses, classe tão rica quanto poderosa, agitara-se a cidade, exaltara-se a opinião publica ante o "insulto" feito ao pavilhão nacional, e assim se vira o imperador obrigado, em desaggravo, a convocar uma sessão do Conselho de Estado. Longamente se debatera o assumpto a discutir, estudando-se os meios de protesto ao Governo britannico.

Havia, porém, entre os conselheiros quem a miudo repetisse ao monarcha: "Qual, não ha remedio! V. Magestade acaba fazendo a guerra aos Inglezes!" Agastado com a insistencia do disparatado alvitre, e dando largas á impetuosidade do genio, subitamente bradou o dynasta, furibundo, ao reparador desazado: Sim, acabo fazendo a guerra aos Inglezes! Mas com que? Sr: Marquez, com que? Só si fôr. . .

E, sem ligar a minima importancia ao escandalo produzido entre os graves e escandalisaveis marquezes e os pudicos e solennes conselheiros, respondeu á propria pergunta segundo as normas daquillo que euphe-

misticamente se convencionou chamar “á antiga portu-
gueza”.

E assim, ao bellicoso e impertinente aconselhador, acenou como unico recurso, para a repulsa das armadas de Sua Majestade Britannica, com o emprego daquella artilharia, de que foi um dos magnos balistas o fecundo Armand Sylvestre, de gaiatissima memoria.

II

Depoimentos sôbre o 7 de Abril — Horas de panico — Acclamação de D. Pedro II — Enthusiasmo popular — A crise financeira de 1831 — Os motins regenciaes — Falsificação da moeda — Opiniões desairosas sobre os fluminenses — Impressões da Cidade do Rio de Janeiro — Desasseio — Tumulto — Mendicancia — Exposição de mazellas — Diatribe — A altivez dos brasileiros.

Menos interessantes do que as suas reminiscencias de soldado são os depoimentos de Boesche, sôbre os successos de sete de Abril e as scenas de rua a elles anteriores, de que pretende ter sido testemunha ocular, como as da conhecida *noute das garrafadas*.

Limita-se a traduzir grande artigo da *Aurora Fluminense* e a dizer quanto os portuguezes, neste motim, haviam levado vantagem aos brasileiros. Assim tambem quanto aos episodios de 25 de Março, anniversario da promulgação da Constituição, em que como geralmente se sabe, ao sahir do *Te Deum* na igreja de S. Francisco de Paula, acolheu a multidão o imperador aos gritos de *Viva D. Pedro II!*

Ao vêr de Boesche, revelou-se Pedro I nestas diversas emergencias “destituido de coragem, iniciativa e intelligencia”.

Menos que pallidos, tambem, os considerandos e observações sôbre os acontecimentos de 7 de Abril. Não têm valor. Apenas interessa o que nos conta do panico de que ficaram possuidos os portuguezes, ao saber da abdicação do imperial compatriota. Viram-se os navios estrangeiros, surtos na Guanabara, cheios de lusos refugiados e espavoridos, pretende o hannoveriano.

Causou ao público a abdicação de Pedro I verdadeiro estarecimento.

“Reinava na cidade um silencio de morte, uma atmospheria suffocante nas primeiras horas, que succederam ao conhecimento do decreto de abdicação. Lembra o ambiente o que precede os grandes cataclysmas. Pareciam as ruas mortas e estavam as casas todas fechadas, esperando-se os maiores actos de violencia.

Achavam-se os estrangeiros apprehensivos; os heroicos portuguezes, todavia, como elles, havia dias, se tinham proclamado publicamente em grandes brados, estes mostravam-se possuidos de verdadeiro pavor. Pareciam attingidos pelo raio e ter perdido a falla.

A' tarde de 7, bandos de farroupilhas, quasi todos mulatos, percorreram as principais ruas, dando vivas “aos heroicos brasileiros” e saquearam algumas casas commerciaes portuguezas”.

Oito de Abril foi tambem um dia de angustia e anarchia no Rio de Janeiro, apesar de já eleita a regencia trina provisoria. Continuavam os tumultos contra os portuguezes, e disparavam-se a esmo innumerados tiros, tendo occorrido várias mortes.

Muitas pessoas gradas notando o desgoverno da cidade, reuniram-se para pôr cõbro ás desordens e facilmente o conseguiram.

A 9 procedeu-se á acclamação do pequeno Pedro II, o que deu logar a indscriptiveis scenas de enthu-

siasmo popular, narra Boesche. "Espectaculo verdadeiramente commovedor, as manifestações de ardente sympathia e amor ao povo, embora ainda irritado, para com o seu pequeno monarcha de cinco annos.

Ao passar o imperial menino no seu coche de estado, desatrelaram-se os cavallo, sendo o carro puxado pelos mais prestantes e influentes cidadãos, no meio das acclamações delirantes da multidão.

O jovem imperador, cujos cabellos louros e a alvura da tez denunciavam a origem germanica pela ascendência materna, achava-se sentado no throno do carro, não como um Zeus destruidor de mundos e desfecedor de raios, mas como um deus de amor. Não era, todavia, o seu poder menor, pois procedia dos encantos e feitiços que lhe submettiam os corações: os da innocencia e do amor todo poderosos".

Restabelecera-se a ordem rapidamente, vendo-se a patrulhar as ruas, como simples policiaes, as mais eminentes pessoas, senadores e deputados, conselheiros, altos funcionarios titulares, officiaes generaes e magistrados, destacando-se dentre "os grupos heterogeneos no vestuario e na côr, os quaes aproveitados por habil pincel poderiam servir de excellentes modelos á escola neerlandeza do claro escuro".

A' proclamação de despedida do imperador deposto, critica o reparador acerbamente: "Nunca se supporia que um homem, cujo panegyrico foi tantas vezes feito, usasse tal linguagem de guarda nocturno, cheio de chavões e logares communs".

Depoimentos de certo interesse são os referentes á pavorosa crise economica, que no Rio de Janeiro se seguiu ao 7 de Abril, muito mais grave do que a de 1821, e aos motins suffocados pela energia de Feijó.

Assim, commentando o pronunciamento dos restauradores, cujo chefe militar era o barão de Bulow, diz

Boesche que este aventureiro se comportou com a maior covardia, fugindo vergonhosamente apenas se deu o ataque da guarda nacional legalista á sua columna de fardoupinhas, apesar do luxo com que se apresentara a comandar similhante corja, fardado com um rico uniforme de general”.

Seu logar-tenente, certo Lachmann, tinha mais coragem; mas como fosse de “asinina estupidez” não soube tomar o commando da tropa abandonada pelo covarde fidalgo que pretendia ser sobrinho do famoso general de Waterloo. “Em suas veias não corria, porém, seguramente, nenhuma gotta de sangue do heroico cabo de guerra”, commenta Boesche.

Outro informe interessante que o hannoveriano nos ministra é o que se refere á falsificação da moeda no Brasil em seu tempo. Segundo elle, era absolutamente inacreditavel o número de individuos interessados em tal commercio no Rio de Janeiro, pullulando na cidade as officinas de dinheiro falso.

Peiorou ainda a situação, quando começaram a vir dos Estados Unidos verdadeiras esquadilhas de navios carregados de cobre alli cunhado, em contrabando, dando-se então enorme exportação de metaes preciosos. Tal o alluvião de cobre, que o papel-moeda, muito desvalorizado, melhorou de situação.

Multiplicavam-se os conflictos oriundos do desespero das classes pobres, exasperadas pela difficuldade e carestia da vida. Referindo-se ás scenas tumultuosas do Rio de Janeiro, aproveitou o official para dizer que, se muito sangue nellas não se derramou, tal não se deveu á brandura do character e sim á grande covardia dos brasileiros” (sic).

“E’ difficil, accrescenta Boesche, formar-se ideia da pusillanimidade dos habitantes do Rio de Janeiro. Bas-

ta que alguns gaiatos comecem a gritar, correndo pelas ruas *fecha! fecha!* para que a cidade pareça morta”.

“Reconhece, porém, o ex-engajado de Schaefer que a regencia, cada vez mais firme, governava com acêrto e liberdade, impondo diuturnamente a auctoridade benéfica.

Querendo dar-se ares de observador penetrante e dotado de visão do futuro, ao referir-se ás desordens sangrentas dos *Balaíos e Cabanos* do extremo Norte, entende o official de Schaefer que o Brasil estava em vespèras “de uma catastrophe como a de S. Domingos, com todos os seus horrores e em proporções maiores do que as do cataclysmo das Antilhas”.

↓ Descrevendo o Rio de Janeiro, gaba-lhe o aspecto geral, as bellezas naturaes, a edificação e arruamento, a riqueza das egrejas e a belleza das chacaras, revoltando-o, porém, a fealdade das rotulas universalmente espalhadas, a falta absoluta de asseio das vias públicas, sobretudo das praças, verdadeiros receptaculos de imundicies e de onde partiam os mais horriveis fetidos.

Nada mais desagradavel tambem do que o ruido continuo que ensurdecia o Rio, foguetes a espoucar, canhões a troar no porto, sinos a repicar e negros a berrear pelas ruas.

Penosa ainda a impressão causada pela mendicança organizada de uma turba immensa, e a exposição das mais asquerosas chagas e vergonhosas ulcerações, estropeamentos e mutilações das “verdadeiras larvas humanas” que, pelas ruas fluminenses arrastavam as suas miserias.

A nudez e aspecto de extrema penuria dos negros, a má qualidade dos viveres e sua carestia, e innumeradas outras circumstancias eram motivos fortissimos para que alguém desejasse o mais depressa possivel abandonar o covil, que então era a capital brasileira.

“E este desejo torna-se ainda mais vivaz, quando se tem o ensejo de conhecer os fluminenses”, accrescenta o rancoroso homem.

“A penna envergonhada recusa-se a descrever os costumes deste povo: vícios horribéis, assassinatos praticados com requintes de crueldade, abusos de confiança, estellionatos, roubos, infracções diarias”, eis o pão nosso de cada dia da vida carioca, avança.

E, proseguindo na diatribe, affirma que por alguns mil réis era então facilimo comprar-se o braço dos assassinos profissionaes e o depoimento de testemunhas promptas a tudo jurar. Nada mais commum do que se verem brasileiros fallar com a maior frescura das suas orgias e de sua syphilis, como o europeu o faria de uma dôr de cabeça.

E nada mais repulsivo do que a pessima conducta do clero em geral. Quanto á justiça, venal e prostituida, deixava impunes os mais repugnantes crimes.

Emfim, na opinião de Boesche, embora fosse arriscado fazer-se a generalisação para tão extenso paiz a trama do character brasileiro vinha a ser feita de sensualidade, dissimulaçõ, espirito de vingança, filho da covardia e indolencia.

A todo este escriptorio de qualidades enxertava-se a nevrose do jôgo, causa de indescriptiveis excessos de todo o genero.

Nos tão denegriços Sul-americanos reconhece, porém, algumas qualidades: a polidez, o serviçalismo, o amor á hospitalidade, o desembaraço de maneiras, algum espirito, “sabendo mesmo as classes mais baixas exprimir-se com certa elegancia”.

Uma cousa o impressionou muito favoravelmente: a falta da repugnante subserviencia e agachamento, geraes no Norte da Europa. “O mais humilde brasileiro

não se mostra perturbado ou embaraçado, como soe acontecer nas nossas classes baixas em relação aos deuses da Terra”.

Modesto, mas nunca servil ou rastejante, taes attitudes procediam, ao ver do ex-official “de nobre sentimento da consciencia orgulhosa do homem livre e da dignidade humana, merecedores dos maiores encomios.

Raros os casos no Brasil da dureza e insolencia dos superiores para com os subalternos, frequentes na Europa, em que os superiores offendiam os mais delicados sentimentos dos subordinados. “Desejo, nota Boesche, que estas palavras sirvam de aviso, tanto mais quanto na Europa se encontram, frequentemente, em posições subalternas homens que, pelo talento e conhecimentos, mereciam occupar posições mais elevadas.

III

Amenidade dos Brasileiros para com as mulheres — A belleza das cariocas — Bellas mestiças e africanas — Insipez da vida fluminense — Os theatros — Os institutos scientificos — A Santa Casa de Misericordia — Improbidade do governo brasileiro para com os mercenarios allemães.

Nada mais encantador, declara Boesche, do que a gentileza de maneiras do brasileiro bem educado para com o bello sexo. “Lembrava os tempos cavalheirescos e medievaes, revivendo no Rio de Janeiro a galanteria romantica daquellas épochas passadas”.

Arroubados dythirambos traça o hannoveriano em honra á belleza das Cariocas. Impossivel imaginar-se mais agradável encontro do que o das senhoras das altas rodas, indo á missa aos domingos, admiravelmente

vestidas, vagarosas e majestosas, graciosissimas, como que pisando com as pontas dos mimosos pés.

“Excessivamente romanticas”, nada causava maior impressão ás fluminenses do que uma carta de amor ardente, cheia de imagens e comparações, por mais ousadas e absurdas que fossem. *Tout comme chez nous!* aliás nota o malicioso observador.

Habilissimas na arte de se servirem da mimica, conseguiam communicar-se, ao mesmo tempo com diversos admiradores.

“Por meio de flores combinavam com os devotos os logares dos encontros”. Dava-se nas festas de igreja o ensejo a que se tramassem todas estas intrigasinhas, a que não tardava o hymeneu a coroar”.

Uma vez casada, desaparecia a brasileira no gynecu. Apesar do grande numero de bellos typos femininos existentes no Rio de Janeiro, tambem havia na capital brasileira, e em abundancia, fealdades “capazes de fazer com que os sentimentos ternos, espavoridos, fugissem para os reconditos recessos do coração”.

Fallando da população de côr, chama Boesche aos mulatos bastardos do diabo, e delles diz horrores, ao passo que elogia os negros, “gente inoffensiva e de boa indole, resignada aos mais duros tratos.

Ao denegrir os mestiços, não deixa o allemão de reconhecer que na parte feminina “proveniente de tal mescla encontram-se especimes da mais rara belleza e attrahentissimos, caracterizados pela plenitudê e voluptuosidade das fórm.

Fallavam-lhe provavelmente n'alma, no momento em que escrevia taes phrases, as reminiscencias de alguma aventura exotica já longinqua.

Relatando quanto havia de cruel no tratamento ministrado pelos senhores aos miseros negros escravos, narra os pormenores de uma revolta de fazenda em Minas,

em que o fazendeiro, e os seus, pereceram após os últimos ultrajes e as mais hediondas barbaridades praticadas pelos servos exasperados. A tal proposito sentença o ex-official que na alma do africano “existem germes que, bem aproveitados e desenvolvidos, permitem magnificas flores-naturaes e a majestade innata”.

Si entre as mestiças do Brasil encontrou typos venusinos, não menor impressão lhe causaram certas personalidades femininas de pelle côr de ebano. “Entre essas filhas de Eva existem, affirma elle, verdadeiras bellezas, pelo airoso da estatura e do porte, a elegancia, harmonia e plenitude das fórmas, a graça natural e a majestade innata”.

Vê-se por estas palavras quanto se deixou impressionar o alvo germano pela Venus ethiope. “O andar e o porte conservam-n’os soberbos e imponentes, mesmo quando sobre a cabeça carregam pesados fardos”.

Infelizmente, toda esta acclamada belleza era em geral ephemera, desaparecendo com a primeira maternidade.

A tal proposito declara o hannoveriano que se deu forte mestiçagem afro-européa com a chegada ao Rio dos batalhões de Schaefer. Aliás, arremata maliciosamente o narrador, “não se podiam queixar os admiradores de taes beldades de sua crueldade; compassivas como eram, jamais levariam os seus rigores algum Werther ao suicidio, como as formosas européas”.

Inspidissima, nulla, a vida social no Rio de 1830, avança Boesche. Muita xenophobia reinava, só admitindo os Brasileiros em sua intimidade os estrangeiros desde muito estabelecidos no Brasil. O principal pretexto para o convivio eram as festas sacras, realizadas com enorme pompa e grandes dispendios.

Do Theatro Lyrico de então, o S. Pedro de Alcantara, traça o official lisonjeira apreciação. Nelle se repetiam velhas e estafadas operas italianas; cantores mediocres, mas bailados excellentes, dignos dos melhores palcos europeus. Quanto aos *dilettanti*, muito poucos dentre elles tinham alguma cultura.

No tocante á arte dramatica os cariocas só apreciavam as peças muito ligeiras e apparatusas, incapazes de comprehender “os espiritos vigorosos de Hamleto e Wallenstein”. Nullissima a critica theatral da época.

Mantinham os Francezes do Rio de Janeiro um *Théâtre français*, cujo pessoal de scena se recrutava entre os caixeiros modistas e contramestres das numerosas casas francezas da rua do Ouvidor.

“Grande Racine! exclama o auctor allemão, si acaso teu espirito immortal por cá surgisse, não haverias de reconhecer as tuas obras primas na scena fluminense, de tal modo aqui as estropiam”.

Aliás, accrescenta elle, não passava tal theatro de mero centro da vida nocturna elegante da época. Só por excentricidade lá iria alguém pretender ouvir a narrativa de Therameno ou o sonho de Athalia.

Descrevendo as principais instituições fluminenses, declara Boesche o Museu pobrissimo, a Escola de Bellas Artes insignificante, o que concorda aliás perfeitamente com a verdade dos factos. As academias de estudos superiores o Observatorio astronomico mereciam maior attenção.

Mostravam as crianças e moças brasileiras maior maleabilidade intellectual e maior precocidade que as europeas.

A Santa Casa de Misericórdia, embora enorme, capaz de accommodar muitas centenas de doentes, representava ainda o typo do hospital medieval, inspirador

do mais justificado terror ante a perspectiva de uma estada no seu recinto onde, sem a menor prophylaxia, se albergavam doentes innumerados das mais contagiosas e repulsivas enfermidades.

Era impossivel idear-se cousa mais lobreja do que o cemiterio annexo ao enorme hospital, "horriavel e asqueroso" recinto de oitenta metros quadrados, onde se inhumavam pretos e indigentes.

Relata o official que tal a falta de caridade do serviço funerario da Santa Casa, que do solo emergiam pés e braços em putrefacção.

Tratando da Imprensa fluminense, representada por avultado numero de órgãos, louva-lhe a independencia dos conceitos, embora entenda que por vezes se lhe tornava linguagem por demais violenta e injusta. Tambem lhe extranha a insignificancia dos assumptos e questiunculas debatidas, filha do pendor pela frivolidade. Representavam contudo os seus órgãos um vehiculo de civilização para o paiz.

Ha ainda na obra de Boesche um capitulo consagrado á descripção, assaz bem feita, das bellezas naturaes da região guanabarina e do panorama desfructado do Corcovado. Termina com um apanhado do *destino dos militares alleães*.

Queixa-se o hannoveriano da impontualidade do nosso Governo em pagar aos ex-soldados dispersos o soldo de um anno, que lhes promettera.

Conta como muitos dos seus compatriotas, ignorantes dos officios manuaes se viram na maior difficuldade para angariar a vida e quanto da liberdade se aproveitaram os presidiarios, por Schaefer da Allemanha trazidos como colonos, para saquear, em regra, a dilatada região colonial riograndense. E a este proposito relata ainda que o principal chefe dos bandidos era certo barão de Sch. . .

Varios soldados e officiaes, narra, arranjam-se ou tentaram faze-lo lançando mão da habilidade em falsificar moeda.

Em summa, pretende o nosso ex-official, commeteram D. Pedro I e os governos do Brasil verdadeiros crimes de ingratição, deslealdade, improbidade e deshumanidade, tratando como trataram aquelles homens a quem haviam os seus agentes tão vivamente embaçado com as mais risonhas promessas, jamais cumpridas, attrahindo-os ao serviço de uma nação, que os ludibriara por completo.

WILLIAM GORE OUSELEY
(1835 - 1842)

I

O album de vistas de William Gore Ouseley — Os diversos Ouseley de reputação saliente — Insignificancia do texto do album de Ouseley — Pesquisas de Acyr Paes — Noticias do Corcovado.

Uma das mais bellas obras jamais publicadas sobre o Brasil antigo é incontestavelmente a serie de lithographias coloridas, segundo os originaes de Ouseley, William Gore Ouseley: "Views in South America from original drawings made in Brasil. The River Plate, the Paraná, by William Gore Ouseley, the late Her Majesty's minister plenipotenciary to the States of La Plate and formerly Chargé d'Affaires at the court of Brasil".

Não tem certamente, e de longe sequer, as dimensões e a importancia informativa do "Voyage pittoresque au Brésil" de Debret, nem a extensão e a abundancia da excellente "Malerische Reise" de Rugendas.

Pelo contrario representa apenas uma serie pequena de estampas a que acompanham, em geral, resumidos commentarios.

Mas todos estes documentos são optimos sob o ponto de vista esthetico e sua impressão cuidadissima. A factura e execução, artisticas quanto possivel, fazem desta collectanea uma das mais bellas coisas que o seculo XIX nos deixou.

Consta o album de 25 pranchas, das quaes 12 sobre o Rio de Janeiro e a Serra dos Orgãos, 5 sobre a

Bahia, 4 sobre Buenos Aires e Paraná, 2 sobre Tene-
riffe, uma sobre a Madeira e uma sobre Montevideu.
Todas esplendidas como delicadeza de factura.

Assim se explicam os altos preços que attingem es-
tas Views, aliás hoje muito raras. Publicou-as em Lon-
dres Thomas Mac Lan, sem datar a tiragem, dedicada
ao Príncipe Consorte Alberto de Saxe Coburgo Gotha,
marido da Rainha Victoria.

Dois exemplares havia em S. Paulo, o da já es-
plendida brasiliana do prezado amigo Yan de Almeida
Prado e o da formosa bibliotheca; hoje dispersa, desse
fino espirito que foi Alfredo Pujol. Collécção preciosa,
installada em tão amplo quanto harmonioso ambiente,
seja dito de passagem. E onde lado a lado figuravam
as obras primas da literatura universal e as grandes ra-
ridades de nossa bibliographia.

O exemplar de Pujol adquiriu-o Felix Pacheco
num dia memoravel para a sua vida de bibliophilo. Ver-
dadeiro dia a ser marcado com pedra branca, pois rece-
beu o lindissimo volume maravilhosamente conservado
e soberbamente encadernado. E por uma somma que
não referirei por invejoso, como official do mesmo offi-
cio, a serviço do Estado de S. Paulo. Como desabafo,
porém, arguirei ao meu collega illustre e amigo, mestre
dos mestres da nossa bibliographia, que se elle acqui-
riu o Ouseley admiravelmente bem, eu tambem, certa
vez, consegui apanhar um tal *Miroir Ost and West In-
dical*, onde occorre a primeira vista conhecida de San-
tos, por preço que representa legitima caricia do Des-
tino.

Cincoenta mil réis por elle pagou o Museu Paulis-
ta, cento e cincoenta libras esterlinas por elle pedem
Maggs Bros: Só isto... E estou a ouvir os parabens
cordiaes de Felix Pacheco, pois o autor das *Duas Cha-*

radas Bibliographicas sabe que, se o meu despeito é profundo, sua causa procede de elevada fonte o zelo pelo enriquecimento de uma livraria, cuja brasiliana ainda é o *petit poisson* da fabula do "inimitavel" fabulista classico, francez, do Grande Seculo.

Se o album de vistas de Ouseley é raro o texto que o acompanha vem a ser rarissimo. Parece-me que no Brasil o unico exemplar conhecido é o da Bibliotheca Nacional que Felix Pacheco me assignalou e tive en-sejo de ver entre as mãos de Mario Behring.

Ao meu querido primo e amigo Dr. Alberto Leite Ribeiro devi a gentil reproducção destes commentarios que aliás se condensam em escassas paginas.

Suggeriu-me Felix Pacheco algumas pesquisas sobre a personalidade de Ouseley e como lhe allegasse o afastamento em que me acho da grande bibliotheca unica do Brasil e a escassez dos livros antigos em S. Paulo, solicitou de um amigo commum procurasse ver o que se encontraria sobre o autor do precioso album.

Tal inquerito aturado realisou-o na Bibliotheca e Archivo do Itamaraty uma das mais brilhantes intelligencias da nova geração de escriptores e jornalistas brasileiros; moço de cujos altos dotes de espirito e cultura tive a mais exacta e forte impressão, num convivio infelizmente muito curto e de que guardo as melhores recordações. Graças, pois, á gentileza de Acyr do Nascimento Paes posso adduzir valiosas notas esclarecedoras da personalidade de William Gore Ouseley.

Pertencia o nosso autor a uma familia de militares, diplomatas, intellectuaes e artistas, que conta diversos membros de real destaque.

Começa a apparecer nos annaes da Inglaterra o nome de Ouseley, em fins do seculo XVIII, com os dois irmãos, orientalistas notaveis, Sir Gore Ouseley (1770-

1844), Visconde de Claramount, e Sir William Ouseley (1769-1842, segundo a Eucyclopedia Britannica, e 1771-1839, segundo o Diccionario de Larousse), tambem portador do mesmo titulo.

Nascido em Limerick, de velha familia irlandeza e filho segundo do Capitão Ralph Ouseley, já viajara Sir Gore Ouseley largamente na America, China e Indias Orientaes, quando em 1810, ennobrecido com o titulo de baronete, foi nomeado embaixador em missão especial á Persia. Em sua companhia para o reino do Shah seguiu o irmão.

Habil diplomata, obteve Sir Gore, nos assaz longos annos em que serviu em Teheran, assignalados triumphos, alcançando a conclusão da paz entre a Russia e a Persia no anno de 1819.

Ao mesmo tempo, sempre apaixonado pelas questões orientaes, muito influuiu, afim de que Henry Martyn traduzisse para o persa o Novo Testamento. Foi esta versão publicada em 1815 e em Calcutta e logo no anno seguinte em S. Petersburgo. Voltando á patria, obteve Sir Gore o pariato e viu-se eleito membro da Sociedade Real de Literatura.

O irmão teve outra notoriedade porém. Nascido no condado de Monmouth, fez parte da educação em Paris, adquirindo perfeito conhecimento da lingua franceza.

A principio official do exercito britannico, a paixão do orientalismo levou-o a deixar a carreira das armas, que seguira durante cinco annos apenas. Demittiu-se em 1794 de official de dragões. Doutor em leis, em 1797, pela Universidade de Dublin, viajou muito pela Allemanha, onde recebeu, da Universidade de Rostock, o grau de doutor em philosophia. Em 1797 o Marquez de Cornwallis deu-lhe a carta de nobreza. As prin-

cipaes sociedades sabias da Europa o elegeram para os seus quadros.

Dedicando-se ao estudo das linguas do Iran publicou desde 1795 as *Miscellaneas persanas*, *Collectaneas orientaes*, *A historia antiga da Persia*, os *Contos de Backtyar*, a *Geographia de Ebn Hankal*, etc..

Acompanhando o irmão a Persia, como secretario de sua embaixada, alli reuniu preciosissimo acervo de manuscritos, medalhas, inscripções, etc.. Em 1813 voltou á Inglaterra, afim de imprimir os seus trabalhos. Para tanto montou, na propria casa, uma officina rica de typos orientaes.

Editou numerosas obras entre as quaes avultam as suas *Viagens em diversas regiões do Oriente* (sobretudo na Persia), luxuosissima publicação em tres volumes, acompanhada de atlas. Teve Sir William Ouseley intensa vida cerebral, trabalhando sem parar, publicando artigos e dissertações e memorias em revistas scientificas. Ao morrer, em 1842, na França, (em Boulogne), deixou immenso acervo de manuscritos.

Um terceiro Ouseley com biographia muito mais apagada não deixa de figurar, porém, entre os homens distintos do passado inglez. Era elle Sir Ralph Ouseley (1772-1842), militar. Quando os francezes em 1798 invadiram a sua ilha natal da Irlanda prestou excellentes serviços, assim como durante a repressão da revolta de Emmet.

Em 1808 foi para a Hespanha servir sob as ordens de Densford no exercito auxiliar hespanhol, em luta contra a invasão franceza. Passou depois a Portugal, onde teve o commando de um regimento portuguez. Quando, em 1813, houve a invasão da França, pelo exercito anglo-luso hespanhol, que chegou até Toulouse, viu-se Sir Ralph Ouseley gravemente ferido no ataque de Urda.

Feita a paz, continuou a servir no exercito portuguez. Em 1817 estava no Rio de Janeiro, á testa de um regimento da guarnição da praça.

Em 1825 resolveu abandonar, de vez, o exercito inglez no posto de *major general*. Acabou os dias em Lisboa, como general do exercito portuguez. Que parentesco teria o nosso Sir William Gore Ouseley, o desenhista do Rio, com estes personagens?

Teria a sua vinda ao Brasil sido provocada pela presença, em tempo, no Rio, de um parente? E' o que não sabemos dizer.

Valendo-nos das notas de Acyr Paes, podemos dar alguns tantos informes sobre o diplomata e artista a quem deveu o Brasil a reproducção interessantissima de varias de suas mais lindas paisagens: Sir William Gore Ouseley, H. C. B., entrou para a carreira diplomatica em 1817, sendo nomeado addido á legação de Stockholmo, a 12 de Novembro deste anno. Da Suecia passou a servir nos Estados Unidos por decreto de 19 de Novembro de 1825, que o transferiu para Washington. A primeiro de Junho de 1828 enviaram-no para o Rio de Janeiro como secretario de Legação.

Em 1832 despacharam-no para Bruxellas isto quando Sir Robert Adams foi enviado ao reino recém independente de Leopoldo I, em missão especial. Em 1834 e 1835 voltou ao Brasil ainda como secretario da Legação, conta-nos o relatorio do nosso Ministerio de Estrangeiros. No Brasil esteve diversos annos como Encarregado de Negocios, tendo sido mandado segunda vez ainda como Encarregado de Negocios ao nosso paiz em 1839 e não em 1838 como dizem os seus biographos inglezes. Nesta occasião um seu parente veio como addido de legação, Henry Chambers Ouseley, que permaneceu

no Rio até 1845. Em 1842 deixou o nosso Ouseley o Brasil, substituído por Charles James Hamilton.

A 13 de Dezembro de 1844 nomearam-no Ministro Plenipotenciario em Buenos Aires numa época terrível, a do apogeu da tyrannia rosista.

Em 1846 e 1847 teve missões especiaes em Montevideu. Seus serviços foram excellentes a ponto de merecerem de governo britannico pensão especial vitalicia de 700 libras annuaes, por decreto de 18 de Dezembro de 1849, confirmada por acto regio de 12 de Dezembro de 1853. Esta pensão se pagaria quando não estivesse em serviço activo.

Depois de Monte Caseros e da quéda do tyranno recebeu Ouseley a ordem do Banho a 29 de Junho de 1852. A 30 de Outubro de 1857 enviou-o a Rainha Victoria na qualidade de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto aos governos da America Central. Em 1858 esteve em Nicaragua. A 15 de Agosto de 1859 foi chamado á Inglaterra e promovido a Grã Cruz. Veio a fallecer aposentado a 6 de Março de 1866.

Além do nosso diplomata ha entre os Ouseley outro artista de nomeada: Sir Frederick Arthur Gore Ouseley, compositor de nota, nascido em Londres em 1825 e fallecido em Hereford no anno de 1889. Pelo nome parece ter sido filho do nosso ministro britannico no Rio da Prata e neto do orientalista.

Seguiu a carreira ecclesiastica, ordenou-se em 1855, sendo então nomeado professor de musica na Universidade de Oxford e *pre-cantor* da Cathedral de Hereford, refere-nos o *Nouveau Larousse Illustré*.

Compositor fecundo, da sua obra se destacam os oratorios: *Agar* e *O martyrio de São Polycarpo*, e a bella cantata religiosa: *The Lord is the true God*. Deixou um

Tratado de harmonia e outro de Contra ponto e Fuga, que os criticos dizem excellentes.

Apaixonado da musica legou a fortuna integral ao Collegio de São Miguel, destinado á formação de choristas.

Bella rememoração de intellectualidade e de pendor artistico de real merito se prende, pois a este appellido de Ouseley.

Sobre as negociações do nosso paisagista no Prata ha um livro editado em Paris por Plon, que o Dr. Alberto Leite Ribeiro me assignalou: obra em collaboração com um diplomata francez.

Circumstancia pittoresca relativa a Ouseley é a que nos relata o Catalogo da Exposição de Historia do Brasil (verbete 10.537). Entre parentheses lembremos que na data desta grande e notavel exposição devida sobretudo a tres espiritos illustres: Ramiz Galvão, Valle Cabral e Capistrano de Abreu não possuiam nem a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, nem a do Imperador D. Pedro II, nem a do Instituto Historico Brasileiro o formoso album de Ouseley. E nem ainda bibliophilo algum dos que expuzeram, varios delles com notaveis acervos como D. Joanna T. de Carvalho, D. Antonia R. de Carvalho e Francisco Ramos Paz.

A 23 de Agosto de 1840 enviou William Gore Ouseley ao nosso Ministro de Extrangeiros Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois Visconde de Sepetiba, remettendo-lhos confidencialmente, diversos documentos relativos á geographia e á demarcação de limites da Guyana Brasileira.

Traz a assignatura do autor W. G. Ouseley este Cod. CCLXIII de 33 pags., de 20-X-15.

Curioso é que taes documentos, copias aliás, se apresentem em castelhano, salvo quanto a um, redigido em portuguez mesclado de hespanhol.

A simples enumeração de taes papeis causa-nos verdadeira surpresa. Basta lembrar que são os seguintes: um trecho do opusculo de Don Juan de Valencia y Gusman sobre a recuperação da Bahia em 1625 sobre os batavos: *Compendio de la Jornada del Brasil*; dois outros trechos traduzidos do *Tratado* de Gabriel Soares de Souza; dois capitulos da obra de Montalbodo sobre as viagens de Pinzon e a *Descripcion geografica de la Provincia del Brasil* da lavra do cosmographo real de Philippe II, Juan Baptista Gesio.

Que singular mistura de grelos offerecia o ministro britannico ao Governo brasileiro, numa demonstração positiva de francophobia!

E embora não conheçamos a intimidade dos papeis enviados a Aureliano Coutinho não nos podemos capacitar de que o *Compendio de la Jornada del Brasil* possa offerecer elementos de defesa das pretensões brasileiras á propriedade do contestado do Amapá.

Quanto aos trechos da versão castelhana de Gabriel Soares em que occorre uma descripção da costa, ainda vá lá, muito embora seja de suppor que o offerecimento de taes textos corresponda a uma applicação de nosso proloquio sobre a "chuva no molhado".

Não é crível que fosse Gabriel Soares desconhecido no Brasil de 1840. Já nesta época se fundara o Instituto Historico Brasileiro, que, em 1851, e sob a instigação de Varnhagen, publicaria a obra famosa do senhor de engenho dentre Jaguaripe-Jequiriçá.

Já em 1825 a imprimira a Academia Real de Lisboa, verdade é que em edição defeituosa. O facto de enviar Ouseley trechos hespanhoes do *Roteiro do Bra-*

sil, ao nosso Ministro de Estrangeiros, induz-nos a supor que além dos diversos codices do preciosissimo cimelio quinhentista, mais de vinte no dizer de Porto Seguro, existe quiçá uma traducção castelhana inedita deste livro "talvez o mais admiravel de quantos em portuguez produziu o seculo quinhentista", dil-o o nosso grande historiador sorocabano.

Assim nos dê a solução deste caso o Sr. Dr. Pirajá da Silva, que com tanta proficiencia quanto patriotismo prepara nova edição commentada da obra do "peccador" inhumado á soleira da sacristia da igreja abbacial benedictina da Bahia.

Quanto á *Descripcion geográfica de la provincia del Brasil* é ella um documento famoso entre os cosmographos do seu tempo. Escreveu-a Gesio em 1579. E' resposta á consulta de Philippe II, que por aquella época se preparava para "herdar" a monarchia lusitana.

Publiquei-a no tomo primeiro dos *Annaes do Museu Paulista* (1923), segundo cópia de um codice do Archivo General de Indias em Sevilha. Capistrano leu-a com muita curiosidade dizendo-me certa vez que a achara muito aquém da expectativa.

Neste velho papel não ha o que possa servir de argumento em prol da posse brasileira ás terras da Guyana: Declara o cosmographo que diversos dos seus confrades portuguezes faziam passar a linha da demarcação tordesilhana á foz do Amazonas e a do Prata, embora affirme categorico "entrambas estas dos posiciones son falsas, de industria y maliciosamente hechas".

E' bem possivel que o nosso Sepetiba haja dado ás amistosas advertencias do seu informante o valor que ellas mereciam. E, entre parentheses, ao fornecer o diplomata taes armas destinadas a combater as pretenções da nação rival de além-Mancha esquecia-se de que Ge-

sio, por exemplo, com a sua informação acima lembrada, tambem apresentava possivel argumento contra a posse britannica da Guyana, ao affirmar "La provincia del Brasil por la costa de la Mar del Norte se continua con tierra firme por la provincia del Marañon, del Rio de las Amazonas, de Paria y de Santa Maria".

A unica coisa mais util do arsenal ouseleyano vem a ser os capitulos de Montalbodo sobre as viagens de Pinzon. Mas assim mesmo. . . que valor moderno se poderá attribuir a estas deducções de autores quinhentistas tão vagos, tão imprecisos? Bem mediocre. . .

Terá o nosso grande chancellor consolidador das nossas fronteiras conhecido o codice ouseleyano? E' o que não sei dizer.

Aqui está compendiado tudo quanto com o auxilio de Acyr Paes e pesquisa propria consegui saber de William Gore Ouseley e sua passagem pelo Brasil. O seu lindo album vale hoje ahi os seus oito contos de réis, de olhos fechados, dizem-n'o os "sabios da escriptura".

Pena que o diplomata inglez que tão artisticamente manejava o lapis e aquarelava, tão pouco se haja interessado pelos nossos costumes. Contentou-se em fixar paisagens acerca das quaes escreveu muitos mediocres commentarios. O livro texto do album, francamente só tem mero valor bibliophilico. E' positivamente insignificante. Como raridade, já o frisei, tem assignalado valor na lista dos nossos cimelios.

Commentando a sua prancha: *O Corcovado visto da Praia Grande*, escreve Ouseley que o giboso monte era como o Pão de Açucar, dos maiores assignaladores da região guanabarina.

Melhor d'elle se diria: penedo gigantesco, enorme monolitho mais do que realmente uma montanha.

Aliás, em geral, pontegudas, ou serradas em plataforma, eram as principaes formas orographicas daquella zona brasileira.

Parecia-lhe o Corcovado como que immenso gnomon de colossal relógio solar. Sua sombra, em diversos pontos por elle attingidos, suppria aliás a de um relógio de campanario.

Coisa que lhe pareceu extraordinaria foi que no meio do terreno pedregoso como o das abas do morro, aparentemente privado de terra, surgisse tão rica vegetação e tão variada. Verdadeira, legitima floresta ainda ali existia, embora por vezes devastada por violentos incendios.

Não havia muito que um destes fogos calcinara grande area. Passava por não ter sido occasional e os seus funestos resultados reflectiram-se immediatamente sobre o abastecimento dagua da capital do Imperio, que da montanha recebia seu maximo supprimento.

A dendroclastia alastrava-se no Brasil. Prouvesse a Deus que dahi não decorressem os tristes resultados da Hespanha, naquella aridez desoladora da região manchega e dos arredores de Madrid, onde os camponezes moviam implacavel guerra á vegetação. Na sua mentalidade bronca viam nas arvores o refugio das aves granivoras e frugivoras.

Que formidavel devastação de matas se operava no territorio dos Estados Unidos! A' antiga necessidade de fazer espaço para as primeiras localizações de colonos seguira se o mais deploravel habito, o de destruir a mata; sem necessidade alguma, por meio do fogo.

Difficil seria combater tal mentalidade.

Felizmente as autoridades brasileiras, mais bem inspiradas, procuravam salvaguardar o patrimonio florestal fluminense.

Do grande incendio ultimo da floresta corcovadense havia sido autora certa turma de guardas-marinhas francezes, ao que se dizia. Depois de alegre pic-nic, no alto do morro, desejosa de celebrar o termino de seu ágape campestre, “á moda do Macedonio no palacio maravilhoso de Persepolis”, tivera a rapaziada ardente da marinha de guerra franceza inspiração oriunda de duvidoso gosto classico: incendiar umas cabanas cuja combustão viera lembrar a municipalidade fluminense a necessidade de se collocarem guardas naquellas alturas, visitadas “por gente de gostos bacchanalicos”.

Casa roubada. . . Agora existiam guardas florestaes pelas encostas do Corcovado.

Que haverá de verdade nesta affirmativa do nosso diplomata? Cabe a resposta aos successores do nosso illustre sabedor das coisas fluminenses que foi o bonissimo Vieira Fazenda.

Não teria Ouseley dado credito a alguma anecdotica pouco attestadora da sobriedade dos habitos da marinha franceza? Seria mais uma destas historias com que os vizinhos de além Mancha poderiam enriquecer o seu enorme capitulo de queixas da “perfide Albion”.

A estrada para cavalleiros que permittia o accesso ao mirante estava muito bem mantida e o seu percurso correspondia a um dos mais agradaveis e lindos passeios do mundo.

Aliás refazia-se a roupagem do Corcovado com summa rapidez. A seiva tropical operava maravilhas na area devastada pelo incendio de origem gauleza e inspiração alexandrina. A via de accesso mostrava-se mesmo tão commoda que até senhoras podiam attingir o cume do morro como havia pouco fizera a esposa do encarregado de negocios britannico,

Terminados os commentarios, dizia Ouseley que ninguem pensasse fosse o cume do Corcovado o melhor logar para um posto de observação militar. Era alto demais quer para o exame dos navios que demandavam a barra, quer para a intelligibilidade dos signaes feitos para a cidade.

II

Vista do Pão de Açucar — Lendas e historias diversas — A Serra dos Orgãos — Vista da Guanabara.

Tendo desenhado o Corcovado, seria inadmissivel que Ouseley, fixando os pontos mais notaveis da região fluminense, não se sentisse attrahido pelo Pão de Açucar. Pintou-o do Caminho Velho, hoje rua Senador Vergueiro, “a caminho de Botafogo” que os inglezes da colonia fluminense chamavam “the green lane”, (o prado verde).

Previne aos leitores que a famosa balisa granitica da entrada da barra guanabarina era confundida, ás vezes, pelos maritimos, com o “Falso Pão de Açucar”, delte distante algumas milhas.

Não se tratava de montanha propriamente dita e sim de bloco inteiriço, pellido, calvo, excepção feita de algumas de suas anfractuosidades onde vicejavam orchideas e cactaceas, como era vulgar ver-se no Brasil, em taes casos.

Emergia o monolitho immenso, de cerrada matta, a uma altura de mais de mil pés e estava coroado por pequeno numero de arvores.

Durante largos annos vivera o conico pico resguardado pelas lendas de que em suas cavernas viviam serpes immensas e outros reptis pavorosos. Mas todas es-

tas abusões horrendas estavam agora destruidas e só podiam gozar de credito “entre negros e gente que tal, amante dos contos da Carochinha”.

Em tempos de Pedro I atrevera-se jovem official da marinha de guerra, de certa potencia, intentar a escalada do Pão de Açucar. E conseguira o designio com o mais brilhante resultado.

Como attestado inilludível da proeza alpina deixara hasteado no cume da montanha o seu pavilhão nacional.

Formidavel reboliço e immensa indignação causara entre os cariocas, esta intempestiva demonstração patriótica.

“São os brasileiros prodigiosamente susceptiveis de se melindrar quando suppõem que este ou aquelle acto, de perto ou de longe, visa amesquinhar-lhes a soberania nacional”, avisa o nosso diplomata artista.

“E mais o eram outr’ora nos primeiros annos de vida do povo livre. Sobretudo pelas vizinhanças da proclamação da sua independencia”.

“Ao Imperador chegaram as vozes indignadas dos patriotas que não só pediam o castigo do atrevido menoscabador da soberania brasileira como a reparação, publica e solenne, do ultraje praticado pelo insolente rapazola”.

“Em singular abertura se viu o imperante para acalmar os animos dos suspicazes subditos. Afinal entendeu que o melhor seria exigir que a reparação proviesse do proprio “ultrajador”.

Teve elle de subir de novo ao alto do Pão de Açucar onde substituiu a bandeira, ali insolentemente hasteada e visível de todos os cantos do Rio de Janeiro, pelo pavilhão do Imperio Americano”.

E assim se desafrentaram os brios nacionaes brasileiros,

Entende Ouseley que o castigo — se o houve — foi summamente brando. Muito mais merecera o moço, destruindo as lendas da montanha “com os seus respeitaveis monstros”, simile das multiseculares Colchidas, Hesperidas e quejandos antros de dragões.

Que haverá de verdade nesta historieta? E’ o que não sabemos de todo dizer. Quem seria o heróe deste “attentado á soberania brasileira”? A que povo pertencera? Ouseley não dirime o caso.

Passados alguns annos deste desvirginamento impolitico certo diplomata britannico repetira a façanha, acompanhado de varios maritimos de sua nação.

Informado das cousas do passado agira porém sem a leviandade jactanciosa do predecessor. Contentara-se em fazer grande fogueira á noite, no cume do rochedo e deixar ali implantada grande bandeira branca “symbolica da paz entre os homens”.

Voltara tambem sem se avistar com os famosos monstros da montanha.

Falando dos trabalhos a vencer, para um alpinista attingir o cume do Pão de Açucar prevenia Ouseley que as difficuldades eram de tal ordem que deviam desalentar a quantos pretendessem realizar tal proeza, “excepto aquelles que não se importam de arriscar a vida, ou antes, prazeirosamente o fazem a troco da esteril recompensa da gabolice de uma façanha sem consequencias uteis”.

Aliás eram todos concordes em affirmar que se a subida do Pão de Açucar representava o vencimento de enormes difficuldades a descida se antolhava, terrivel até para os mais habeis e provectos escaladores de montanhas.

As serras da região fluminense attrahiram de modo muito especial a attenção de William Gore Ouseley.

A sua aquarela n.º 19 consagra-se á Serra dos Orgãos e especialmente á Cabeça do Frade.

Começa explicando que esta denominação tem certa propriedade. O perfil da montanha não deixa de lembrar uma cabeça de monge, com o capello rebatido sobre as costas.

Era-lhe o nome tão apropriado quanto ao que se dava á fileira de monolithos, "os Orgãos, porque tinham certa parecença com os tubos de um grande órgão".

Tanto a Cabeça do Frade quanto os gigantescos vizinhos passavam por inacessíveis. Um calculo aproximado permittia suppor que os monolithos dos Orgãos, de uma altura de 1.000 a 1.500 pés, emergiam de bases que teriam 3.500 pés acima do nivel do mar.

O monarcha dos Orgãos era certo pico conico de seus 7.000 pés de altitude total. Facto curioso: dominava os seus subditos e no emtanto era de facil accesso o que aos outros não acontecia.

Do seu cume descortinava-se prodigioso panorama de extensão e belleza, compensando de sobra quaesquer fadigas da aliás penosa ascensão.

Densissima floresta difficultava o accesso áquellas paragens admiraveis. Ninguem se atrevesse a tentar, só, tal excursão. Certo era que se haveria de extraviar naquella matta cerrada onde pessoa alguma conseguiria progredir sem o auxilio de negros abridores de picadas.

Perder-se naquella selva era a cousa mais facil. Tão fechada a vegetação gigantesca que nem permitia ao viandante tomar a altura do sol. Ninguem se arriscasse pois a semelhante aventura sem um bom guia.

Corria o risco de jamais poder sahir do labyrintho e vir a morrer de fome, após alguns dias de divagação angustiosa em curto ambito. Muitas vezes dentro do

raio de algumas centenas de passos do ponto de partida.

Assim havia muita gente perdido o rumo no Brasil como no Canadá e nos Estados Unidos. Na subselva brasileira vivia a mais perigosa das faunas muito mais nefasta do que a da America do Norte.

Por exemplo occorria na região dos Orgãos certa formiga preta de assombrosa vitalidade, digna de sua malignidade.

E a proposito do perigo de se encontrar a saúva, relata-nos o diplomata inglez uma prova do que avançava, realmente pueril e até inexplicavel por parte de um homem de sua cultura e intelligencia.

A certo viajante britannico, daquellas paragens, mostrara, certa vez, um negro, seu camarada e guia, uma das taes formigas negras segurando-a dentro da rede de caça ás borboletas, como faria um pescador a algum lagosta ou caranguejo. Pois bem agarrara-se o insecto com os seus temiveis forceps ao filó da rede e até depois que o negro lhe amputara, a principio, os membros e depois o tronco, não haviam as mandibulas do terrivel hymenoptero deixado de segurar o panno.

Havia nas mattas da Serra dos Orgãos muitas onças, ali chamadas tigres, lynces (sic) jaguares, pumas e outros felinos grandes e pequenos. "Muito embora evitassem o encontro humano não deixavam de ser perigosissimos vizinhos para os individuos a quem encontrassem exhaustos pelo cansaço ou a dormir".

Nas dependencias da "casa grande" ou residencia do fazendeiro representada na estampa á base da serra, já por diversas vezes tinham os taes tigres atacado bovinos e ovinos. Em certa occasião até saltara um destes animaes por cima de uma estacada de varios pés de alto, pegara um garrote e com elle fugira com a facilidade de gato apresador de um coelho ou ratazana.

Duas eram as especies de onças do Brasil a machada, que parecia um leopardo, e a sem malhas a que chamavam "leão do Brasil".

Realmente era-lhe o pello bem parecido com o do leão e frequentemente o seu couro tinha o tamanho do intitulado "rei dos animaes".

Muito embora, por aquellas mattas, em abundancia occorressem serpentes venenosas os accidentes ophidicos vinham a ser pouco frequentes dada a timidez dos reptis. Abundantissima caça vivia naquella mattaria densa; veados, porcos montezez, preguiças, iraras, animaes aquaticos e amphibios.

Numerosas as antas que não faziam damno algum e no emtanto se viam systematicamente exterminadas, quando encontradas, em virtude de geral pendor humano destruidor da vida das especies.

Assim o caçador jamais deixava de disparar a arma sobre o infeliz tapir. Da robustez da anta adduz Ouseley um depoimento de viajante: certo sujeito, estando a cavallo, apartara um desses animaes laçando-o; pois bem, vira-se, elle e a montaria, arrebatados irresistivelmente pelo proboscideo a ponto de ser obrigado a abandonar o tirante do pialo.

A Ouseley gabaram muito o couro da anta pela absoluta impermeabilidade e disseram-lhe que sua carne parecia um mixto da de vacca e da de porco. Macacos e papagaios eram incontaveis na matta serrana. Todos os consideravam excellente caça. Tanto os Indios como o populacho civilisado do Brasil. Mas papa fina vinham a ser os gallinaceos: sobretudo uma especie de faisão e outras aves grandes que se assemelhavam ao perú bravo e a um gallo negro, assim como uma especie de perdiz e outra de codorna,

A sua vista da barra da Guanabara tomou-a Ouseley de uma collina que elle pretende chamar-se *Morro de Flamingo* (sic) e era provavelmente o morro da Gloria.

Declara que a seu ver constituia aquelle ponto o melhor mirante para tal observação.

A sua prancha allega, não era senão uma vista à *vol d'oiseau*. Nella não havia a menor artificialidade; nada mais além do retrato fiel dos aspectos singulares que feriam o observador desde que penetrasse no porto fluminense e se voltasse para o Oceano. Destacavam-se em positiva proeminencia o Pão de Açucar assim como a collina peninsular da Fortaleza de São João, ligada ao grande penedo pelo isthmo da Praia Vermelha.

Da Fortaleza de Santa Cruz declara o diplomata que era formidavel praça de guerra, poderosamente artilhada de grandes peças ao lume d'agua. Consistia verdadeira imprudencia a collocação desta bateria principal, pois dos seus vinte e tantos pés acima do Atlantico, apenas, decorriam frequentemente graves consequencias.

Os temporaes devidos ao vento sul, causadores de enormes ressacas levavam as aguas a desmontar os canhões de suas casamatas. Tal a violencia da arrebentação que por vezes haviam as ondas revirado as longas e pesadas peças de 46, arrastando-as para dentro da Fortaleza, como se fossem montões de varreduras, de envolta com os respectivos reparos, pertences e destroços da alvenaria!

Refere-se Ouseley a uma extraordinaria ressaca que, durante tres dias, isolou a grande fortaleza, completamente, ao mesmo tempo que impedia qualquer communição entre as duas margens da Guanabara e forçava os navios de guerra ancorados no porto a não arrear escaletes, embora fundeados a 4 ou 5 milhas da barra.

E no entanto, quasi sempre, não havia paragens maritimas mais praticaveis do que as guanabarinas, dispensando piloto, accessiveis até a marinheiros, de pouca proficiencia, quer de dia quer á noite, entrando ou sahindo pela barra.

Bastava um pouco de prudencia e cessava todo e qualquer possibilidade de perigo.

A unica pecação era, para os veleiros, não se aventurarem á passagem pela bocca do Golfo em occasião de pouco vento. Ahi sim, podia a correnteza arrastar o desastrado capitão ao encalhe nos rochedos da entrada.

Assim se haviam perdido, ao meio dia, e com o mais bello tempo e o mais brilhante sol, muitos navios desajudados de uma brisa firme.

Os rebocadores a vapor corrigiam agora os perigos da empresa. Havia-os sempre, quer em Santa Cruz quer em S. João, promptos ao soccorro dos veleiros necessitados de sua intervenção.

Apesar disto ainda occorriam desastres naquella região da bahia. Assim o proprio Ouseley vira, certa vez, perder-se um navio porque o cabo do reboque lhe era demais curto; faltavam-lhe algumas braças. Dêsobediencia ao velho proloquio maritimo universal: dê-se sempre cabo sufficiente.

Aos seus leitores inglezes explica Ouseley a situação da bahia de Botafogo de onde se divisavam curiosos e interessantes aspectos de montanhas, sobretudo do Corcovado. A seu ver, porem, nada mais frisante do que a Gavea que certamente, outr'ora, fora como o seu grande vizinho, um obelisco talvez até muito mais alto do que elle. Alguma convulsão das eras geologicas, provavelmente, derribara o cume do titan cujo corucheo repousava sobre estreita base. Dahi a inferioridade da sua resistencia em relação á do Corcovado.

Tinha o viajante a impressão de que da Gavea subsistira apenas a metade da montanha primitiva. Assim se explicava a presença de enormes rochedos na vizinhança de sua base e destroços do velho morro principal.

Semi escondidos pela vegetação, tres penedos só eram bem descortinados pelos observadores que subissem a determinados pontos da Gavea, a que os inglezes davam o nome de Morro da Mesa.

Passava a montanha por inacessivel. E realmente até então não havia provas positivas de que lhe houvesse alguém attingido a gigantesca plataforma.

Tinham-lhe alguns observadores, com o auxilio de oculos de alcance divisado veados no cume.

Duvidava Ouseley de tal: talvez se tratasse de onças ou macacos.

O "Falso Pão de Açucar" estava um pouco ao norte da Gavea. Entre as duas montanhas achava-se o Jardim Botanico que "bem merecia ser visitado", tanto mais quanto o caminho que de Botafogo ali ia ter cortava uma zona muito bella e variada de aspectos.

Chama o diplomata a attenção dos leitores a que procurassem, na prancha consagrada á bahia de Botafogo, o pavilhão mandado construir por D. Pedro I num logar onde os banhos salgados eram optimos.

Passara depois tal casa a ser a moradia de Sir Robert Gordon, Ministro britannico no Brasil, do Conde de Reventlow, Ministro da Dinamarca, afinal do Marquez de Barbacena.

A tal proposito faz Ouseley os mais altos elogios ao seu collega escandinavo, cuja morte occorrera em Londres exactamente quando elle estava a imprimir a sua obra.

Poucas vezes se vira fidalgo tão cortez e tão fino cavalheiro, diplomata tão dedicado aos interesses do seu paiz, pessoa de tão elevadas normas de conducta publica e particular.

Conhecera-o intimamente. Com elle viajara ao interior do Brasil. Poucos gentlemen haveria dignos de estima e admiração, quanto elle pela nobreza do character e sentimentos. Nada mais natural do que as grandes manifestações de pesar com que a imprensa ingleza commentara o seu desaparecimento pois na Côrte da Inglaterra era respeitado e querido como raros haviam logrado ser.

Para se dar uma boa idéa da belleza da bahia de Botafogo, declara Ouseley, modestamente, tornava-se necessaria a habilidade de um artista excellente. Ao longo da praia erguiam-se as villas ou quasi quintas de muitos dos mais altos personagens da capital brasileira, como a do fallecido Marquez das Palmas (sic) a que Mr. Hamilton, antigo ministro britannico no Brasil, Sir Arthur Aston, Lord Ponsomby, e muitos outros, haviam tambem occupado.

Crescia o Rio de Janeiro porém, tanto, e tão rapidamente, em direcção a Botafogo, que as características ruraes da formosa praia estavam ameaçadas de completa transformação.

Para tanto contribuiu notavelmente a optima estrada macadamizada que ligava o bairro ao centro da cidade.

Retalhavam-se as grandes chacaras primitivas e surgiam casas novas numerosas.

Outrora era a praia um areial terrivel onde encahavam os vehiculos a ponto de ficarem ás vezes em situação desesperadora nos caldeirões formados por occasião das grandes chuvas.

“*On a changé cela*” annota o diplomata a lembrar que o facies da praia era agora muito diverso do do tempo em que fora feita a prancha do seu album.

A's velhas “sejas” (sic) portuguezas de duas rodas, reliquias muito mais respeitaveis pela ancianidade do que recommendaveis pelo conforto substituiam agora os omnibus, puxados por quatro bestas, e grande quantidade de vehiculos europeus contemporaneos.

Magnificos os banhos de mar em Botafogo! onde as mais violentas ressacas não provocavam ondas fortes, e onde a praia tinha o mais suave declive. Optimo para as senhoras sobretudo. Assim no verão inumeras eram as barracas de banhistas ao longo do mar, onde se abrigavam as familias desejosas de se revigorarem naquellas “aguas de banhos tão seguros”, e além de tudo, piscosas e optimas para a navegação de pequenas embarcações, protegida como era das correntezas.

A proposito de banhos de mar nas aguas da Guanabara escrevia Ouseley que embora nestas abundassem os tubarões, jamais se ouvira contar que um destes tigres maritimos houvesse atacado alguma mulher ou criança que fosse. E no emtanto durante o anno inteiro, a todas as horas, havia numerosissimos banhistas expostos aos seus assaltos.

O mesmo se verificava em plena bahia, nos ancoradouros mercantes e dos navios de guerra, onde a maruja tomava regalados banhos, sem que jamais occorresse uma só aggressão dos terriveis esqualos.

Facto curioso! fóra da barra tornavam-se perigosissimos estes carnivoros insaciaveis.

Certa vez elle proprio, Ouseley, entendera banhar-se na Praia Vermelha, onde a agua era muito mais pura do que na bahia. Puzera-se a nadar para o largo, quando o avisaram do imminente perigo do assalto de um

tabarão. No mar alto eram os esqualos muito maiores do que os da bahia e positiva e notoriamente amantes de carne humana.

Attribuia o diplomata a inofensividade dos tubarões guanabarinós á abundancia de alimento que lhes proporcionavam os detritos da capital brasileira onde os matadouros, situados á fimbria da praia, lhes davam comida á ufa.

A Ouseley observou certo official da Marinha da sua nação, a gracejar, que tal inofensividade dos tubarões da Guanabara obedecia a um sentimento de submissão ao direito das gentes e internacional, por parte desses *sealawyers* ou legisladores do mar como por zombaria lhes chamavam os marujos, os *jacks*.

Sentiam que nas aguas da bahia carioca não se achavam em zona de sua jurisdicção e sim na de seus "collegas praianos" os animaes verticaes. . . Assim não queriam dar ensanchas a que se aborrecessem os seus imitadores em materia de matança, nem pretendiam aggravar a sua situação que era a de habeas-corpus naquella area em que ninguem podia chamar "mar de ninguem".

A tal proposito faz Ouseley um trocadilho de duplo sentido entre a alcunha dos tubarões (*sealawyers*) e outra que elle agora lhes propunha: *sealawyers* (especialistas em direito maritimo). E ainda lembrava que a delicadeza dos sentimentos não os levava a respeitar apenas as regras da cortezia nas vizinhanças dos matadouros e sim em toda a área da bahia do Rio de Janeiro.

Podia, por experiencia propria, attestal-o. A asserção ainda a corroboraria não só o capellão como um dos addidos da Legação Britannica no Brasil. Fôra elle, Ouseley, tomar banho em afastado ponto. E, a na-

dar, afastara-se bastante da praia quando lhe chegára aos ouvidos forte gritaria de terra.

“Voltando-me explica o nosso autor percebi o nosso respeitavel paŕstor e o seu companheiro correndo em direcção ao secco, com aquella decisão firme e aquelles passos de cabriolas que um cavalheiro é forçado a tomar quando tem agua pelo joelho e precisa correr depressa, o que o leva a uma certa imitação da choreographia africana. Os seus gestos e berros levaram-me comtudo a olhar para o lado do mar. Foi ahi que perfeitamente divisei e, a umas quinze ou vinte jardas de mim (entre 13ms. 71 e 18 ms. 28), e á minha frente, a bem conhecida barbatana mosqueada de negro que os tubarões habitualmente mostram ao nivel do mar quando nadam em aguas calmas.

“Appellando para todo o meu sangue frio tentei, a philosophar antes do mais, suggestionar-me de que muito improvavelmente um “mestre de direito maritimo” como aquelle, de tal tamanho, não iria attentar contra uma regra de já tão antiga praxe, quanto á do tacito *modus vivendi* squalo-humano. Fôra tal confiança neste accordo que me levava a nadar alli, sempre sem ser molestado no que quer que fosse. O tubarão não iria agora certamente olvidar, além de tudo a maxima legal referente aos plenipotenciarios, parlamentarios e outros delegados de poderes: *sancta est persona legati*. Assim da minha privilegiada personalidade não quereria fazer um bom bocado”.

“Apesar de tudo, instinctivamente, notei que me dirigia em direcção á praia com a cabeça voltada sobre o hombro, afim de observar, do melhor modo, os movimentos da tal barbatana dorsal. E o mais curioso é que nadava tão depressa quanto me era dado fazel-o, sem grande ruido, evitando o mais possivel, o reboiço das

aguas (o que sempre excita a curiosidade daquelle peixe). Puz-me pois a cortar as aguas muito mais depressa do que habitualmente, embora verdadeiramente atrapalhado pelo verdadeiro frouxo de riso que me assaltara, ao perceber que os banhistas, chegando á praia, ainda continuavam a fugir em direcção a umas moutas das alturas onde havia muito pedregulho cortante e espinhaes dilacerantes, cousa de pouca monta e de que certamente se não lembrariam naquelle momento tratando de fugir ao monstro marinho.

Mas não só o tubarão não os perseguiu até ali como até nem me ligou a menor importancia, pouco caso que, aliás, não lhe levei a mal.

Pude (e fui eu o unico observador) acompanhar o itinerario do dono da barbatana negra que lenta, inofensiva e firmemente, nadou parallelamente á costa”.

Depois deste successo de inesqueciveis recordações, certamente, notou o nosso Ouseley que aquella praia (cujo nome aliás não declara), deixara de ter a frequencia de banhistas que alli se notava.

Era provavelmente o tubarão de Ouseley, tão cordato quanto á famosa e gigantesca tintureira que pelos annos de 1884 (?) deu immenso que falar de si, entre o bom povo carioca, tornando-se o espantalho dos banhistas do Flamengo, do Boqueirão e de Icarahy. Obrigou este esqualo, aliás de boa composição ao que parece, a capitania do porto á mobilisação de não sabemos quantos barcos de caça e afinal sem provar um unico naco da appetecida carne humana, tornou a ganhar a immensidão atlantica, cançado das pilherias que, a seu respeito, se imprimiam nos jornaes do Rio de Janeiro e dos trocadilhos que sobre elle corriam entre os cariocas, *nés malins*.

Provavelmente contentara-se a sua vaidade com o pavor, provocado frequentemente pelo assinalamento, verdadeiro, ou inventado pelos maldosos, ou os medrosos. A tintureira! a tintureira! eram brados que atiravam á praia centenas de banhistas espavoridos.

Já ninguém mais nadava! Passavam todos aos *banhos de areia*. E assim mesmo os terrores panicos se multiplicavam que não eram os *terrores pandegos* como o que certo dos nossos "Coronel Ramollot", heroe do Paraguay, qualificava a disparada do inimigo ante a investida da columna a que elle commandava.

Pilheriando a posteriori sobre o caso do seu encontro com o esqualo fluminense certamente devia nosso Ouseley ao recordar o seu temor retrospectivo, ter dito com os seus botões que aquella manhã na qual o "tigre oceanico" respeitara a pessoa sagrada de um legado "pertencia a um dia *albo notando*".

III

Excursão a Jurujuba e á Serra dos Orgãos

Passando a percorrer o litoral em frente ao Rio de Janeiro foi o diplomata ter á Boa Viagem, cuja linda situação o encantou.

Depois de explicar ao seu publico britannico qual a razão de ser daquelle santuario de Nossa Senhora, pertencente a uma invocação frequente, quer no Brasil, e nos paizes ibericos, quer já em todo o sul da Europa, relata Ouseley que a capelinha fluminense era verdadeiro relicario de innumerous *ex-voto* de maritimos.

A este proposito põe-se a fazer espirito assaz "engarrafado": "Nestes nossos tempos utilitarios, e sem poe-

sia alguma, as companhias de Seguros Maritimos não tem grande confiança, certamente, nos processos da garantia piedosa que taes demonstrações (as promessas dos marinheiros) offerecem. E por este motivo não diminuem as taxas de seguros para os navios assim protegidos”.

Logo depois não deixa o reparador escapar a vaza de applicar algumas boas “lambadas” ao “papismo”.

“Estas e outras praxes adoptadas e adaptadas, oriundas de costumes pagãos, figuram entre os meios mais efficazes pelos quaes o Catholicismo Romano foi absorvendo varias das praticas da mythologia grega de preferencia a que o seu total abandono se effectuasse”.

“Graças a facil transição foi o altar pagão suplantado pelo de Roma. Se é exacto que tal systema de conversão repugna aos sentimentos dos rigidos protestantes reformadores nem por isto deixam os seus resultados de se apresentar, pittorescamente, aos olhos daquelles que amam as reminiscencias classicas. E é curiosa, através do espaço e do tempo, a evocação da distancia que separa a America do Sul do Olympo dos nossos estudos da adolescencia. E mais ainda saborosa a verificação da existencia, aqui, destes reflexos pallidos dos costumes gregos e romanos.

Gaba Ouseley, immenso, o panorama descortinado do alto da collina da Boa Viagem. Durante a época dos grandes calores uma hora passada ali á sombra de magnificas arvores no gozo de forte viração marinha, era o que podia haver de agradável, sob os ceos guanabarinicos.

Lindo o caminho que levava o viandante á pequena ponte por onde começava a ascensão á collina.

Que panorama soberbo o daquelle ponto privilegiado! via-se o observador embevecido a contemplar, de

um lado, o Pão de Açúcar e S. João, do outro Santa Cruz e a linda bahia da “Jurujube” ou mais correctamente Jurujuba, pequena angra do golfo guanabarino que os marítimos inglezes chamavam: a “bahia das cinco toezas”.

Fazendo excursões de bote pelas aguas da Jurujuba resolveu o diplomata verificar a sondagem daquellas aguas. Achou-as então muito menos profundas do que as taes apregoadas cinco toezas (11 m. 70).

Assim interpellou, a certo marítimo inglez e este lhe explicou o caso: em dados logares tinha o mar duas toezas de fundo. Em outros tres! Dois e tres... Dahi o nome. Ingenuamente, muito ingenuamente commenta o nosso artista “isto era coisa para se não levar a serio” (sic).

Pensava Ouseley que Jurujuba significasse em guarany, desfiladeiro ou estreito marítimo, o que se coaduna perfeitamente com a pequena amplidão da barra da angra, entre a Boa Viagem e o costão opposto. Contra esta etymologia oppõe-se a de Theodoro Sampaio *Yuru-Yuba*, pescoço amarelo ou ruivo, a boca ruiva, a barba ruiva ou loura”.

E’ bem possivel, porém, e bem mais provavel, até, que uma simples apherese haja feito de *ayuruyuba* (pagaio amarelo) *jurujuba*.

Justificando o seu modo de ver explica o nosso’ autor: “quasi todos os nomes indigenas do Brasil são compostos tal qual se dá na America do Norte. Tem significado descriptivo da topographia a que se applicam”.

Não nos esqueçamos, porém, do campo de experiencias magnifico que os nossos toponymos indigenas offerecem á descabellada fantasia etymologica dos indianistas do paiz.

O mesmo nome para uns é pedra lisa e para outros anta negra, por exemplo. Mas nada tão pittoresco, neste particular, quanto a tendencia de se filiarem palavras e denominações portuguezas a etymos indigenas.

Haja vista o que se lê em certos dos nossos chorographos regionalistas que a denominações hagiologicas attribuem origens abanheens! E não admittem que *Santo Estevam*, por exemplo provenha da linguagem lusa. A seu ver é a corruptela de longa phrase guarany que significa, digamos: “logar onde ha muito vento” ou “rio cheio de corredeiras”. *Alfana vient d’equus...!!*

Consagrou Ouseley uma de suas bellas mas escasas pranchas a assumpto bastante pouco digno de attenção, a vista de tantas maravilhas que tinha sob os olhos numa profusão de embaraçosa escolha.

Assim retratou “uma gruta natural na Bahia da Jurujuba”, magnifica camara de banhos “onde até havia prateleiras naturaes para as roupas dos banhistas”. Isto em nivel não attingivel pelas altas aguas, “circumstancia muito mais propicia ao divertimento dos espectadores do que á satisfação dos banhistas”.

Delicioso frescor reinava naquella anfractuosidade cujo solo era de areia grossa amarella e onde existiam muitas pedras offerecendo assento natural. Tão agradável a temperatura daquelle recinto que causava penosas impressões de antecipação, pelo contraste, áquelles que dali se afastavam para voltar ao outro lado da bahia fluminense, sob o sol abrasador da travessia.

Naquelle ambiente surgiam “mil attractivos para os que apreciavam a indolencia meditativa”. Orchideas, conchas e caramujos, plantas maritimas, epiphytas e parasitas de todos os generos, nas arvores vizinhas; zoophytos numerosos, passaros de alegres e variegadas cores e de todos os tamanhos, cruzando-se, em todas as direc-

ções, desde o beijaflor até o papagaio e o abutre. Innumeros insectos dos mais brilhantes matizes enchem os ares e as moitas baixas; apresentavam-se as aguas limpidissimas. Tudo concorria para que o visitante daquellas paragens dellas se afastasse sobremodo saudoso.

E se acaso no bote que ali o levava havia além de boa copia de livros e material para desenho, espingardas e até um bom cesto de provisões a delonga naquelle sitio delicioso podia ser differida até o crepusculo quando os raios do sol perdiam a verticalidade e o teral favorecia a volta á capital brasileira.

“Em grutas como aquellas os antigos gregos, esthetas como sabiam ser, collocavam a moradia das nymphas”.

Largamente expõe o nosso artista os motivos que o levaram a reproduzir aquelle ambiente. Tem-se a impressão de que receia a critica dos leitores a accusal-o de injustificada escolha de assumpto.

Assim emprega phrases e phrases em justificar o criterio que o levou a retratar tão insignificante scenario.

Muitissimo mais interessante vem a ser a prancha consagrada á igreja de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro, que Ouseley pretende ser chamada mais simplesmente “La Gloria” (sic).

Linda a situação da bella igrejinha tão conhecida de todos.

A’ base da collina em pequena abra existia movimentada praia de desembarque; ali vinham ter os esca-leres dos navios de guerra estrangeiros que ancoravam na Guanabara.

Ao morro da Gloria adornavam lindas chacaras, com jardins em terraço, que, do mar, lembravam o aspecto das ilhas Borromeu no Lago Maggiore.

Explicando por que na prancha apparece parte do Aqueducto da Carioca, declara Ouseley que o desenho

elle o traçara de uma eminencia no jardim de grande casa, chamada da Lapa onde outrora habitara o Duque de Cadoval (sic).

As mangueiras abundantes na grande chacara representavam um dos mais bellos e vistosos elementos decorativos da paisagem fluminense. Tão numerosas eram que a muitos poderiam mais parecer um recurso do artista para o enriquecimento da paisagem do que a traducção da realidade.

Refere o diplomata que os inglezes, sobretudo os marinheiros, têm a balda de transformar em o todas as desinencias em a. Dahi o facto de estropiarem manga para *mangó*, assim como *Gloria* para *Glorio*.

E havia ainda entre elles quem chegasse a dizer *Glory-hole*, o que era simplesmente ridiculo, pois assim se chamaria a caverna ou gruta da Gloria, o que era o Outeiro da Gloria. Obedecia isto a uma tendencia accentuada da prosodia ingleza, aliás. Dahi decorria, real prejuizo para a accepção do nome da Gloria, era obvio lembrial-o. Em todo o caso para os maritimos evocava o tal *Glory-hole* mais a enseada do que a igreja-nha que a dominava.

Reproduzindo aspectos de uma "Chacara-de Mangueiras", queixa-se Ouseley da inexactidão da prancha, impressa na Inglaterra, sem que elle lhe acompanhasse a execução. O mesmo aliás se dera com outras pranchas. Na da chacara das Mangueiras estavam prejudicados os aspectos da folhagem e dos troncos das magnificas arvores que enfeitavam a quinta do Botafogo onde elle, Ouseley, residira longos annos. Deixando de ser encarregado de Negocios de Sua Majestade Britannica do Brasil, fôra a residencia occupada pelo Principe Adalberto da Prussia, durante a sua estada no Rio, e depois

por Sir Henry Ellis, enviado em missão especial á Côrte Imperial.

A casa edificara-a um architecto italiano. Tinha uma galeria de seus oitenta pés de comprido (cerca de 25 metros). Neste terraço recebia-se magnifico frescor devido á viração marítima.

Uma das vantagens da chacara das Mangueiras vinha a ser o facto de estar muito mais perto da cidade do que as demais residencias diplomaticas ou as dos membros do governo, dos ricos negociantes etc..

Della se desfructava linda vista. No vasto terreno do seu jardim, pomar e horta, vicejava luxuriante vegetação e até pequeno cafezal além de basto laranjal onde se destacava certa variedade de frutos parecidissimos com as peras, particularidade propria do Rio de Janeiro.

As preciosas essencias florestaes do Brasil, densas e durissimas como por exemplo o pau ferro, e outras, que não fluctuavam sobre as aguas, eram legitima garantia contra a propagação dos incendios no Rio de Janeiro.

Frisante exemplo de tal se dera na propria casa da Chacara das Mangueiras, quando nella residira o Barão Palencia, Ministro da Russia no Brasil.

Certa noite ladrões haviam acendido uma fogueira contigua a uma das portas de uma das dependencias da chacara. A noite inteira ardera ella e no emtanto as folhas da porta, no dia immediato, apenas pareciam ligeiramente tostadas.

Uma das melhores pranchas de Ouseley se consagra ao panorama da "entrada da barra tomada das alturas de Laranjeiras". Gaba muito o artista diplomata a belleza do suburbio fluminense cujo valle se achava cheio de cafezaes e laranjaes e onde os pomares apresentavam lindas mangueiras.

Acompanhar o turista a estrada das Laranjeiras, ao longo do sinuoso curso do riacho das Caboclas, em direcção ao sopé do Corcovado era dar-se ao prazer de atravessar um scenario de tão bellos quanto variados aspectos.

A cada passo encontraria chacaras e jardins agradaveis.

A fauna e a flora ainda por ali estavam então tão pouco exploradas que certo entomologo e botanico, ao serviço do Rei da Dinamarca, numa só manhã, antes do almoço, achara grande numero de plantas e insectos ainda não determinados. Assim contara o proprio naturalista ao nosso autor.

Chama Ouseley, a tal proposito, a attenção dos scientists europeus, expondo-lhes quanto o Brasil era um campo riquissimo de pesquisas sobretudo na Provincia do Rio de Janeiro. Isto não só para os geologos, mineralogistas e botanicos como para os historiadores.

Allega a vultosa massa de plantas medicinaes brasileiras como a salsaparrilha, a ipecacuanha, a quina, as especies resinosas oleaginosas, as gommas, assim como "numerosas variedades de pimenta". Por toda a parte abundavam estas assim como a *palma-christi* de que se extrahia o oleo de ricino.

A sua prancha n.º 12 consagra-a Ouseley a uma vista do Convento (sic) de Nossa Senhora da Penha, "invocação identica á de muitos templos da Hespanha e Portugal". O que nos relata da tão conhecida igreja dos arredores do Rio de Janeiro vem a ser insignificante. Apenas frisa a circumstancia de que subir o peregrino, ao alto da montanha, á capela, num dia de temperatura tropical, após longa caminhada, para levar a Nossa Senhora o seu *ex-voto*, representa, realmente, severa penitencia.

Ao aqueducto da Carioca gaba muito Ouseley a belleza e imponencia, assim como muito louva a excellencia da lympha da Carioca.

Apanhou-lhe a vista de Matacavallos "nome ou tr'ora muito judiciosamente applicado a certo bairro fluminense, antes da abertura de excellente estrada carroçavel".

Bons predios e bellos jardins, se achavam em Matacavallos, infelizmente, muito infestados de mosquitos e até de reptis venenosos. Dahi a precaução que certos proprietarios tomavam de desnudar o terreno em torno das casas. "Não reinava aliás no Rio, como nos Estados Unidos positiva inimizade ás arvores".

Referindo-se á nossa capital lembra o diplomata que a metropole brasileira passava por ter 300.000 habitantes, no minimo. Suppunha porém que a sua população attingisse 400.000 almas ahi se incluindo a dos suburbios e a de Nictheroy.

Viviam as estatisticas brasileiras viciadas em virtude da adulteração das informações municipaes, visando sempre diminuir o numero de habitantes, quer com vistas á obtenção de menores encargos de taxas, quer procurando fornecer menor numero de soldados á conscripção.

Facto interessante: as grandes cidades do Brasil haviam em geral perdido os nomes primitivos. Assim aconselhava Ouseley que ninguem de Londres ou Paris mandasse cartas para São Sebastião e São Salvador. Arriscaria vel-as extraviadas.

Do convento das carmelitas, em Santa Theresa, tão piedoso, tão severamente monastico, nada de especial nos conta Ouseley. Apenas lembra que dominava magnificente panorama marinho e que o caminho do Corco-

vado passava ao longo dos muros altos do seu quintal vasto.

Era o diplomata por demais “anti-romano” “anti-papista” para comprehender a intensa poesia que do aspecto daquella casa da oração se desprende, a evocar-nos os versos soberbos de Haraucourt:

*Un crucifix de fer tend ses bras sur le seuil
De larges remparts gris ceignent le cloître austère
Où viennent se briser tous les bruits de la terre
Comme des flôts mourants aux angles d'un écueil*

*Le saint lieu clos à tous git comme un grand cercueil
Plein de silence, plein d'ombre, plein de mystère,
Des vierges dorment là leur sommeil volontaire,
Et sous le voile blanc portent leur propre deuil...*

O final do soneto é digno dos dois primeiros quartetos e bem traduz a ascese das filhas de Santa Theresa. Assim o transcrevamos:

*Tous les ressorts humains se sont rompus en elles
Dans l'éblouissement des choses éternelles.
Elles marchent sans voir, hors du temps, hors du lieu...*

*Elles vont, spectres froids, corps dont l'âme est ravie
Êtres inexistantes qui s'abîment en Dieu
Vivantes dans la mort et mortes dans la vie...*

Mas o nosso William Gore não tinha quiçá o espirito feito para comprehender estas coisas...

Dahi a insignificancia da sua referencia ao cenobio de Santa Theresa de Jesus em cuja Igreja sombria repousa Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadella, coberto de titulos á gratidão do Brasil; é ocioso recorda-lo.

Um porém aqui lhe rememoremos — e dos mais eminentes — o de instigador da fundação da primeira typographia brasileira, a de Antonio Isidoro da Fonseca.

Saudemol-o em nome da Civilização, o protector do enigmatico impressor cujo mysterio tanto esclareceu Felix Pacheco na monumental obra das *Duas charadas bibliographicas*.

As duas ultimas vistas de sua serie fluminense consagra-as Ouseley á Serra da Estrella e á Cascata do Itamaraty perto de Petropolis.

A vista da Estrella tomou-a de certa montanha, a algumas milhas além de Petropolis, perto da estrada principal que se dirigia a Minas Geraes.

E' bem pouco preciso o que nos refere da localisção de tal observatorio, "ponto que se achava depois de transposta a primeira cadeia de collinas". Descera o viajante a um valle em cujo thalweg corre sinuoso ribeirão, interceptado por cascatas nascidas de grandes rochedos. Por vezes, nas varzeas, alargava-se ao passo que, em outras occasiões, formava poços de grande profundidade, nos logares onde penedos e arvores cahidas lhe constituíam natural barragem ao curso. A' estampa animam rapazes procurando apanhar peixes pequenos nos canaes do rio, provavelmente o Piabanha. Refere Ouseley que por occasião de desenhar a sua prancha estava o bello affluente do Parahyba muito entumescido pelas pesadas chuvas.

Grato ao prazer que lhe proporcionara a visita frequente ás cachoeiras do Itamaraty, (desde muito aproveitadas para a illuminação de Petropolis como todos sabem) consagrou Ouseley algumas paginas do resumi-do texto a estas pouco admiradas cascatas até então, pretende elle, muito pouco conhecidas dos europeus, pelo

facto de se acharem apartadas de qualquer estrada principal.

Observa que não lhe fôra de todo possível tomar uma vista geral dos tres saltos. Realmente era o local, para tal fim propicio, de muito difficil accesso.

Em certa occasião passeara por aquelles lindos lugares numa excursão de pessoas distintas, de que fazia parte o Internuncio Apostolico.

Grande turma de negros fôra mandada á frente para roçar o caminho e derrubar troncos que servissem de improvisada ponte.

Era prodigiosamente variada a flora itamaratyense. Cipós occurriam ali de muitos diametros; tinham alguns a espessura dos chicotes; outros, a circumferencia de largos cabos; havia-os até superiores ás dimensões transversas do corpo humano médio, "outros cheios de nós e espiraes lembravam os colleios de gigantescas serpes à *la Laocoon*".

Só podia ter idéa da fertilidade do Brasil quem *de visu* conhecesse a flora do paiz.

Algumas poucas semanas após a abertura da improvisada estrada para o Itamaraty certamente poderia passar em uma contiguidade o viandante, junto á ponte feita para a visita do Delegado de Sua Santidade, que, da cachoeira, só conheceria a proximidade pelo mugido das aguas. Não tivesse quem o guiasse, algum individuo pratico daquellas paragens e certamente não attingiria o ponto de onde se descortinavam os saltos do Itamaraty.

Elle proprio Ouseley o verificara, certa vez, após pequeno intervallo de duas visitas a este local.

Na parte superior da cachoeira haviam as aguas excavado, na rocha, larga bacia que os moradores da zona pretendiam ter enorme, quasi incommensuravel profundidade.

Entre os negros e caipiras da região corriam alarmantes historias, ou tradições, referentes aos crocodilos immensos que habitavam aquellas aguas. Muito diversos dos que viviam na baixada fluminense; muitissimo maiores e muitissimo vorazes. Refugiavam-se nos grandes poços do rio cuja corrente tambem servia de habitat a venenosas serpes.

Diversas vezes banhou-se o diplomata na insondavel bacia do Itamaraty, cujas aguas frias, em contraste com o tepidez do ar, eram "magnifico estimulo ao revigoramento do organismo cansado pelo exercicio ou o calor do dia".

"Certo dia, conta-nos, atravessara um canal profundo quando vi grande serpente, naturalmente assarapantada com a minha presença, a nadar para a margem que eu deixara, perto do lugar onde havia ficado a minha roupa.

Não era uma cobra dagua — com certeza — e sim, como a experiencia me ensinava, um especimen de um dos mais venenosos ophidios brasileiros: a jararaca.

Embora achasse os seus movimentos muito elegantes devo dizer que os contemplei com legitimo mal estar. Achei mais prudente, comtudo, desistir do banho, embora o fizesse com grande relutancia e consideravel demora. Mas isto preferivel á camaradagem com semelhante companheiro banhista".

Explica Ouseley que o nome Itamaraty tinha origem provavel do guarany significado "as pedras brilhantes ou o rochedo brilhante", denominação proveniente do aspecto das grandes massas pedregosas a que as aguas desgastavam.

"*Ita, stone or rock*" explica o nosso diplomata fazendo praça de indianismo mediocre. . .

A velha via colonial que outrora galgava a Serra da Estrella apresentava um *grade* muito ingreme, em relação aos progressos da engenharia do século XIX. Não passava realmente de verdadeira vereda, ennobrecida com o nome de estrada. Agora, calçada, tornava-se praticável e segura.

A nova estrada recentemente aberta, segundo as regras dos progressos da viação terrestre, é que se rasgara com superflua largura.

Attribuia Ouseley tal facto á circumstancia de que servia a Petropolis cujos progressos corriam rapidos. Já o Imperador ali construira a sua residencia estival, no que fôra imitado pelos dignitarios e fidalgos da sua Côrte e muitos dos mais ricos e conspicios moradores do Rio de Janeiro.

Clima e temperatura deliciosos os dos valles serranos, "eminente restauradores da saude abalada pelos formidaveis calores da baixada fluminense". Com algumas semanas de permanencia em Petropolis os europeus se restabeleciam perfeitamente.

Prosperavam muito os primeiros colonos allemães ali localizados em prazos que a Casa Imperial lhes offercia nas mais vantajosas condições.

Que campo admiravel, e immenso, de estudos, offercia, nos arredores de Petropolis, a Serra da Estrella aos naturalistas, sobretudo aos entomologos e botanicos!

Esperava-se que o final da construcção da estrada de ferro de Mauá desse enorme impulso á cidade de Pedro II.

Explicando a fundação de Petropolis conta Ouseley que a seu ver devera-se ella a D. Pedro I. Depois de haver adquirido a grande fazenda do Corrego Secco fizera o Monarcha largas concessões de terras a varios fidalgos de sua Côrte.

Não fôra porém o primeiro imperante do Brasil capaz de mandar construir sequer uma boa estrada do Rio ás alturas da Serra. Ainda menos de pensar em estabelecer uma cidade naquelles páramos encantadores. Coubera ao filho, parecia incontestemente a iniciativa da fundação daquelle sanatorio. Petropolis agora podia ser comparado aos "Sitios Reaes" da Hespanha: Aranjuez, La Granja, etc., para onde a Côrte se transferia de tempos a tempos.

Pobre Paço Imperial de Petropolis! posto em confronto com o soberbo palacio começado por Carlos V, Imperador, e terminado quasi tres seculos após o inicio de suas obras, por Carlos IV de Bourbon! Pobre jardim modestissimo do nosso Pedro II, servindo de paralelo ás magnificencias do famoso parque ribeirinho do Tejo, um dos mais ricos do Universo...

Já era ter imaginação querer estabelecer uma comparação entre o singelissimo sobradão do soberano brasileiro e o admiravel palacio de Santo Ildefonso, apinhado das maiores preciosidades artisticas, rodeado de jardins magnificos!

Tão notavel eram o palacio e o parque dos soberanos do Brasil que em 1862 XXX... (Carlos Augusto Taunay) em sua "*Viagem pittoresca a Petropolis para servir de roteiro aos viajantes e recordação deste ameno torrão brasileiro*" mal lhe consagra umas linhas descriptivas.

Contenta-se em dizer que "o imperial palacete faz frente á rua da Imperatriz e na sua simplicidade apenas consta de duas alas peitoris e um pavilhão central de sobrado". Em todo o caso não deixava de apresentar "pela posição dominante sobre a mor parte da cidade certo aspecto que impunha".

Dos famosos jardins comparaveis aos de Aranjuez (!) apenas refere que se desenvolviam aos pés da chapada onde se erguia o casarão imperial.

O que neste palacio de mais notavel existia era certo ambiente. Este, com effeito, verdadeiramente grandioso: o quarto de dormir de Pedro II, com o seu leito modestissimo, o lavatorio vulgar, as cadeiras toscas e a grande mesa de pinho, coberta de livros e papeis, manuseados e annotados.

Ali repousara e trabalhara longos e longos annos o grande Bragança, dictador inflexivel da moralidade publica brasileira, no dizer eloquente de Oliveira Lima.

Era este o unico ambiente grandioso do palacio americano simile do de San Ildefonso! no dizer do nosso William Gore Ouseley.

Emfim póde ser que escrevendo quando se começara a construcção do alcazar imperial, situado dentro da area destinada a futuro parque, imaginasse o diplomata que em Petropolis se reproduziria a opulencia dos paços europeus. E ainda, para o desculparmos, podemos allegar que conheceu a Pedro II quando o magnanimo Bragança era adolescente. Mal attingira os vinte annos no anno em que o nosso autor, definitivamente, deixou o Brasil para a sua missão no Rio da Prata.

Assim augurara do monarcha uma demonstração de fausto futuro, absolutamente antinómica do temperamento do filho de Leopoldina de Habsburgo.

Como os leitores terão visto é o texto de Ouseley sobremodo pobre.

Entre a sua valia e a da parte iconographica da obra, ha a maior disparidade.

Esta sim é realmente notavel e digna de confronto com outra collectanea ingleza da mesma época, a famosa serie de Chamberlain. Mas como execução, como

obra typographica, fica o album de Ouseley no mais vantajoso plano em relação ao do seu rival.

O prezadissimo amigo e eminente conterraneo Sr. Commandante Lucas A. Boiteux (conhecedor emerito dos nossos fastos navaes e a quem deve a Marinha brasileira grande serie de excellentes estudos, seja-nos permitido lembral-o de passagem, por amor á justiça) avisou-me de que o nome Ouseley figura nos quadros da nossa officialidade, sob o Primeiro Imperio. Infelizmente de modo nada brilhante. Trata-se certamente de um parente do nosso diplomata pois tal pessoa se chamava Gore Whitelocke Ouseley.

Vemol-o em 9 de Agosto de 1824 promovido a Segundo Tenente da Armada e algum tempo depois embarcado na corveta *Itaparica* seguir na malfadada expedição ao Rio Negro de Patagones. Sabe-se que em Março de 1827 foi destroçada pelos argentinos uma esquadilha nossa, do commando do Capitão de Fragata James Sheperd, cuja capitanea, a *Duqueza de Goyaz* se perdeu á foz do Rio Negro.

Tentando apoderar-se da Villa del Carmen foi Sheperd morto no desembarque. A' *Itaparica* tomaram os corsarios argentinos fazendo grande numero de prisioneiros entre os quaes o Tenente Ouseley que então se apresentou totalmente irresponsavel pela *intoxication*, como euphemisticamente se diz em sua lingua.

Era inveterado alcoolatra, queixou-se em parte official ao Governo Imperial o Almirante Pinto Guedes (Barão do Rio da Prata).

Remettido para Buenos Aires, com muitos outros prisioneiros feitos na Patagonia, relata Lucas Boiteux que o Tenente Ouseley logrou fugir do carcere argentino devido ao futuro Marquez de Tamandaré seu companheiro de desventura. Conseguindo o joven e heroico

Marques Lisboa sublevar os compatriotas prisioneiros a bordo do "Anna", dominou a guarnição argentina e conduziu a escuna ao porto de Montevideo, então em poder de nossas forças.

Mandou D. Pedro I, por seu Ministro da Marinha, Marquez de Maceió, que a Ouseley e outros officiaes se significasse o seu imperial desgosto. "Estão na sua Imperial presença reputados como fracos e covardes, devendo portanto procurar meios de desfazer tão desfavoravel conceito". Não deixara a dypsomania que o pobre Gore Whitelock honrasse o renome de seus appellidos tão dignificados pela bravura e capacidade de Sir Ralph Ouseley, quer nas campanhas napoleonicas em Portugal, quer na guerra civil brasileira de 1817.

Os demais officiaes mal comportados eram, no dizer de Lucas Boiteux, em sua excellente *A marinha de guerra brasileira nos reinados de D. João VI e D. Pedro I* o Tenente David Carter — tambem amigo devotado do hydrato de ethyla e da *dive bouteille* — e o piloto Joaquim Pecurario que, no momento do assalto ao navio, se encerrou a sete chaves no seu camarote.

Quatro navios, 29 canhões e 7 bandeiras, 79 baixas por morte e 579 prisioneiros, dos quaes 20 officiaes foram o balanço da malfadada expedição de Sheperd!

Cordialissimo anonymo enviou-me, em apontamentos vultosos, sobre os diversos Ouseley de quem tratamos, algumas notas, hauridas da magistral *Biographia Universal Ingleza*, ultimada por Sidney Lee: *Dictionary of National Biography*.

Sir William Gore Ouseley, o nosso diplomata artista, autor do *Album de vistas da America do Sul* era filho do grande orientalista Sir William Ouseley e sobrinho de Sir Gore Ouseley. Nasceu em 1797, foi Ministro Plenipotenciario de S. M. Britannica, na Argentina, em

1847. Negociou ahi a retirada das tropas invasoras do Uruguay.

Sir Gore além de Embaixador na Persia serviu como Ministro Residente na Côrte do Nababo de Oude.

Sir Ralph Ouseley, "Major-General" em Portugal, onde commandou uma divisão portugueza, durante a invasão franceza, era primo dos irmãos Gore e William Ouseley. Serviu este official no Rio de Janeiro e no exercito repressor da revolução pernambucana de 1817 onde commandou um regimento. Falleceu em Lisboa em 1842. Seu irmão Gedeão Ouseley, *non conformist minister*, ou dissidente da Igreja Anglicana, é conhecido autor de obras theologicas. Quanto a Sir Frederick Gore Ouseley, o compositor, *praecantor* e professor de musica na Universidade de Oxford, era elle filho de Sir Ralph. Refere-nos o bondoso e ignoto informante que este Frederick Ouseley mostrou-se menino prodigio, havendo, aos oito annos de idade, composto uma opera. Infelizmente não deu o que de si fazia esperar.

A obra de que falámos, escripta pelo nosso William Gore Ouseley, em collaboração com um diplomata francez e assignalada pelo bom primo e amigo Dr. Alberto Leite Ribeiro intitula-se *Mission de Mr. Ouseley et du baron Delfandis á Rio de la Plata, suivie de la réfutation de la note collective*. (Paris, Plon Frères, 1846. in 8º).

Como achega ao estudo sobre os Ouseley e o Brasil ainda convem lembrar valioso por menor devido a novo obsequio de Acyr Paes, que, sempre tão solícito quanto gentil e bem informado, me comunica haver descoberto no archivo do Itamaraty a passagem de Sir Gore Ouseley — o orientalista embaixador britannico da Persia — pelo Rio de Janeiro em 1810. Provavelmente quando ia assumir o elevado posto na Côrte do

Shah, onde tão notavel actuação exerceria, como tive o ensejo de recordar.

E' o que relatam os topicos colhidos por Acyr Paes numa publicação attribuida ao Barão do Rio Branco:

(Algumas regras do Cerimonial Diplomatico no Brasil — 20 de Setembro de 1903 — 2.^a edição com um Prefacio contendo antecedentes historicos. Imp. Nac. 1911).

Deve o embaixador britannico ter especialmente aportado ao Rio de Janeiro para cumprimentar a fiel aliada de seu gracioso soberano, curatelada pelo filho, o futuro D. João VI. Curiosa ficção politica! Vinha um delegado do demente Jorge III saudar a demente D. Maria I!

Diz a referencia da obra attribuida ao nosso grande chancellor:

“Em Setembro de 1810, estive de passagem no Rio, por quinze dias, em missão de etiqueta, um Embaixador Britannico, Sir Gore Ouseley, o qual foi recebido em audiencia particular”.

Teria o futuro paisagista do album de vistas do Rio de Janeiro acompanhado o tio e o pae naquella viagem ao Oriente? Provavelmente não, pois apenas contava então treze annos de idade.

Mas talvez o impressionassem, mais tarde, os depoimentos de ambos, relativos a esse *most beautiful Rio* que sempre escaldou a imaginação da gente britannica, apaixonada como ninguem mais, da sumptuosidade dos grandes scenarios naturaes.

Dahi um principio de vocação pictoria, diversa da directriz philologica e archeologica paterna e familiar.

FRANCIS DE CASTELNAU

(1843)

I

Quem era Castelnau — A sua viagem ao Brasil — Chegada ao Rio de Janeiro — Primeiras impressões — A rua do Ouvidor — A Capella Imperial — Festas religiosas.

Na primeira plana dos grandes, dos maiores exploradores scientificos do Brasil figura o nome de Francis de La Porte, Conde de Castelnau, ninguem o ignora, desde que conheça as cousas de nossa terra um pouco mais do que pela rama.

Não tem o relevo de um Martius ou o de um Saint Hilaire mas o seu renome se assenta sobre as solidas bases do merito, do valor da obra realisada.

Nasceu Francisco de Castelnau em 1812, occasionalmente, em Londres, onde seus Paes então residiam, e pertencia a muito illustre familia do centro e sul da França que, já no seculo XIII, se distinguira, graças ao talento do *troubadour* Raymundo de Castelnau, morto em 1274.

A esta casa pertenceram muitos personagens notaveis. Entre elles destacam-se Miguel de Castelnau, senhor de La Mauvissière, (1520-1592) diplomata e militar de muito valor, cujas memorias são documentos preciosos sobre a época terrivel das Guerras de Religião; seu neto, Jacques de Castelnau Mauvissière, marquez de Castelnau, nascido em 1620, marechal de França, brilhante logar tenente de Turenne, morto em com-

bate, no sitio de Dunkerque, aos 38 annos de idade, sua bisneta Henriqueta Julia de Castelnau, condessa de Murat, romancista, poetisa, mulher de notavel espirito.

Em nosso tempo adquiriu o nome de Castelnau, como todos sabem o maximo fulgor, graças aos feitos desse illustre cabo de guerra a quem a politicagem, segundo se affirma *coram populo*, tem obstinadamente impedido que se lhe confira o bastão do marechalato de França, demonstração aliás da mais elemental justiça. E isto porque se trata de um fidalgo e de um catholico fervoroso: esse Visconde de Curières, general Eduardo de Castelnau, que tão maravilhosamente, soube pôr em pratica a divisa magnifica de sua casa, o mote soberbo que lhe illustra o escudo *d'or au chateau de gueules*'' o altisonante *Currens post gloriam semper!*

Era a esta familia celebre de guerreiros, diplomatas e homens de letras que pertencia Francisco de Castelnau cujo espirito se orientou sobretudo para as sciencias naturaes o que lhe valeu o maior renome.

Geologo, zoologo, ethnographo, deixou a mais bella reputação de intelligencia e probidade. Depois de largamente haver percorrido a America Septentrional visitou a America do Sul, onde permaneceu quatro annos (1843-1847). Em 1849 exercia o cargo de Consul de França na Bahia.

Apaixonado das regiões exóticas realizou larga viagem de exploração na Africa e passou depois a residir na Australia como consul geral em Melbourne. Ahi falleceu aos 68 annos, em 1880 portanto.

E' sobremodo valiosa a sua bibliographia que comprehende a *Historia natural dos animaes articulados* (em collaboração com Blanchard e Lucas). o *Ensaio sobre o siluriano da America do Norte*, as *Vistas e recordações da America do Norte*, a *Memoria sobre os peixes da*

Africa Central, e a Expedição na parte central da America do Sul que tanto nos diz respeito.

Do relatorio de sua grande jornada brasileiro-boliviano-peruana, fez obra consideravel compreendendo a *Historia da viagem* em seis volumes, as *Vistas, as Antiguidades e a Geografia* em oito volumes, tudo editado com verdadeiro luxo typographico e iconographico.

Para lhe demonstrar a extensão da jornada basta que cite os pontos principaes que a balisam: Sahido do Rio de Janeiro passou por Ouro Preto, Pitanguy, Catalão, Goyaz e Salinas.

Desceu depois o Crixás e o Araguaya, até a confluencia deste com o Tocantins; subiu o Tocantins e voltou a Goiaz de onde foi ter a Cuiabá. D'ali depois de explorar as cabeceiras do Paraguay desceu, por via fluvial, aos limites da republica homonyma deste grande rio.

Voltando para o Norte foi por Poconé, Jaurú e Casalvasco á fronteira boliviana, passando mais tarde por Santa Cruz de la Sierra, Potosi, Oruro, La Paz. Após visitar Tiahuanaco foi ter a Arequipa e a Lima de onde partiu para Cuzco.

Descendo depois o Ucayale attingiu o Amazonas que navegou lentamente até Belém do Pará, de onde seguiu num navio fornecido pelo governo brasileiro, para Cayenna.

E' muito interessante o relato de Castelnau mas fica muito aquem das narrativas de Saint-Hilaire. A elle, muito menos do que ao celebre botanico, interessaram as cousas brasileiras. Pouco, relativamente, recolheu costumes das nossas populações e os documentos humanos são bastantes escassos em suas paginas.

Em todo o caso representa a sua obra uma das mais notaveis contribuições da bibliographia xeno-brasileira, não só do seculo XIX como de todos os tempos. E a

consulta attenta a Castelnau se impõe a quantos queiram conhecer melhor o nosso passado.

Sob o ponto de vista scientifico o que elle condensou não menos valioso se mostra.

Tudo emfim contribue para que o relatorio integral da Viagem do Conde-Naturalista seja altamente cotado no conjunto da brasiliana universal, merecendo os altos preços pelos quaes se merca.

Um dos maiores encarecedores da jornada de Castelnau foi Ferdinand Denis, incansavel em sua brasilophilia e paixão pela cultura geral. Assim, com enthusiasmo, exprimiu a grande expectativa reinante em torno de tal expedição "delineada dentro de moldes que eram dos mais vastos até então concebidos".

Neste itinerario, de mais de mil leguas, metade do percurso talvez correspondesse a zonas ainda virgens do contacto europeu.

Atravessaria "a missão Castelnau o paiz das Amazonas, guerreiras em cuja existencia ninguem mais acreditava, o do mysterioso El Dorado e outros cujos nomes faziam desvairar as imaginações".

Mas o verdadeiro fim de tão penosa jornada era estudar o equador magnetico, os productos uteis das regiões percorridas, sobretudo a quina, realizar observações sobre a historia do homem e dos animaes, e das plantas além de pesquisar acerca da geologia e da meteorologia".

Declara Castelnau, no proemio de sua obra, que, desde a primeira infancia, se viu assaltado pela obsessão das viagens. Mas, a tal ponto que na adolescencia tinha constantemente o somno perturbado pela paixão das aventuras exoticas e o espectaculo das maravilhas da Natureza, ideado, atravez das relações das jornadas dos grandes viajantes como Cook e Levaillant.

Veio-lhe depois o reforço, de tal monomania com o estudo das Sciencias naturaes, realizado sob as vistas dos maiores mestres de seu tempo como Cuvier, Saint Hilaire, Jussieu, Elias de Beaumont, Brogniart e outras celebridades.

Homem feito, viu-se ás voltas com a hesitação para a escolha dos itinerarios. Pensou muito em ir ao centro da Asia visitar o berço da civilização Occidental, mas ao mesmo tempo a Africa o attrahia immenso. De repente "o 'espectro immenso de Colombo como que lhe impoz a escolha". Partiu para a America do Norte, onde, durante cinco annos, viajou pelos Estados Unidos e o Canadá.

Tendo publicado as suas *Vues et souvenirs de l'Amérique du Nord*, além de uma grande obra geologica sobre o Continente, tão boas relações conseguiu entre os estadistas yankees que estes lhe fizeram a mais honrosa proposta: nomeal-o agente diplomatico de sua Republica, no Perú, podendo elle ainda dedicar-se aos estudos de historia natural, com toda a liberdade de deslocamento, na zona neotropica.

Achou mais correcto levar o caso ao conhecimento do seu governo e assim voltou á França onde Luiz Philippe o acolheu com extrema gentileza, mas a dizer-lhe que a acceitação da proposta americana seria muito mal vista em França. E acenou-lhe com uma compensação, mandal-o á testa de uma expedição scientifica explorar as regiões mais centraes e mais ignotas da America Meridional. Jubiloso acceitou Castelnau semelhante combinação.

Passara cinco annos no meio das scenas do desbravamento Norte Americano, vendo aquelle maravilhoso desenrolar de energias que adaptava os solos virgens á civilização branca. Por toda a parte verificava o *heri*

solitudo hodie civitas que parecia ser a divisa da república de Washington e de Monroe.

Contraste immenso offerencia-lhe a America do Sul “onde os vestigios da acção humana desappareciam para que ao viajante nada perturbasse a grandeza das obras da Natureza e onde o espectador maravilhado como que se sentia transportado aos dias da Creação”.

Estava tudo ainda em ser naquella immensa península sul americana, que se prendia, pelo Panamá, á sua congengere do Norte.

Era então ministro da Instrução Publica o illustre Villemain. Com elle teve Castelnau de entender-se. E embora lhe faça justiça á cultura e ao talento do administrador, exprime quanto o humanista, professor e ensaista eminente não se achava bem em condições de avaliar o que uma grande expedição scientifica exigia em materia de aparelhamento e despesas, incomparavelmente superiores ás que reclamavam as jornadas philologicas, artisticas ou mesmo archeologicas.

Assim relata que o ministro de Luiz Philippe não só se impressionava com a delonga dos preparativos como sobretudo se aborrecia com os avultados gastos já realizados e os que se annunciavam fataes.

Queria, a todo o panno, a mais rapida partida da expedição. Teve Castelnau real trabalho em convencer-o de que as cousas não podiam ir assim. Por exemplo precisava de instrumentos os mais perfeitos para as observações astronomicas, physicas etc., aparelhos estes delicadissimos e cuja confecção confiara ao grande fabricante Gambery. E esse, escrupulosissimo, não queria entregar um unico, cuja perfeição de funcionamento não houvesse comprovado.

Começaram as rusgas entre Castelnau e o ministro. Muitas vezes esteve a expedição na imminencia de se não realizar. Quem por ella se interessou fortemente e

lhe serviu de para-choque foi o herdeiro, presumptivo da Coroa, o Duque de Orléans.

Subitamente ocorreu porém o terrível desastre de carro que victimou o illustre principe. Viu Castelnau perdidas todas as esperanças.

Enganava-se porém. Como que movido pelo espirito de contradicção entendeu Villemain, dahi em diante, favorecel-o do modo mais efficiente.

E' preciso porém contar que ao mesmo tempo se vira instigadissimo pelo proprio presidente do conselho de ministros. Não era elle outro senão um dos maiores francezes do seu seculo: Guizot.

Diante de tanta constancia varios dos mais famosos sabios da França tambem fizeram o possivel por acudir ao futuro explorador da America do Sul; entre outros, Geoffroy-Saint-Hilaire, Elias de Beaumont, Babinet, o abbade Moigno, os Brogniart.

Afinal tomou a empresa a mais favoravel feição. Diversos ministros resolveram conceder-lhe subsidios além dos da Instrucção Publica e das Relações Exteriores. E assim se organisou o estado maior de Castelnau com tres especialistas de real valor; o astronomo meteorologista Visconde d'Osery, rapaz de enorme talento, graduado engenheiro de minas, após os mais brilhantes estudos, o Dr. Hugo Wedell, medico e botanico de valor, e Emilio Deville, joven zoologo, ambos naturalistas do Museum. Elle, Castelnau, secundaria a d'Osery, estudando, ao mesmo tempo, a geologia, a paleontologia e a ethnographia das regiões percorridas.

O material fornecido foi o mais consideravel e esplendido. Impossivel seria angariar-se melhor.

Sahido de Brest a 30 de Abril de 1834, no brigue de guerra *Dupetit Thouars* aportou Castelnau em Tene-rife e Goréa de onde foi visitar Dakar, então miseravel

aldeia. A 17 de Junho seguinte se achava á barra da Guanabara que transpoz através de densissimo nevoeiro e tremenda chuvarada. Ao fundear causou-lhe a maior especie a presença, no centro do porto fluminense, de um pontão de guerra inglez para onde se transferiam os escravos apresados nos navios negreiros.

Com verdadeiro pasmo soube o viajante desta particularidade, "humilhante para a soberania brasileira, que supportava tal attentado á inviolabilidade de suas aguas territoriaes".

Encostado á amurada não se cansava o naturalista de admirar a soberba posição da grande capital "encaixada entre montanhas dos mais exquisitos contornos, em parte cobertas de matas virgens no meio das quaes surgiam de todos os lados magnificas lavouras (sic?). A massa edificada tomava enorme desenvolvimento, numa especie de península ou promontorio banhado pela bahia, onde as florestas dos mastros ostentavam todos os pavilhões do Globo".

Pouco depois pisava Castelnau "o solo encantado brasileiro, com bem profunda alegria e real commoção".

A' noite, elle e os companheiros de missão viram-se alojados no Hotel Pharoux, casa franceza de beira mar, ponto sobremodo procurado por todos os estrangeiros.

Gostou o illustre viajante do aspecto do Largo do Paço "ornamentado por uma fonte assaz bella". O palacio dos imperadores é que apresentava a mais modesta architectura. "Em compensação optimo aspecto tinha a Praça do Mercado, onde, com o maior interesse, percebeu existir grande variedade de pescados, o que lhe permittiria obter rico material ichthyologico e por pouco preço.

O fervente ornithologo que era encantou-se encontrando no mercado fluminense muitos dos mais bellos

passaros da Terra entre outros o africano *Musophago violaceo*, a que attribue um nome da nossa synonymia vulgar hoje desconhecido: *Napoleão*. Linda ave no emtanto tendo uma particularidade sobremodo desagradavel: a coprophagia.

Sahindo a passeio percorreu Castelnau a rua Direita "bastante tortuosa apesar do nome" annota, repetindo uma reflexão certamente muito *a posteriori* das primeiras impressões da estada no Rio, de quando já aprendera o portuguez.

E' um commentario que a cada passo ouvimos repetido no nosso paiz, este que se faz sobre a tortuosidade como que obrigatoria, das ruas Direitas, nas principaes cidades do Brasil. Esquecem-se todos de que o nome destas vias não queria significar *rua rectilinea*, como tudo nos levaria a crer, e sim *rua em direção a* como pretendiam exprimir aquelles que as baptizaram com tal qualificativo.

Já em 1843, porém, era a rua do Ouvidor muito mais notavel, e attrahente, do que a sua vizinha, hoje chamada 1.º de Março. Passava por ser a mais bella do Rio de Janeiro e achava-se occupada, principalmente, por francezes que nella tinham lojas, varias das quaes muito bonitas. "Visitavamos, frequentemente, esta rua que nos dava certos ares de Paris, graças á belleza de algumas de suas lojas", annota Castelnau.

Isto não impedia que fosse tão abominavelmente calçada quanto as demais ruas cariocas. Nessa pavimentação horrivel da cidade residia a explicação do pequeno numero dos carros de praça e da raridade das seges de proveniencia européa.

Os passeios lateraes da rua do Ouvidor eram constituídos por lajões irregulares; de pessimo aspecto. Todo o commercio de luxo se concentrava naquelle longo e estreito corredor. E os objectos offerecidos á venda

se mercavam por preços altíssimos. Nunca menos do dobro do que valiam em França.

Cousa que attrahia muito a attenção dos estrangeiros: as vitrinas dos fabricantes de flores de plumas e pennas. Numerosos operarios fabricavam estes artigos, notaveis pela opulencia dos matizes. E em frente ás montras das casas viam-se sempre parados, em attitude admirativa, officiaes de marinha e marujos. As demais ruas do centro da cidade apresentavam, mais ou menos, as mesmas normas da edificação da do Ouvidor. Mas com esta não podiam competir, pela animação e aspecto festivo. Por ellas se agrupavam os diversos ramos de commercio.

Das igrejas cariocas se podia dizer que nenhuma merecia especial menção, quer pelo bom gosto de sua architectura quer pelas dimensões. Varias, comtudo, impressionavam pela opulencia da decoração interna, onde os dourados, e as sedas brilhavam. A musica que nelas se tocava mostrava-se assaz frequentemente supportavel. Tambem templo em que não houvesse musica só angariava frequentadores escassos, porque na capital brasileira o sentimento religioso ainda menos intenso seria do que no proprio Paris.

A' Capella Imperial ainda pertenciam dois ou tres *castrati* italianos que se alugavam para cantar em outras igrejas.

O numero das festas de igreja era tal, no Rio, que não havia semana em que, pelo menos, uma ou duas se não celebrassem.

Dahi uma infinidade de dias santificados: a tal ponto que o seu numero sobrepujava o dos dias de trabalho.

Constantemente, e de todos os lados, surgiam as procissões, a desfraldar os guiões das irmandades, atra-

vez das principaes ruas da cidade, onde os moradores ornamentavam as casas com o versicolor das colchas e das bandeiras.

E o foguetorio estrugia continuamente! Tinham os brasileiros tal paixão pelos fogos de artificio que os importavam da China em abundancia enorme.

“Se durante uma das taes festas, ou á noite, o transeunte passeia pelas ruas, a cada momento ve-se detido pela detonação dos petardos que lhes estouram aos pés, ou pelo vivo fulgor de alguma rodinha agitada por uma senhora em sua sacada”.

Insupportaveis tambem as grandes fogueiras accensas no meio das ruas, até as mais transitadas! e o barulho das charangas installadas em coretos “improvisados pelo zelo nacional”.

As festas religioso-patrioticas dos bons cariocas tiveram o dom de atacar os nervos do Sr. de Castelnau que acerbamente as critica: “Taes bachanaes (sic) se prolongam pela noite afora até a deshoras. Se ainda levarmos em linha de conta a algazarra, os urros que os negros soltam, em honra ao santo do dia, e o barulho continuo dos repiques de sino, estaremos talvez em condições de avaliar as insomnias e a irritação nervosa que ao infeliz viajante assaltam”.

Arrastados pela curiosidade, resolveram, certo dia, o nosso naturalista e alguns de seus companheiros, examinar, de perto, o que occorria em determinada igreja onde se celebrava festa em que se lhes parecera estar acontecendo algo de interessante”.

“Ao entrarmos percebemos duas longas filas de personagens mudos empunhando immensas tochas. Logo depois vimo-nos assaltados por umas especies de farri-cocos que nos puzeram ás mãos luminarias iguaes ás dos outros. E não houve remedio senão assumirmos, por

bem ou por mal, attitude identica á dos demais circumstantes”.

“Não sabiamos ainda a primeira palavra da lingua da terra e não podiamos, de forma alguma, comprehender a scena de que nos tornamos forçados comparsas”.

“Depois de nos havermos entremirado, durante alguns momentos, com indefinivel expressão, aproveitamos um ensejo azado, em que o chefe dos portadores de tochas estava com a attenção tomada por outro assumpto, para encostar á parede as nossas velas e tratar de nos escafedermos a passos largos, promettendo a nós mesmos que noutra não nos apanhariam”.

“Uma hora mais tarde, encontrámos os nossos carregadores de tochas mettidos dentro de balandras e aglomerados processionalmente, passeando gravemente pelas ruas da cidade”.

Dos dois theatros principaes do Rio de Janeiro teve Castelnau pouco favoravel impressão: *O São Pedro de Alcantara* era realmente grande e tinha bello aspecto; servia para as operas, bailados e as peças portuguezas. O *Theatro Francez*, miseravelmente illuminado por velas de sebo, contava em geral artistas que representavam, sobretudo, vaudevilles parisienses.

Naquelle momento era *La Grace de Dieu* a peça do cartaz. Em ambos os theatros viu Castelnau D. Pedro II e suas duas irmãs. O camarote imperial achou-o assaz bonito. Apresentava-se de frente para o palco e occupava a area de quatro camarotes communs. Quando Sua Majestade não estava presente corria-se um reposteiro. No caso contrario a augusta presença era o que determinava o principio da representação.

No Rio de 1843 um unico lugar de recreio se notava: o *Passeio Publico*, parquesinho assaz bonito, com certos ares de jardim botanico. Admiravel lhe era po-

rém o famoso terraço, terminado por bellos pavilhões. Varias vezes alli passaram horas os naturalistas francezes, passeando ao luar, ao ouvir o marulho da Guanabara e a aspirar “o ar balsamisado pelos jardins cheios das mais bellas arvores tropicaes”.

Mas debalde alli procuraria o forasteiro a presença dos cariocas, sobretudo das mulheres que em qualquer outro paiz se apinhariam naquelle logar encantador.

Muito raramente sahiam as brasileiras dos seus gynecus. Quem quizesse vel-as teria de procural-as nas procissões, nos espectaculos theatraes ou nos bailes. De outro modo não as poderia examinar convenientemente.

II

Na Quinta da Boa Vista — Excursão a Copacabana — As festas e o casamento de D. Pedro II — Os hospitaes cariocas — Notas nosologicas — Aspectos demographicos.

Chegando em 1843 ao Rio de Janeiro, tratou Francis de Castelnau de se apresentar ao seu ministro plenipotenciario, o Sr. de Saint Georges.

Tratou-o o diplomata do modo mais amavel e sollicito, obtendo do governo imperial uma serie de facilidades, todas as possiveis, para o bom desempenho da commissão do seu illustre compatriota. Nunca diminuiu o seu interesse pelo bom exito da expedição, affirma o naturalista, gratamente.

A permanencia no Hotel Pharoux mostrou-se penosa a Castelnau e seus auxiliares, pelo facto de que alli perto, no Largo do Paço, occorriam, assaz repetidas, as scenas deprimentes do castigo dos escravos.

A tal proposito escreve Castelnau umas tantas frases sobre a triste contingencia do *homo homini lupus*. Por que se comprazia elle em ser muito mais cruel para com o seu semelhante do que para com os animaes domesticados?

A perversidade dos antigos romanos, para com os escravos, brancos como elles, no emtanto, persistia na America, embora attenuada.

Estas scenas do captiveiro desagradaram tanto ao naturalista, que se tornaram as principaes determinantes de sua transferencia para local mais tranquillo e sobretudo mais espaçoso.

Tal mudança se realizou, dentro em breve, e para este desideratum concorreu muito o serviçalismo extremo do consul da França no Rio, Theodoro Maria Taunay, "que não cessava de se preocupar com tudo que pudesse facilitar as nossas pesquisas". Foi elle quem aos scientistas compatriotas arranhou uma casa encantadora, recentemente desocupada pelo ministro da Russia, o Sr. de Langsdorf.

"Pertencia ella á Sra. Baroneza Surocaba (sic) uma das mais affaveis senhoras do Rio de Janeiro, "dispensadora continua da maior benevolencia aos estrangeiros".

Doze dias depois do desembarque estava Castelnau installado no novo domicilio, coisa que o encantou. Era elle uma chacara, no outeiro da Gloria, ao lado da Igreja de Nossa Senhora, dispondo de commodos espaçosos, casa em cujas vastas salas puderam os scientistas installar laboratorios de zoologia e botanica e o observatorio astronomico e meteorologico. Que linda vista de terra e mar! No grande terreno da chacara parecia ter se reunido todo o conspecto floral fluminense.

Continuava o consul Taunay a procurar, de todos os modos, favorecer os seus illustres compatriotas. Del-

le refere Castelnau: "pelas suas virtudes priscas adquiriu illimitado prestigio no Brasil. Nas zonas mais centraes do Imperio delle nos diziam os brasileiros: o seu consul não é um homem e sim um santo!"

Foi Theodoro Taunay quem fez Castelnau e Weddell visitar o palacio de São Christovão.

Na quinta da Boa Vista encontraram Luiz Riedel, o distincto botanico allemão, antigo membro da expedição de Langsdorf ao coração da America do Sul. Era o director dos jardins imperiaes e acolheu amavelmente o collega da missão franceza.

Gostou Castelnau de São Christovão, palacio agradavelmente localizado, assaz espaçoso, vizinho de um lago encantador, rodeado de estatuas e povoado de animaes aquaticos.

Do imperador nada diz: Quiçá não haja visto se não muito rapidamente o menino soberano de dezoito annos incompletos.

De São Christovão foram os naturalistas visitar as matas do Andarahy. Já então bastante devastadas se mostravam. Assim mesmo Weddell se extasiou á vista da enorme cópia de especies da flora fluminense.

A segunda excursão teve por fim a exploração de Copacabana então inteiramente deserta. Foram os naturalistas ter á igrejinha desse nome.

As observações geologicas trouxeram excellentes novidades e surpresas, graças ao encontro de rochas curiosissimas como certos gneiss graniticos de estructura em fita e carregados de intrusões de granadas compactas, vermelhas e roseas.

E aos botanicos rico material, sobretudo de çactaceas, se offereceu.

Puzeram-se todos a trabalhar activamente, Deville e Weddell a colleccionar material zoologico e botanico,

d'Osery e Castelnau a rectificar as coordenadas geographicas do Rio, a estudar a meteorologia local, as questões do magnetismo terrestre, etc..

Entremettes recebiam numerosas visitas de tudo quanto havia de mais selecto nas altas rodas cariocas.

Assim todo o corpo diplomatico, acreditado junto ao Governo Imperial, muito cordealmente se apressou em procural-os.

Muitas das mais altas figuras da politica tambem concorreram á chacara da Gloria. Entre estas notabilidades cita Castelnau os nomes de Carneiro Leão e Paulino de Souza, posteriormente Marquez do Paraná, e Visconde do Uruguay, Ministros de Estrangeiros e da Justiça. Não só trataram os scientistas francezes do modo mais gentil como se esforçaram por lhes conceder todas as faculdades possiveis aplainadoras de sua futura grande jornada pelo interior do Imperio.

Pelo mesmo diapasão se afinaram diversos outros brasileiros illustres, como o Conselheiro de Estado Lopes Gama, futuro Visconde de Maranguape, o Visconde, futuro Marquez de Abrantes, "habil e grande conhecedor da Europa, e o Senador Vasconcellos, geralmente tido como o primeiro dos estadistas brasileiros".

Sobre o illustre Bernardo, relata Castelnau a seguinte anecdota: era presidente de Minas Geraes quando se vira ás voltas com violenta arruaça, no decurso da qual a multidão enfurecida fôra ter ás portas do palacio. Occupava-se no momento em estudar importantes casos administrativos. Ao ouvir a algazarra dos amotinados chamou o seu ajudante de ordens e ordenou-lhe que syndicasse da causa de semelhante alarido.

Voltou alarmadissimo o official a lhe contar: "o povo exige a cabeça de V. Ex."

— Ah! E' só isto? retrucou-lhe com o maior sangue frio. Volte para saber se em logar da minha acceitam a sua! E proseguiu na leitura dos papeis.

Outro brasileiro altamente graduado a quem Castelnau deveu favores foi o Sr. *Alaide de Moncorro* (sic), o director geral do Ministerio de Estrangeiros, que deve ser o Athayde de Moncorvo, de quem fala o Sr. de Lagrenee em sua viagem á China, com escala pelo Rio.

Dois grandes eruditos procuraram com todo o empenho tornar-se uteis á missãõ Castelnau: o Visconde de São Leopoldo e o Conego Januario da Cunha Barbosa.

Deste ultimo diz o nosso viajante que era dos homens mais instruidos do Brasil. Para elle trouxera a apresentação de um portuguez illustre o Visconde de Santarem. "Assim sob os auspicios deste sabio ecclesiastico fui recebido pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, com a mais expansiva benevolencia, sendo admittido em seu gremio como socio".

Apesar de muito recente já a novel sociedade sabia prestar grandes serviços á historia do Brasil, graças ás suas interessantes publicações. E diariamente fazia novos esforços em prol da vulgarização do apego á Sciencia em tão vasta região.

A 27 de Julho elegera o Instituto ao viajante seu correspondente. Viera-lhe recommendado pelo Visconde de Santarem e por Jonard, presidente da Sociedade de Geographia de Pariz. A 3 de Agosto agradecia Castelnau a distincção, em termos muito gentis, fazendo grandes elogios ao Instituto que já "adquirira bom credito no espirito dos sabios de todo o mundo", apesar de não contar ainda um quinquennio de existencia.

"Far-me-á o Instituto um favor especial dignando-se dar-me instrucções para a longa viagem que vou em-

prender”, concluía o homenageado. “Empregarei todos os meios ao meu alcance para me tornar digno de sua confiança”.

A 17 de Agosto immediato compareciam Castelnau e d’Osery, á sessão do Instituto. Presidia-a o Visconde de S. Leopoldo, que os collocou, na mesa á sua direita. E por um requinte de gentileza convidou os dois illustres collegas recentes a fazer parte da grande deputação nomeada pelo Instituto “para felicitar Sua Majestade o Sr. Dom Pedro II, por occasião de seu faustissimo consorcio”.

Aos collegas expoz S. Leopoldo os projectos da grande jornada dos dois novos e illustres socios.

Penhorado a estas attenções, escreveu Castelnau por diversas vezes ao Instituto relatando factos de sua viagem. Assim de Goyaz, a 20 de Outubro de 1844, e de Lima a 20 de Fevereiro de 1846, cartas interessantes e noticiosas.

Injustamente deixou o Instituto passar o fallecimento de Castelnau sem assignalar os serviços por elle prestados ao melhor conhecimento do Brasil.

Assim não ha necrologio seu na Revista, como a tanto tinha direito a sua memoria. E’ que provavelmente escapou o facto á attenção do orador official do Instituto, tendo Castelnau fallecido tão longe do Brasil, em Melbourne, como já lembrámos.

Louva Castelnau gratamente o serviçalismo das autoridades brasileiras. Não só recebeu uma *portaria imperial* — passaporte e salvo conducto ao mesmo tempo que lhe dava faculdades as mais vantajosas e documento raramente concedido — como ainda soube que o governo ordenara a expedição de uma serie de ordens ás autoridades do interior, nos logares marcados no itinerario do naturalista.

Em todos os estabelecimentos scientificos do Rio tiveram os viajantes entrada franca, ficando os documentos de suas collecções á disposição de sua consulta. Assim conseguiu Castelnau estudar as mappothecas do Ministerio da Guerra, do Instituto Historico e da Bibliotheca Imperial. Por toda a parte só encontrou a maior sollicitude em servir.

Pouco depois era levado á presença de D. Pedro II pelo proprio ministro da França, recebendo immediato convite para um baile imperial. Pôde então o naturalista nôtar, com muito verdadeira surpresa, “o esplendor da côrte brasileira”. Encheu-o o Imperador, aliás, de amabilidades.

Demorando-se assaz longamente no Rio, assistiu Castelnau ás grandes festas havidas por occasião do casamento de D. Pedro II com D. Teresa Christina Maria de Bourbon, a 3 de Setembro de 1843.

Destas nupcias majestaticas teve excellente impressão, sobretudo porque decorreram num ambiente de profunda alegria popular; “tudo démonstrava o amor dos brasileiros ao seu soberano”.

As numerosas ruas por onde desfilou o cortejo imperial apresentavam o mais agradavel aspecto pelo numero das bandeiras, das colchas e as grinaldas de rosas postas ás janelas, ao passo que ao solo atapetavam folhas de mangueira. No ponto de desembarque da nova soberana erguia-se um pavilhão “assaz elegante, ladoado de vasto amphitheatro cheio de senhoras vestidas de gala”.

Foi o sequito dos imperantes vultoso e os naturalistas francezes esperaram a sua entrada na capella Imperial onde com toda a commodidade apreciaram um espectáculo “que não deixava de ser brilhante”.

Nos dias immediatos muitos bailes se realizaram quer na Côrte, quer em casas particulares.

Assim concorreu Castelnau aos bellos saraus do Cattete e dos Estrangeiros.

Não lhe causaram as cariocas, porém, impressão muito profunda. "Embora as brasileiras nada tenham de notavel sob o ponto de vista de belleza, annota, algumas vimos assaz bonitas".

Com grande curiosidade visitou o viajante o Museu Nacional de que teve muito má impressão.

"Num paiz ricamente dotado pela natureza, sob o ponto de vista zoologico, foi-nos difficil ver, sem verdadeiro espanto, tão pobre collecção, onde quando muito se achava representada a quarta parte da fauna do Brasil". Melhor a sala consagrada á ethnographia. Mas o que no estabelecimento havia de mais notavel vinha a ser a secção mineralogica. Adquirira o Governo a collecção do celebre Werner e a este rico material, de procedencia allemã, haviam sido feitas addendas de procedencia brasileira. Assim Castelnau apreciou sobremaneira certa collecção de crystallisações diamantinas, muito completa e cheia de formas notaveis.

Muito desejavel seria que se estudassem as numerosas series geologicas dos terrenos auriferos e diamantiferos. O director da secção era o "sabio monge" Frei Custodio Alves Serrão.

Muito melhor impressão deixaram as bibliothecas publicas "a imperial, muito consideravel apresentava-se perfeitamente mantida".

Os hospitaes fluminenses estes foram acuradamente visitados pelo Dr. Weddell. Só havia então quatro: o da Santa Casa e os de *San Antonio Terceira* (sic) *San Francisco de Paulo* (sic) e *dos Carmos* (sic) os tres ultimos dispunham de pequenas lotações entre 15 e 35 leitos. Tambem só admittiam os membros das confrarias que os mantinham.

Visitando o da Ordem da Penitencia, aproveitou o botanico o ensejo para tambem ver a igreja e o Convento dos franciscanos, seu vizinho. Deslumbrou-o a primeira "uma das mais bellas coisas que jamais vira", recamada de obras de entalhe douradas.

Enorme o valor de seu altar mor, que condizia com os recursos da Ordem, a mais consideravel do Brasil.

Eis mais uma vez comprovado como as apparencias illudem, dizemos nós que sabemos um pouco das coisas de nossa terra.

Outro factó digno de menção: as catacumbas do cenobio e seu claustro. Do adro de Santo Antonio (então o ponto mais alto da cidade), que panorama se desfrutava! Soberbissimo!

Da Santa Casa de Misericordia fluminense em 1843, relatou o Dr. Weddell, ao seu chefe, que constava de grande nosocomio central e diversos hospitaes pequenos e especializados em differentes pontos do Rio.

A casa principal comportava trezentos leitos, dos quaes cem destinados a mulheres. Tinha sombrio aspecto e pouco agradavel apparencia, embora se localizasse em ponto assaz arejado.

Pensara a Mesa da Irmandade em augmental-o bastante; já havia projecto assentado neste sentido. E até tinham sido as obras atacadas. Infelizmente logo depois se paralyzaram.

Pouco apreciou o scientista francez o que viu na Santa Casa; muita falta de asseio e de luz. E isto em terra de tamanha luminosidade! O que lhe provocou os applausos foi notar que ali não se haviam estabelecido distincões de côr entre os doentes. Naquelle asylo da dôr eram todos iguaes. Nas camas só havia colchões de palha de milho. Os de crina ou de lã só se empregavam em determinados casos exigidos pela natureza das molestias. Nenhum leito trazia cortinado.

Havia duas enfermarias, de clinica medica e clinica cirurgica, um pavilhão para variolosos e outro para tísicos. Nas salas da Santa Casa verificavam-se cursos de clinica da Faculdade de Medicina.

Do Hospital dos Lazaros, em S. Christovão, teve o Dr. Weddell boa impressão. Era limpo e encerrava sessenta doentes, dos quaes metade se constituia de mulheres. Infelizmente achavam-se superlotados os dois hospícios de loucos da Praia Vermelha, um para cada sexo. Tinham pequena capacidade só para oitenta individuos. Facto curioso: a maioria dos alienados era de pretos. Construía-se, porém, terceiro edificio para cem enfermos.

Haviam melhorado consideravelmente as condições de salubridade da cidade com o saneamento do solo.

Trouxera o desbastamento das matas consideravel mudança de clima. "Assim se modificara a constituição da atmospheria e as tempestades que outrora perturbavam regularmente a cidade, todas as tardes, só se manifestavam com extensos intervallos".

Penoso espectaculo o dos casos numerosos do mal de São Lazaro, da terrivel *Elephantiasis graecorum* que no Rio occorriam.

Oustrora communissimo na Europa medieval de lá como que desaparecera para affligir agora as populações das terras tropicaes.

A exagerar immenso annota o botanico que em região alguma era a lepra tão commum quanto no Brasil.

Expende a tal proposito uma serie de considerações sobre a etiologia do terrivel mal, que ainda hoje são em grande parte procedentes, como o caso da transmissibilidade por contagio directo e por hereditariedade, a influencia da alimentação por meio da carne do porco vivendo do pinhão, e a do temperamento lymphatico, etc..

Depois de lembrar quanto se achava desarmada a medicina, em face do pavoroso morbo, concluia o Dr. Weddell as suas considerações por declarar que as vantagens obtidas com leprosos por diversos facultativos, graças ao emprego dos mercuriaes provinha, a seu ver, de erros de diagnostico.

A filariose e a hydrocele flagellavam os cariocas, sobretudo pretos, mas já não tanto a erisipela, outrora communissima na cidade. Frequentissimos os casos de tetano, mais quasi exclusivamente entre os negros. No Pará, e em Pernambuco, eram, porém, muito mais vulgares ainda. Os medicos os combatiam por meio de enormes doses de aguardente, em vez de empregarem o opio usado pelos clinicos europeus. As febres intermitentes e a hydropsia constituíam tambem grandes factores de mortalidade. Desta ultima succumbiam innumerous negros victimas da ascite que os clinicos fluminenses combatiam por meio dos diureticos energicos.

Declara Castelnau que, em 1843, as estatisticas officiaes davam para a cidade do Rio de Janeiro 137.078 habitantes, cifra que lhe parecia muito abaixo da realidade. Em 1842 nella tinham occorrido 5.692 nascimentos (dos quaes 2.544 de escravos) e 7.272 obitos, dos quaes 72 sómente de escravos. Haviam as pronuncias de crimes sido 279. Na provincia do Rio de Janeiro, cuja população se avaliava em 425.000 almas, ainda viviam mais de tres mil indios puros, guaranys, coropós, coroados e, sobretudo, purys em Guarulhos, São Pedro de Aldeia, Valença, Mangaratiba e particularmente em S. Fidelis e Aldeia da Pedra (hoje Itaocara).

Da agricultura fluminense dá-nos Castelnau alguns informes de pouca monta, em geral referindo informes hauridos em Monsenhor Pizaro. Contou-lhe o Conego Januario que ainda conhecera os dois cafeeiros vindos

da Guyana com o Chanceller João Alberto de Castello Branco e antepassados de todo o cafezal do Sul do Brasil. Haviam os cafezaes sido primeiro plantados de dea doze palmos (2.20 a 2.64) para depois o serem de quinze (3.30). Os preços por arroba de nosso viajante é que são assaz contradictorios e confusos. Algumas paginas consagra elle depois á industria de criação do bicho da seda e da pesca da baleia, mas pouco interessantes.

Assim tambem bem pouca valia têm os dados sobre a população de diversas provincias, oito apenas, quando ellas já eram dezoito em todo o Imperio.

Philosophando sobre os aspectos que lhe havia oferecido a população carioca, começa Castelnau por observar quanto ao europeu impressionava, e fortemente, a innumera serie de matizes das pelles dos habitantes das regiões tropicaes.

Sob este ponto de vista apresentava o Brasil uma escala de tons realmente riquissima, desde o mais escuro negrume até o amarelo cobreado. No Rio encontraria o viajante os representantes de cincoenta raças africanas, distintas umas das outras pelas tatuagens do rosto e corpo e as differenças da limagem dos dentes. Ali tambem se viam os marinheiros malaios, chinezes e polyne-sianos das tripulações dos navios brasileiros.

Quanto aos brancos estes se repartiam por todas as nações do mundo. A cada momento faziam-se ouvir todos os sotaques do globo. O que menos se encontrava era o aborigene, quando muito representado por alguns mamalucos tropeiros, paulistas ou mineiros.

Os brasileiros estes lembravam muito seus paes portuguezes. Geralmente baixotes e debeis, de pelle escura, tinham contudo traços regulares e intelligencia assaz viva. A grande maioria da população do Imperio provi-

nha da mestiçagem. No interior do paiz, então, podia se affirmar que a população toda era mestiça. Não reinava o menor preconceito de cô e era a coisa mais commum ver-se numa irmandade individuos apresentando matizes de pelle os mais oppostos.

Declara Castelnau que ao formular a sua opinião sobre o character dos brasileiros sentia-se sobremodo constrangido. Durante varios annos, fôra hospede de um povo que sempre lhe dispensara o mais hospitaleiro dos acolhimentos.

Mas não queria faltar para com um dever imperioso ao viajante honesto, que se vê na obrigação de communicar aos leitores as suas impressões imparciaes.

Como todos os povos de formação recente mostravam-se os brasileiros sobremodo susceptiveis, mas a balda principal de seu character nascia da bondade timida e levada ao excesso. E por este motivo degenerada em vicio. Desta deploravel tendencia provinha a benevolencia dispensada aos criminosos. Desde que um attentado occorria todas as sympathias cercavam o delinquente, que a opinião publica procurava subtrahir a merecido castigo. E esta impunidade gerava o crime.

O que, porém, temperava tão desastrada condescendencia era a brandura da indole brasileira. Não haveria paiz em que, dominando taes sentimentos, não occorressem, fatalmente, attentados muito mais frequentes do que os do Brasil.

O assassinato visando o despojo da victima era coisa quasi ignota no paiz. Mas o mesmo não se dava em relação ao homicidio instigado pela vingança. Se o furto e o roubo se mostravam raros, em compensação largamente imperava a velhacaria, e sob mil e uma formas.

“O homem a quem sem receio se poderia confiar um thesouro não hesitava em subtrahir ao depositante alguma quantia pequena”.

A embriaguez era quasi desconhecida no Brasil, mas em certas classes de tal modo dominava a mentira que se chegava a duvidar de que a verdade existia no paiz!

A hospitabilidade era geral no interior onde o forasteiro, por toda a parte, se via recebido de modo cordeal.

A dureza de indole que muitos, na Europa, attribuiam aos brasileiros estava bem longe de representar a verdade dos factos. Mostravam-se elles, geralmente, os mais indulgentes senhores de escravos.

“No decurso de toda a minha jornada, affirma Castelnau quasi não vi captivos maltratados, senão por estrangeiros”.

Por vezes eram submettidos a atrozes sevicias, não havia duvida, mas a culpa de taes crueldades, provinha da impulsividade da colera e do ciume. Se fosse possivel executar uma lei que differisse os castigos corporaes, por um periodo de 24 horas, os escravos certamente escapariam em geral ás sevicias.

“O jovem brasileiro educado no meio de escravos, crescendo entre elles, contando-os entre os companheiros, de folguedos infantis, constantemente cercado de servos, a estes tratava com brandura. Os numerosos negros que constituiam a domesticidade viam-se frequentemente, alvo de melhor tratamento do que os criados das melhores casas da Europa”.

Nas lavouras, sim, a sorte dos captivos vinha a ser mais dura, mas apesar de tudo a tarefa dos escravos era positivamente mais moderada do que a dos seus

parceiros das colônias francezas. E muito mais ainda se a confrontassem com a dos servos nos Estados Unidos.

Aliás no Brasil vivia o escravo protegido efficazmente pela brandura dos costumes, pois as leis que o defendiam jamais se applicavam. Os grandes calores do clima, o ocio; a incultura e a chaga do elemento servil exerciam a mais nefasta influencia sobre os costumes de certas classes. Era infelizmente o que se podia observar em relação ao clero brasileiro que não sabia seguir os exemplos da Igreja na Europa.

Antes de partir do Rio ouviu Castelnau da bocca de um ecclesiastico altamente collocado, as seguintes palavras: certamente exageradas — O Sr. encontrará aqui clero mas não sacerdotes!

Havia aliás entre os ecclesiasticos do Brasil honrosas excepções. E este clero do Imperio professava pelo menos uma virtude: a da tolerância que em parte alguma da Terra era tão praticada e sob tal latitude quanto na monarchia americana.

A extrema indolência do povo brasileiro não se apresentava tão flagrante no Rio, quanto no resto do paiz. Dissimulava-a um pouco a agitação de uma grande cidade onde o governo ordenava obras. Mas no interior, e já nas cidades secundarias do litoral, esta balda se revelava com toda a intensidade.

“Por alli o negociante não vende a não ser para obsequiar o seu cliente e o dinheiro do viajante se torna inefficiente, senão mesmo inutil, porque aos olhos dos filhos da Terra elle não merecia a recompensa da fadiga causada pela sua obtenção.

Não valia a pena pois ganhá-lo, a troco de alguma fadiga, por pequena que fosse. A obtenção de qualquer artigo só se fazia graças a uma demonstração do servilismo.

Quantas complicações na vida do Brasil! os mais ligeiros obices frequentemente se tornavam a fonte de fracassos inesperados.

Se existia região do mundo em que não se concebesse o valor do tempo, era esta o imperio americano. Punha-se em prova a paciencia dos europeus que, ao cabo de certo periodo de experiencia, agindo sem resultados, acabava, descansado, tão impassivel quanto os filhos da terra.

Uma das cousas que ao ver de Castelnau maior empecilho causava ao progresso do Brasil era a incultura das mulheres e a exclusão systematica do convivio com os estranhos que as arredava dos homens. Assim privados de qualquer contacto com as mulheres das classes elevadas, e educadas, os jovens brasileiros procuravam distracções nas tavolagens. Ou por timidez natural ou receios do ciume conjugal, ou paterno, o facto é que andarem brasileiras pelas ruas era coisa bem rara. E com ellas estreitar as relações sociaes, correntes nas rodas européas, isto então se mostrava impraticavel.

E' verdade que os costumes da capital do Imperio já evoluíam para um nivel muito mais civilizado. Mas no interior do paiz era o atrazo absoluto. O traço de character mais desagradavel que Castelnau verificou entre os brasileiros foi a xenophobia inveterada, contra quantos vinham trazer a seu paiz a sua industria e a actividade nelle ainda tão deficientes.

Viam-se os portuguezes execrados pelos proprios filhos, porque menos indolentes do que elles, sabiam, em pouco tempo, converter o seu trabalho em capital. Assim em Minas Geraes eram as grandes companhias inglezas de mineração aurifera sobremodo impopulares. E o pretexto de tal ogerisa assumia feição absolutamente infantil: a opposição a que o ouro enterrado sahisse do Brasil.

Ninguém levava ou queria levar em conta os notáveis benefícios provenientes dos grandes capitaes que estas empresas faziam circular em troca de um metal que a gente da terra era perfeitamente incapaz de extrahir do solo.

Este sentimento xenophobico arraigado, que Castelnau encontrou em Minas, pelos annos de 1843, reflectiu-se até quasi os nossos dias. Nas columnas de um orgão da imprensa paulistana invariavelmente, todas as semanas se consagravam algumas linhas de alarma, ás noticias de remessas de ouro feitas pela mina de Morro Velho, para a Europa. "Ouro que sahe!", era a epigraphe de rebate á opinião publica e grave accusação tacita aos nossos governos que consentiam no empobrecimento aurifero do solo nacional. . .

III

Aspectos sociaes — O Dr. Antonio Ildefonso Gomes e a sua chacara do Catumby — Excursões a Nichtheroy e Praia Grande.

Declara Castelnau que, a seu ver, era o governo brasileiro muito mais civilisado do que o povo a quem regia.

"Tudo faz quanto delle depende para proporcionar ao paiz real progresso. Póde-se mesmo affirmar que sob quasi todos os pontos de vista está infinitamente mais adiantado do que a população".

Achou o illustre viajante muito forte o sentimento da vaidade entre os brasileiros. Como os titulos nobiliarchicos não fossem hereditarios, mostravam-se escasos. Mas em compensação as patentes militares e as condecorações eram profusissimas.

No interior qualquer sujeito branco queria pelo menos ser capitão de milicias. E não havia fazendeiro que não aspirasse á venera de commendador. Provinha tal balda de antigo feitio lusitano. Atravessando o Oceano para se estabelecerem em suas colonias tinham-se os imigrantes á conta de promovidos. Assim os que podiam, legalmente, ser tratados por Senhoria tomavam o titulo de Excellencia chegando ao Brasil. Os "Vossa Mercê" passavam a "Vossa Senhoria", os tú, aquelles a quem todo o mundo atuava, ascendiam á categoria de Vossa Mercê. Assim se abolira o tratamento na segunda pessoa do singular.

Dest'arte viviam os mais faustosos titulos incessantemente, aos labios da população.

Em muitas cidades até as vendeiras se achavam com o direito ao Vossa Excellencia, quando brancas! O retumbante tratamento de "illustrissimo" apparecia impresso ao alto de qualquer circular commercial! Continuando nesta ordem de remoques e censuras concluia o naturalista: se o sapateiro não fôr algum escravo congo a ninguem aconselho que lhe declare os titulos profissionaes quando tiver de lhe escrever, pois elle se vingará do insulto attentando contra o conforto dos pés do desattencioso cliente".

"Em summa o titulo de Senhoria applica-se a todo o mundo excepto ás relações officiaes das autoridades".

Coisa que muito bem impressionou o viajante foi a extrema frugalidade dos brasileiros. A immensa maioria das familias nacionaes não consumia pão a que considerava artigo de luxo, substituindo-o pela farinha de mandioca ou de milho. Era esta que ao lado do feijão, um pouco de peixe e de fruta formava a base habitual de um povo inimigo do empanturro e da comezaina.

Durante mais de tres mezes permaneceu Castelnau na cidade do Rio de Janeiro, tendo acompanhado o botanico da expedição em diversas de suas jornadas herborisadoras sobre tudo, ao Corcovado e á Tijuca.

Apenas chegado fizera o Dr. Weddell optima amizade com um brasileiro notavel, apaixonado da botanica, o Dr. Antonio Ildefonso Gomes.

Nos annaes do desenvolvimento scientifico do Brasil tem este nome assaz pronunciado relevo, embora hoje poucos se lembrem dos serviços relevantes do seu portador para o melhor conhecimento da nossa flora.

Era homem de notavel saber este medico que estudava e observava continuamente. Apaixonado da hydrotherapia preconisava certos processos seus, mais tarde tidos como muito proveitosos. E que de suas theorias fazem com que haja sido como que um prekneipiano. Chamavam-lhe o *Dr. Agua Fria*.

Delle fala o Visconde de Taunay, que o conheceu bastante, pois era o avô e educador de um seu amigo e collega de turma de bacharelado no Collegio de D. Pedro II, Antonio Ildefonso Nascentes Burnier, rapaz do mais notavel talento poetico infelizmente prostrado pela tuberculose, ainda adolescente.

Assim escreveu nos *Trechos de minha vida*, autobiographia da infancia e da adolescencia.

“Pobre Burnier!

Nos companheiros de collegio e adolescencia, hoje ainda a labutarem na vida, os versos truncados e por ahi esparsos do seu estro, tão cedo despertado quão depressa extinto, evocam um mundo de recordações e de saudades! . . .

Lembro-me como se o estivera vendo, esguio, magro, imberbe, meio estrabico, pallido, o nariz um tanto pontudo, cabellos revoltos, aliás sempre mal alinhado

nos trajés, com gestos inquietos, palavra facil, frase viva, salpicada de citações latinas.

Tentámos, os dois, um começo de poemeto satyrico, em quatro cantos, *Typos do Collegio* e não pouco trabalho me dava passar a limpo o que elle escrevia, taes os garranchos da sua abominavel letra.

O pae, Dr. Burnier, fallecera de febre amarela no Rio de Janeiro, por occasião da primeira epidemia, em 1850, e muito se recommendara á attenção publica pelos seus excellentes artigos no *Jornal do Commercio*, assignados simplesmente com a letra Z, em que tanto, e tão humoristicamente, discutia questões de hygiene. Casara-se elle com duas filhas do illustre medico Dr. Ildefonso Gomes. Do primeiro matrimonio tivera dois filhos: este Nascentes Burnier e uma irmã; do segundo o engenheiro Miguel Burnier que deixou tão bello nome na Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central.

Ficando estes meninos orphãos, aquelles dois primeiros, do Pae e Mãe, o Avô, Dr. Ildefonso Gomes, delles cuidou com o maior carinho, dedicando então ao primeiro neto amor sem igual, pelo que tambem lhe transmittiu algumas das exquisitices do seu genio original. Chegou o bom do velho a estudar grego para ajudar o nosso collega com suas explicações em casa. Lembrome da profunda impressão que me causou a noticia do fallecimento de Nascentes Burnier em 1860! Era o primeiro companheiro colhido pela morte na estrada da vida! Depois... quantos... quantos, Santo Deus!

Quanto ao Dr. Ildefonso Gomes, centro muito acautado de toda essa digna familia, era tão distinto medico quanto excellente pessoa. E'-me sobremaneira grato prestar homenagem á sua respeitavel memoria. Em 1852 morava perto do ponto onde está hoje a caixa d'agua da Ti-

juca, na localidade ou zona chamada *Moinho Gaillard*, antiga fabrica de papel.

Tinha modos um tanto excentricos ou como taes tidos, por andar quasi sempre de pés no chão, usar só roupas de algodão de Minas, trançado, e preconisar tanto a agua fria; muito bem reputado, aliás, como pessoa illustrada, particularmente em botanica e zoologia”.

Do Dr. Ildefonso Gomes bem pouco disse Sacramento Blake em seu tão prestante *Diccionario*. Merecia, certamente, muito mais o douto e modesto scien-tista a quem deve a nossa botanica diversas contribui-ções valiosas. Assim entre muitos exemplos, a manga-beira (*Hancornia speciosa*) elle a determinou.

Mineiro, nascido em 1794, formado pela antiga es-cola medico-cirurgica do Rio de Janeiro, residiu longa-mente na Capital do Imperio, onde angariou a reputação de excellente clinico. Apaixonado pelas sciencias natu-raes, sobretudo pela botanica, realizou “diversas e nota-veis excursões pelo Brasil, passando além dos pontos a que até então tinham chegado em suas excursões os pre-cedentes viajantes e naturalistas”.

Estas jornadas elle as descreveu num livro: *Via-gem ás provincias do Norte do Brasil*, publicado em 1857, dois annos antes de sua morte.

Traduziu diversas obras scientificas como os *Prin-cipios de botanica* de Lindley (Rio, 1848), e o *Guia homeopathico* de Bigel.

Dos seus trabalhos o que mais o tornou conhecido foi — *Manual de hydro-endo-therapia* ou “directorio pa-para qualquer pessoa em sua casa curar-se de grande parte das enfermidades que affligem o corpo humano, não empregando outros meios que suar, agua fria, regime e exercicio” (Rio, 1848) guia therapeutico em que desen-volveu idéas muito mais tarde preconisadas pelo famo-so Monsenhor Sebastião Kneipp.

Da descendencia do Dr. Antonio Ildefonso Gomes destacam-se, além dos dois netos que creou, o poeta de elevado estro e o notavel engenheiro (fallecido na robustez dos 36 annos de idade apenas!) diversas personalidades de real destaque.

Para só falarmos dos mortos lembremos o Dr. Clarindo Burnier Pessoa de Mello, lente na Escola de Minas de Ouro Preto, dotado de grande talento mathematico e, sobretudo, o Dr. Henrique Nascentes Burnier, notavel estudante, engenheiro do maior merito coberto de serviços á Companhia Paulista de Estradas de Ferro, á Companhia Mineira de Electricidade de que era o superintendente ao fallecer, contando apenas 46 annos de idade. Homem de admiravel character, invulgar elevação de principios, preparo e cultura geral fóra do commum, viveu a praticar a rectidão do catholico integral. E a sua memoria vive cercada da saudade, do respeito, da admiração de quantos o conheceram e lhe acompanharam os passos da existencia notabilissima cheia dos mais altos ensinamentos.

E' tempo porém de voltarmos ás excursões dos membros da expedição de Castelnau a quem o Dr. Antonio Ildefonso Gomes procurava servir de todos os modos.

Do naturalista brasileiro, bom e excellente amigo, disse o Dr. Weddell que era tão inteligente quanto desinteressado. Conhecedor profundo da flora fluminense não só lhe sabia os recursos como o *habitat* das plantas, circumstancia preciosissima para os seus collegas francezes.

Ao se despedir declarou Weddell que a lembrança de sua bondade lhe tornara sobremodo penosa a separação de tão prestante collaborador.

Realmente immenso o auxiliara o naturalista brasileiro.

Era nova demonstração de velho pendor de espirito pois de seu amor ás cousas da sciencia e á Natureza dera exuberantes provas, desde quasi adolescente ainda. Aos 22 annos de idade, em 1816 portanto, affeiçoara-se immenso a Saint-Hilaire. A 27 de dezembro desse anno partira com o grande botanico Langsdorff para uma dilatada jornada em Minas. Estudava medicina e a botanica, que o apaixonava, "avec succès".

Acompanhou-o a Barbacena, Queluz, Ouro Preto, Marianna, Cattas Altas e Itajurú onde o levou a hospedar-se em casa de seu pae, o capitão Antonio Gomes de Abreu, e depois em Santa Barbara, onde seu tio o coronel Antonio Thomaz de Figueiredo Neves residia.

"Foi para mim um momento penoso, aquelle em que me separei desse excellente amigo" diz Saint-Hilaire ao falar que Ildefonso Gomes o deixara para voltar ao Rio afim de continuar seus estudos.

Mas consolou-se até certo ponto com a companhia de seu pae, em cuja casa permaneceu um mez inteiro.

Com verdadeiro desgosto se despediu daquella venda.

Possuia o Dr. Gomes uma chacara no Catumby, riquissima em especimens floraes e sita em logar lindo.

Com a maior gentileza propoz ao botanico estrangeiro demorada permanencia ali, fazendo-lhe ver as vantagens da situação nas fraldas do Corcovado e vizinhança de dois ou tres outros pontos que precisavam ser visitados.

Apreciou Weddell, immenso, a fazendola do dr. Gomes a que dava acesso uma garganta, caminho este ensombrado por magnificas palmeiras, e ladeado por pequeno regato, cheio de bellas plantas aquaticas.

Ao se penetrar na chacara, e ao longo de bastas sebes de bambús, uma subida rapida levava o visitante

á vivenda do douto brasileiro que tão sabiamente praticava a *beata solitudo!*

A' casa da quinta dava o mais pittoresco aspecto, e o mais acolhedor, grande varanda.

Das janellas de seu quarto divisava o botanico um panorama de montanhas e florestas a que grandes palmeaceas imprimiam o mais agradável relevo.

Apenas installado levou o Dr. Ildefonso Gomes o collega a visitar a sua propriedade, onde, alem de innumerables plantas brasileiras, havia numerosissimas transplantações de especimens exóticos.

Diversas culturas ocupavam a attenção do sabio hospedeiro. Possuia enorme pomar, e o mais variado, contiguo a extenso bananal onde, pela primeira vez, pôde Weddell avistar-se com a bananeira nanica que lhe provocou a curiosidade.

“Os negros, apaixonados das bananas, podiam nutrir-se exclusivamente de tal fruta”.

Além do bananal havia largo mandiocal e vinhedo carregado de bellos mas detestaveis cachos. Mas talvez por deficiencia de poda.

Na horta do dr. Gomes, que era excellente, ficou o botanico francez conhecendo legumes tão bõns quanto os de além Atlantico: os carás, as batatas doces, a taioba e outros tuberculos que o seu incansavel amphitrião lhe proporcionou e declara ter achado excellentes. Como tambem os palmitos e os côcos da Bahia.

Logo depois convidou o Dr. Gomes ao amigo da vespera a uma excursão ao alto do Corcovado.

Em tres horas de marcha, assaz fatigante, attingiram os excursionistas o cume do famoso monte giboso. Verdade é que parte do tempo o empregaram em herborisar.

Estrada optima, ao longo do Aqueducto mas pessima a partir de *Pineiras*, (sic).

Do panorama corcovadense diz o viajante maravilhas "Quantas vezes não lastimei a insuficiencia de meus dotes artisticos vendo-me incapaz de retratar aquellas scenas da Natureza".

Flora soberba, a do Corcovado! Tambem, em breve, o pobre do preto que acompanhava o Dr. Weddell mal podia manter-se erecto a carregar, em grande cesta, á cabeça, o que o seu patrão alli fôra accumulando.

Oito grandes paginas tomou o botanico para dar idéa aos seus leitores das maravilhas avistadas pelos flancos do Corcovado.

Então acima de *Pineiras*, onde havia umas cinco ou seis casas, destinadas a abrigar turistas em pic-nic, acima de *Paineiras* era a floresta absolutamente admiravel.

A brisa do mar alto refrescava o viandante afogueado pela marcha; a lympha do aqueducto corria quasi chamicamente pura. O unico ponto desagradavel de tão bello quadro residia na existencia de nuvens de borrachudos.

"E' difficil imaginar-se o effeito pittoresco do accumulo, frequentemente exquisitissimo, das plantas epiphytas abundantissimas, nas moitas de Corcovado. A arvore nutriz desaparece, completamente, sob a folhagem parasitica. Morre mas ainda se mantem de pé sustentada pelas lianas numerosas que a supportam, como a enxarcia, aos mastros, até que, esboroando-se-lhe a base, se esbarronda todo o edificio. E daquella reunião de organismos nada subsiste.

Pela primeira vez vi, naquelle dia, fetos arborescentes. Derrubei dois com tal sensação de prazer que

não me espantei que outros, antes de mim já houvessem cometido a mesma acção”.

Conta o botânico o que lhe referiram da paixão de D. Pedro I pelo Corcovado. Diariamente (?) pela manhã, lá ia passear a cavallo. “Refere a historia, ainda, que sempre descia a montanha a galope, exercicio imprudente que lhe valera a fractura de um braço. Isto aliás não o impedira de recommençar tal proeza, ainda com maior afan, apenas se vira em condições de sahir”.

Fizera collocar no cume do morro um gradil de ferro mas desta balaustrada apenas restavam quatro ou cinco varões. Ao resto haviam roubado.

Larga e lentamente explorou o Dr. Weddell o caminho ao longo do aqueducto, maravilhado ante o que via das riquezas variadissimas da flora local.

Refere-se a uma infinidade de formas, para elle novas, ali encontradas, e termina a narração contando que gastou um dia inteiro a vagar no meio daquelles scenarios inebriadores.

Voltando do Corcovado, foi o naturalista explorar a Serra da Tijuca, onde passou dois dias. Dormiu numa casinha sobre a montanha, mas a pequena distancia do mar.

Excursão admiravel. “Só um habil pincel poderia traduzir aquillo que não me fatiguei de contemplar durante a excursão”, affirma entusiasmado.

Além dos trabalhos de herborisação occupou-se o naturalista em visitar plantações de café. A mais interessante de todas era a de uma ingleza rica a Sra. Moke. Pessoa muito amavel, passava por produzir o melhor café dos arredores do Rio, beneficiado do modo mais cuidadoso e intelligente.

Outra plantação de vulto, perto da Cascata Grande, pertencera a uma fidalga franceza, já fallecida, a Condessa de Roquefeuille.

Maliciosamente refere o nosso viajante que ainda avistara, na montanha, uma casinha onde viviam as quatro filhas bastardas de um "santo já defunto". Parecia ter tal santarrão desejado que sua progenitora se afastasse do mundo o mais possível.

“Quando por alli passámos vimos uma criança de semi-núa como que a nadar na relva vizinha. E indaguei de mim para mim se as taes moçoilas se entregavam á educação da mocidade”, annota sarcástico o nosso Dr. Hugo Weddell.

Outra excursão muito agradável realisaram os naturalistas da missão Castelnau, á restinga de Copacabana onde examinaram interessantissima flora.

Deixando Botafogo passaram por sobre a montanha da Babylonia. A' sahida de um desfiladeiro viram as ruinas de velho fortim portuguez cujo portão ainda estava muito bem conservado. Dois bastiões o flanqueavam. Em um delles ainda existia um canhão muito bem localizado para a defesa do desfiladeiro.

Em Copacabana achou o botanico bella flora de guttíferas, myrtáceas e leguminosas. As cactáceas, estas eram esplendidas e variadissimas.

Correu o dia rapido. Que prazer proporcionou a farta e rica colheita realisada! Tenho admirado a belleza do grande panorama, divisado do promontorio da igreja, hoje arrazada, recolheu-se o Dr. Weddell a uma casinha muito pittoresca ao pé dos morros que separavam Copacabana de Botafogo. Mas lá teve a compensação amarga das felicidades de tão bello dia: viu-se devorado pelas pulgas. “Perturbaram-me o repouso que-

rendo dest'arte compensar, pela importunação, o socego proveniente da ausencia completa dos mosquitos”.

Fez o botanico a ascensão de gigantesco rochedo negro, quasi vertical, de seus trezentos ou quatrocentos pés de alto, que deve ter sido o tão conhecido e curioso *Dedo de Deus*. Voltou satisfeitissimo pela colheita obtida na matta que circumdava o interessante pylono. Nella se destacavam magnificas *Barbacenia*, *Pitcairnia* e *Aechméa*.

De Copacabana passou o botanico ao Jardim Botanico de que teve má impressão. Já o nome lhe quadrava mal. Custava muito aos cofres nacionaes e pouco rendia. Bem tratado, aliás, não passava de grande campo de sementeiras, onde nem havia a determinação scientifica dos vegetaes.

Grande area alli se reservava ao plantio do chá, cujas folhas eram colhidas, uma vez por anno, e preparadas segundo os processos chinezes.

Não havia muito que as mudas da *Thea sinensis* tinham sido trazidas do Imperio Celeste. Com ellas haviam vindo varios chinos. Da famosa rua das palmeiras nada diz o Dr. Weddell que no entanto se refere a uma alameda de fructas-pão magnificas.

O Sub-Director do Jardim era um inglez, boa pessoa, a quem Weddell prometteu voltar afim de visitar mais detidamente o seu parque.

Não pôde fazel-o por causa do trabalho immenso imposto pela conservação do herbario a quem destruiam dois factores: o bolor e os cupins, as horriveis “formigas brancas”.

A ultima grande excursão herborisadora dos arredores do Rio, effectuou-se em Maricá, logar que muito o naturalista ouvira gabar.

Embarcaram Weddell e o Dr. Ildefonso Gomes numa falúa, em que levaram cavallos.

Na Praia Grande pararam em casa do Dr. Azambuja, genro do botanico brasileiro.

De Nictheroy foram ter ás restingas da lagoa de Peretininga (sic), enquadrada por opulenta e variada flora.

Herborisaram bastante os dois amigos, indo dormir em casa do fazendeiro do Engenho do Matto, a caminho de Maricá.

Era o nome do Dr. Ildefonso, o melhor dos passaportes, prestigiosissimo. Apesar de jamais ter ali estado, o fazendeiro recebeu-o como a velho amigo. Fabricava açucar e as suas moendas, enormes cylindros de ferro movidos por bestas, se revelavam a mais absoluta simplicidade mecanica, nem por isto deixavam de triturar, assaz bem, as hastes de onde escorria delicioso caldo.

Mostrou o lavrador, com a maior gentileza, todas as dependencias de seu estabelecimento e tratou os hospedes do modo mais gentil.

No dia seguinte, pela madrugada, partiram os botanicos em direcção á fazenda de Itocaya, perto de Maricá e na freguezia de Itaipú. Scena pittoresca ali se lhes deparou.

“Achei-me, diz Weddell, de repente, no meio de um bando de negrinhos de todos os matizes, mais ou menos nús, que saltavam e viravam cambalhotas pelos corredores da casa da fazenda, como se fossem camondongos em gaiola. Eram os filhos dos escravos da propriedade agricola, cujo bom gerente se comprazia em promover-lhes a multiplicação. Para tanto chegava mesmo a lhes consagrar olhares paternos. . .

Era o unico de sua cor no meio de quatrocentos pretos sobre os quaes reinava de modo despotico, embora por elles se interessasse como se seus filhos fossem”.

Os negros trabalhavam na lavoura, no engenho de açucar e de aguardente, assim como numa olaria.

O proprietario da grande fazenda, pessoa das mais illustres do Imperio, vinha a ser Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Visconde de Villa Real da Praia Grande. Della tirava lucro annual avaliado em cincoenta mil francos.

Deixando a casa grande de Itocaya percorreu Weddell a magnifica restinga de Itaipú.

Apresentava a localidade o maximo interesse para o botanico. Vegetação cerrada alli vivia para maior gaudio dos systematas. Não podia o naturalista cansar-se em colher magnificas melastomaceas, cassias, utriculárias e varias destas rubiaceas, numerosas, proprias do Brasil, as ipecacuanhas.

Voltou Weddell trazendo enormes braçadas de plantas. Jantou como um lobishomem e foi descansar “sobre a esteira hospitaleira que, no Brasil todo, é por assim dizer, o unico colchão conhecido”.

Interessante factó: em Itocaya encontrou-se com um francez velhaco que se incumbira de comprar a tropa destinada á propria excursão de Castelnau. E, mais infelizmente ainda, se encarregara da fabricação das cangalhas de tal caravana.

Naturalmente, não foi dos mais cordeaes o encontro dos dois compatriotas. . .

No dia seguinte, partiu Weddell da fazenda, em direcção a Nictheroy através de soberba floresta virgem, o que o levou a atrazar-se á busca de plantas, naturalmente. Dois escravos carregados o acompanhavam. Entrando na praia de Jurujuba sentiu-se o botanico des-

lumbrado. "Era espectaculo tão admiravel que todos os demais objectos immediatamente se me desvaneceram da imaginação. E meus olhos ficaram fixos sem que os pudesse afastar do magnifico panorama que se me era offerecido".

Arroubadamente procura o viajante transmittir aos seus leitores a impressão fortissima recebida daquelle espectaculo portentoso. "O tempo se encobriera logo após o poente. Ligeira bruma velava os contornos das montanhas; a superficie cinzenta e baça das aguas que se desdobravam ao pé destas apresentava tão perfeito equilibrio, as grandes formas esbranquiçadas e escalavradas dos rochedos que sahiam de seu seio de tal modo se destacavam cheias de claridade sobre o fundo sombrio do céu que eu me sentiria transportado aos gelos polares não fosse o ruido que de tempos a tempos provinha das hastes succulentas das plantas tropicaes esmagadas pelas queixadas de meu cavallo".

Ia afastar-me quando, de subito, mudou o scenario. A montanha que se achava á minha frente pareceu escurer-se um pouco como se nuvens ali se amontoassem. Depois, no meio deste ponto obscuro, appareceu uma luz vermelha que se tornou cada vez mais viva e, dahi a pouco, espalhou-se rapidamente. Não tardou que todos os pontos da montanha se achassem envoltos em vasto incendio que espancava as sombras nocturnas e ao longe projectava sobre a superficie das aguas da bahia restees luminosas.

Assistia eu, assim, á destruição de uma destas florestas incomparaveis que em dia, talvez não afastado, os habitantes desta terra deplorarão que se haja destruido.

Extatico perante tal espectaculo não percebi que com a tempestade a augmentar a majesade do quadro.

Por ella não esperei e enrolado no meu poncho tratei, tão rapidamente quanto possível, quanto mo permittia a desigualdade do terreno, attingir a aldeia da Praia Grande onde já achei os meus dois negros que me haviam tomado a frente”.

Como fosse perigosa a travessia da Guanabara, cujas aguas estavam revoltas, achou o Dr. Weddell de bom alvitre solicitar do Dr. Azambuja, genro de seu amigo, e por uma noite, a hospitalidade que de modo cordeal lhe foi concedida.

C. H. LAVOLLÉE
(1844)

I

A embaixada á China do Sr. Lagrenée — Chegada de Lavollée ao Rio de Janeiro.

Lembrar alguém que á medida que os milésimos de nós se aproximam augmenta o numero de obras da bibliographia xeno-brasileira é enunciar uma destas verdades capazes de inculcar ao leitor a convicção da influencia mediumnica do espirito do bom cavalheiro de La Palice sobre o expendedor de tal conceito.

Assim é no emtanto.

Publicam-se as bibliographias magnificas refertas de erudição, organisadas, lenta e pertinazmente com todos os elementos de rebusca insaciavel: obras, como as de Ramiz, Valle Cabral e Capistrano, Garraux, J. C. Rodrigues, Canstatt, Alfredo de Carvalho e Eduardo Tavares, etc., e no emtanto, de vez em quando, dos intervallos de seus verbetes surgem as lacunas.

Não é este exactamente o caso da obra que serviu de pretexto ao nosso estudo de agora o *Voyage en Chine* de C. Lavollée.

Está a sua ficha consignada no conjuncto dos apontamentos das bibliographias xenobrasileiras muito embora corresponda a trabalho de que bem poucos, entre nós, conhecem a existencia.

Vejamos porem como uma viagem ao ex-Imperio do Meio póde interessar aos estudiosos das cousas brasileiras.

Em fins do seculo XVII e os principios da centuria immediata, negociantes francezes e inglezes crearam escriptorios permanentes em Cantão, sempre mal vistos pelas autoridades chinezas. Intensificou-se a navegação franceza para o Extremo Oriente e della proveio a primeira viagem circumnavegatoria privadamente realizada por francezes: a de Le Gentil la Barbinais. Já porém, em numerosos pontos do Imperio do Meio haviam-se os missionarios estabelecido com maior ou menor resultado.

Recrudesceram os maus tratos dos chins para com os europeus o que motivou as reclamações da Inglaterra. As embaixadas que este paiz enviou ao Filho do Céu, a de Lord Macartney, em 1792, e a de Lord Amherst, em 1802, nenhum resultado alcançaram.

Em 1815 expulsou o governo celeste a todos os missionarios catholicos, salvo os de Pekim, que, afinal, em 1828, tiveram de se retirar.

Tornou-se cada vez mais perigosa a permanencia dos mercadores europeus nos portos chinezes. Diariamente os insultavam a populaça e os mandarins.

E' geralmente sabido que a recrudescencia de tal animosidade tinha no fundo a mais justa das causas; rios de dinheiro ganhava a companhia ingleza das Indias Orientaes com a intoxicação dos celestes pelo opio hindú.

Fez em 1839 o vice-rei de Cantão apprehender e destruir 23.000 caixas da terrivel mercadoria no valor de dezenas de milhares de contos. Estalou então a chamada *Guerra do Opio* que certamente não é das brilhantes paginas da historia da colonisação ingleza. Esmagado pela superioridade das armas occidentaes teve o governo imperial chinez, em 1842, de pedir misericordia e acceitar as condições do pro-consul britannico: Sir Henry Pottinger. Ficava a Inglaterra com a ilha

de Hong Kong e quatro novos portos, Shang Hai, Futcheu, Amoy e Ning-Po se abriam ao commercio europeu.

Diante de tão brilhante resultado, alarmou-se a opinião publica franceza. O governo de Luiz Philippe I ordenou que uma missão especial fosse á Chinã ver se o Filho do Céu concederia á França vantagens especiaes. Assim tambem procederam os Estados Unidos.

Chefiando a embaixada franceza partiu o Sr. Theodoro Maria Melchior José de Lagrenée, que já contava bellos serviços em sua fé de officio diplomatica.

Partindo de Brest chegou o plenipotenciario a Macau, em Agosto de 1844, conseguindo da China o tratado de Whampoo a 24 de Outubro de 1844, ratificado pelo de Cantão, a 25 de Agosto de 1845.

Notaveis vantagens obteve o Sr. de Lagrenée, de ordem commercial e politica. Assim alcançou a cessão da ilha de Shang Hai para base naval franceza na China e a promulgação de dois rescriptos imperiaes, em 1845 e 1846, permittindo a liberdade de muitos catholicos perseguidos e a construcção de igrejas de diversos credos christãos.

Tão satisfeito ficou o governo real francez com o exito da embaixada que ao diplomata conferiu o pariato.

Entre os seus auxiliares de missão levou o Sr. de Lagrenée um moço de pouco mais de vinte annos, Carlos Humberto Lavollée, muito intelligente e com bellas aptidões literarias.

Em 1852 publicou elle um *Voyage en Chine* descrevendo as peripecias de sua longa jornada maritima quando secretario da embaixada de Lagrenée. E' livro de agradável leitura que, embora recente, se tornou de real raridade. Basta dizer que hoje se cota nos catalogos pelas vizinhanças de um milheiro de francos francezes (930 fcs. no catalogo de E. Nourry, 1931),

Depois deste volume ainda publicou Lavollée outro sobre o Imperio do Meio: *La Chine contemporaine* (1860). Collaborou muito em varios dos melhores periodicos literarios francezes, como na *Revue de l'Orient*, *Revue nouvelle* além da famosa *Revista dos Dous Mundos*, que então percorria uma phase inexcedivelmente brilhante e rendosa.

O livro de Lavollée, sobre a embaixada da China, tivemos-o em mãos graças á gentileza de nosso amigo e erudito bibliophilo, Yan de Almeida Prado, cuja tão valiosa brasiliana dia a dia se opulenta notavelmente.

Em 1843, data em que Lavollée foi ao Extremo Oriente, não existia ainda, parece excusado lembral-o, o Canal de Suez. Assim a navegação para a China se fazia geralmente, segundo o itinerario commum por Tene-riffe, Bahia ou Rio de Janeiro, a Cidade do Cabo, etc.

Foram as escalas do jovem viandante exactamente as Canarias, a Guanabara, o Cabo da Boa Esperança, Bourbon, Malacca, Singapura, Manilha, Macau e afinal Cantão.

Sahido de Brest, como dissemos, a 12 de Novembro de 1843 na fragata *La Siréne* chegou Lavollée a Tene-riffe no dia 26. Navegava a nau á vela e só em fins de Janeiro chegaria á vista da costa brasileira.

A 27 de Janeiro de 1844, achava-se *La Siréne* em frente ao Cabo Frio, “cuja ponta aguda carregada de collinas ricamente florestadas ousadamente penetra no oceano”, lançava o moço literato em seu canhenho de viagem. A 28 fundeava em aguas da Guanabara.

E' bastante conhecido o livro de Fausto de Souza que compendia numerosas apreciações sobre a bahia do Rio de Janeiro e suas maravilhas. As palavras de Lavollée consagradas áquellas tão decantadas bellezas tambem traduzem arroubos de enthusiasmo. Referem-se ao “panorama magnifico”, que se offerecia aos passageiros

da *Sereia*, cuja marcha se retardara, como que de proposito, afim de poder proporcionar aos navegantes uma apreciação mais demorada de uma das mais bellas coisas do Universo, aquelles aspectos litoraneos constituidos pelas ilhas numerosas, a densa vegetação de beiramar, dentro da qual surgia vultosa cidade e as altas montanhas do fundo do horizonte, elementos principaes constitutivos de um quadro que se tornava indescritivel. Impunha-se a renuncia a qualquer tentativa neste sentido”.

Mal informado, conta-nos o secretario da embaixada que depois de sua fragata costear o Pão de Açucar passou em frente ao forte do *Corregidor* (sic) (?) para depois ancorar perto de Villegaignon, celebre nos fastos da marinha franceza.

Indagou a capitania do porto do commandante da *Sereia*: de onde vêm? Do mar! respondeu-lhe o official, “resposta invariavel dos navios de guerra”.

Respeitosamente deixaram as autoridades portuarias passar a fragata que deitou ferros a pequena distancia da cidade.

Ancorada em aguas da Guanabara, percebeu logo o nosso viajante quanto no grande porto brasileiro se devia fazer enorme gasto de polvora.

Mal chegava um navio de guerra aos ares atrovavam as salvas da pragmatica com a sua ensurdecedora cortezia, em que os recém chegados e os seus acolhedores disputavam a primazia de quem mais barulho e fumaça fizesse.

Tinha-se a impressão de assistir a verdadeiro prelio naval. Não eram só as baterias brasileiras que salvavam. Como havia sempre navios de varias potencias na bahia dahi provinha este canhoneio.

Não estava fóra de logar a energica reclamação que, quasi contemporaneamente, fazia Victor Hugo, pelas paginas dos *Miseraveis*, contra o desperdicio de polvora provocado pelas continuas e prolongadas salvas. A economia que de sua redução resultaria estava em condições de subsidiar largas obras de caridade.

Depois de as fumarentas salvas dissiparem-se, bello espectaculo occorreu. Moviam-se escaleres pelas aguas guanabarinas, numerosos bateis, de diversos pavilhões, demandando a nau recém-vinda a cujo commandante levavam votos de boas vindas.

Tal circumstancia entretinha entre as tripulações uma emulação do amor proprio que se traduzia pela precisão das manobras, apurado empavezamento dos navios e a boa conserva das baterias.

“A força tambem apreciava ser enfeitada”.

Desembarcando admirou-se Lavollée da mesquizez do Paço da Cidade. Não era de todo, uma residencia majestatica. Da cathedral a ella fronteira quasi apenas conta que se escondia a um dos cantos da praça

Quanto ao chafariz do Mestre Valentim, achou-lhe mediocre a architectura, repetindo, seguramente impressionado por leituras anteriores, uma mentira clamorosamente injusta, a saber: dava má agua.

Da rua Direita, de que nada diz, a não ser que nella funcionavam a “Bolsa, a Caixa de Amortização, etc.”, entrou o diplomata francez na rua do Ouvidor, a mais bella da cidade.

Pelo seu movimento se percebia logo quanto era o Rio uma grande cidade e uma cidade de largo commercio. Os transeuntes apinhavam a viela emmoldurada de grandes e bellas lojas. Não fora a presença dos negros e o viandante se acreditaria numa cidade européa,

Era, aliás, quasi de ponta a ponta, habitada por europeus, sobretudo francezes. A cada passo se ouvia falar a lingua franceza e as vitrinas se apinhavam de artigos da França.

“Alli se erguia um bairro francez, transportado inteiriço a duas mil leguas da França”.

Não eram só as modas que a França exportava para o Brasil; vinham tambem as modistas, recordava o viajante, maliciosamente, a acrescentar, ainda mais brejeiramente positivo: “tenho quasi certeza de que os senhores brasileiros muito gratos nos ficam por tal motivo”.

Indiscutivel primazia tinha então a rua do Ouvidor sobre as demais da cidade, em materia de animação, alegria e elegancia.

Na parte velhã do Rio notou Lavollée quanto as longas ruas eram por demais estreitas, nellas sobre sahindo velhas igrejas dominando o casario, geralmente baixo.

Ao alto dos morros surgiam as negras muralhas dos mosteiros, contraste pittoresco entre aspectos europeus, em terra tão afastada da Europa e a visão das florestas virgens percebidas á fimbria do horizonte.

Nos bairros novos mostravam-se as ruas mais largas, havia praças e o casario se apresentava melhor. Nelles residiam os cariocas abastados. Ao longo da Gloria nada mais agradavel do que o aspecto das chacaras. O Passeio Publico tinha bellos bosques mas vivia deserto “De que servia ir ali passear entre quatro muros quando, em torno da cidade, estendiam-se os jardins magnificos plantados pela natureza”.

O pesado calor do meio-dia não fazia parar o movimento commercial. Não se praticava a sésta no Rio de Janeiro, onde as continuas chegadas de navios entre tinham a activa circulação das ruas e do commercio.

Esta intensidade da movimentação impunha á capital brasileira um facies original, muito mais do que qualquer outro.

✚ Mas o que ao europeu vinha impressionar era a variedade infinita de tons chromaticos das epidermes da multidão apinhante das ruas.

Todos os cambiantes da pelle branca da Europa e da negra da Africa ali se apresentavam assim como os tons intermedios da mestiçagem dos dois sangues.

E isto se offerecia em ambito estreito num campo de analyse de todas as diversas côres que Deus imaginara imprimir á pelle humana, gradações destinadas a fixar o logar ao sol de cada raça.

Assim como Marselha vinha a ser a encruzilhada do Mediterraneo, o Rio era a do Atlantico.

O negro coberto por uma calça de riscado percorria as ruas, vergando ao peso dos grandes fardos e estugando o passo sob a coacção do seu dono.

Quanto ao branco, deixando os trajes europeus, vestia-se de brim branco e usava grande chapéu de palha. Se tal indumentaria pouco pittoresca vinha a ser, muito tinha de commoda.

A' noite recolhiam-se os nêgros ás suas sensalas e os brancos, despreoccupados de negocios, concorriam a numerosas reuniões em clubs e theatros.

Parece-nos fora de duvida que já da Europa viéra Lavollée com as idéas perfeitamente definidas sobre as instituições brasileiras.

Nada mais absoluto do que as opiniões desse sociologo de vinte e poucos annos que, no mais dogmatico dos tons, vae lançando asserções e previsões, cada qual mais contestavel, seja dito agora pelos observadores *a posteriori*.

As ultimas então faz a lição dos tempos sorrir ao reparador imparcial.

Depois de dizer que as capitaes sul-americanas são a copia mais ou menos fiel das metropoles européas avança o nosso psychologo rapazola:

“Os novos estados da America trataram de assimilar, quer em materia de praxes de governo, quer quanto a costumes, o regime constitucional e os principios da civilisação européa. Mas tal imitação só pôde ser o que é: ficticia”.

Vem-nos depois profundo conceito, uma destas verdades deslumbrantes, irretorquiveis, pensamento profundo a que só faltam o visto e a chancellia do Exmo. Sr. Conselheiro Acaccio.

“Não se funda uma nação á moda de quem constróe uma cidade”. E a seguir lemos estas palavras magistraes:

Só o tempo consolida as instituições de um povo apoiando no passado os progressos do presente e as esperanças do futuro”!

E a demonstrar semelhante these, acrescenta:

“Os Estados da America do Sul não têm passado; serviram-se de uma organização já inteiriça e transplantaram a seu solo virgem as idéas que no Velho Mundo haviam lenta e lentamente amadurecido”.

“Qual o resultado? Estes paizes apenas puderam apropriar-se das theorias dos governos livres. Não sabendo pol-as em pratica, a adolescencia lhes decorreu fraca e a independencia lhes resultou esteril. Nas republicas tal impotencia se tingiu em rios de sangue e de balde procuraram os povos consagrar sua nacionalidade nascente pelo baptismo revolucionario”.

“Acabam o Perú e o Chile de sahir de longa serie de guerras civis em que desde os primeiros dias de sua era nacional se esgotaram.

No Brasil, cuja organização mais se aproxima da da monarchias européas tem-se a impressão de que chegou a idade da decrepitude e que o Estado succumbe sob o peso de instituições servilmente copiadas”.

Isto escrevia o nosso Lavollée em 1844, ao alvorecer do meio seculo de bellissimo desenvolvimento rythmico do Brasil, sob a presidencia, honesta e patriotica, de Pedro II e seus grandes ministros.

“Para que instituições liberaes, ministros responsaveis, camaras electivas num paiz cuja população se constitue de cincoenta por cento de escravos?”

Para que o devaneio de uma centralisação administrativa nesta immensa extensão de provincias que a natureza separou por meio de florestas, caudaes e desertos. E isto quando até então o trabalho do homem se mostrara impotente para as conglobar numa confederação solida?”

“O Imperio do Brasil, affirmava o nosso diplomata, só existe realmente em algumas cidades litoraneas: no Rio de Janeiro, na Bahia, e em Pernambuco, a que as relações commerciaes e o intercambio de idéas com a Europa communicam ficticia actividade a qual se não propaga além das lindes de seu territorio”.

“Não julgemos o Imperio pelo aspecto de sua capital, dogmatisava o nosso jovem reparador, ahi com muito mais exacta visão das coisas. No Rio de Janeiro vemos uma Côrte majestatica, um governo quasi regular, tribunas parlamentares em que se discutem assumptos de interesse publico, imprensa intelligente, instituições scientificas e literarias, museus, bibliothecas e escolas. Mas tudo não passa de reflexo da Europa e sôa como se fosse o eco de uma civilisação desambientada que, atravessando o Atlantico com ella transportou os

seus moldes aperfeiçoados e até a sua bagagem de utopias sociaes. O Rio goza até de um phalansterio. . .”

Depois de tão grande dose de pessimismo deixava-se o nosso sociologo precoce levar-se a uma certa dose de optimismo:

“Pelo Brasil fará o tempo mais do que esta apparencia de progresso prematuro.

“Abundam no paiz os elementos de prosperidade.

Torna-se necessario que o trabalho os fecunde, profundamente os revolva como ao solo, para que o paiz attinja altura das instituições que se outhorgou”.

“Não ha terra aliás que a Providencia tenha mais ricamente dotado do que a do Brasil”.

Havia ahí uma verdade, naquella época em que mal ainda despontara a phrase da civilisação do combustivel. . .

Continuando a annotar as impressões cariocas declara Lavollée que no Rio, producto exotico da civilisação européa, a natureza de muito sobrepujava a belleza daquella cidade artificial.

Nada mais frisante do que o contraste entre as casas caiadas de branco, os campanarios dos mosteiros e igrejas, timido trabalho do homem, e a vegetação magnifica que, de todos os lados, envolvia as praias da Guanabara.

Ao viajante francez se infundiu a convicção de que os arredores do Rio eram de prodigiosa fertilidade, sobretudo no Corcovado e no valle da Tijuca.

Ao famoso monte subiu apreciando muito, de passagem, o trabalho do aqueducto construido com pedras vindas de Portugal (?).

Era então a unica fonte de abastecimento da cidade, disseram-lhe. A meia encosta encontrou uma casa de guarda cercada de caféeiros, provavelmente em Paineiras.

Subindo por aspera vereda, a que emmolduravam arvores frequentemente de vinte metros de alto, attingiu o cimo onde viu hastes de ferro vergadas pelo esforço do vento (?). Ali existira uma balaustrada.

A ella vinha debruçar-se Dom Pedro I, frequentemente, pois “aquelle homem de tão tormentosa vida, se comprazia em admirar aquella natureza selvagem e gigantesca”.

Depois de dar summaria descripção do campo de visão do giboso cume annotava o jovem viajante: “mas o que é bello vem a ser sobretudo aquella verdura, eterna roupagem das terras tropicaes, aquella luxu de vegetação forte e colorido que as nossas frigidias regiões septentrionaes não conhecem”.

Depois do Corcovado visitou Lavollée a Tijuca, cujo aspecto se lhe apresentou bem diverso: o da natureza, “obedecendo ao homem e ornada de todos os caracteristicos de uma cultura regular”.

Valeu-lhe a gentileza de um compatriota o ensejo de visitar a fazenda de um brasileiro rico, certo Sr. C. de S. . .

Partindo do centro num omnibus, foi o nosso Lavollée ter ao Engenho Velho, onde desceu, seguindo, através da matta, até a Cascata Grande da Tijuca, que attingiu após duas horas de marcha, provavelmente a cavallo.

Achou linda a cachoeira, logar de recreio e de “picnics”. Ao local dominava alta montanha: a *Gabia* (sic). Relataram-lhe que tal morro tinha, para os maritimos, o nome exquisito de Nariz de Luiz XVI! Isto por causa do seu aspecto que lembrava o classico perfil bourbonico do appendice.

Esta informação, nascida certamente de um embroglho linguistico, faz-nos lembrar a nossa phrase feita que

reune alhos e bugalhos. Depois de descansar bastante, junto á Cascata Grande, desceu Lavollée para Jacaré-paguá, districto cheio de ricas fazendas e onde, ao seu dizer, se produzia o melhor typo de café do Brasil.

A casa do Snr. C. de S., homem de alta situação na Côrte Imperial, erguia-se sobre pequena eminencia. Do seu terraço se avistava o mar.

Pessoa de fina educação, recebeu o fazendeiro o seu hospede do modo mais gentil e franco.

Ao appear, em frente á varanda da casa: teve Lavollée grata surpresa patriótica: um coro de creanças entoou a ode de Bêranger: *Reine du monde ô France!*

Sensibilizado ficou o jovem diplomata; no emtanto percebeu, que os pequenos cantores não deviam saber o francez, pois o pronunciavam muito defeituosamente.

Foi então que o Sr. C. de S., lhe relatou a origem do caso: numa visita recente de D. Pedro II ao seu veador, divertira-se o monarcha em ensinar aos filhos pequenos de seu hospedeiro a poesia do famoso autor das *Canções*.

A gentilissima idéa do fazendeiro causou a mais grata das emoções ao seu hospede.

“E’ preciso que alguém se afaste da terra natal, anota, para que consiga avaliar os sentimentos de verdadeira commoção que episodios de tal jaez, revestidos, ás vezes, de caracteristicos os mais pueris, podem despertar”.

Dois dias agradabilissimos passou Lavollée na fazenda do Sr. C. de S. . . , cujo verdadeiro nome, não sabemos por que, insiste em não o revelar quando do hospedeiro faz, sempre, as mais elevadas referencias. Ter-lhe-ia o veador de Pedro II pedido que lhe conservasse o incognito? Se não o fez, agiu o escriptor com verdadeira ingratição.

Possuia o fazendeiro palaciano cafezal e cannavial. Mostrou toda a sua propriedade, com o maior empenho, os engenhos de café e de açúcar e até as officinas dos escravos e as senzalas.

Além disto fel-o passear pelos arredores para que pudesse apreciar bem a bella natureza da zona.

A lavoura, em seus processos rudimentares pareceu atrasada ao visitante francez.

Nas usinas eram-lhe os methodos antiquados e as machinas de madeira. Ao emprego do braço ainda não se substituíra o das operatrizes modernas já introduzidas nas Antilhas.

O motor a vapor ainda não conquistara o Brasil onde faltava o espirito de iniciativa e escasseavam notavelmente os capitaes.

O que ali valia ao lavrador era a fertilidade da terra soberbamente irrigada.

Os proprietarios de espiritos abertos recuavam ainda no Brasil ante as despesas de processos novos a que se oppunha a rotina da indole negra de modo que os lucros delles esperados se viam compromettidos.

Possuia o Sr. C. de S. nada menos de 150 escravos negros, mulatos e até brancos!

Viu Lavollée, entristecido, entre os captivos uma rapariga cujos cabellos louros, os olhos azues e os traços delicados indicavam a origem européa paterna.

A condição materna, filha como era de mulata já quarteirona, condemnava-a, inexoravelmente ao captivo!

Era o Sr. C. de S. bom senhor, aliás. Tratava bem os seus negros. Dava-lhes, casinhas, roças e mostrava-se sobremodo solícito em lhes promover o bem estar.

Praticada como elle timbrava em fazer, passava a escravidão a ser quasi que uma domesticidade patriarcal.

Infelizmente taes exemplos de humanidade, tão honrosas para o senhor e suaves para os miseros captivos e a todos proficuos, não constituíam a regra geral brasileira.

Parece que os obices oppostos ao trafico e os protestos da Inglaterra e da França exacerbavam os resentimentos de alguns senhores de escravos que não queriam de todo, admittir, qualquer restricção ao direito pleno irrogado sobre os africanos, importados e sua descendencia.

Vingavam-se sobre os miseros captivos da opposição humanitaria da Europa.

Depois de o fazer passear pelas fazendas da vizinhança o Sr. C. de S. levou o hospede a visitar uma capellinha de Nossa Senhora, branca, situada numa eminencia de onde se desfrutava linda vista sobre o valle de Jacarépaguá.

Apreciou Lavollée o bom tom, quasi luxuoso, do igrejó.

Forrado de interessantes azulejos que reproduziam scenas da vida de Jesus eram estes comtudo inferiores aos quadros a oleo que o adornavam.

Annexa lhe ficava uma destas "casas de milagres", que tanto conhecemos, cheias de peças de cera offerecidas em recompensa de votos attendidos pela Virgem.

No terceiro dia afastou-se Lavollée, saudoso, daquelles lindos logares e de seu hospedeiro.

A' estada em Jacarépaguá consagrou algumas linhas de delicados sentimentos: "E' deveras triste para o viandante apenas poder de sua jornada recolher as recordações de bellos golpes de vista e logares pittorescos.

"O encontro de homens distintos e acolhedores, essas relações fugazes que nascem do imprevisto e apenas

duram um dia, fazem com que durante longos lapsos perdurem impressões cheias de encanto.

Animam os scenarios percorridos como as figuras o fazem aos quadros; ás recordações de ordem material que tão rapidamente se desvanecem, trazem o encanto do sentimento dos gozos de pura ordem moral”.

II

A vida social carioca — O theatro — O trafico africano — Reparos de Ramiz Galvão.

Da vida social carioca em 1844 dá-nos Carlos Lavollée alguns apontamentos summarios. Notou a separação muito accentuada entre os diversos circulos: os do elemento official, dos brasileiros em geral, o dos negociantes estrangeiros e dos residentes de cada paiz. Já estava aliás o Rio assaz desenvolvido para que os europeus ali não fossem obrigados, por uma questão de solidariedade civilisada, de se frequentarem uns aos outros, afim de tornarem communs a todos, os recursos de cada commuidade, como por exemplo occorria na China.

Tres theatros funcionavam na Capital brasileira: um portuguez onde se representavam longos dramalhões imitados do hespanhol, o italiano, cujos espectaculos se realizavam em linda sala: (a de S. Pedro de Alcantara) e o francez, cujos locaes eram pequenos, mas de bom gosto.

Das operas que no Theatro S. Pedro ouviu, teve Lavollée mediocre impressão.

As primeiras figuras eram bastante boas, mas os coros “compostos de mulatos” mostravam-se miseraveis.

Dois negrinhos barrigudos de encarapinhada trunfa faziam o papel dos filhos de Norma!

A cada momento provocavam os scenarios o riso ou exigiam a maior condescendencia em relação a tão extravagante côr local.

Era a opera italiana a que tinha a melhor frequencia. Em seus espectaculos se exhibiam as "magnificas pedrarias do Imperio" e as modas recentemente importadas da Europa.

Como todas as raças ali fossem admittidas "as ricas mulatas julgavam poder vingar-se do desprezo que lhes acarretava a côr, pelo luxo extravagante dos adornos, o ouro e as joias que sobre sua tez cobreada scintilavam. Tal mistura, aceita pelos brancos, tal equiparação oriunda da fortuna apresentavam curioso aspecto".

Do theatro francez conta-nos o viajante que recebia subvenção do governo e gozava de especial patrocínio do monarcha. Os numerosos subditos de Luiz Philippe I residentes no Rio podiam pois deleitar-se com os dramalhões pavorosos que ali se representavam e os alegres vaudevilles, producto essencial de sua raça *maline*.

"Devemos ser gratos ao governo brasileiro da protecção dispensada ao nosso theatro, annota o diplomata. E' uma homenagem á nossa literatura, á nossa lingua, sobremodo divulgada no Rio de Janeiro".

Teve Lavollée o ensejo de assistir ao carnaval carioca em que "ás brilhantes folias diurnas se seguiam os bailes máscarados".

Impressionou-o, sobretudo, o entrudo então universal. Era preciso, naquelles dias de folguedo, deixar o transeunte prudente os passeios da rua, sob pena de se ver enopado por jactos d'agua, "mais ou menos limpa".

Melhor seria arrostar, servir de alvo ás damas brasileiras que, de suas sacadas, lhe lançavam innocentes projectis ovaes de cêra.

Infelizmente os taes limões de cheiro encerravam em geral essencias de equivoco perfume.

Nada de muito particularmente interessante notou o nosso itinerante no carnaval fluminense.

Muito mais extensa noticia consagrou á procissão de cinzas.

Pela manhã, missa solenne na Capella Imperial com a assistencia do Imperador e sua familia, escoltados por vistosa guarda de honra, e a dos grandes dignitarios da Côrte, alinhados na capella mór, de tocha em punho. A Côrte brasileira, embora constitucional, conservava o cerimonial e as formulas das monarchias absolutas. Entre outras, a de uma religião apparatusa, que, certos dias, annualmente, trazia ao pé dos altares as dragonas de cacho grosso e as fardas vistosas daquelles a quem então incumbia darem os signaes, publicos e periodicos, de uma religião official.

A' tarde a procissão, longa procissão, caminhou pelas principaes ruas cariocas. Todas as irmandades e confrarias de negociantes (?), desfilavam com as suas opas characteristics e os seus membros dispostos em duas longas filas de portadores de cirios. Os andores a que la-deavam os devotos pareceram ao reparador miseraveis, pobres imagens de papelão (?), pintadas e douradas.

Notou Lavollée a presença de um andor de santo negro "fraca mas tocante compensação offerecida pela religião á raça negra tão rigorosamente condemnada ao ostracismo dos brancos".

Notou o diplomata ainda, curioso, a presença dos "anjinhos" e achou a musica religiosa pessima, cantada

por individuos que “obedientes á tradição romana tratavam de imitar as vozes dos *castrati*”.

Ao bispo, sob o pallio, e seu cabido, acompanhava um regimento de linha.

Apesar de tanto apparatus era tudo isto pouco solenne. Fazia-se tal revivescencia de cerimoniaes medievas sem o espirito capital de antanho, o da fé. Esta com o seu sentimento respeitavel, encobria o que de extranho, e por vezes grotesco, havia nos accessorios e ornamentos da cerimonia.

No Rio de Janeiro, tal procissão, verdadeiro anachronismo, vinha a ser muito mais a obediencia a um habito antigo do que uma solennidade piedosa.

A's janelas se apinhavam as senhoras, “vestidas como para uma festa e fazendo de um caso de religião um pretexto espectacular”.

“Não houve quem, á passagem do Santissimo Sacramento, deixasse de se persignar mas tudo se limitou a isto”.

Viu Lavollée as auras da Guanabara empavezadas por uma serie das mais prestigiosas bandeiras do Universo sobretudo pelas da França, Inglaterra, Estados Unidos e Hollanda.

“As côres brasileiras só se desfraldavam sobre as fortalezas” annotou pouco amavelmente, para logo depois accrescentar uma nota, ainda menos sympathica, mas correspondente a bem triste realidade.

Além dos navios da sua divisão naval mantinha o Governo britannico, no centro da bahia fluminense, grande pontão desmastrado que servia de deposito aos negros apreendidos a bordo dos barcos negreiros e capturados pelos navios do cruzeiro anti-escravista.

Assim se fazia a condemnação permanente do trafico naquelle paiz “que durante muito tempo delle vi-

vera". O orgulho brasileiro sentia-se ferido, e a justo titulo, diz-nos o nosso autor. Mas é que então se estava nos annos criticos da luta terrivel travada entre os negreiros do Brasil e os cruzeiros inglezes repressores.

Officialmente extinto desde 1831, com a lei de 7 de Novembro, continuava o trafico, como todos sabem, a se fazer em numerosos pontos do nosso immenso litoral, onde desembarcavam milhares e milhares de pobres *meias caras*, encaminhados para os grandes centros de dispersão de captivos e dahi para as lavouras de café do Sul. Assim se dava nas vizinhanças de Angra dos Reis, de São Sebastião, de Paranaguá, na praia do Gargahú, etc. etc.

Reclamavam os cafezaes braços e mais braços; subia enormemente o preço dos escravos e assim, apesar de todos os riscos, e dos mais graves, mostrava-se em extremo lucrativo o negocio dos mercadores de ebano.

E estes não eram só brasileiros e portuguezes.

O proprio Lavollée não tardaria em encontrar um compatriota arrolado nessa digna classe de commerciantes de carne humana.

Apenas alojado num hotel da rua do Ouvidor conheceu o diplomata um francez cuja tez encardida revelava antiga permanencia no Brasil.

Havia singular contraste entre o seu ar franco e bonacheirão e a aspereza com que dava ordens aos escravos que o serviam. Vivia com muita simplicidade e, no entanto, estava sempre acompanhado por uma recua de pretos cujo numero destoava de seus habitos de modestia.

E o curioso era que este pessoal numeroso fluctuava muito, ora crescia a valer e ora diminuia consideravelmente. O dono do hotel tratava este homem com a maxima consideração e com elle entretinha longas conver-

sas sobre a proxima e eventual chegada de navios, sobre os negocios felizes e infelizes, viagens ao interior do Brasil, etc.

Pensou Lavollée, a principio, que o seu patricio fosse algum destes caixeiros viajantes de sua nação, então muito numerosos, em todos os paizes da America do Sul.

Notou, porém, que nunca se referia a mercadorias nem a preços correntes. Além disto eram-lhe as frases sempre vagas e ambiguas como que provocadas pelo respeito devido ao interlocutor.

Poucos dias depois da chegada surpreendeu Lavollée uma conversa entre este homem, certo sr. L... e o hoteleiro.

— Então chegaram? perguntou-lhe este.

— Sim, esta manhã, segundo recado do Capitão.

— Travessia boa?

— Optima, vento de léste e sem inglezes.

Compreendeu então o secretario da missão que o tal sr. L. não passava de vulgar negreiro.

Notando a penosa impressão que tal descoberta lhe causara tratou o estalajadeiro de a desvanecer:

— Saiba que o sr. L. é dos homens mais educados, cortezes e serviçaes do mundo. Por aqui não cultivamos os seus preconceitos europeus. A côr da sua mercadoria em nada prejudica a estima que todos lhe votam.

Não tardou que o sr. L... convidasse o jovem diplomata a vir ver a partida de escravos recém-desembarcados, que esperava.

A principio causou-lhe a idéa viva repugnancia, mas depois a esta repulsa venceu a curiosidade. “Sem nada abandonarmos de nossos preconceitos”, como dizia o ingenuo hoteleiro, iamos ter contacto com o trafico e estudar-lhe as praticas, presenciar uma de suas operações,

destas que a humanidade reprova mas que tão grande papel representavam na existencia do Brasil”.

Partindo do Rio, de madrugada, tomou Lavollée assento ao lado do negreiro, num escaler que quatro negros vigorosos impelliam, verdadeiro barco de trafico, tão ligeiro vogava.

Continuando a navegar apanhou o raiar do sol aos passageiros do escaler no centro da bahia. E o espectáculo da aurora, no panorama guanabario, causou immensa impressão ao viajante francez.

Poz-se a indagar do companheiro, cuja placida physionomia respirava a candura, como é que passara a praticar tão indigno commercio.

Explicou-lhe elle que ao Brasil viera tentar fortuna, haveria disto uma dezena de annos, e depois de varias tentativas infructiferas e muitas hesitações, passara a viver no Rio Grande do Sul a negociar com tropas de cargueiros, genero de vida que se lhe annunciara auspicioso. Ia muito bem quando irrompera a guerra entre o Brasil e as republicas platinas.

“Que guerra! commentava o mau homem, do modo mais depreciativo para os nossos fastos militares. Os dois exercitos só tinham um fito: nunca se baterem. De ambos os lados se faziam correrias em territorio inimigo e o incendio de uma fazenda, a captura de um rebanho, servia de assumpto para os estrondosos communicados de victoria que os dois generaes combatentes” mandavam aos seus respectivos governos”.

“Seria muito divertido se com isto não ficasse eu completamente arruinado. Assim precisei voltar ao Rio de Janeiro onde passei a ser negociante de negros. Nada tenho com o trafico, compro lotes de negros que revendo aos fazendeiros como outr’ora fazia com as minhas bestas. Isso me rende uns 15 ou 20 mil francos annuaes

e dou-me por contente. Queira Deus, porém, que os governos inglez e francez não se mettam a prohibir aqui o commercio de pretos como já fizeram com o trafico. Não gosto nada daquelle pontão que ali está. . .”

Para o sr. L. . . bestas e negros, tudo era a mesma coisa. Percebendo o diplomata quanto falava com a mais inteira boa fé não teve a coragem de o perturbar, manifestando-lhe os seus sentimentos discordantes de tanta despreocupação humanitaria.

Depois de uma navegação de cinco horas, chegou a canôa ao fundo da bahia, atrás da Fortaleza de Santa Cruz que, pela descripção do nosso autor, deve ser a da Jurujuba.

Desembarcaram então o sr. L. . . e Lavollée e, seguindo estreita vereda, foram parar numa casa escondida pelo arvoredado.

Ali se achava a carga do navio negreiro, cujo capitão, de accordo com o dono da casa, se mostrou altamente alvorotado com a chegada dos dois francezes.

Estavam os miseros africanos, estendidos sobre esteiras immundas, no sólo de uma especie de estrebaria fétida. Fizeram os seus senhores com que se levantassem e tomassem banho. Distribuiram-lhes calções e jalecos que pela primeira vez envergavam “roupas de festa que já tantos outros desgraçados haviam usado, figurando muitas vezes nesta ignobil operação do trafico”.

Preparados os escravos, vieram os visitantes vel-os. Havia, num jardim, uns vinte moleques, de oito a doze annos, perfilados e umas tantas outras negrinhas a um lado. “Tinha o trafico os seus movimentos de pudor”. Começou o comboieiro, o sr. L., e com a maior attenção, a examinar negro por negro, inspecionando-lhes o estado do rosto, dos braços e pernas. Não houve parte do corpo que lhe escapasse ao exame minuciosissimo, ope-

ração que ao seu patricio causou verdadeira repugnancia tanto mais quanto a sublinhavam as ignobeis pilherias do vendedor e o cynismo com que se referia aos defeitos dissimulados e ás qualidades que sobresahiam de cada peça.

Mostrou-se o comboieiro francez mal satisfeito: os negrinhos eram novos demais, não aguentariam ainda o trabalho rude das lavouras. E além de tudo estavam quasi todos mais ou menos doentes, sobretudo ophtalmicos, devido á longa permanencia no porão do navio negreiro.

As miserias da travessia os haviam mergulhado num estado de imbecilidade e insensibilidade tal que machinalmente se prestavam a todos os movimentos impostos pelos pretendentes á sua posse.

Não pareciam, de todo, impressionados com a tremenda situação que o trafico lhes criara. Eram verdadeiros brutos, tão irresponsaveis quanto os cavallos. Delles desaparecera a caracteristica humana, sob a pressão dos soffrimentos physicos e da abjecção moral.

Resolveu o sr. L. . . ir ver o resto do carregamento africano, numa outra fazenda. Acompanhou-o o capitão negreiro, brasileiro nato, homem baixote, “atirado ao mar desde os annos da mocidade e endurecido pelos perigos de sua carreira aventureosa”.

Passando em frente á “linda aldeia de S. Domingos”, cheia de chacaras dos cariocas ricos, desatou-se a lingua do capitão traficante. Aos interlocutores longamente falou do trafico e das regiões da costa da Africa, que numerosas vezes visitara.

“As circumstancias alimentadoras do trafico, commenta Lavollée, ainda tornam mais odioso este hediondo commercio, que offende todos os sentimentos de humanidade e da moral”.

Eram as guerras encarniçadas, de tribu a tribu, que abasteciam com os prisioneiros, dellas resultantes, os mercados de carne humana. Os reis vendiam os seus subditos e os paes, os filhos. Um homem na Costa da Africa apenas valia cem francos. Trocava-se por uma espingarda reles, um pouco de polvora, algumas missangas e uma peça de panno de Guiné.

Outrora, durante a travessia, podiam os negros respirar subindo ao convez, mas agora, com o terror dos navios do cruzeiro repressor, não havia um individuo de pelle negra a quem se deixasse sahir dos porões onde se apinhavam os sãos, os doentes e os moribundos. Que importancia tinha a perda de algumas vezes cem francos quando a carga humana conseguia attingir a costa brasileira? Os lucros da operação compensavam os prejuizos, de modo decuplo. Outrora, recebia o Brasil, annualmente, 50.000 africanos. Cahira esta cifra a 20.000, mas ninguem avaliava o que era a esteira que, entre o Congo e o Brasil, se estendia, de cadaveres mergulhados no Oceano de goliha aos pés.

Assim, o direito que os inglezes se irrogavam de visita aos navios do Atlantico, se conseguira diminuir o numero de escravos dobrara o das victimas.

Pareceu a Lavollée que o capitão negreiro falava de boa fé e sentia certo pesar dos soffrimentos e misérias impostas aos miseros escravos que elle vehiculara, a desafiar a rigorosa fiscalisação que muitas vezes affrontara.

Praticava o trafico mas não o queria cruel. Para elle não passava de uma modalidade de contrabando, continua luta contra os elementos e os homens, pugna cujos perigos tanto apreciava quanto os proventos.

Commentando-lhe os conceitos expendeu o nosso viajante: "emquanto os regulos africanos venderem ho-

mens e no Brasil a opinião publica não condemnar formalmente o trafico, collocando-o, como merece, no plano dos crimes de lesa-humanidade, o negreiro, protegido pela noite, a tempestade e a solidão do Oceano, atravessará a todo o panno a curta distancia que separa os dois continentes.

Afinal chegou a embarcação dos francezes ao fundo da profunda bahia. Desembarcaram os passageiros, em frente a uma fazenda, cuja séde era grande e de boa construcção, além de estar mobiliada quasi sumptuosamente: toda esta riqueza lhe provinha do trafico.

Em vasto commodo estavam os escravos preparados para a visita e o sr. L. começou a fazer a sua escolha.

Eram os negros mais velhos e mais robustos; pareciam ter soffrido muito menos com a travessia. Algumas pretas “cuja idade prometia mulatos”, dizia o seu senhor — estavam apartadas e esperavam a visita, como se fossem umas perdidas.

Como a idade e o aspecto do lote se mostrassem favoraveis, foi o exame do candidato á sua acquisição mais summario.

Tiveram os africanos de cantar e dansar para que dessem mostras do vigor pulmonar e da elasticidade dos triceps.

Dominados pela ameaça da chibata submettiam-se docilmente. O comboieiro francez indagou da sua procedencia e do nome das tribus a que pertenciam.

Eram os negros classificados segundo as raças e, conforme estas, se cotavam os seus preços.

A Lavollée pareceu que o seu patricio applicava á compra dos homens todo o apuro da pratica adquirida no commercio do almocreve. Adquiriu vinte homens por 1.400 francos, em moeda, por cabeça. Contava, dentro

de alguns dias, collocal-os nas fazendas fluminenses, a 1.700 francos: "Era, como se vê, bom negocio".

Voltou o diplomata, ao Rio, abatido. Qual não lhe seria o sentimento se tivesse assistido ás scenas hediondas passadas a bordo dos navios negreiros e dos quaes só Deus era testemunha?

Se, na Europa, alguém quizesse desculpar o trafico e attribuir a exaggeração os horrores d'elle relatados que fosse ao Brasil.

E sob o imperio de taes impressões accrescentava, citando aliás cifras inexactas:

Numa população de 5 milhões de habitantes conta o Brasil 3 milhões de pretos! Pretende-se que sem a escravidão não poderia o Imperio existir, que os negros são indispensaveis ás lavouras sob um sol que aos brancos impede qualquer trabalho.

Tristes condições de existencia para uma nação.

Que pena que um espectáculo de tal ordem entristecesse a cada momento, o viajante passado a estas paragens ferteis e pela natureza adornadas de todo o luxo de uma vegetação admiravel!

Quasi um mez passou Lavollée no Rio de Janeiro. Dalli zarpou a Sereia a 22 de Fevereiro de 1844, levada até fora da barra por um rebocador do governo.

Com saudades despediu-se o nosso diplomata daquellas bellas paragens, dizendo adeus "aos cumes do Corcovado e da Gabia (sic) á bonita Igreja da Gloria, á aldeia de S. Domingos". Só vinte e nove dias mais tarde é que avistaria terra africana, ancorando a 23 de Março em frente á cidade do Cabo.

Nota — De querido amigo e mestre illustre, cuja cultura é um dos maiores titulos do nosso desvanecimento nacional, recebermos generosa e interessante carta

que preenche uma serie de lacunas da narrativa de Carlos Lavollée sobre o Rio de Janeiro.

Não resistimos ao desejo de communicar aos leitores os pormenores havidos da penna, sempre elegante, do grande erudito que é Ramiz Galvão, mestre consumado da sciencia brasilica.

“Em minha mocidade visitei muito, e minuciosamente, os sitios de Jacarépaguá, por onde andou o viajante Lavollée, e por isto posso accrescentar ou esclarecer alguns pontos da narrativa, que ficou imprecisa.

As fazendas, que já havia em 1844, eram sobretudo de açucar e não de café; este se cultivava apenas na encosta da serra da Tijuca do lado de sudoeste, na vertente para a planura de Jacarépaguá.

A grande fazenda, em que Lavollée foi fidalgamente acolhido era certamente a que então se chamava — *Engenho dagua* — depois vendida a um sr. Fonseca Telles, pae do rico fazendeiro posteriormente Barão da Taquara.

O *Engenho dagua*, que se estendia até a beira da lagôa de Jacarépaguá, era, em 1844, administrado pelo “gentil” C. de S., diz Lavollée.

Quem seria esse C. de S.? O viajante não disse, mas posso asseverar que era José Maria Corrêa de Sá, antes veador da Rainha D. Carlota até 1821, e depois gentil-homem da Casa Imperial, e irmão do Visconde de Asseca que teve grandes propriedades ruraes em Campos e aqui no Rio de Janeiro.

José Maria Corrêa de Sá (o C. de S. de Lavollée) era casado com D. Leonor de Saldanha da Gama, filha dos Condes da Ponte, tambem Dama honoraria da nossa segunda imperatriz D. Theresa Christina, veneranda senhora a quem conheci pessoalmente em 1862, já viuva desde muito e possuidora da fazendola intitulada *Can-*

tagallo, unica propriedade que o marido lhe deixou. Nesta fazendola, situada na encosta da Tijuca, é que se plantava e colhia café.

De seu consorcio com d. Leonor de Saldanha da Gama, teve C. de S. (José Maria Corrêa de Sá) varios filhos, entre os quaes são dignos de menção: o dr. Salvador Corrêa de Sá (presidente de Sergipe em 1855), o dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides (lente na Faculdade Juridica de S. Paulo), o Revmo. Padre Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides (Bispo de Mariana, sagrado em 1877), e o dr. Francisco M. Corrêa de Sá e Benevides (presidente da provincia do Pará em 1875).

Entre as visitas e excursões do viajante Lavollée pelo bairro de Jacarépaguá allude elle a uma capelinha de Nossa Senhora situada em eminencia, donde apreciou lindissima vista. Posso accrescentar a esta vaga indicação, que o autor se refere sem duvida á igreja de Nossa Senhora da Penna, que tambem visitei em 1862 ou 1863, e de cujo adro avistei esplendido panorama.

Desculpe-me, prezado e illustre amigo, estas pallidas recordações da mocidade. Ellas significam apenas o muito apreço que dou aos seus preciosos escriptos, que invariavelmente leio e guardo com carinho”.

JULIO ITIER

(1844)

1

Quem era Itier — Chegada ao Rio de Janeiro — Primeiras impressões — Um negreiro francez — Encontro com D. Pedro II.

Itier, Julio Itier ou exactamente André Victor Alcides Julio Itier, muito longe está de ter nome celebrado no conjunto da nomenclatura dos grandes viajantes universaes.

Ou melhor, dos simples viajantes regionaes. Pouco deixou de si e a sua obra tem relativa valia. Sua biographia nos Dictionarios Universaes ocorre mais que mediocre.

No conjunto dos visitantes do Brasil de antanho tambem pouco, ou antes muito pouco, se destaca sem que comtudo mereça a sua contribuição ser desprezada.

Era homem de limitados recursos literarios, mas apesar desta inferioridade, as suas paginas sobre o Brasil de antanho encerram informes e observações interessantes, dignas de averbamento.

No dia que se fizer o assentamento geral da bibliographia xeno-brasileira, como é tanto de se desejar, o que escreveu este apagado viajante sobre o Rio de Janeiro de 1843 fornecerá algumas achegas não de todo desinteressantes.

E depois, até época bem pouco distante de nós, era tão escassa ainda a literatura, das viagens no Brasil que,

pode-se afirmar, nella não ha contribuição digna de desprezo.

Sobretudo, quando apresenta as características da honestidade e da veracidade dos depoimentos, como é o caso do autor agora por nós analysado.

Nascido em 1805, especialisara-se em questões commerciaes, quando, por Luiz Philippe I, foi nomeado membro da missão diplomatico-commercial, que devia ir á China, tentar obter para a França as vantagens, ou algumas das vantagens, pelo menos, por sua Graciosa Majestade Britannica arrancadas ao fraquissimo governo do Filho do Céu, após a chamada Guerra do Opio.

Ia como chefe desta embaixada o Sr. de Lagrenée, embarcado na fragata "La Siréne", que partiu de Brest a 29 de Novembro de 1843, e chegou a Macau a 13 de Agosto de 1844. Isto após longa escala na Guanabara, de 29 de Janeiro a 23 de Fevereiro.

Desta viagem de "La Siréne", ha diversos relatos. Um delles já o analysámos em relação á parte fluminense, a do Sr. Lavollée.

Já então e aliás desde certo tempo, se iniciara, para os grandes povos europeus, a éra dos polygraphos abundantes. Não se passara um só grande acontecimento ou mesmo algum successo de certo vulto que immediatamente não fosse descripto por diversos memoria-listas.

Assim se deu com a embaixada do Sr. de Lagrenée.

Na sua permanencia no Brasil em geral acompanhou Itier a seu collega Lavollée nas excursões que este realisou.

Do que ambos escreveram, cada qual para o seu lado, se deduz que as suas relações devem ter acabado muito pouco cordialmente.

Ambos se referem "a um companheiro de passeios", no Rio de Janeiro, mas jamais mencionam quem haja sido este collega itinerante que não era de todo um *fidus Achates* da chapa classica.

Servem-se as narrativas de Itier e de Lavollée, reciprocamente, de contraprova á veracidade das asserções mais ou menos coincidentes.

Da biographia do nosso viajante quasi nada podemos dar. Os dictionarios encyclopedicos francezes, mais abundantes, mal lhe consagram uma duzia de linhas de escassos pormenores. Assim, Larousse apenas nos refere que se especialisara em assumptos commerciaes, motivo pelo qual o governo francez o mandou á China.

Na paginas do seu relato de viagem ha uma série de observações geologicas e até o luxo de um pequeno mappa a côres, geologico, dos arredores da Cidade do Cabo.

Seria a geologia o *violon d'Ingres* do nosso diplomata commercial? E' o que não sabemos de todo. Quiçá haja até Larousse sido summamente injusto para com os meritos de Julio Itier, geologo, cujo *violon d'Ingres* seriam pelo contrario as sciencias economicas.

Antes de ir ao Extremo Oriente já estivera o nosso viajante na America Central.

Sahindo da Guadalupe acontecera-lhe até uma aventura gravissima: No seu barco surgira terrivel, a febre amarella reduzindo em poucos dias a tripulação valida do grande veleiro ao commandante, ao immediato e a tres marinheiros!

Pois bem, nesta ocasião o navio apanhara um daquelles furibundos temporaes frequentes no mar das Antilhas, quasi um cyclone.

Furiosamente açoutado pelas vagas puzera-se o *Antonin* a fazer agua. Itier, que se gaba de ter sido então

“medico, boticario e até timoneiro”, passou “com o desespero de quem pretendia não se afogar, de todo”, a tocador de bomba.

Houve um momento em que tudo viu perdido: começaram as bombas a engasgar pelo facto de se terem enchido os seus tubos aspiradores do café esparramado no porão, pela violencia dos embates das ondas.

“Neste instante supremo puz-me, diz-nos o improvisado bombeiro a repetir os juramentos e queixumes de Panurgio em condições identicas.

Assim, sob estas reminiscencias rabelaisianas e elegantes esperava o traspasse, que lhe parecia inevitavel, jurando jamais voltar a viver, um dia que fosse, sobre o classico *plancher des vaches*.

Mas qual! Ao saber da missão á China tudo esquecera. Não resistira á curiosidade e assim pleiteara a inclusão do nome entre os dos membros da missão do Sr. de Lagrenée.

Assim partira “sob a tentação embriagadora de pelos proprios olhos conhecer o estranho paiz mysterioso e immenso, campo de estudo e de meditação para o homem culto”.

As pesquisas na China eram “mil vezes mais interessantes do que as resultantes da exploração monotona desses paizes semi-selvagens a cujo desenvolvimento incompleto correspondiam extravagantes costumes ou, pelo menos, monotonos, improprios ao estabelecimento das mais simples deducções philosophicas”.

Apesar de tão pomposas palavras de programma não nos parece que a obra do diplomata commercial, e geologo ás horas vagas, tenha acentuados laivos dessa philosophia superior com que pretende haver estudado os homens e as coisas do Celeste Imperio.

A julgarmos pelo Larousse deve o seu livro ter passado despercebido do publico.

Mas é hoje um bom numero da bibliographia xeno-brasileira e delle tomámos conhecimento graças a amabilidade do prezado amigo e emerito bibliophilo Yan de Almeida Prado.

Chegou Itier ao Rio de Janeiro a 28 de Janeiro de 1844 com um tempo maravilhoso mas sob o classico "calor de rachar" do mez sebastianense o que o levou a correr de bordo para o Hotel Pharoux em busca de refresco.

Refrescar-se? é preciso saber o que vem a ser Janeiro no Rio para se comprehender tudo o que este verbo significa em materia de gozo! exclama o encalmado itinerante da *Siréne*.

Mas estava o hotel apinhado e assim teve de correr a alojar-se numa especie de hospedaria franceza da rua do Ouvidor.

A' entrada da tal casa uma duzia de negros seminús tratavam de deglutir, e devorar um pirão que o nosso Itier diz ser feito de *Farenha del pao* (sic) traducção portugueza de *farine de manioc*.

Não ligaram, os taes comedores de *farenha del pao* a menor importancia á chegada do diplomata. De repente ouviram-se uns berros atroadores. Era alguém que intimava aos africanos: respeitassem mais uma vez a primazia do branco deixando passar o representante desta fracção superior da Humanidade.

"Alli elles se embolaram como uma manada e eu passei para me defrontar com um sujeito vestido á moda dos fazendeiros que me pediu desculpas da falta de respeito de seus negros".

Era um francez de Coutances, normando portanto e provavelmente *futé* como a famosa raposa da fabula

das uvas verdes, dos “roxos maduros cachos” quiçá sua patricia.

Foi logo contando ao recémchegado patricio o que fazia.

Mais ou menos tropeiro já havia dez annos que vivia no Brasil: comprava mulas no Rio Grande do Sul e trazia-as para o Centro, bom e honesto commercio. Uma bella besta de dois annos elle a adquiria por cinco patações (cerca de 9\$000) punha-a a engordar durante dois annos e depois a revendia em S. Paulo ou na provincia do Rio de Janeiro por 35 ou 36\$000.

Bom negocinho este que dava em tão curto prazo 400 por cento! Era especialidade do nosso normando negociar em animaes chucros. E foi logo gabando-se, ao interlocutor, de umas tantas espertezas de almocreve dessas que constituem o diploma de mestria na carreira, entre a gente de sua profissão. Era *cavorteiro*, passava a manta na freguezia “manteava a rapaziada” como diz a giria. Ciganava os clientes nas barganhas e vendas.

— Ora, exclamou a philosophar, e a desculpar-se destes peccadinhos veniaes. Eu entrego as muladas aos freguezes, elles que lhes descubram as falhas!

Depois deste introito revelador da prosperidade de que gozava poz-se o francez abrasileirado a queixar-se. Ia-lhe tudo ás mil maravilhas quando os farrapos lhe haviam transtornado a vida.

Voltando ao Rio Grande não só o haviam os “gauhochos independentes” despojado de tudo como ainda maltratado seriamente.

Assim se dava por muito feliz voltando sem aneis mas com todos os dedos.

Tambem foi logo desancando os adeptos da Republica de Piratiny.

Deixara “estes salteadores” ás voltas com a justiça repressora das tropas imperiaes e regressara ao Rio disposto a refazer a fortuna.

“Assim proseguiu loquaz, por falta de poder commerciar em bestas, coisa que não vae mais, vendo agora outro genero de animaes de trabalho. E no commercio do ebano já achei largos meios de tapar os buracos feitos no meu peculio de origem riograndense”.

Estava naquelle momento o homem juntando uma trintena de escravos bem escolhidos para encaminhar o *comboio* ás fazendas fluminenses de café.

Queixou-me muito da falta de numerario no Brasil. Devia sempre vender o artigo humano, fiado, mas o fazendeiro acabava pagando capital e juros. Ou em dinheiro ou em artigos commerciaveis facilmente”.

Cada negro rendia ao comboieiro de 35 a 210 mil réis de lucro. E a fracção do pagamento, a credito, elle a collocava a 20 por cento ao anno.

Negocio optimo o seu, sob o ponto de vista financeiro! objectou-lhe Itier, observação que lhe valeu uma serie de jeremiadas.

— Qual senhor! negocio muito arriscado! a cada momento preciso lançar mão de toda a minha sciencia de alveitar para defender a minha negrada. O negro morre como passarinho! sobretudo se ha pouco desembarcou no Rio.

Olhe! quer saber de uma cousa, apesar de todos os meus cuidados, a saude dos meus negros me dá muitissimo mais trabalho e preocupação do que antigamente a de minhas bestas! Verdade é que ellas valiam muitas vezes menos do que elles!

E a corrigir o cynismo das confidencias hypocritamente acrescentava: E depois a humanidade impõe-me deveres, como dizem os philantropos lá de nossa terra.

Fique o Sr. certo de uma coisa: eu seria incapaz de traficar em escravos, mas já que os negros chegam ao Brasil é preciso que haja quem os venda aos fazendeiros. E, se assim é, que seja eu ou qualquer outro tudo é o mesmo”.

Poderia Itier lembrar-lhe a famosa resposta de illustre general, compatriota de ambos, a um bandido que lhe allegava o famoso proverbio: “*il n’y a pas de sot métier il n’y a que de sottes gens*”, para desculpar-se das *de sot métier mais il y a desales métiers!*

Preferiu porém, guardar para si as reflexões e assim apenas pediu licença ao normando para examinar os diversos typos raciaes de sua escravatura ao que o outro accedeu prevenindo-o que dentro em dias podia fazel-o avistar-se com grande lote de escravos prestes a desembarcar fóra da barra da Guanabara, lote de *meias-caras*, portanto, *cabiunas*, como no tempo se dizia. “Seria de minha parte asneira recusar tal proposta, resolvi pois ficar attento ao aviso da chegada do navio negro”.

Assim o primeiro contacto do viajante com o Brasil foi por intermedio do meio horrivel do trafico africano, circumstancia aliás muito natural naquella epoca em que o Rio *hélas!* era o maior mercado mundial do braço servil exigido pelo café, e cada vez mais.

Poz-se Itier a percorrer, com curiosidade, a capital brasileira “admiravelmente situada ao sopé de S. Theresa, ultimo contraforte da cadeia rochosa do Corcovado”, e dividida em Cidade Nova e Cidade Velha.

Pequeno o Rio de então: deu-lhe a impressão de um agglomerado urbano de 150.000 habitantes; avaliação baixa para a epoca, aliás.

A muitos mulatos e pretos viu pelas ruas, espantando-se de não encontrar senão raros indigenas.

Bem arruada a cidade cujas casas eram de construção digna de nota.

A rua do Ouvidor parecia transplantada de França, tal o numero de bellas lojas pertencentes a francezes que nella se viam. Alfaiates, chapeleiros, sapateiros, armarinheiros, modistas, selleiros, fabricantes de guarda chovas e até de carros, ali se concentravam.

Sabia politica a do governo brasileiro que se recusava a fomentar as industrias manufactureiras no paiz que queria exclusivamente agricola.

Assim só admittia a industria manual transformadora, para as necessidades immediatas da civilisação, dos productos mais ou menos acabados, já que, para a sua utilização final, apenas reclamavam aparelhamento simples e mãos experimentadas.

Dahi uma corrente immigratoria européa de operarios educados, digna de todo o apoio, sobretudo porque se constituia em reforço de segurança e garantia á dominação branca num paiz onde havia quatro milhões (sic) de escravos.

Ahi é que se achava o problema capital do Brasil: esta contenção da escravatura, cuja superioridade numerica sobre os seus senhores vinha a ser absolutamente esmagadora.

Havia positiva fermentação de animos entre os africanos e existiam entre elles numerosas sociedades secretas. Fosse o Brasil arrastado a uma guerra estrangeira e muito possivelmente a sua população servil se sublevaria.

A avaliação do numero de escravos do paiz bem nos demonstra o exaggero das apprehensões do nosso viajante, que, provavelmente, escrevia a *posteriori*, sob a

influencia dos escriptos de Victor Jacquemont, propheta de mau agouro da proxima haitisação do Brasil.

Sahindo da rua do Ouvidor foi Itier passear pela rua Direita, cujo movimento o assombrou. Tal a agitação nella existente que a permanencia se tornava incômoda ao desoccupado que ali pretendesse vadiar á vontade.

A cada momento era o basbaque atrapalhado pela passagem de algum caminhão grande ou de um bando de negros esbaforidos, vergando ao peso de enormes fardos e rythmando a marcha por mieo de melopéas estridentes, como o chiado das cigarras.

Entre a Bolsa e a Associação Commercial, apinhavam-se os negociantes e corretores; ás calçadas atravancavam os taboleiros das pretas vendedoras de frutas e de legumes.

Emfim, ali se dava uma série de scenas summamente pittorescas, que se causavam transtornos aos transeuntes tinham os attractivos de uma originalidade positiva.

Da rua Direita foi o nosso Itier pelo Campo de Sant'Anna, em excursão geologica, a uma grande pedreira da vizinhança desta enorme praça.

Nella reconheceu os caracteristicos já divisados na Guyana, aquellas mesmas massas de bello gneiss porphyroide com intrusões, em todos os sentidos, de posantes veios de pegmatito roseo. Logo depois, em vez de tal gneiss, occorria um leptinito de lindo aspecto *grenat*.

A's camadas desta rocha se superpunham outras gneissicas, de fina grã. Teve o nosso geologo-diplômata a impressão nitida da vetustez da formação guanabarina.

Era natural que depois desta excursão, visitasse o Museu Nacional. Foi o que fez, demoradamente. Voltou, desconsolado do que lá viu. Que mesquinho acervo

ali se reunira! nem o nome de collecção se lhe podia attribuir áquella trapalhada de mineraes sem seriação, nem sequer classificação!

E, no entanto, de formidaveis recursos mineralogicos dispunha o Brasil, paiz immenso, de cuja geologia e mineralogia tão pouco se sabia ainda.

No estabelecimento paradigma, que devia ser o seu Museu Nacional, apenas se encontravam algumas amostras informes, cobertas de poeira e sem a menor precisão de indicações.

Da mineralogia passando á botanica, lembrou-se Itier de que trazia apresentação para Luiz Riedel, o distinto naturalista que com Langsdorff, Hercules Florence, Adriano Taunay, Rubzoff e outros explorara Matto Grosso, e agora era director do Jardim Botânico Imperial!

Não parece ter-lhe o botânico deixado grandes saudades: nenhuma palavra lhe consagra. Apenas conta que aproveitou o ensejo para visitar o "castello e o parque imperial de S. Christovão, residencia estival de Dom Pedro II".

Em qualquer paiz do mundo passaria este palacio por uma muito bella casa de campo. "Em França seria muito adaptado para nelle seu proprietario comer cem mil francos de rendas anuaes, sem se sentir incommodado pela exiguidade dos locaes".

Nada tinha o nosso S. Christovão, como todos sabem, do fausto e da sumptuosidade das côrtes e paços, do Velho Mundo, particularidade que levou o nosso diplomata a criticar-lhe, aliás delicadamente, o facies pouco majestatico.

Mas hoje os conceitos de quantos, como Itier, o visitaram são outros tantos depoimentos em pról do bom senso, da elevação de vistas, da grandeza moral do so-

berano que ali residia. Do monarcha que adoptara para lemma de seu governo o que queria se dissesse sempre do Brasil: modesto, mas honesto!

Com a maior liberdade circulou Itier pelas dependencias de S. Christovão. Aproximando-se das janelas de certa sala do palacio estacou, agradabilissimamente surpreso.

Havia alguem que cantava de modo delicioso, com a mais notavel expressividade. Era uma voz feminina, admiravelmente timbrada, que emittia as notas da famosa aria rossiniana *una voce poca fá*. Um bom piano acompanhava a cantora.

Tão enthusiasmado ficou o viajante que, instintivamente, quasi prorompeu em palmas calorosas. Conteve-se a tempo e felizmente; appareceu a cantora á janela, quasi immediatamente, apanhando-o em flagrante delicto de curiosidade.

Era nada menos do que a Imperatriz do Brasil, esposa, havia mezes, de D. Pedro II.

“Retirei-me precipitadamente mas tive todo o trabalho do mundo em me forçar ao arrependimento da indiscreção commetida em relação a Sua Majestade” annota gentilmente o viajante.

Tres dias mais tarde devia tornar a ver a soberana.

Tendo obtido audiencia, quiz o ministro de França apresentar a D. Pedro II o Sr. de Lagrenée, o almirante Lainée e o seu estado maior, assim como os membros da embaixada e missão que iam á China.

Numerosos foram pois os officiaes e diplomatas que, em grande gala, se reuniram na Sala do Throno de S. Christovão á espera do monarcha brasileiro.

Abriam-se portas de par em par, e appareceu-lhes um mocinho de dezoito annos, muito e muito louro “de traços regulares, aspecto serio e frio”.

“Procurava encobrir a grande timidez sob uma expressão de altiva dignidade: era o imperador do Brasil”.

Depois de pedir noticias da saude do rei Luiz Philippe perguntou logo pela irmã e o cunhado, a Princeza e o Principe de Joinville.

A este tinha real affeição e lembrava-se com saudades da alegria transbordante do jovem Orléans cuja exuberancia e communicatividade francezas haviam, enchido o tristonho palacio de S. Christovão de alegria.

Perdera-se o segredo de tal animação com a sua partida.

Foi o almirante quem serviu de apresentador. Mas a recepção correu fria e desinteressante.

Assim devia ter parecido ao Imperador pois apenas lhe apresentaram o ultimo visitante retirou-se bruscamente como alguém que acabava de se libertar de uma maçada.

Les rois ne font jamais de façons! diriam, de si para si, os francezes, vendo a brusca retirada do dynasta brasileiro.

A desculpal-o escreve Itier uns conceitos que refletem a opinião publica media do tempo sobre o nosso grande Bragança. Palavras preciosas como fixação de data e demonstração da continuidade dos gostos de Pedro II.

“Tinha o Imperador pressa provavelmente de voltar ao convivio de seus livros, no meio dos quaes a vida lhe corre amena. As sciencias e a literatura são as suas mais agradaveis occupações; graças a ellas olvida os encargos e inquietações do throno.

E quiçá até este mesmo” . . .

Má politica a do adolescente imperial do Brasil, pensava o viajante francez.

“Pelos tempos que correm, quer num, quer noutra hemispherio, não é prudente, nem sensato, descurar do officio majestatico para se entregar á caçada de uma rima ou ao exame das manchas lunares”.

“Já se foi a época dos lazeres poeticos e scientificos.

As lutas do Conselho de Estado, as manobras dos exercitos, o estudo constante dos interesses nacionaes eis os passatempos modernos dos imperadores que pretendam prevenir as revoluções”.

E terminando a tirada de mau agouro sobre o rumo seguido pelo jovem monarcha americano em relação á segurança do throno advertia-lhe Itier (cujo livro certamente chegou as mãos do aconselhado, visto como se publicou em 1848):

“Já muito se tem dito: vão-se os reis: não terão tambem os imperadores chamado agora a si a justificação do brocardo?”

Quarenta e cinco annos decorreriam sem que se justificassem as apreensões de nosso diplomata, quiçá remoendo queixumes do modo pouco cordial pelo qual o soberano se houvera na recepção do Almirante Lainé.

Continuaria Pedro II, surdo aos conselhos, a ouvir as instigações intellectuaes fortissimas que o atavismo materno lhe impuzera ao espirito, alheio aos remoques de um ridiculo que não o podia attingir, forte do patriotismo, de todos os instantes, e daquella rectidão que o tornara o “dictador da moralidade nacional”, na bella phrase de Oliveira Lima.

E para o seu desthronamento, certamente, pouco concorreu este amor immenso aos queridos livros, lidos e anotados aos milhares.

Dos aposentos do Imperador passaram os diplomatas, e officiaes aos da Imperatriz com quem já se entretinha a ministra de França, a discutir, com a soberana

e sua cunhada, a Princesa D. Januaria, as novidades das modas parisienses.

“Nossa chegada foi intempestiva, assim, discretamente, tratamos de nos retirar”.

Dos aposentos imperiaes passaram os visitantes aos salões do palacio. Com attenção examinou Itier os da bibliotheca do Imperador acerca da qual imparcialmente annota: “collecção avultada e escolhida com raro discernimento”.

Já aos dezoito annos era o filho de Leopoldina de Habsburgo o apaixonado enthesourador daquelle acervo que constitue uma das melhores preciosidades de nossa grande Bibliotheca Nacional, a collecção Teresa Christina, embora desfalcada da contribuição preciosissima doada ao Instituto Historico Brasileiro.

II

Excursão ao Corcovado e a Jacarépaguá — Fazendas de Café.

Excursão que a Itier causou verdadeiro deslumbramento foi a do Corcovado.

“Se quizerdes algum dia gabar-vos de um passeio encantador realizae a ascensão do Corcovado, aconselha aos leitores.

Lindo caminho até a lagoa de Agoas (*sic?*) vasto reservatorio onde um ribeiro, escapando em cascata, cahia no canal que o levava ao grande aqueducto.

Dahi em diante, e cada vez mais lindo, se tornava o percurso, através de arvores floridas onde esvoaçavam myriades das mais bellas borboletas, milhares de bellas aves.

Ao geologo chamara a attenção o filão de mimosito que em negra tarja se desenhava sobre o gneiss porphy-

roide, "isto lhe evocava as grandezas da Natureza, de eternos vestígios, scenas em que a rocha fluida ainda corria pela fenda onde encontrara destroços da rocha envoltora".

Nada mais seductor do que certa fontesinha convidando o viajante ao descanso e dizendo-lhe: "para aqui e almoça, sorve-me a lympha pura"!

Mais acima viu o viandante a casa destinada ao abrigo dos peregrinos do Corcovado, dominando vasto panorama de praia e alto mar e o bello conjunto do Jardim Botânico.

Afinal attingia-se o cume da montanha gibosa, "cuja cabeça calva é um gneiss porphyroide".

Como dalli já era bello o aspecto da barra da Guanabara balisada pelo *Pico D'Assugar* (*sic!*).

Era ali, confidencia-nos o sr. Itier, bem informado, sobretudo em materia de toponymia carioca, como acabamos de ver, era ali "que o bravo Pedro I vinha refrescar a fronte escaldante ao sopro da brisa vespertina".

Aquelles varões de ferro ainda erectos eram os mesmos que, outrora, serviam á armação da barraca onde debalde tentava, por meio do somno, conciliar a calma de que os homens de sua tempera jamais gozam.

No emtanto era de crer que a contemplação daquelle quadro magico, algumas vezes pelo menos, lhe minorasse as tempestades da alma de fogo. Pequena e estreita ponte vencia a fenda que em duas partes separava o grande rochedo".

A tenda imperial além della ficava.

Desabara a ponte desde que o Brasil perdera o seu primeiro imperante. Assim ninguem mais transpunha a profunda brechá "a menos que não tivesse emprego melhor a dar á existencia".

Os viandantes sensatos a tanto se não arriscavam preferindo, depois de se haverem saturado daquella esplendorosa natureza, a voltar ao *sub tegmine* das cercanias da fontesinha do almoço.

E continuando a descida do regresso faziam algumas pausas ao longo do Aqueducto, cuja agua deliciosa tratavam de beber. E uma vez chegando á zona ensombrada, espessamente, por mangueiras enormes, attingiam a cidade podendo gabar-se de que não haviam, naquelle dia, supportado, muito calor.

Mais uma vez teve Itier o ensejo de se avistar com os soberanos do Brasil e a Princeza D. Januaria, ainda não Condessa d'Aquila.

Deu-se o encontro no theatro em que uma companhia franceza representava, a pedido do proprio imprador, o drama de Frederico Soulié: *Clotilde*.

Estava a sala de espetaculo literalmente apinhada. Notou Itier, com o maior desvanecimento, o grande prestigio que, na capital brasileira, cercava a literatura franceza. A quaesquer outros autores preferiam os brasileiros os da França.

Acaso por lhes agradar mais o repertorio do theatro francez? Não seria porque desejavam ouvir falar e pronunciar bem a lingua estrangeira mais espalhada em seu paiz?

E com effeito, quem no Brasil possuia alguma instrucção gabava-se logo do seu conhecimento do francez.

Omnipoderosa em geral era então a influencia das modas de França sobre a gente elegante carioca e, portanto, de todo o Brasil.

Discorrendo sobre este assumpto dá-nos Itier algumas linhas curiosas. Poder alguém gabar-se, no Rio de 1844, de teúda e manteúda franceza era, para as gran-

des personalidades locais, estabelecer reputação de altíssima elegância social.

Eis por que se convertera a cidade de Estacio de Sá no paraíso das *lorettes* que, havendo visto escoar-se-lhes a primavera na Europa, vinham ter ás praias da Guanabara “para ali despender uma segunda mocidade, em que lançavam mão de todas as graças e *savoir-faire*” adquiridos nos embates obscuros e tempestuosos da primeira.

O numero dessas *Alcinas* velhucas era absolutamente incrível, na metropole capital do imperio bragantino.

E o exemplo viera do alto, partira do primeiro monarcha do Brasil, em dado momento literalmente embeijado pelos encantos de certa modistasinha nascida ás margens do Sena.

Em 1828 fizera o imperial bargante, que foi o nosso primeiro Pedro, verdadeiras loucuras por causa de uma Madame Saisset, a quem em suas curiosas cartas chamava o bom João Loureiro, á portugueza, e pittorescamente, a Sé-sé!

Desta aventura surgira até um rebento, por sinal que estiolado, o pobre diabo do Pedro de Alcantara Brasileiro cujo pae putativo, o Sr. Sé-sé tanto se desvanecia de poder lembrar a Dom Pedro II: “esta criança filho de minha esposa e do Augusto Pae de Vossa Majestade Imperial” . . .

Frescor de palavras que levaria o Marquez de Abrantes, se bem nos lembramos, a desabafar-se, em nota á margem de certo papel official do seu Ministerio de Estrangeiros: este homem é a encarnação do desbriamento.

Assim nos conta Alberto Rangel, em delicioso capitulo daquelles saborosissimos *Textos e pretextos*, repletos de novidades da maior polpa.

Mas voltemos ao que nos conta o bom Itier:

Os bons brasileiros não se cansavam de extasiar-se perante a graça enfeitiçante daquellas avelhantadas donas de quem, geralmente, e desde muito, fugira a frescura juvenil.

De um dos precusores dos “coroneis” hodiernos da nossa gíria gaiata ouviu o diplomata:

— Tenho uma amante franceza, admiravel! Não ha no mundo mulher como ella! que distincção de modos, quanto é gracil e elegante!”

“E no entanto a tal divindade não era senão certa *ex-écaillére*, velha demais para, em Pariz, proseguir na pratica de uma das duas industrias de que allí vivem certas possuidoras de um bello palminho de rosto”.

A Itier interessava não sómente a geologia mas sobretudo, e por dever de officio, a sciencia das finanças.

Assim aproveitou a passagem pelo Rio de Janeiro para informar-se da situação do Brasil.

Para tal fim solicitou uma entrevista de dois especialistas de renome os Snrs. Macedo e Saturnino”; *Inspectores das alfandegas*. Pediu-lhes a opinião franca e positiva sobre a posição financeira, agricola e commercial do jovem imperio americano.

Macedo não sabemos quem possa ter sido, mas Saturnino era, com certeza, o Conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, irmão do illustre Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba. E homem do maior e mais justo prestigio, na primeira phase do Imperio, pela probidade, a competencia e a longa serie de serviços prestados ao paiz.

Presidente do Rio Grande do Sul em 1841 era em 1842, deputado pelo Rio de Janeiro. Acabaria, em 1847, senador do Imperio, pela mesma provincia, e ministro de Estado do Gabinete do Visconde de Caravelas.

Mostraram se os dois informantes apprehensivos com o estado das finanças brasileiras. Devia o Imperio já seus 125.000 contos de réis, o que correspondia a oito annos de receita orçamentaria.

E não se sabia como já não só extinguir o *deficit* como impedir que elle avultasse. Naquelle tempo ainda não corria a palavra *possibilidades* creada pelos yankees e hoje tão corriqueira que passou, até, a ser empregada ironica, e pejorativamente.

Os dois homens de governo a ella alludiram expondo ao interlocutor as riquezas adormecidas do Brasil, paiz já de seus cinco milhões de almas cuja organização e modo de vida, em seus grandes centros, mostravam aspectos europeus. A' Inglaterra, sobretudo, attribuia Saturnino os males financeiros do paiz; oppunha-se tenazmente á elevação das tarifas alfandegarias.

O orçamento do paiz, de 23.000 contos, achava-se gravadissimo com as despesas occasionadas pela guerra dos Farrapos. Em summa, deduzidas as verbas dos Ministerios da Guerra e da Marinha, do serviço de juros e das aposentadorias, restavam, liquidos, cerca de nove mil contos para as despesas da administração e arrecadação, do culto, da justiça e da Casa Imperial! Insufficiëntissimos recursos!

Era preciso economisar de modo feroz, por assim dizer, pois se reputava esgotada a capacidade tributaria do paiz.

Haviam diversos governantes inyentado taxas novas mas os resultados dahi decorrentes tinham sido positivamente nullos. A um paiz de tamanhas dimensões,

e disseminação de população, era muito difficil adaptar as regras da economia politica européa.

Pretende Itier que se offereceu a estudar os planos de Saturnino, verificando que o projecto de elevação das tarifas alfandegarias era excellente. Não prejudicaria, de todo, o movimento commercial brasileiro. Havia, porém, enorme evasão das rendas aduaneiras por causa do florescente contrabando que reinava em toda a costa, immensa e difficilmente policiavel.

Com que rapidez se poz ao par da economia e das finanças do Brasil, nos poucos dias de estada no Rio de Janeiro! Teriam os srs. Macedo e Saturnino tomado a sério os seus conselhos de economista e financista?

Não quiz o nosso viajante deixar o Brasil sem conhecer um grande estabelecimento agritola e assim accitou o offerecimento de hospedagem de um veador da Casa Imperial, o sr. *Correja de Zá* (sic) em sua fazenda de Jacaré Paguá (sic).

Para lá partiu com o seu companheiro de embaixada á China, o sr. Carlos Lavollée, de quem occulta, cuidadosamente, qualquer allusão á presença em sua companhia.

Verdade é que Lavollée igualmente silencia o nome do collega, prova da estima cordial que se dedicavam, mutuamente.

Com prazer verificou Itier que o Rio de Janeiro se integrara, mais uma vez, na civilisação occidental adoptando "a invenção dos omnibus" que estava em vias de dar a volta ao mundo".

O omnibus do Engenho Velho (a que chama *Ange-lho Velho*) levou-o á base da Serra da Tijuca.

Ali cessava aquella ultima expressão da civilisação européa e o nosso itinerante deplorou amargamente o facto. Nem sequer a mais magra cavalgada o espe-

rava! “Estavamos a pé, ardua perspectiva, ante ingremes rampas quando o sol tropical vos desfere os raios verticaes sobre o craneo”.

Que se consolasse vendo a theoria dos negros que á cabeça lhe carregavam a bagagem!

Parece-nos comtudo incrivel o que o diplomata nos conta: Nem uma só besta teria o sr. Correia de Sá a offerecer ao seu distincto hospede? fazendeiro abastado que era? . . . Deixando de lado a economia politica e o financismo distrahiu-se o nosso Itier das agruras daquella Estrada Velha da Tijuca, vencida sob sol a pino, a estudar a geologia do percurso. Ali descobriu o dique de mimosito que atravessa o gneiss porphyroide.

Do Alto da Boa Vista em diante percebeu a existencia do “granito de fina grã, que parece servir de base ao terreno de crystallisação intermedio do Brasil”.

Tres horas de marcha puxada e avistou a bella Cascata Grande da Tijuca, “cujos rochedos lhe offereceram precioso abrigo contra os fogos do dia”.

Um banho restaurador das forças e a caminhada proseguiu. Duas horas mais tarde, o viandante attingia a fazenda do sr. Corrêa de Sá, cuja urbanidade de bom tom e elegancia de maneiras revelavam “aquelle apanagio da fidalguia universal porque procede dos mesmos codigos e regras”.

Tinha numerosa familia; as moças, rodeando a sra. Corrêa de Sá, formavam um grupo encantador, emquanto o bando petulante dos rapazes, depois de vir espreitar os recémchegados reunira-se em conciliabulo, numa das extremidades da varanda.

“Houve um certo murmurio a que se seguiu profundo silencio. Logo depois levantou-se um concerto de vozes frescas saudando a nossa vinda com um hymno magnifico do nosso poeta nacional.

*Reine du monde! ô France ô ma patrie!
Soulève enfin ton front cicatrisé!"*

Causaram os versos de Beranger a maior impressão ao diplomata.

"E' necessario que alguém se haja visto separado da Patria pela immensidão dos mares e sentido o isolamento da terra estrangeira, para comprehender a commoção que este cantico me occasionou.

Tanta benevolencia graciosa havia naquelle acolhimento que não pude cohibir-me de correr ao encontro daquellas crianças para as apertar nòs braços.

Dilatava-se-me o coração ao pensar naquelle que lhes inspirara tal cantico. Tanto mais se me distendeu o peito quando vim a saber que o proprio Imperador do Brasil fôra quem ás crianças o ensinara, em suas frequentes visitas áquelle local".

Tres dias passou Itier em casa do veador de Dom Pedro II. Situada se achava a fazenda numa meia laranja que dominava a lagôa de Camorim, vasta e pis-cosa.

Continuando com a sua geologia, logo descobriu o viajante que a collina se constituia de camadas de quartzo alternando-se com argilas lenhitasas. Datava provavelmente da era terciaria e attestava a antiguidade enorme do afloramento a que o Brasil devia o principal relevo.

Excellento o pomar da fazenda, cheio de mangueiras, jaqueiras e arvores de frutapão. Muito bem tratado era mantido rigorosamente limpo porque na região abundavam os ophidios venenosos. O proprio Itier avistara-se em caminho com diversos destes reptis e os apanhara para a collecção do Museu de Paris.

Sabem todos aliás quanto as mattas da serra do Andarahy, e seus contrafortes, são ricas em serpentes, isto até os dias de hoje.

Causaram aos francezes magnifica impressão as roças do sr. Corrêa de Sá, quarteis de canna, mandioca, milho, inhame, arroz, tudo a attestar a prodigiosa feracidade do solo daquella planicie a que fertilisava um ribeirão onde os jacarés abundavam.

Criticou Itier os processos agricolas empregados na fazenda. Muito atrasados faziam com que os cannaviaes crescessem do modo mais desordenado. E lastimava que o arado, já corrente nas grandes fazendas de Campos, por ali ainda não houvesse feito a apparição.

O hectare de solo em Jacarépaguá produzia cerca de 3.000 kilos de açúcar. Nos terrenos arenosos baixava esta média a 1.800 kilos.

Vicejava o arroz admiravelmente; dava duas colheitas por anno, chegando a render cento e vinte por um! Ora, na China, na Oceania, e na Asia, em geral, o rendimento de trinta por um passava por optimo. Cahia frequentemente a dezoito e mesmo a quinze.

O engenho de assucar do Sr. Correia de Sá é que pertencia a um typo muitissimo atrasado ainda. As moendas só conseguiam extrair 45 litros de caldo por 100 libras de canna. Isto quando nas Antilhas, em engenhocas mediocres, um rendimento de 53 por cento era tido por minimo, havendo casos em que attingia 70!

A cocção do assucar tambem se fazia de modo primitivo e inintelligente, numa bateria de cinco caldeiras de ferro fundido engastadas na alvenaria!

Desta circumstancia decorriam, numerosas, as rupturas dos vasos ou a sua deformação. Tambem a defecação pela cal se praticava com enorme defeituosidade. Dahi a circumstancia fatal de se produzir pouco açúcar

de primeira e muito mascavo a que o nosso viajante chama *moscova*.

Do melaço se fazia aguardente; rendia muito pouco, porém, e de muito mediocre qualidade. Mal marcava 20 Beaumé. O engenho de Jacarépaguá, deficientíssimo como era, ainda assim apresentava o typo vulgar dos estabelecimentos açucareiros fluminenses; passava por um dos melhores da região, verdadeiro paradigma das usinas do Brasil. Optima impressão teve J. Itier do trato dado aos escravos pelo fazendeiro. A humanidade e a brandura imperavam em suas terras. Havia o seu que de patriarchal no uso consagrado de virem os captivos ao encontro do senhor, a lhe beijarem as mãos, apenas o viam.

Não fôra a instituição servil a base da associação que ali se realisava e aquella fazenda, sob certos pontos de vista, poderia abranger as condições do phalansterio fourierista. Mas a usurpação dos direitos do homem não estava em condições de alicerçar nenhuma organização social prospera, por mais que a mitigasse a mansuetude do senhor de escravos...

Como admittir que o negro se aperfeiçoasse quando via inexoravelmente fechado o seu futuro? Que interesse o levaria a pensar em constituir familia e adquirir propriedade? Todo o edificio de sua felicidade repousava na base fragilima do genio do proprietario. Ora este, de um dia para outro, podia ser substituido. Esta incerteza, fatalmente, levava o escravo á imprevidencia e á vida meramente vegetativa. O veador de Dom Pedro II acoroçoava os casamentos de seus escravos. A cada familia concedia uma choupana asseada e espaçosa. Dava á escravatura o domingo todo e consentia ainda que no sabbado trabalhasse em suas roças, localizadas nas melhores terras da fazenda.

Por semana recebia cada homem meia libra de *carna secca* (*sic*). Havia, porém, entre os escravos, varios pouco diligentes, cujas lavouras se apresentavam mal tratadas. A estes era obrigatoria a tamina dos sabados; dos 150 captivos de Jacarépaguá sessenta trabalhavam na lavoura, servia o resto no engenho, nas officinas da fazenda. Notou Itier a presença de muitos velhos e invalidos, que viviam aposentados.

Percorrida a fazenda de canna, propoz o veador da Casa Imperial um passeio á capella da *Penna*.

Partiu toda a familia Correia de Sá, com os hospedes francezes e Itier declara que o dia lhe correu deliciosamente. Linda a excursão a que a conversa atrahente dos passeantes tornava ainda mais agradavel.

A capella da Virgem dominava a bacia de Jacarépaguá, offerecendo, do seu adro, magnificos pontos de vista.

Era pobre o igrejó, mesquinho na decoração, quer do edificio, quer dos objectos sacros. Os *ex-voto*, numerosissimos, e de aspecto o mais impressionador, forravam as paredes do pequeno templo.

Uma unica cousa chamou, especialmente a attenção do diplomata: — um grupo de archanjos bochechudos que, de braços abertos, rodeavam a Sacra Familia.

Puzeram-se os membros da familia Correia de Sá a beijal-os, successivamente e com inexcedivel fervor.

“Jamais vira eu taes objectos servirem de pretexto a tanta devoção” — annota o viajante surpreso.

Depois do passeio á capella e no dia seguinte convidou o Sr. Correia de Sá os seus hospedes que já queriam voltar ao Rio de Janeiro, a visitar a fazenda de café que possuia, no valle chamado Cantagallo.

Apressaram-se em acceitar o novo convite do amabilissimo hospedeiro, cuja propriedade apresentava grande e bem tratada lavoura.

Alli, em Jacarépaguá, o cafeeiro começava a produzir, aos tres annos, e tornava-se decrepito aos vinte e cinco. Praticava-se então, a replanta do cafezal. Aconselhavam muitos lavradores que se podassem as arvores no penacho”, afim de que, cortados os galhos superiores, pudessem ellas alargar se, o que facilitava, a colheita.

Mas o fazendeiro de Cantagallo achava inconveniente o processo, sobretudo, porque as arvores ficavam muito galhudas, e transformavam-se em verdadeiros ninhos de cobras perigosas, senão quasi sempre perigosissimas.

Era o café do Brasil, mau, escreve o nosso J. Itier. Mal beneficiado, tinha gosto de terra, o que lhe provinha dos terreiros não pavimentados, em geral. Mal fermentado, acusavam-no de ter, tambem, certo gosto de mofo, muito desagradavel.

Mas já se praticava, no Imperio, melhor conjunto de processos beneficiadores. E os cafés brasileiros no Havre já iam competindo com os melhores typos de Porto Rico e da ilha Bourbon.

Descreve-nos Itier, o despulpador summario da fazenda de Cantagallo, a seccagem da colheita em terreiros atijolados e afinal o seu descascamento. A separação é que se realisava manualmente. Ao machinario do engenho, movia força hydraulica e o mesmo edificio ainda abrigava grande ralador de mandioca.

Contou o Sr. Correia de Sá que o seu café, quando despulpado, alcançava 4\$000 por arroba, ao passo que o typo commum dos demais lavradores se vendia entre 3\$000 e 3\$500.

Setenta eram os escravos da fazenda.

Entre elles admirou-se Itier de ver muitos mulatos sobremodos alvos. Alguns, até, eram tão brancos quanto os seus senhores.

Disseram-lhe que os productos desta cruz a afro-européa provinham dos numerosos estrangeiros sobretudo allemães, que visitavam aquellas paragens.

“Pobres pequenos, tão brancos, quanto seus amos! E no emtanto, condemnados a viver captivos! Alli se tinha mais uma demonstração da amenidade daquelle horrivel regime”.

Aliás os escravos de Cantagallo tinham tão bom trato quanto os de Jacarépaguá.

Menos sympathico é um pormenor que, da vida da fazenda, nos relata o viajante francez.

Como por falta de espaço, não tinham os escravos terras para as suas roças; era o senhor quem os alimentava.

Mas em compensação não lhes concedia o sueto do sabado, como aos de Jacarépaguá.

Fosse como fosse para o tempo, para a mentalidade de sua época, era certamente o veador da Casa Imperial Brasileira um dos mais humanos senhores de escravos do paiz.

Bem sabemos que em taes eras, havia “cada um!”. E vem a pello recordar o que se narra de certo fazendeiro espirito-santense, a cuja propriedade cortava largo rio piscoso.

Gabava-se muito do descanso, concedido, aos domingos, á sua escravatura. Mas tambem, como *qui non trabucat*, naquelle dia, em vez de comida, fornecia aos seus captivos, excellentes... anzoes. E com isto tranquilisava a consciencia, exclamando, a cada passo, ao distribuir as varas e ganchos entre os miseros servos:

— “Mas que peixadas formidaveis vãp voces hoje comer! Que peixadas! Felizardos!”

Deixando a fazenda de Cantagallo, voltaram os dois pouco harmonisaveis diplomatas compatriotas ao Rio de Janeiro, pelo valle chamado do Pedregulho, se é que assim se pode interpretar o toponymo esdruxulo por Itier arrolado: — *Pedra-Gouilla!*

Isto lhes proporcionou o ensejo de atravessar a bella fazenda de dois francezes, os Srs. Cesar e Valais.

Beneficiavam estes fazendeiros o seu producto muito melhor do que o Sr. *Correja de Zá*. Tinham descascador mecanico, terreiros ladrilhados, despulpavam com grande cuidado e assim conseguiam vender a arropa a cinco mil réis.

Dois outros francezes tambem socios, uns taes Troubat e David, estes fazendeiros na Provincia do Rio de Janeiro, em Cantagallo, eram tambem conhecidissimos no mercado fluminense pelo magnifico preparo de seus cafés.

Chegando ao Rio de Janeiro resolveu Itier fazer uma excursão pelas montanhas, indo até a Serra dos Orgãos nas paragens onde mais tarde se edificaria Theresopolis. Mas ahi em companhia de outro collega de embaixada, que não o Sr. Lavollée, em relação a quem se mostrou sempre sumamente pouco cordial.

Ao passo que o companheiro de passeio a Jacarépaguá, em sua obra, pelo menos relata que o tivera ao lado durante a excursão, embora lhe não mencione o nome, elle Itier, entendeu de todo supprimir qualquer allusão a quem o acompanhara pelas ingremes veredas da Estrada Velha acima, em direção á contra encosta da serra tijucana.

Em todo o caso o que um narra, o outro comprova, mostra de quanto foram ambos veridicos.

C. Lavollée mantém o incognito do seu hospedeiro, o veador. Mas Itier desvendou-lhe o nome sympathicamente, embora como vimos a estropeal-o para *Correja de Zá*. A analyse do relato de Lavollée, como vimos provocou, da parte do nosso douto mestre Ramiz Galvão, uma identificação precisa quanto possivel, de pessoas e locaes.

E' com prazer que agora relembramos tal facto, recordando que o fazendeiro de Jacarépaguá, homem de muito bellas qualidades, foi o autor de uma prole sobremodo distincta entre a qual avultam os nomes de Dom Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides, o virtuoso Bispo de Marianna, successor em 1877 de Santo D. Antonio Ferreira Viçoso, e do Conselheiro Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides provector e austero professor na Faculdade de São Paulo.

III

Scenas do trafico — Pormenores interessantes — Particularidades sobre os escravos importados.

Valendo-se do convite de seu compatriota, o estropeiro que se convertera em comboeiro, foi Itier, ver um grande lote, recém-chegado de *meias caras*, escravos africanos desembarcados clandestinamente.

Ludibriava-se como se vê, e completamente, a lei de 1831 prohibitoria do trafico.

Despejavam os navios negreiros o seu carregamento hediondo quasi á entrada da barra da Guanabara...

Pretende o nosso viajante que a visita ao lugar onde se acoitava o lote de *cabiunas*, como tambem no tempo se dizia, cercou-se de uma serie de medidas mysteriosas.

No caes Pharoux, onde tomou um escaler com o antigo almocreve, a sua presença causou real estranheza a dois individuos de tez bronzeadada que na embarcação se achavam. Ficaram em expectativa algum tanto antipathica.

Mas depois de trocarem rapidas palavras que o viajante não comprehendeu, naturalmente, porque eram em portuguez, partiram dizendo o tropeiro-negreiro ao patricio que não conhecia o destino do seu bote. Não foi longa a viagem; desembarcaram os dois francezes na abra de *Bona Viagem* (sic) ficando Itier sciente de que os dois companheiros mysteriosos da travessia eram nada menos do que patrão e empregado: o armador e o capitão do navio negreiro.

Partiram os enigmaticos personagens á frente por causa do santo e senha a darem atravez dos obstaculos a transpor.

Soube então o diplomata que o lote de africanos fôra desembarcado na Praia de Fóra e encaminhado áquelle local.

Grande dobadoura reinava em torno do deposito dos infelizes captivos. Eram uns levados ao banho; a outros se dava aguardente; á maioria se distribuiam roupas que lhes substituíssem os hediondos andrajos da travessia, saias de chita para as africanas, timões para os homens.

Assim se dissimulava a ausencia das camisas e era isto o que na tecnologia do officio se chamava: “preparar a mercadoria”.

Trinta negros moços se enfileiravam no jardim da casa, por ordem de altura.

Pobres diabos! de pernas finas, emmagrecidos pelos horrores do porão! A muitos cobriam as pustulas contrahidas no carcere nautico.

Poz-se o ex-tropeiro a examinal-os como se fossem as mulas que outróra comprava no Rio Grande do Sul. Arregalava-lhes as palpebras, procurando possiveis inflammções, revistava-lhes cuidadosamente a dentadura, apalpava-lhes as pernas, certificava-se da boa confecção dos pés e conformação da bacia.

Tudo isto, com enorme minucia e sem perder vasa para apontar, aos vendedores, os defeitos da mercadoria.

Pediou, depois, para ver as mulheres; trouxeram-lhe um lote de crianças de 10 a 12 annos. Era o que chegara.

Declarou o comprador que não lhe causava o artigo o menor interesse. Não tinha pedidos para tal genero.

Disseram-lhe que outro grande lote se achava perto dalli.

Assim resolveu ir vel-o. Embarcou com a sua comitiva com destino a outro ponto da bahia guanabarina, que Itier sempre bem ao par da toponymia denomina *Praja-Grande*.

Curioso perguntou o diplomata ao armador particularidades sobre o trafico. Queixou-se elle dos resultados da viagem, 580 negros haviam embarcado em Moçambique e no emtanto ao Rio de Janeiro só tinham chegado 220!

Oitenta dias durara a travessia daquella enorme e desgraçada carga humana, empilhada num calhambeque de 180 toneladas apenas!

Sensibilizado com o que ouvia, interpellou Itier ao capitão negreiro.

— Que horror devia ser, para o Senhor, a visita matinal ao seu porão, o encontro dos cadaveres ao lado dos agonisantes!

— Ah! meu caro senhor respondeu-lhe o philantropico maritimo, realmente era horrivel! Dia a dia via

o meu lucro todo atirado ao mar! Durasse a viagem mais alguns dias e a viagem seria tristissima, fechando-se o meu balanço com prejuizo!

Mas ainda salvei 220 cabeças que me darão uns trinta contos de réis vendendo-se umas pelas outras a 140 mil réis. Ainda me sobrarã alguma coisinha. Assim, concluiu cynicamente, louvada seja Nossa Senhora da Gloria que me protegeu!

Era o tal commerciante um sujeito intelligente e explicou ao interlocutor o mecanismo do commercio do "ebano". Havia sempre a conciliar os interesses dos traficantes africanos e os dos armadores negreiros.

Os primeiros, geralmente, compravam os prisioneiros dos sobas africanos pagando, por cabeça, preços que, variavam entre 30 e 35 mil réis.

Tal pagamento era feito nos chamados artigos do trafico: polvora, espingardas, espadas, machados, fumo, missangas.

Os armadores negreiros pagavam um preço medio de 140\$000 por cabeça desembarcada no Brasil, aos capitães dos navios, a quem cabia o desembolso da compra dos escravos em Africa.

Assim ganhavam immenso, pois frequentemente collocavam as peças com enorme margem de lucros. Chegavam, ás vezes, a vender negros a 700.000 réis! Os lotes embarcados eram, em Africa, marcados a ferrete, como os bois, tornava-se necessario distinguir uns dos outros, pertencentes, a diversos senhores, frequentemente.

Só depois desta operação passavam ao porão do navio onde os esperava o conforto dos troncos!

Fora a travessia de *Bona-Viagem a Praja-Grande* rapida. Não tardou que Itier visse o lamentavel rebanho de "meias caras", dividido em dois grandes lotes de homens e mulheres.

Apesar do aspecto de profundo embrutecimento daquelles desgraçados, victimas da cupidez branca, vago sorriso lhes õccorria quando o capitão os apostrophava. “A expressão de uma alegria extinta parecia, por vezes, illuminar aquellas physionomias acabrunhadas, mas via-se que as almas partidas se mantinham alheias á convulsão dos musculos faciaes”.

Para fazer valer a mercadoria aos olhos do comprador resolveu o capitão negreiro fazel-os dançar.

Desfechou uma paulada sobre uma mesa, a titulo de signal, e depois, com os punhos cerrados, reproduziu a cadencia rapida do tam tam.

Hesitavam os pobres mas logo os galvanisou o olhar do senhor “olhar que encerrava as promesas, sinistras da chibata”.

Movimentaram-se os mais recalitrantes e a choréa moçambicana generalisou-se.

Era a mesma que Itier já conhecia, da propria Africa; os remelexos e os requebros das posturas e gestos precipitados. Mas aqui os infelizes dansarinos como que se agitavam movidos por cordeis, como os titeres. Quando o marujo deixou de marcar o compasso pararam todos instantaneamente.

Começou o ex-tropeiro a examinar os individuos que lhe pareciam compraveis. E o fez a modo de provector alveitar, com o maior rigor.

Assim recommendou, á vista do estado saburral das linguas, um purgante geral para todo o carregamento, no que foi immediatamente obedecido.

Ao fogo se poz um caldeirão de cannafistula (?) enquanto o ex-almocreve commentava displicente, e com o maior desprante: — “Ah! se os Srs. philantropos da Europa vissem o carinho com que tratamos os nossos

negros, certamente muito perderiam em materia de preconceitos sobre a triste sina dos escravos!"

Pretende Itier, comtudo, que tal reflexão era o producto do embotamento da alma do seu patricio.

Pareceu-lhe inspirado pela melhor boa fé do mundo. A que ponto pode o criterio dos homens ser falseado pela pratica do crime!" exclama.

Notou o diplomata, no rosto dos africanos, real expressividade intelligente. Admirou-se do desempenho com que muitos já falavam bem o portuguez e em tão curto prazo!

Mas ai delles! dentro em breve o captiveiro lhes embotaria a intelligencia nativa e em menos de um anno de todos aquelles entes humanos se diria com exacção: não passam de irracionaes!

Deixando os homens de lado foi o comboieiro examinar as negras que se apresentavam trajadas de vistosas chitas. Pareciam não de todo insensiveis aos encantos da toilette. Orçavam entre os 14 e os 20 annos.

Depois de intermino exame, em que as peças foram submettidas a todos os *tests* do commercio negreiro offereceu o comboieiro por tres dessas raparigas 1:560\$000.

Mas não houve meio de chegar a acordo com o traficante e assim partiu sem fechar negocio algum e depois de debate que ao diplomata pareceu infindavel.

Voltando ao Rio de Janeiro, soube Itier, durante a travessia, de novas particularidades do trafico.

Empregava elle, então, annualmente, cerca de uma centena de navios portuguezes e brasileiros.

Uns sessenta haviam, em 1843, realizado proficua travessia, desembarcando, quiçá 30.000 negros, apesar da vigilancia activa dos cruzeiros britannicos que tinham capturado cerca de 90 destas embarcações sinistras, al-

gumas dellas carregadas e outras vazias, ao rumarem para a Africa.

Havia, porém navios negreiros, que dos portos brasileiros, partiam para levar escravos a outras regiões americanas, onde realizavam fabulosos lucros.

Infelizmente a verdade era esta: entre os tropicos occoria uma paraphrase do famoso brocardo *pas d'argent, pas de suisses! pas de nègrés, pas d'argent!*

Não houvesse escravos e escravas baratos, não se arranjavam braços, fosse como fosse! E então as colonias iriam á garra!

Era o caso de se repetir com Barnave ou Robespierre:

Mil vezes pereçam as colonias antes que os nossos principios!

Recrudescera e muito, o trafico, nos annos proximos de 1843, affirma Itier.

No ultimo trimestre deste anno nada menos de trinta navios haviam chegado ás nossas praias com o melhor exito. Apenas tinham os cruzeiros inglezes capturado quatro que, fundeados no centro da Bahia da Guanabara, arvoravam a bandeira britannica!

Achavam-se repletos de pretos que esperavam o julgamento do tribunal mixto de presas anglo-brasileiro.

As penalidades attribuidas aos traficantes eram as seguintes: a prisão para os negreiros, o confisco dos navios e a soltura dos africanos.

A proposito desta ultima circumstancia escreve o nosso viajante uma serie de conceitos acerbos sobre as instituições brasileiras.

E ao mesmo tempo aproveita o ensejo para alvejar duramente a actuação ingleza da repressão do trafico, acoimando-a de hypocrisia.

O contracto entre a Inglaterra e o Brasil era que dos negros aprisionados seria depositario o governo imperial.

Este os distribuia, a seu juizo, entre cidadãos brasileiros de reconhecida humanidade e inatacavel prohibidade. E por cinco annos, que tantos bastariam para os affeição á vida civilisada.

Findo tal prazo seriam livres cidadãos brasileiros.

Mas qual! tanta philantropia apparente encerrava no bojo a mais negra cavilosidade interesseira.

Os agentes do governo brasileiro distribuiam os *cabiunas* entre os fazendeiros protegidos pela politica-gem. Eram uma gratificação com que o poder recompensava os seus protegidos e queridos do peito.

Uma vez de posse do *meia cara* estava o gratificado dono de um escravo gratis. Deixava passar algum tempo e depois enviava ao ministerio, a quem estava affecto este original serviço de protecção aos africanos, um attestado de obito do pobre negro revestido de todas as formalidades possiveis e imaginaveis!

Nada mais simples nem mais pratico...

A principio por meio deste subterfugio escapara o governo brasileiro (sic) á astucia e á opressão dos inglezes. Mas estes, gente esperta e positiva, a quem era difficilimo ludibriar, haviam, deixado de remetter os navios aprisionados ao Rio de Janeiro. Invocando as circumstancias eventuae de navegação encaminhavam as suas capturas para a Guyana Ingleza.

"Alli, escreve o nosso Itier cheio de fel e de ironia para com a classica e perfida Albion "ali aquelles bema-venturados negros para sempre protegidos por Albion, encontram, tambem, sob o honesto rotulo da aprendizagem civilisada, o trabalho forçado. Mas agora em pro-veito de fazendeiros inglezes. Se nesta nova phase da vida acharem meios de não morrer, pelo esgotamento

physico ou a miseria ahi sim! estão livres de morrer de fome. Pobres negros! raça por Deus abandonada! escolhe se é possível entre a protecção ingleza e a opressão brasileira!

Em 1843, no Rio de Janeiro, affirmou o diplomata estava todo o trafico em mãos de brasileiros e portugueses. Para vergonha de sua nação havia porém uma excepção, alistava-se entre os traficantes um francez, certo barbeiro — arranca-dentes, ou coisa que o valha, morador em *Praja Grande*. Ganhara para cima de 700 contos de réis, com o infame comercio apesar de já ter sido preso pelos inglezes e passado dois annos encarcerado em Serra Leoa.

“Opprobrio a este miseravel!” exclama o nosso Iter patheticamente. Sentia porém ter-lhe esquecido o nome, pois desejava agrilhoal-o ao pelourinho infamante da opinião publica franceza. Seria porém sincera esta subita crise amnesica? Nela não occorreria alguma determinante ou instigação de ordem patriotica?

E' bem possível que sim . . .

Rendia então o trafico colossalmente.

Casos se conheciam em que num calhambeque de 200 toneladas haviam embarcado os negreiros setecentos captivos!

Que lhes importava que em tal empilhamento humano fossem postergadas as regras primordiaes das condições da existencia?

O traficante contava desferrar-se sobre a quantidade de negros escapos á morte. Por pouco que se encurtasse a travessia o numero de sobreviventes era grande. Na viagem acerca da qual relata Iter particularidades haviam perecido 360 escravos num total de 580! quasi 62 por cento!

Mas tambem decorrera longa e pênosa a jornada. Em outra, esta felicissima, apenas perdera o commandante 14 escravos em 500 menos de tres por cento.

Admittia-se em geral um coeficiente medio de letalidade atlantica de 15 por cento.

Assim, um negreiro desembarcando quinhentas ca beças podia contar, para um desembolso já feito de noventa contos de réis, com uma receita de 250 contos. Em seis mezes ganhava pois 160 contos de réis, que hoje representariam seguramente mais de oitocentos. Melhor negocio não havia pois... para os que tinham consciencia limpa.

“Eis uma especulação em extremo recommendavel aos escapos de nossos presidios, commenta o autor diplomata. “Infelizmente porém lhes faltaria o capital inicial para movimentar o philantropico negocio”.

Informaram a Itier que os negros da costa oriental africana, os de Sofala, Inhambane e Quilimane, robustos e trabalhadores, passavam por tão submissos quanto intelligentes. Os da Cassange e Benguela tambem tinham muita procura dos fazendeiros.

Eram os do Congo pouco intelligentes, sendo-lhes preferidos os angolezes. Os menos apreciados vinham a ser minas que, entretanto, vinham muito para o Brasil.

A causa de tal depreciação era-lhes no emtanto a mais honrosa: altivos, corajosos, intelligentes, por vezes indomaveis, occorriam frequentes entre elles os suicidios pelo desespero da sorte. O desprezo pela vida frequentemente os tornava perigosos a seus senhores. Preferiam a morte á existencia infamada. Varios assassinatos de fazendeiros demostravam-lhes a força do character e os instinctos energicos.

A elles podia aplicar-se aquella opinião dos romanos sobre os gaulezes: maus escravos! Honra a todos os homens de quem tal se podia dizer!

Pouco ainda havia que oito escravos minas tinham mostrado a elevação dos sentimentos de homens livres. Maltratados por um fazendeiro perverso, seu amo, depois de o assassina-rem haviam-se entricheirado na casa da fazenda onde tinham perecido todos, de armas ás mãos.

“Para homens de tal jaez só faltava um Spartaco e este podia surgir por exemplo de uma guerra com a Inglaterra” hypothese a nosso ver irrealisavel que o viajante admitia com muito plausivel.

Terminando as suas considerações de mal informado affirma Itier que os escravos da provincia do Rio de Janeiro estavam todos afiliados a uma serie de sociedades secretas cujos presidentes eram negros livres. Tinha-se como certo que diversos homicidios de inexplicavel origem pareciam decorrer da existencia de tal maçonaria negra.

DE FERRIÈRE-LE-VAYER

(1844)

I

Impressões da Guanabara — Aspectos do problema servil brasileiro — Particularidades diversas — Audiencia de D. Pedro II.

Já, analysámos dois relatos sobre o Rio de Janeiro de 1844, da lavra de membros da embaixada franceza á China, chefiada pelo sr. de Lagrenée. Os de Julio Itier, inspector geral das Alfandegas francezas e seu auxiliar Carlos Lavollée.

Um terceiro volume sobre o mesmo assumpto cheganos ás mãos da lavra do primeiro secretario da Legação o sr. de Ferrière-le-Vayer, primeira figura da missão logo após o proprio chefe.

Itier e Lavollée navegavam á vela. Em um terceiro navio, a corveta a vapor "Archimedes" embarcara a segunda turma de diplomatas e addidos commerciaes, seus collegas sob a chefia do secretario de Legação, Bernardo d'Harcourt. Mas em viagem inteiramente á parte da conserva dos outros dois barcos.

Era vultosa a missão diplomatica commercial do sr. Lagrenée que á China levava mulher e filhos.

Comprehendia um primeiro secretario de legação, quatro secretarios addidos, um medico chefe, um chanceller e os dois funcionarios graduados do ministerio da Fazenda, Itier e Lavollée.

O "Diario de Viagem" do sr. Theodoro de Ferrière-le-Vayer apresenta, em relação do Rio de Janeiro, muito

menos pormenores do que as narrativas de Lavollée e de Itier mas sobre ellas leva notavel vantagem.

E' escripto com maior elegancia de phrase e distincção de conceitos, mais commedimento de apreciações e discrição. E, sobretudo, revela mais elevados dotes litterarios do que acontece com os livros dos dous collegas de diplomacia e lettras.

Aliás, prudentemente, ao imprimir a obra em 1854, passados dez annos de sua estada no Rio, e como ainda pertencesse á carreira diplomatica, dizia o nosso autor: os leitores em suas paginas apenas encontrariam o que a publicidade já divulgara. Nada achariam em condições de collidir com a esphera das investigações officiaes.

Lê-se com prazer o hoje já velho livro do diplomata francez, redigido com clareza, elegancia e leveza de phrase.

Pudemos fazel-o graças á gentileza do erudito amigo Yan de Almeida Prado.

A 28 de Janeiro de 1844 entrava o diplomata á barra da Guanabara.

Da nossa grande e famosa bahia traçou Le Vayer arroubada apreciação que jamais viramos citada. Augusto Fausto de Souza, o entusiasta da Guanabara, não a conheceu provavelmente.

E' das melhores que nos livros antigos se nos depaeram, naquellas épocas em que a hyperbole não alcançara ainda o vigor caracteristico dos dias mais proximos de nós.

Depois de se refletir ao Pão de Açucar e áquellas montanhas exquisitas cujo perfil entendiam os inglezes lembrar Lord North e os francezes o infeliz Luiz XVI, o famoso *Gigante de Pedra* nitheroyense declara o viajante;

“Unanimes concordam os viajantes em fazer da bahia do Rio de Janeiro o mais pomposo elogio: pois bem, acho-lhe a belleza acima de quaesquer descrições até hoje feitas.

A grandiosidade das linhas, a elegancia dos contornos, a riqueza da vegetação, tudo concorre para embevecer o espirito e encantar os olhos.

Ouvira-a comparada á bahia de Napoles: em mim provocou impressões totalmente diversas. Nella a natureza ostenta-se com uma grandeza infinitamente superior á do porto italiano.

Se lhe falta o cunho secular da civilização e das artes, a aureola imposta ás terras antigas pela poesia e a historia apresenta ao observador, desde o primeiro contacto, aspecto incomparavelmente mais grandioso o das forças materiaes da Criação e como que o sentimento da juventude de um Mundo Novo”.

“Ao poeta e ao paisagista encantam os accidentes harmoniosos de seu conjuncto: de um lado o Corcovado com o pincaro granitico, como que jorrando de um massico de florestas, de outro, numa eminencia, o bello convento (sic) de N. Senhora da Boa Viagem, ao derredor uma cinta de collinas cobertas de matas. Sobre a vasta superficie marinha mediterranea, ora vemos um forte que parece surgir da agua, com as suas muralhas e torres, ora um grupo de ilhas, outras tantas cestas de flores e verdura cujos festões e grinaldas alçam-se do mar. No fundo do quadro os Orgãos, afinal á esquerda a cidade fluminense, edificada em amphitheatro, entre diversos morros, coroados, ora por uma igreja, ora por um mosteiro ou quinta, ou ainda uma bateria de canhões, semi mascarada por moutas de folhagens.

Porque aqui, ao lado do sorriso grave e ao mesmo tempo poderoso da Natureza, se revelam os esforços do homem por se tornar formidavel.

O porto do Rio parece deve ser tão inacessível em tempo de guerra como remansoso durante a paz”.

Esta consideração trouxe ao diplomata uma reminiscencia grata ao orgulho nacional, a notavel façanha de Duguay Trouin a cujo nome appõe, aliás segundo e inexplicavel y.

A Le Vayer encantou o aspecto animado do porto fluminense coalhado de navios de muitas nações, de guerra e mercantes entre os quaes circulavam numerosos escaleres, faluas, botes. “Uns com o aspecto severo da disciplina militar, outros tripulados por negros semi nús e transportando “des senhores et des senhoras” (sic) abrigados do sol por vastos guarda-sóes de cores vivazes.

Estava a tarde maravilhosa e longamente contemplou o diplomata o admiravel aspecto do crepusculo fluminense, emquanto a *Sereia*, tangida por fraca brisa, vinha lentamente fundear a pouca distancia de terra.

Fazia pavoroso calor quando o escriptor se alojou num hotel do Caes Pharoux; “tinha-se então a temperatura de um banho turco e o frescor era coisa apetecivel como preciosa raridade”.

“A luz envolvia completamente a cidade e a sombra em parte alguma, surgia naquellas ruas tão rectas, de casas tão baixas, de praças tão vastas, de muros tão brancos!”

“O dia, de verdadeira adustão, como que explodia naquellas lages empoeiradas das calçadas. Appreciamos caminhando gravibundas, as mulatas, de leque em punho, e com o corpo sarapintado por pannos de amarello e vermelho berrantes. Ou então negros, com o rosto a escorrer, carregados de pesados fardos correndo, a fazer burlescos gestos e a marcar o compasso com uma toada monotono, accentuada pelo barulho de uma especie de cegarrega”.

Profundo espirito catholico deve ter animado o sr. de Ferrière-le-Vayer. A cada passo tal transparece de seus conceitos, ora a lembrar os feitos heroicos das Navegações e Conquistas realizadas pela obra da dilatação da Fé, ora a explicar os erros da dominação portugueza pelo desvio dos ensinamentos do Catholicismo.

Ao passo que os companheiros de Embaixada, Lavollée, Itier, procuravam, de visu, tomar conhecimento das scenas hediondas do trafico africano o nosso autor observava os phenomenos da instituição servil á luz dos conhecimentos historicos e do feitio piedoso da mentalidade de crente convicto.

A contemplar, da amurada da *Sereia*, o portentoso panorama guanabarino acudiram-lhe mil reflexões sobre os destinos do jovem e vasto Imperio — onde provavelmente de novo jamais viria ter — terra de tão fraca densidade de população, dispersa em colossal area. “Que papel difficil o do governo autonomo e recente, encarregado de dirigir aquelle colosso num terreno minado pela escravidão!”

O servilismo eis o grande perigo que ao Brasil ameaçava! Toda a economia brasileira repousava numa instituição que, além de odiosa e deshumana tinha uma base prestes a esboroar-se. Apontada á excreção européa dentro em breve devia deixar de existir onde quer que vivesse a civilização da Europa.

E depois desde muito, graças ao christianismo, estava condemnada na esphera das idéas e assim devia perecer na dos factos.

Que situação terrivel a de um estado de cujos subditos um terço era captivo!

Mas não só o poderio brasileiro em jogo se achava. Tambem se viam attingidas sua moralidade e civilização!

Jamais se vira, em terra civilisada, desde a quéda do paganismo, um grande Imperio alicerçado sobre a escravidão.

Na Europa, desde muito, não havia mais servos (esquecia-se o nosso autor, pelo menos, da Russia). Se alguns estados maritimos possuíam colonias, explorando a escravidão, verificava-se que, por toda a parte onde predominava a importancia de taes colonias, occorrera a decadencia dos costumes publicos e da preponderancia nacional.

Que formidavel peso, na balança dos destinos de um povo, o aviltamento do trabalho, a glorificação do ocio, a degradação dos espiritos, a dissolução dos costumes, todas as miserias e vicios que a escravidão gerava como resultados e como castigo da propria razão de ser.

Caro pagara Portugal a organização da escravidão, contradizendo os principios que lhe haviam alimentado o maravilhoso surto, e em opposição ao espirito do christianismo.

O mesmo se dava com a Hespanha. Ambas as nações ibericas haviam, por interesse, timbrado em desobedecer á Santa Sé, para restabelecer a servidão abalada pelo triumpho do christianismo.

A tal proposito apresenta-nos o diplomata numerosa serie de actos do Bullario, desde 1462 até 1839, de Pio II a Gregorio XVI.

O funesto exemplo dos portuguezes acoroçara todas as nações colonisadoras da Europa a imital-o. Quantas consequencias funestas dahi haviam decorrido.

Mas no Brasil sobretudo é que estas se mostravam prenes da maior gravidade.

Prudentemente, pensava o governo imperial oppor-se á possivel haitisação do paiz, procurando acoroçar a immigração européa.

Mas o melhor caminho a seguir era a preparação das massas negras, para uma emancipação inevitavel, mais annos menos annos.

E esta só podia ser efficientemente levada a cabo pelo Clero, unico elemento capaz de affeição os pretos a receber a alforria, sem grave damno á prosperidade do Imperio.

Infelizmente era o clero do Brasil escasso. Faltavam-lhe em geral as luzes; cabia-lhe largo quinhão das desventuras que, havia dois seculos, affligiam a nação portugueza.

Entretanto não só no Paraguay como no Brasil provara, de sobra, o catholicismo quanto era capaz de civilisar as raças primitivas. Quem integrara no christianismo os dois milhões de brasileiros provenientes da cruz americana e afroamericana?

Eram as instituições catholicas do paiz excellentes. Prestavam relevantes serviços as Casas de Misericórdia. A Ordem de S. Antonio (?) desde muito realisava, sem a intervenção do governo, o systema dos socorros mutuos.

Os legados piedosos lhe haviam constituido vultoso patrimonio de modo que as quotas dos seus membros vinham a ser muito modicas.

Terminava o nosso diplomata por uma serie de nobres votos. Havia, mercê de Deus, bons elementos no Brasil. A corrupção antiga e ás revoluções recentes tinham respeitado diversas instituições salutareas.

Subsistia a forma, o que se tornava preciso era trazer-lhe o espirito e as luzes.

Tornava-se imprescindivel que uma sociedade tão recente abrigasse, novamente, os sentimentos, as idéas daquella civilização christã de que graças a Deus! conservava os rotulos e formulas.

Fossem quaes fossem os acontecimentos transformadores, momento chegaria em que o povo brasileiro seria digno da terra nobre que o Destino escolhera para o seu habitat.

Com grande interesse foi Le Vayer passear pela rua do Ouvidor, onde havia numerosissimas lojas de francezes. Era então, quasi exclusivamente, uma rua franceza e todos os seus moradores pretendiam provir de Paris: alfaites, cabeleiros, modistas, floristas, negociantes de moveis, etc. Lembrou-se o diplomata de coisa identica, vista em longingua latitude, inteiramente opposta á do Rio, em S. Petersburgo.

Passando a percorrer o Rio notou que na capital brasileira havia muito mais edificios publicos, propriamente ditos, do que monumentos.

Espaçosas as igrejas, de linhas elegantes e ricamente ornadas de estatuas, infelizmente pintadas e resplendentes de pedrarias. Os conventos apresentavam-se pittorescos e os palacios vastos. Espantou-se Le Vayer com as dimensões da Opera onde ouviu a *Norma*.

Parece que a representação não correu lá muito do seu agrado; um unico commentario della trouxe: a noite alli passara sem demasiado calor!

Pittoresco achou que dois negrinhos fizessem os papeis dos filhos da sacerdotisa!

Outra coisa que o impressionou bem veio a ser a abundancia d'agua em chafarizes que se erguiam no centro de vastas praças. O aqueducto alimentador de taes fontes era no genero do de Lisboa.

Em todo o caso, no Rio, havia certo facies, nitido, de cunho architectural, o character meridional das casas, de telhados quasi chatos e telhas rubras. Grandes linhas em summa mas nada que prendesse o espirito, pela distincção do estylo ou a perfeição dos pormenores.

Ninguem procurasse, no Rio, vestigios daquillo que os portuguezes haviam produzido em materia artistica.

Sobretudo daquelle Portugal que, em dois seculos, sob a dynastia de Aviz, com o seu genio fortemente impregnado de christianismo, alcançara extraordinario brilho. A luta contra os Mouros alli havia energicamente caldeado a religião e o espirito da cavallaria”.

Eloquente pagina consagra o nosso autor á epopéa lusa da descoberta exaltando sobremaneira o que Portugal fizera em prol da Fé.

Contemporaneamente resplendiam na terra lusitana a esculptura e a architectura de onde procediam as maravilhas do Mosteiro de Belém, a pintura representada pelas telas do Grão Vasco, a poesia pela sublime epopéa camoneana”.

Infelizmente, explica o nosso A. aos seus leitores, não pudera o Rio beneficiar-se deste grande surto da Mãe Patria, que morrera no seculo XVI. E a tal proposito incute uma liçõesinha de historia cheia de pavorosos anachronismos.

“O Rio fundado no seculo XVII, passou a ser Capital do Brasil em 1711. Este, colonia até 1813, só se transformara em Imperio no anno de 1823”.

Assim se explicava por que a capital brasileira nada recebera do cunho artistico de metropole. Mas tambem nella o grande architecto era a Natureza; os monumentos, as montanhas. Ostentavam as flores columnatas que os mas habeis pedreiros do Imperio jamais tentariam copiar.

Havia, evidentemente, na cidade algumas bellas vendas mas seus principaes ornamentos provinham das maravilhas da vegetação.

Assim se dava com a residencia do senhor de Saint Georges, o Encarregado de Negocios da França.

A sua sala de jantar era verdadeiro bosque de plantas tropicaes, das janellas pendiam as lianas floridas a emmoldurar a encantadora paisagem de montanha, floresta e mar.

O Passeio Publico classificou-o o nosso diplomata de lugar de delicias. A' noite, ali permanecer ao luar era agradabilissimo. E sobretudo scismar-se no seu famoso terraço contemplando o mar e tendo em torno de si a folhagem sombria dos bambús, mangueiras e bananeiras projectadas sobre o céu estrelado.

Attrahido pelas bellezas da paisagem foi o sr. de Le Vayer passear pelas montanhas vizinhas do Corcovado.

“A' direita ficava o colosso de granito atapetado pela floresta marchetada de flores; em frente, o Pão de Açucar e seus contrafortes; á esquerda a barra, as ilhas, os rochedos, os fortes da margem opposta.

E a meus pés, sobre graciosa eminencia, á fimbria da praia como para me lembrar a nossa civilização christã, a torre branca da igreja da Gloria em destaque sobre o verde das palmeiras”.

Embevecido deante da belleza panoramica poz-se o diplomata a devanear. Quem diria que aquella grande cidade, de duzentas mil almas, hontem nascera?

Três seculos atraz, em toda aquella região só havia um fortesinho sobre um ilheu. Um forte em perspectiva, observemol-o, entre parenthesis, pois, em 1544, nada disto se encontraria na Guanabara... Mais um anachronismosinho, por antecipação agora.

Depois delle uma impropriedade. “Naquella litoral á vontade, então, entrechacinavam-se Maracajás e Tupinambús (sic). Tinham penteados de pennas de aves; arcos e flechas; seccionavam as veias dos prisioneiros

com afiadas pedras; lavavam os filhos aos jorros de sangue de suas victimas cujas carnes depois devoravam”.

A esta scienciasinha ethnographica é que os nossos sabedores das coisas brasilicas opporão embargos.

Bem facil seria ao sr. de Le Vayer redigir os seus topicos com maior certeza. Tinha á mão o douto Ferdinand Denis, ali mesmo em Paris, na sua querida Bibliotheca de Santa Genoveva.

E o grande amigo do Brasil indubitavelmente melhor lhe redigia os precipitados conceitos.

Em poucas e seccas linhas refere o nosso viajante o seu encontro com os monarchas brasileiros:

“Fomos esta manhã (de 3 de Fevereiro de 1844) apresentados ao Imperador e á Imperatriz, em sua residencia de verão, de São Christovam, á pequena distancia do Rio. Local encantador. E’ o palacio elegante, de architectura singela, com um portico e duas galerias com columnatas ainda inacabadas”. Nada mais. Nem um só commentario provocou o encontro com os soberanos, por parte deste fervoroso sustentaculo do Throno e do Altar!

A explicação de tamanha reserva temol-a no livro de seu collega J. Itier. Foi Pedro II bastante brusco para com os seus illustres visitantes. Muito pouco lhes falou, delles se despedindo subita e abruptamente.

“Tinha pressa de voltar ao convivio de seus livros” commentou irritado o desattendido diplomata; a dizer ahí uma serie de coisas pouco gentis, a titulo de conselhos, ao monarcha americano.

Le Vayer, mais fino, mais respeitoso do que o companheiro burocrata “fechou em copas” o ressentimento e vingou-se com espirito. Deu a sua impressão de S. Christovam e não a do seu augusto morador, homem que, aliás, sempre passou por pouco, muito pouco, amigo de diplomatas, excepção feita do illustre Gobineau, como geralmente se sabe, ainda ultimamente mercê da bella prosa do querido amigo Roquette Pinto e dos estudos de exegese epistolar do erudito Prof. Jorge Raeders numa bella these de doutorado.

IDA PFEIFFER

(1846)

I

Quem era Ida Pfeiffer — As grandes viagens desta incansavel globe-trotter — Vinda ao Brasil — Chegada ao Rio de Janeiro — Primeiras impressões — Aspectos das ruas — O facies architectonico da cidade — As igrejas.

Affirmar-se ao leitor que as mulheres sempre viajaram muito menos do que os homens é, por assim dizer, avançar um destes aphorismas, indiscutíveis esteadores da reputação indestructivel de immortal personagem francez, o famoso marechal que um quarto de hora antes de fallecer ainda estava vivo.

Póde-se mesmo affirmar que as mulheres se puzeram a viajar não ha ainda dois seculos. Viajar *lato sensu*, como fizeram os homens, entenda-se. Assim são escassissimos os relatos de viagens femininas.

Quer-nos parecer que ás inglezas cabe a primazia neste ramo da historia da geographia universal. Foram as primeiras que deixaram narrativas de longinquas e aventureosas jornadas, por terras e mares exóticos e de perigosa visita.

Tal se deu, por exemplo, com as Memorias da famosa Lady Esther Stanhope, a aristocrata pertencente á mais velha nobreza britannica, celebre pelas suas viagens no Oriente e longa permanencia de annos no scenario barbaro da Syria, de principios do seculo XIX, a "rainha de Tadmor", "a Sibylla do Libano", como chamavam, a famosa dominadora dos Drusos. Certamente

foi das mais extraordinarias e incomparaveis figuras do seu tempo já pouco fertil em aventureiros.

Na bibliographia brasileira cremos que o primeiro viajante feminino haja sido Mrs. Kindersley.

Passando pela Bahia, em 1764, escreveu sobre a cidade brasileira, sete das 76 cartas constantes do volume relativo á sua viagem e permanencia nas Indias.

Estas cartas traduziu-as o saudosissimo amigo Vicente de Souza Queiroz, tão culto quanto versado nas grandes linguas estrangeiras. Publicámol-as no tomo I dos *Annaes do Museu Paulista* e cremos que constituem o mais velho depoimento feminino de viajante sobre casos e coisas do Brasil.

Ha depois do relato de Mrs. Kindersley o livro extenso e curioso de Mrs. Graham que viveu no Rio de Janeiro no tempo da Independencia e do Primeiro Imperio, como de sobra é sabido.

A' memoria não nos acode neste momento outro nome de viajante feminino antigo que se haja occupado do Brasil.

Quer-nos parecer que após Mrs. Graham deve ser lembrado outro nome incomparavelmente mais prestigioso na historia universal das grandes jornadas, pois é o de uma senhora que póde orgulhar-se de ter sido a primeira circumnavegadora autonoma, a Fernão de Magalhães de seu sexo, pelo menos na qualidade de autora, a celebre Ida Pfeiffer de seu nome de solteira Ida Reyer ou Ida von Reyer, segundo um de seus biographos.

Nascida a 14 de Outubro de 1797 em Vienna era ella a unica mulher numa irmandade de sete pessoas.

Desde a primeira infancia revelou fortes pendores masculinos; gostava immenso de se vestir de menino e teve a esmerada instrucção dos irmãos.

Só aos treze annos é que consentiu usar os trajes de seu sexo.

Devoradora de narrativas de viagens, vivia com a idéa fixa de percorrer o mundo, em enormes jornadas.

Aos dezeseite annos um grego riquissimo pediu-a em casamento; recusou comtudo tal proposta porque desejava desposar certo moço que fôra o seu professor e passara a ser burocrata.

Diante da formal desapprovação materna, desistiu porém de tal intento. Era muito cortejada e afinal declarou que accitaria, como esposo, certo Dr. Pfeiffer, muito mais velho do que ella, viuvo e pae de um filho já moço. Casou-se Ida Reyer em 1820. Era-lhe o marido recto, probo, intelligente, perfeitamente educado e a moça lhe consagrou viva estima.

Homem rigido, desagradou muito a prevaricadores poderosos no desempenho de uma commissão na Galicia, diz o seu biographo.

Perseguido, teve de voltar a Vienna, onde os prestigiosos perseguidores conseguiram demittil-o.

Passou a residir na Suissa, onde atravessou agros tempos.

Ao casal, muito curto de meios, valeu a amizade dos irmãos da futura viajante universal.

A herança materna trouxe a Ida Pfeiffer o desafogo e os meios de educar os filhos. Vivia porém atormentada pela tarantula das viagens. Chegara aos 45 annos e as maiores excursões que realizara haviam attingido a Galicia, a Suissa e o littoral adriatico, onde a vista do mar lhe causara prodigiosa impressão.

Estava o marido muitô velho e os recursos da familia continuavam escassos. Assim de repente resolveu partir só.

A 22 de Março de 1842 seguiu, inesperadamente, pelo Danubio abaixo. De Constantinopla passou á Syria, á Palestina, ao Egypto e voltou no fim do anno pela Sicilia e Italia.

A publicação de sua *Viagem de uma viennense á Terra Santa* logrou enorme e rendoso triumpho litterario.

“Nascida em fins do seculo XVIII, dizia pittorescamente no prefacio, eu, apesar de mulher, já pude viajar só. Sem guia atravesssei as duas Turquias, a Palestina e o Egypto. E... voltei!”

Estudando com todo afinco o inglez e o dinamarquez, permaneceu a nossa viajante em Vienna, até Abril de 1845, mez em que partiu a percorrer a Allemanha, os paizes escandinavos e a Islandia.

D’ahi novo livro de viagens. E novos proventos da venda de diversas edições desta obra.

Foi então que, com pequena reserva de dinheiro, abalançou-se a grande jornada circumnavegatoria. De Vienna partiu a primeiro de Maio de 1846 para, em Hamburgo, embarcar num veleiro dinamarquez chamado “Carolina”.

“Trabalhos e privações não me assustavam, dizia a corajosa senhora. Não podiam ser superiores aos da Syria e Islandia. As despesas tambem não me intimidavam. Por experiencia propria sabia quanto as exigencias são supportaveis quando a gente sabe restringir-se ao estricto necessario e está disposta a renunciar a commodidades superfluas”.

“As minhas economias em mãos do Principe de Puckel-Musckau, de Chateaubriand ou Lamartine apenas dariam para uma permanencia de quinze dias em estação de aguas. Para mim, viajante modesta, iriam chegar para uma jornada de dois ou tres annos”.

Sahiu Ida Pfeiffer da cidade natal certa de vir ao Brasil. Em Praga encontrou-se com o Conde de Berchthold com quem viajara algum tempo no Oriente. Disse-lhe este fidalgo e diplomata que tambem pretendia visitar o nosso paiz.

Da viuva de Mikan que com o marido estivera no Brasil, em 1817, ouviu então pormenores interessantes que ainda lhe augmentaram o desejo de visitar a nossa terra.

Só a 29 de Junho, porém, é que a nossa viajante pôde partir de Hamburgo por ter tido de esperar longamente o Conde de Berchthold.

A viagem nos veleiros nada tinha de muito attraente, sob o ponto de vista das delongas e do passadio. Que differença com as commodidades já offerecidas pelos vapores!

A mesa, sobretudo, era o ponto fraco da relatividade dos confrontos. Lembrando-se do que lhe succedera a bordo do "Carolina" dá Ida Pfeiffer numerosos conselhos aos passageiros dos navios á vela. Tratassem de se munir de vitualhas, e conservas modificadoras do trivial de bordo, roupas, colchões, travesseiros etc., pois bem pouco commodo offereciam os beliches.

Oito eram apenas os passageiros de primeira classe; attingia o preço da passagem cem dollares taxa realmente elevada para uma travessia nada sybaritica.

Duas senhoras partiam para o Brasil, uma era a mãe de certo rapaz que se estabelecera neste paiz e desejava tel-a em sua companhia e a outra a Penelope, ás avessas, de um Ulysses alfaite que desde seis annos vivia no Rio de Janeiro e não dava signaes de vida á desolada consorte.

Viagem interminavel! A 5 de Agosto cruzava-se a Madeira onde a "Carolina" encontrava um navio da po-

licia marítima. Ainda naquella época, havia piratas marroquinos no Oceano!

Só a 29 deste mez foi o Equador transposto. “Um sentimento de orgulho apossou-se de quasi todos nós, conta-nos Ida Pfeiffer, engraçadamente. Felicitamo-nos reciprocamente, como se acabassemos de cumprir algum acto heroico!”

Muito se falava nos males causados pela travessia da Linha. E como ninguem nada sentisse a bordo houve quem ficasse desapontado.

Philosophicamente commenta a viajante: Com a mudança de clima, os viveres não se corromperam como muitos prediziam, continuaram tão ruins quanto dantes”.

Afinal, a 15 de Setembro, decorridos 79 dias, após a partida de Hamburgo, entrava a “Carolina” á barra do Rio de Janeiro.

A descripção que Ida Pfeiffer faz aos seus leitores da archi-decantada belleza da bahia guanabarina é sofrível. Impressionou-a o aspecto das “montanhas marítimas” collinas conicas que se encadeiam pela base e ascendem isoladamente, acima do mar, como succede ao Pão de Açucar”.

Observação esta que nos parece provir de um effeito amnesico da illustre viajante. E realmente onde ficam as outras “montanhas conicas” ligadas á base do Pão de Açucar?

A toponymia da nossa itinerante apresenta-se assaz defeituosa. Assim por exemplo se refere á *Serra dos Orgãos*, situada ainda por cima á direita da fortaleza de Santa Cruz!

Visto do mar o Rio apresentou-se-lhe encoberto por diversas montanhas altas, sobretudo pelo *Morro do Telegrapho*, nome que a nossa austriaca attribue ao extincto Morro do Castello.

Do mar destacavam-se alguns conventos em grande evidencia como os de *Santa Lucia* e *Morro do Castello*, o de *Santo Bento*, a bella igreja de *Santa Condellaria* e “uns trechos de aqueducto verdadeiramente grandioso”.

A’ esquerda surgiam mais capellas e claustros isolados, como os de *Santa Gloria* e *Santa Theresia* e outros em torno dos quaes se agrupavam *Praya Flaminge* e *Botafogo*”: Assim se chamavam duas grandes aldeias de bellas villas, casas elegantes e jardins risonhos”. Quasi extranha o leitor que não surja, nesta nomenclatura, algum *Santo Flaminge* e *Santo Botafogo*.

Aliás, modestamente, declara a nossa viajante que para a descripção do quadro da grandiosidade guanabarina, eram-lhe escassos os recursos da penna.

Parou o seu navio em frente a *Santa Cruz* para receber a licença de livre entrada. E isto lhe permittiu contemplar, detidamente, aquelle panorama formidavelmente bello, observado numa tarde absolutamente limpida e luminosissima.

Só á noite é que o veleiro pode fundear no poço. Ficaram os passageiros a bordo apreciando, com delicias, as gradações crepusculares do soberbo conjuncto fluminense.

A pobre lavadeira de rendas e vestidos que vinha em busca do marido é que teve immediatamente a mais desagradavel surpresa. Informaram-na de que o voluvel marido, o fugidio esposo, ao saber que ella vinha caçal-o fugira do Rio, onde só deixara dividas! E o peor é que sacrificando agora á *Venus* negra, desaparecera em companhia de uma preta!! Era nova estirpe afro-germanica em perspectiva para o Brasil! . . .

A mulherinha que sacrificara todas as economias para pagar esta viagem consagrada ao culto do vinculo conjugal via-se agora em paiz estrangeiro e sem recursos!

Mas felizmente soccorreu-a logo respeitavel familia teuta, mas de origem franceza, e muito conhecida entre nós: Avé Lallement.

Ao desembarcar ouviu Ida Pfeiffer mil e uma re-commendações do commandante sobre a conveniencia da docilidade para com as exigencias da alfandega brasileira, muito severa na pesquisa do contrabando.

Pensou a viajante que ia ser revistada dos pés á cabeça e nada lhe aconteceu. Pelo contrario, sempre que voltou a bordo buscar objectos de sua bagagem, achou muita polidez e serviçalismo, por parte do pessoal aduaneiro, embora, realmente, a vista alfandegaria se mostrasse rigorosa.

Dois mezes estive a "Carolina" fundeada na Guanabara e Ida Pfeiffer aproveitou este tempo para visitar a fundo o Rio e fazer algumas excursões pelos arredores da capital brasileira.

A impressão inicial da cidade foi-lhe, desde os primeiros passos, muito má. Desembarcou no Cães dos Mineiros a que chama Praia dos Mineiros, "lugar sujo e nojento, frequentado por negros igualmente sujos e nojentos" acorados e apregoando aos berros frutas e guloseimas.

Subindo a rua Direita, declara a itinerante que a unica belleza de tal via residia na largura. Os edificios publicos da Alfandega, do Correio, da Bolsa e da Policia nada apresentavam digno de nota. Ninguem lhes prestaria a minima attenção, não fôra a multidão que a sua entrada estacionava.

No fim da rua havia grande praça. A nossa viajante a appellida de modo tal que nos dá a impressão de que allí e continuamente se praticava o conto do vigario: *Largo do Paco*. O que é a falta de simples cedilha!

Neste largo divisou o Palacio Imperial, grande mas de reles construcção, sem a minima architectura nem pretenção esthetica.

O chafariz do Mestre Valentim muito singelo e muito sujo, servia de albergue nocturno a indigentes e negros forros. De manhã, com a maior sem-cerimonia procediam os seus hospedes aos arranjos da toilette intima inteiramente alheios á presença dos transeuntes!

Das ruas do Rio as mais notaveis para a circum-navegadora austriaca eram as da Misericordia (?!) e a do Ouvidor.

Porque esta preferencia pela primeira é o que não podemos explicar. Valha-nos a palavra douta dos successores do nosso saudosissimo e eminente Vieira Fazenda.

Na rua do Ouvidor notavam-se as principaes lojas da urbs carioca. Mas ninguem esperasse alli encontrar as bellas lojas das grandes cidades européas. O que nella havia de mais notavel eram as montras de flores artificiaes, lindissimas, feitas com pennas de passaros, escamas de peixe e asas de insectos.

A duas grandes praças ainda se refere Ida Pfeiffer, ao largo do Rocio, "assaz aceiado" onde se viam o theatro da Opera, o palacio do Governo, a policia, e outros edificios e o campo de Sant'Anna.

Da primeira partiam linhas de omnibus para toda a cidade.

Horriavel immundicie a da segunda praça *podridero* de cães, gatos e até burros!

Como unico ornamento daquelle esterquilinio erguia-se um chafariz. E antes lá não estivesse! porque "como a agua doce é muito escassa no Rio a nobre corporação das lavadeiras estabelecera o seu quartel general ali perto sobre tudo por onde havia logar para qua-

rar a roupa". Tudo isto se fazia com enorme algazarra. Desta arte o melhor era o viajante tratar de se pôr ao fresco daquelles lavadouros pouco olorosos e decorosos.

Das igrejas cariocas só pareceram vistosas á viajante a de S. Bento e a Candelaria, "assim mesmo de longe".

As demais nada offereciam de curioso quer interna, quer externamente.

Casario construido á européa mas pequeno e mesquinho, quasi sempre terreo ou de sobrado. Dois pisos eram no Rio coisa rara. Nada de terraços e varandas ornadas de elegantes balaustradas e bellas flores. Sacadas desgraciosas e postigos massiços; escurecedores dos aposentos, eis a regra geral da época.

Isto aliás não tinha importancia, pois as brasileiras ignoravam o que seria cansar os olhos com leituras ou trabalhos de agulha.

Severo foi, pois, como vemos, o julgamento do Rio, em 1846, expellido pela viajante austriaca.

Nada de notavel tinha a capital brasileira a apresentar aos seus visitantes: quer quanto aos logradouros publicos quer quanto aos monumentos, affirma peremptoria.

Pessimo tambem o aspecto dos transeuntes das suas vias, criaturas repugnantes, pretos e mais pretos, de feios narigões chatos, labios grossos e cabellos curtos e encarapinhados. Além de tudo semi nús e miseravelmente andrajosos. Alguns se vestiam á européa com as roupas velhas, sovadissimas, de seus senhores. Para cada quatro ou cinco negros via-se um mulato e aqui ou acolá um branco.

E quanta miseria humana naquellas multidões: quantos casos de elephantiasis, e de cegueira. E quantos aleijões!

A fealdade geral do ambiente attingia até os cães e gatos, numerosos nas ruas e em sua maioria pelados, sarnentos ou cobertos de chagas.

Viessem visitar o Rio aquelles que se queixavam dos aspectos de Constantinopla onde, segundo o consenso geral, a contemplação do interior destruía a impressão externa.

Era bem verdade que a capital turca se apresentava muito suja, apinhada de casebres, cheia de viellas estreitissimas e turtuosas, percorridas por matilhas de cães repugnantes. Muitos dos seus aspectos offerecidos ao viajante nada tinham de pittoresco. Mas, ao menos, nella surgiam as construcções magnificas do tempo dos Arabes e dos Romanos, soberbas mesquitas, majestosos palacios, cemiterios immensos e bosques de cyprestes cheios de enlevo.

Ora passava um pachá ou um mufti cavalgando magnifico corcel e seguido de brilhante escolta. Logo depois viam-se turcos revestidos de bellos trajes nacionaes; turcas cujos olhos de fogo luziam atravez do véo; persas com os seus altos turbantes, arabes de nobres traços physionomicos, derviches ostentando bonés de jogral e mettidos dentro de saias femininas de babados.

De momento a momento passavam carros cobertos de pinturas e dourados, arrastados por bois magnificamente arreados.

Compensava isto de sobra ás scenas e aspectos desagradaveis aqui e acolá divisados.

O Rio de Janeiro porém nada possuía que pudesse encantar o viajante e dar-lhe compensações: "só tinha este ante os olhos objectos repugnantes".

Mas é o habito invencivel força assimiladora!

No fim de algumas semanas habituou-se, "um pouco", a nossa viajante ao aspecto dos negros e mulatos.

Chegou mesmo a achar algumas pretas moças dotadas de bonitos rostos. E entre as brasileiras e portuguezas, de tez um pouco escura, algumas physionomias cheias de expressividade: "O dom da belleza pareceu-lhe mais raro entre os homens".

Muito se exaggerava na Europa a animação das ruas cariocas. Ficava naturalmente atraz do bulicio das de Napoles ou Messina.

Quem mais barulho fazia eram os carregadores negros, sobretudo os da estiva do café. Monotona toada servia para lhes compassar a marcha. Mas tal cantoria era muito feia tendo porém a vantagem de avisar os pedestres e dar-lhes tempo necessario para se precaver dos esbarros.

Embora condemnados a todos os mais penosos serviços domesticos havia entre os pretos muitos que, aprendendo os officios, se tinham convertido em habilissimos profissionaes, capazes de confronto com os mais peritos brancos.

Viu Ida Pfeiffer, em officinas, diversos confeccionadores de roupas, calçados, tapeçarias e bordados de ouro e prata. E muitas pretas, assaz bem vestidas, trabalhar em roupas de senhoras, elegantissimas, assim como nos mais finos bordados.

Condoeu-se a austriaca da sorte dos africanos, e seus filhos, no Brasil.

Transportou-se em imaginação para as suas florestas nataes onde viviam selvagem mas livremente. E agora estavam condemnados ao confinamento em commodos e a trabalhos que tantos requisitos exigiam!

No emtanto, muito embora se pensasse que isto lhes seria summamente penoso pareciam conformados e até labutando alegre e prazerosamente.

Entre muitas pessoas esclarecidas existia o preconceito de que os negros tanto estavam abaixo do branco

que quando muito podiam passar como typo de transição entre os simios e os homens. E no emtanto eram-lhes flagrantes as provas de intelligencia e habilidade.

Com effeito, a differença de instrucção entre brancos e negros vinha a ser immensa. Mas esta não provinha da inferioridade intellectual e sim, exclusivamente, da deficiencia cultural.

No Brasil, como nos demais paizes coloniaes, era proposital manter-se o homem de côr numa especie de continua infantilidade, segundo a velha praxe dos Estados despoticos, pois o despertar deste povo oppresso podia ser terrivel.

No Imperio americano por exemplo, onde para cada branco havia quatro negros, não seria de se temer que, um dia, passasse a população branca á condição actual da preta?

A sorte dos captivos brasileiros não se mostrava comtudo tão deploravel quanto muitos europeus podiam pensar. Tratados assaz humanamente, não viviam sobrearregados de trabalho, tinham alimentação boa e sadia. Os castigos por elles soffridos não occorriam demais frequentes nem rigorosos em excesso.

Só a fuga provocava severa punição; ahi então surras pavorosas e o uso da grilheta.

Outro castigo penosissimo era o da focinheira, mascara de latão fechada atraz da cabeça por cadeado. Infligiam-n'o geralmente aos ebrios contumazes e aos comedores de terra e de cal.

Só uma vez viu porém a viajante um negro portador desta insupportavel mascara. Quando Ida Pfeiffer passou pelo Rio, escoava-se um dos ultimos annos do trafico, já bastante perseguido pela repressão anglo-brasileira. Dahi o facto de narrar a itinerante que em parte alguma vira mercado de escravos.

Apesar de prohibida a importação de africanos, chegavam estes aos milhares em nossa costa "por vias prentensamente secretas mas que todo o mundo conhecia e de que muitissimos tiravam proventos".

Os cruzeiros ingleses andavam vigilantes. De sua actuação depreciativamente trata a nossa viajante, a reflectir opiniões ouvidas no Rio. Quando um navio negreiro cahia em poder de algum cruzador "on his Majesty Service", passavam os pobres negros a ser tão livres quanto se chegassem ao Brasil.

Transportados para as colonias britannicas onde ao cabo de 10 annos deviam receber a liberdade que lhes succedia, no emtanto? Morriam todos... mas apenas nos papeis das declarações censitarias dos seus depositarios. E assim os pobres escravos continuavam escravos.

Observa a conscienciosa informante, comtudo, que tal informação ella a repetia tal qual a ouvira. Infelizmente não nos diz de quem.

Teve Ida Pfeiffer o ensejo de se pôr em contacto com a curiosa instituição servil do apadrinhamento.

Certo dia viu-se procurada por um pobre negro, a pedir-lhe que lhe servisse de madrinha. Pensou que se tratasse do baptismo ou do Santo Chrisma do escravo e admirou-se da novidade que se lhe deparou: o pedido de uma carta solicitando ao senhor do afilhado occasional que lhe perdoasse certa e grave punição.

"Muito me aprouve saber que dest'arte pude subtrahir o escravo ao castigo que o esperava".

Mal informada, attribue a bondosa senhora, porém, excessivo prestigio ás cartas de apadrinhamento, quer nos parecer. "Grave injuria praticava, para com os seus signatarios, aquelle que repellisse pedidos desta ordem".

Por precaução contra os crimes, possivelmente praticados pelos escravos, era o Rio de Janeiro bastante

bem illuminado e até a distancias consideraveis nos arabaldes. Depois de nove horas da noite a nenhum negro se permittia circular pelas ruas sem a permissão escripta do respectivo senhor. Quando algum era encontrado sem o tal papel a policia o encarcerava logo, raspava-lhe a cabeça a navalha e mantinha-o preso até que o dono viesse retiral-o da prisão mediante o pagamento de cinco mil réis de multa.

“Graças a tal medida, podia-se a qualquer hora da noite transitar, e com toda a segurança, pelas ruas do Rio de Janeiro”.

Sempre modesta pede Ida Pfeiffer aos leitores lhe perdoem as hypotheses e considerações expendidas pois pertenciam exclusivamente á alçada dos homens competentes.

“Uma mulher está pouco á altura de julgar estas altas questões. Nada mais pretendo fazer senão enunciar simplesmente as idéas que sobre os assumptos servis professo”.

Termina ella a digressão “ousando quasi afiançar que a sorte dos escravos no Brasil era, em summa, menos cruel do que a dos camponios russos, polacos ou egypcios. Entretanto estes não tinham o nome de escravos”.

II

*Theatros e Museus — Festividades religiosas — Cortejo imperial
—Baptisado da Princeza D. Isabel — Paradas militares —
O clima do Rio de Janeiro.*

Um dos grandes, dos enormes transtornos da vida fluminense em 1846 vinha a ser a falta de canalização das aguas pluviaes, conta-nos Ida Pfeiffer.

Chovia diluvialmente na cidade e as ruas passavam a ser o leito de vultosas torrentes.

Para as transpor era preciso que o transeunte se fizesse carregar por negros. Cessava de todo a vida urbana, ficavam as vias publicas desertas. De tal ordem a paralyzação que então nem sequer se cumpriam as obrigações inadiaveis dos titulos commerciaes! Quanto a um particular pouco afortunado pretender tomar carro nem pensar em tal se podia! dada a exorbitancia das tabelas dos cocheiros fluminenses.

Uma corrida no Rio custava o preço de um dia de aluguel de carro na Europa.

Curiosa praxe a que levava os cocheiros a cobrarem seis mil réis, tanto por simples corrida como por um dia inteiro do aluguel do seu vehiculo.

As sejes do Rio, antigas em sua enorme maioria, pareciam caleças de meia tolda, dispondo apenas de dois logares. Puxavam-nas uma parelha de bestas: o cocheiro cavalgava um destes animaes. Carros á ingleza, com cavallos, eram ainda rarissimos na capital do Brasil.

Tratando das instituições culturaes fluminenses refere-se Ida Pfeiffer á Academia de Bellas Artes, que chama das Artes Plasticas, ao Museu Nacional e ao theatro S. Pedro de Alcantara.

Da primeira fala com severidade. Na Academia via-se um pouco de tudo ou antes, para se falar propriamente, nada se via. Nas suas galerias notavam-se algumas estatuas, alguns bustos, de gesso quasi sempre, projectos architectonicos, desenhos e uma colleção de velhos quadros a oleo.

Teve a viajante a impressão de que todo aquelle acervo provinha do rebutalho de uma colleção particular de que se houvessem apartado as peças valiosas! A maioria dos oleos apresentava-se tão estragada que

mal permittia fazer-se a identificação dos assumptos que representavam, “o que aliás longe estava de representar uma infelicidade”, commenta a reparadora malignamente.

Residia-lhe o unico merito na venerabilidade da existencia. As cópias que de taes quadros faziam os alumnos da Academia contrastavam berrantemente com os respectivos originaes. “Se nos quadros antigos estavam os matizes esmaecidos, nas copias resurgiam com exaggerada intensidade”.

Toda a escala chromatica ali apparecia com o brilho de sua crueza inegral: os vermelhos, os amarelos, os verdes, nunca bem misturados ou sequer temperados, ainda menos fundidos unis aos outros.

“Fico a meditar se taes alumnos não queriam fundar uma nova escola de coloristas ou não pretendiam, em suas cópias, reparar os estragos que nos originaes fizera o tempo!”

Ha nestes conceitos da illustre viajante positiva exaggeração e real malevolencia.

Sabemos todos que no acervo de nossa Pinacotheca Nacional ha bom numero de indiscutíveis preciosidades de quadros de mestres legitimos, de primeira ordem, cujos nomes brilham na historia de varias das escolas de pintura do Universo.

Soubesse Ida Pfeiffer que ali se achava grande parte dos quadros da antiga collecção dos Reis de Portugal, transportada á America do Sul, com a invasão napoleonica e outras teriam sido as suas palavras. Levianamente se abalançou a tal julgamento certa de que a Pinacotheca do Rio se compunha exclusivamente de pinturas de artistas indigenas. Do alto de sua superioridade européa fez uma generalização que lhe não abona em nada

os creditos de conhecedora das coisas de arte. Senão vejamos. . .

Na Noticia do Palacio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro composta em 1850 (quatro annos portanto após a passagem de Ida Pfeiffer entre nós) pelo director da Academia Felix Emilio Taunay, encontramos referencias á existencia na nossa Pinacotheca Nacional de quadros devidos á palheta de varios dos maiores mestres.

Assim, por exemplo, Velásquez, Murillo, Van Dyck, Perugino, Dominichino, Carracci (Annibal), Caravaggio, Salvador Rosa, Wouvermans, Poussin, Greuze Canale, Canaletto, Guercinò, etc. além de esboços de Paulo Veronese, de Corregio. Tivessem estas diversas telas rotulos com os nomes de seus autores em destaque, e certamente a nossa viajante, impressionada pelo prestigio das assignaturas, não lhes menoscabaria o valor.

No corpo de alumnos da Academia de Bellas Artes viu a viennense tantos brancos quantos homens de côr, pretos e mulatos. Eram aliás pouco numerosos todos estes discentes.

Atrazadissimo pareceu tambem á nossa viajante o cultivo da musica na capital fluminense, sobretudo em materia de piano e canto.

Numerosissimas as moças de familia que tocavam e cantavam; praticamente; não havia familia em que a "arte euterpica" não encontrasse jovens devotas.

Mas a todas ellas faltava, por completo, o senso da cadencia, do compasso, da justeza dos effeitos de conjunto e sobretudo da finura musical. Era com real difficuldade que um amador esclarecido conseguiria identificar até as mais faceis e melodicadas peças, quando executadas pelas cariocas.

Melhorzinha se apresentava a musica sacra, embora a da Capella Imperial deixasse muito ainda a desejar.

A musica melhor, executada no Rio, vinha a ser a militar, cujas bandas se compunham, sobretudo, de negros e mulatos.

A opera fluminense, de muito mediocre aspecto externo, é que causava inesperada surpresa ao estrangeiro. Dispunha de grande e magnifica sala, lotada para dois mil ouvintes, e de um palco largo e profundo.

Quatro ordens de camarotes espaçosos, cujos balcões ostentavam artistico gradil formavam um conjunto do mais perfeito gosto. A' platéa não se permittia que concorressem mulheres.

Assistiu a itinerante a uma representação da *Lucrecia Borgia*. Bastante boa a companhia italiana, que representava a opera de Donizetti; com scenarios e rouparia tambem soffriveis.

Da sua visita ao theatro principal do Rio tivera Ida Pfeiffer agradavel impressão. O inverso se deu com a que realisou ao Museu Nacional. Nas salas, numerosas e vastas, deste instituto brilhava o material pela ausencia.

“Esperava que naquelle paiz tão ricamente aquinhoadado pela Natureza encontrasse grandes e ricas colleções. Mas qual! percorri vastos e numerosos salões que, algum dia, quiçá, se encherão mas que até agora estão assaz vazios”.

O que salvava a reputação do instituto fluminense era a collecção ornithologica realmente interessante e bella. A mineralogica apresentava-se deficiente. Quanto á entomologica e ao acervo de mammiferos, estes estavam abaixo de toda e qualquer critica.

O que mais excitou a curiosidade da viennense veio a ser uma serie de quatro mumias de raças selvagens, perfeitamente conservadas. Duas malaias e duas maoris.

Não pôde a visitante deixar de embevecer-se a contemplar, sobretudo, as cabeças da Nova Zelandia, inteiramente tatuadas, recobertas dos mais bellos e artisticos desenhos. E de tal modo bem conservadas que davam a impressão de que taes cabeças acabavam de pertencer a individuos vivos.

Era o Director do Museu Nacional, então, o botânico, assaz conhecido, Luiz Riedel, o antigo companheiro de Langsdorff, Adriano Taunay, Rubzoff e Hercules Florence, na expedição infeliz de Matto-Grosso, subsidiada pelos czares Alexandre I e Nicolau I. Estropia-lhe Ida Pfeiffer o nome, chamando-lhe Riedl. Contou-lhe o naturalista que as salas do seu Museu estavam em via de reparação. Contava o Governo Imperial dar á instituição nova e mais moderna organização.

A Ida Pfeiffer exprimiu Luiz Riedel o grande pesar que lhe ia na alma ante as condições desfavoraveis de seu estabelecimento. "Naquelle paiz, onde tão facil seria a formação de um museu rico, tão pouco se cuidava de tão util instituição!"

Visita curiosa foi a que a nossa itinerante fez ao esculptor Petrich, allemão, natural de Dresden.

Viera ao Brasil para fazer a estatua de D. Pedro II, e nesta trabalhava ainda. Ao monarcha representara de pé, em tamanho natural, revestido de todas as insignias majestaticas e tendo o manto imperial de arminho a cobrir-lhe os hombros.

Achou a itinerante optima a estatua em que sobre-sahia esplendida semelhança physionomica. Verdadeira obra de arte aquella! fôra a estatua tirada, com a maxima habilidade, de um bloco de Carrara.

Constou á nossa viajante que o monumento se destinava a um edificio publico.

Teve a circumnavegante o ensejo de, no Rio, assistir a diversas festividades religiosas.

A primeira occorreu a 21 de Setembro, na igreja de Santa Cruz (provavelmente dos Militares), celebrando-se então o dia do padroeiro nacional.

Desde pela manhã houve formatura de bastante tropa em frente ao templo. Suas charangas habilmente regidas executaram alegres dobrados. Entre 10 e 11 da manhã começaram a apparecer os dignitarios da Corôa e os altos funcionarios, por ordem hierarchica, a começar pelos menos graduados.

A' medida que iam entrando no templo recebiam "uma especie de mantosinho de seda vermelha escura que lhes cobria todo o uniforme. E quando apparecia algum official superior todos os militares já collocados levantavam-se e iam á porta da igreja esperar o recém-chegado que respeitosaente levavam á sua poltrona".

Singular cerimonia e exquisitas capinhas as taes de seda vermelhas!

Afinal chegaram os soberanos do Brasil.

Causou o Imperador optima impressão á viajante, em sua extrema mocidade (ainda não tinha 21 annos). "Muito alto, com os seus seis pés inglezes, parecia muito robusto. A imperatriz, pequena e delgada, apresentava real contraste com as formas athleticas do marido".

Após os imperantes, entrou a sua Côrte e começou a missa solenne, ouvida com muito respeito.

Terminada a cerimonia partiram os soberanos a tomar o seu coche dando as mãos a beijar á assistencia. Notou Ida Pfeiffer, bem impressionada, o character democratico destas homenagens. Qualquer pessoa podia aproximar-se dos Imperadores, e não só os grandes dignitarios do Imperio.

Ignorante das praxes e costumes da terra que visitava, transmite-nos a viajante a extranheza que lhe causara a cerimonia dos officiaes que aos hombros pu-

nham o manto vermelho, a opa symbolica da sua affiliação á secular e benemerita Irmandade da Santa Cruz dos Militares.

Muitas vezes quantos depoimentos, estramboticos como este, não provêm no emtanto de factos tão facilmente explicaveis!

Foi a segunda festa ainda muito mais brilhante do que a primeira: a de 19 de Outubro. Era especialmente consagrada ao Imperador e celebrou-se na Capella Imperial.

O brilhantismo da cerimonia tornou-se muito maior, devido ao facto da assistencia não se cobrir “com os taes mantos de seda, tão desgraciosos, da Igreja da Santa Cruz”.

Continuava a nossa viennense sem a chave do enigma simplista que lhe causara tanta admiração. Seria interessante que na Capella Imperial usasse a assistencia as opas da Irmandade da Santa Cruz dos Militares!

Soberba e deslumbrante assistencia aquella que enquadra por lanceiros do piquete imperial, em uniforme de gala, alli concorreu.

“Ninguem pôde calcular a profusão e a riqueza dos bordados a ouro, dragonas, crachats, veneras e distintivos de toda a especie, cravejadas de pedrarias. Custa-me crer que se veja coisa igual em qualquer das côrtes da Europa!”

Depois da missa voltou o cortejo imperial ao Paço da Cidade, acompanhada dos embaixadores das potencias estrangeiras, pelo passadiço que ligava a Capella ao velho palacio dos Vice-Reis.

Houve então beija mão geral de que se abstiveram os diplomatas. Contentaram-se em fazer respeitosa reverencia aos imperantes.

Causou a homenagem do beija mão desagradavel impressão á viennense. "Edificante cerimonia!" annota ironicamente.

O ribombo das salvas dos navios e o das fortalezas alegraram durante largas horas o ambiente fluminense e guanabarino.

No dia de Finados extranhou Ida Pfeiffer que grandes columnas de visitantes transitassem de igreja em igreja, com o fito de ali orarem. Teve, porém, a explicação do caso quando soube que não havia na cidade cemiterios, sendo todos os sepultamentos feitos nas igrejas.

Achou, porém, singular a ornamentação dos jazigos contiguos aos diversos templos, onde as urnas ossuarias eram collocadas sobre mesas altas, ricamente adornadas de flores e fitas e illuminadas por candelabros e lustros com centenas de velas.

Desde a manhãzinha até meio dia enorme multidão concorreu ás igrejas, sobretudo feminina. Notou a observadora a circumstancia de que a assistencia masculina compunha-se sobretudo de rapazolas. E estes se mostravam tão curiosos de ver as moças quanto os da Europa.

O peor é que muitas das mulheres, moças e meninas, usavam, no Rio, nesse dia, horrendos toucados, com um véo negro que lhes escondia o rosto. Era aliás então prohibido ás cariocas entrarem na igreja de chapéo.

Teve Ida Pfeiffer o ensejo de voltar á Capella Imperial para assistir a nova cerimonia do mais alto brilho. Realisou-se a 15 de Novembro de 1846 e serviu-lhe de pretexto o baptismo da Princeza Imperial, futura Regente, Isabel a Redemptora.

Tinha a infanta brasileira tres mezes e meio de idade, pois como se sabe nascera a 29 de Julho daquelle anno de 1846.

Não era então Princesa Imperial, como suppoz a nossa viajante, pois ainda vivia o primogenito de D. Pedro II, o Príncipe Imperial Dom Affonso, nascido a 23 de Fevereiro de 1845 e fallecido a 11 de Junho de 1847.

Para esta solennidade da maxima importancia dynastica fôra o Paço da Cidade ligado á Capella Imperial por grande galeria descoberta.

A's tres horas da tarde chegou a tropa a formar no largo do Paço. E as musicas militares começaram a executar bellas melodias, entre as quaes voltava sempre o hymno nacional brasileiro, composto por D. Pedro I.

Queremos crer, comtudo, que haja ahi manifesto engano da viajante. Já nessa época (1846) era, desde muito, corrente o nosso Hymno Nacional. Em sua bella monographia *Francisco Manoel e o Hymno Nacional*, demonstrou Max Fleiuss, cabalmente, que a arroubada composição do maestro carioca deve ter sido escripta em 1831 nas immediações do 7 de Abril. E a tal opinião corrobora a de Alberto Pimentel, adduzida pelo douto amigo e incansavel pesquisador dos nossos fastos.

Assim ainda allega Max Fleiuss o factó de existir na Bibliotheca Nacional um manuscripto, datado de 1834 do Hymno Nacional e a circumstancia de se haver elle sido cantado por ocasião da coroação de Dom Pedro II.

O que Ida Pfeiffer deve ter ouvido é outra coisa: o Hymno Nacional e os da *Independencia* a saber o tão popular outrora *Já podeis da Patria filhos ver sorrir a Mãe gentil*, de Marcos Portugal e um outro da lavra de Dom Pedro I.

Emquanto as charangas tocavam enthusiasticamente iam chegando coches de que desceram cavalheiros e damas ricamente vestidos.

A's quatro sahiu o cortejo do Palacio. A' testa deste sequito marchava a banda de musica imperial, cujas figuras envergavam fardas de velludo vermelho.

Seguiam-na tres arautos, sumptuosamente vestidos de trajas hespanhoes antigos, com chapéos de plumas, magnificamente ornados, e roupas de velludo negro. Logo atraz destes pregoeiros imperiaes desfilou verdadeira multidão de convidados, os Grandes do Imperio: veadores e camaristas, juizes e magistrados de todos os tribunaes, senadores e deputados, conselheiros de Estado e ministros, officiaes generaes de terra e mar, medicos e altos dignitarios da côrte, ecclesiasticos de todas as categorias, etc. etc.

Findo este desfile enorme, surgiu um veador, carregando, numa almofada magnifica, de velludo branco recamado de ouro, a princezinha baptisanda.

Atraz deste alto personagem caminhava o Imperador, ladeado da ama de leite da Infanta e rodeada pelos mais altos dignitarios de sua Côrte, homens e mulheres.

Quando o monarcha passou por sob o arco de triumpho da galeria, diante do portico da igreja, tomou a filha nos braços e apresentou-a ao povo.

Esta cerimonia commoveu immenso Ida Pfeiffer, que achou tal gesto "muito conveniente".

Já a Imperatriz, com as suas damas de honra, estava na igreja á espera do imperial esposo. Começou a cerimonia immediatamente e toda a cidade soube, pelas salvas da artilharia dos fortes e dos navios de guerra, e as descargas de fuzilaria, que a filha de seus monarchas cessara de ser pagã.

Subiram aos ares foguetes e explodiram incontaveis morteiros. A tal proposito nota Ida Pfeiffer que a seu ver era esta pratica brasileira ridicula. E comica até! pois em qualquer festa de igreja queimavam-se fogos em pleno dia!

Depois do baptisado permittiu-se ao povo a visita á Capella Imperial. Achou a viennense a igreja ornamentada com infindo gosto e o maior esplendor. Magnificas tapeçarias de velludo, franjadas de ouro, recobriam as paredes. Riquissimos tapetes viam-se no solo da igreja. No meio da nave, sobre grandes mesas, ostentava-se o thesouro da Capella Imperial.

Grande profusão de bellas peças, buretas de ouro e prata, pratos e bacias, immensas patenas, navetas, ciborios, ricamente cinzelados e esculpidos, prataria enorme, emfim! Em soberbos vasos de crystal viam-se lindas flores e sobre massiços candelabros de prata ardia incontavel quantidade de velas.

Em mesa separada, perto do altar-mór, viam-se os vasos magnificos e os objectos usados na cerimonia do baptismo da princezinha. E numa capella lateral o berço de Dona Isabel, coberto de setim branco franjado de ouro.

A' noite houve illuminação geral ou antes dos edificios publicos.

“Porque, explica a nossa viajante, os particulares não são convidados a illuminar suas fachadas. Os que querem fazel-o contentam-se em collocar algumas lanternas ás janelas que dão para a rua. Isto se explica facilmente se dissermos que taes illuminações duram, as vezes, seis a oito dias. Em compensação os edificios publicos foram, de alto a baixo, ornados de lampadas que formavam verdadeiro mar de fogo”.

“Unicas no genero e encantadoras” achou Ida Pfeifer as festas militares que, durante varias noites, realisaram-se em diversos quarteis do Rio, em homenagem ao baptisado da princezinha.

A estas festividades concorreu o proprio Imperador. "Foram as unicas que durante a minha permanencia no Rio não tiveram aspecto religioso, affirma a viennense.

"Como actores representavam os proprios soldados, entre os quaes havia sido feita uma escolha dos mais vistosos, ageis e elegantes para figurarem como dançarinos e manobristas. A mais esplendida destas festas occorreu no quartel hoje da Policia Militar carioca, caserna que a viajante affirma ter-se então chamado *Lue Barbone* (sic!).

No grande pateo da caserna da rua dos Barbonos havia sido construida uma galeria semi circular "armada com muito gosto", no meio da qual se via pequeno templo onde, em destaque, surgiam os bustos do Imperador e da Imperatriz.

Tal galeria se destinava ás damas elegantes da alta sociedade que compareceram adornadas como se tivessem de concorrer ao mais brilhante baile. A' entrada do quartel eram recebidas pelos officiaes e levadas aos seus logares.

"Em face da galeria havia um palco ladeado de bancos para senhoras de menor posição social. Atraz destes bancos ficavam os cavalheiros. A's oito começou a representação, após uns tantos numeros de orchestra.

Figuraram, em diversos entremezes, soldados vestidos de escocezes, polacos, hespanhoes, etc.. Nem faltavam as dançarinas, naturalmente tambem simples soldados. O que mais me espantou foi observar que os trajes e maneiras destas pretensas dançarinas eram de extrema decencia.

Fiquei verdadeiramente surpresa da correcção e apuro das danças e evoluções tanto quanto da perfeita harmonia que caracterisava toda a representação".

A ultima festa a que Ida Pfeiffer assistiu, no Rio de Janeiro, foi a de dois de Dezembro, solennidade do dia natalicio de Dom Pedro II, que, em 1846, completava 21 annos de idade. Após a missa solenne houve cortejo e grande beija-mão. Puzeram-se depois o Imperador e a Imperatriz a uma das sacadas do Paço e a tropa, puxada pelas suas musicas, desfilou perante elles.

Desta revista dá-nos a viennense esta impressão:

“Difficil será achar alguma tropa mais ricamente fardada do que aqui. Um soldado raso poderia facilmente, alhures, passar por tenente ou pelo menos por official subalterno.

E’ pena, porém, que a estatura, a côr e o aprumo não corram parellas com o fardamento. Vê-se um menino de quatorze annos, ao lado de um homem grande e forte e um preto ao lado de um branco. Nos quadros do exercito preenchidos pelo recrutamento o prazo dos serviços das praças é de quatro annos”.

Da natureza fluminense vieram a Ida Pfeiffer decepções.

Della muito ouvira falar, e com os maiores gabos, referentes ao firmamento sempre puro e risonho, aos encantos maravilhosos de sua eterna primavera. Explica a viajante as causas do seu desapontamento.

“E’ verdade que a vegetação aqui é talvez mais rica e mais abundante do que em qualquer paiz do mundo. Quem quizer ver a natureza na plenitude de sua fecundidade, e em constante actividade, deve ir ao Brasil. Ninguem creia porém que tudo ali seja bello e não haja motivos para a diminuição das primeiras impressões recebidas”.

A principio contemplavam os viajantes, com alegria, aquella continua verdura, “adereço constante da primavera”. Mas afinal, passado algum tempo, acaba-

vam todos convindo que, com o tempo, tudo aquillo perderia o encanto.

Pudera! *L'ennui naquit un jour de l'uniformité* é aphorismo que ninguem contestará.

“Um pouco de inverno seria desejavel: o despertar da natureza o reflorescimento das plantas, a volta dos perfumes balsamicos da primavera são tanto mais agradaveis quanto já desde alguns mezes delles todos sentiam a falta”.

O clima e a atmospheria cariocas achou-os a viajante extremamente pesados e desagradaveis. E o calor acabrunhador, embora nesta época do anno ainda não passasse de 24 graus centigrados á sombra.

Já a viajante, no Egypto, supportara temperaturas muito mais elevadas, mas o clima de lá era secco ao passo que o do Rio se caracterisava por enorme humidade.

Muita nebulosidade e cerração viu a nossa circumnavegadora pairando ou envolvendo a cidade capital do Brasil. “As montanhas, as elevações e ás vezes bairros inteiros ficam mergulhados em profunda escuridão (sic!) e a atmospheria apresenta-se carregada de nevoeiros humidos. (sic).

Esta “profunda escuridão” do pretenso *fog* carioca, onde teria ido buscal-o a nossa viennense? Que imaginação exaltada! diremos nós que conhecemos as coisas de nossa terra!

Um despropósito de tal ordem não cerceia, singularmente, o valor dos relatos de Frau Ida Pfeiffer, *née von Reyer*?

Em Novembro sentiu-se a itinerante muito deprimida e em continuo mal estar. Achava-se, sobretudo, quando na cidade, oppressa, cansada, esgotada. Se se curou deveu-o á bondade e affeição do sr. Geiger, secretario do consulado austriaco e de sua mulher. Tiraram-

na do Rio e trataram-na com o maior desvelo. Attribute a viajante á extrema humidade carioca, a que não estava habituada, a depressão soffrida.

Ao inverno guanabarino faz Ida Pfeiffer elogios; de Junho a Outubro era sereno e secco e suas medias thermometricas mostravam-se muito agradaveis, pois oscillava a temperatura entre 14 e 18.

Bom tempo então para as viagens no interior brasileiro. Falaram-lhe dos grandes temporaes do Rio, mas ella não viu senão tres, realmente de certa importancia em que "os relampagos continuos formavam no horizonte ininterruptos circulos de fogo". Em compensação os raios mostravam-se mediocrementes fortes e taes tempestades nunca duraram mais de hora e meia.

III

Ascensão ao Corcovado — A Quinta da Boa Vista — Flagellos entomologicos — Desconforto da vida carioca — Censuras asperas cabidas e descabidas — Advertencias aos immigrantes europeus — Excursão á Tijuca e Jardim Botânico.

Relata Ida Pfeiffer a sua ascensão ao cume do Corcovado, cuja altitude diminue de algumas dezenas de metros, aliás. A tal passeio, convidada pelo Sr. Geiger, partiu levando ainda em sua companhia o Conde de Berchthold e outro austriaco o Sr. Rister.

Ao reflectir que estava a primeiro de Novembro, achou a vienense interessante desfrutar o brilho do sol e a alegria de um céu sem nuvens quando, áquella altura do anno, em sua cidade natal occorriam chuvaradas sem conta e ventanias continuas.

Sahida do centro da cidade pela madrugada, acompanhou a caravana o aqueducto da Carioca durante hora e meia.

Fazia muito calor como geralmente succede no Rio de Janeiro nas vizinhanças de Finados. A marcha através da mataria suavisava a sombra, pois que os thermometros expostos ao sol attingiam 38 graus.

Em determinado ponto, perto de uma fonte, surgiu um negro athletico, carregando enorme cesta de victualhas.

Agradabilissima aquelle pic-nic em que a alegria condimentou o repasto *sur l'herbe*, sem que comtudo houvesse necessidade de supprir a falta de assado por alguma pilheria boa. Não, a cesta sob a qual gemera e suara o pobre escravo trazia no bojo verdadeiro festim de Camacho.

Retemperados por tão lauto almoço, continuaram os ascensionistas do Corcovado a excursão.

Trabalhosa se lhes apresentou a derradeira etapa da subida por entre desnudadas rochas que o sol calcinava.

Tambem quanta compensação a tal sacrificio! que espectaculo proporcionava aquelle panorama estupendo, como poucos podia o Universo offerecer.

“Se algum dia ao Rio de Janeiro fordes, aconselha Ida Pfeiffer aos seus leitores, arroubadamente: não deixeis de realizar esta excursão. Contemplareis, numa visão unica, as opulencias com que a Natureza dotou os arredores desta cidade, com prodigalidade tamanha”.

“Alli vereis florestas virgens que se não dispõem da riqueza da seiva das do interior do Brasil, nem por isto, deixam de ostentar notavel força vegetativa”.

“Vêem-se ali mimosas e fetos de gigantescas dimensões, palmeiras, cafeiros agrestes, orchidaceas, plantas parasitas e trepadoras, flores e arbustos. Innumeros pas-

saros das mais variegadas cores; enormes borboletas, insectos dos mais brilhantes matizes, volitam, saltitam de flor em flor, de galho em galho”.

“Efeito verdadeiramente admiravel é o que decorre, na escuridão nocturna, das myriades de vagalumes espalhados até a copa das arvores e brilhando através da folhagem e da verdura como outras tantas estrelas”.

Em 1846 passava entre os cariocas por muito difficil a ascensão do Corcovado.

Verificou a viajante austriaca quanto pelo contrario era tal excursão desprovida de tropeços serios. Demandava tres horas e meia quando muito. E tres quartos do caminho total eram perfeitamente venciveis a cavallo.

Tratando dos “castellos da Familia Imperial Brasileira”, dá-nos a viennense as suas impressões dos nossos modestissimos paços majestaticos,

O “castello *Christovão*” (sic), situado a meia hora do Rio de Janeiro, e onde o Imperador residia o anno inteiro, quasi servindo de séde do seu governo, este era pequeno. Não tinha destaque algum quer pela elegancia, quer pela imponencia da architectura. Um unico merito lhe assistia o da collocação, està com effeito esplendida.

Envolvia-o insignificante parque disposto em terraços até o fundo do valle. O que na Quinta da Boa Vista se mostrava realmente digno de nota vinha a ser o jardim de plantas imperial e a parte relativa ás sementeiras: ambas interessantissimas, sobretudo para os Europeus.

Ali crescia grande quantidade de especies proprias das estufas europeas ou as que nos climas frios apenas attingiam dimensões minusculas.

Por lá estive a itinerante a passeio, em companhia do mais competente cicerone, o proprio director do Jardim Botânico, Luiz Riedel, que a nossa Ida Pfeiffer con-

tinúa a chamar Riedl. Foi elle quem lhe pediu especial attenção para as plantações de chá e os bambuaes.

Outro jardim imperial, o do Cajú, o da *Ponte de Caschú*, no dizer estropeado da nossa itinerante, ficava a uma legua da cidade.

Em tal parque o que havia de interessante era a presença de tres mangueiras immensas, notabilissimas pela idade e a corpulencia, cobrindo uma circumferencia de mais de 25 metros e já estereis pelo numero dos annos. Terminado o seu aliás minguadissimo capitulo sobre os passeios fluminenses assignala ainda Ida Pfeiffer a visita ao morro do Telegrapho (*Castello*), ao Jardim Publico, á *Praya do Flamengo*, assim como aos conventos da *Santa Gloria* (sic) e da Santa Teresa.

Pobrissimos, informes como vemos.

Coisa que a Ida Pfeiffer causou desagradavel impressão foi a extrema nebulosidade do ceo fluminense. Entre 16 de Setembro e 9 de Dezembro raros os dias, affirma, em que visse o firmamento desanuviado.

Nem comprehendia como os viajantes viviam a apregoar a pureza dos céos brasileiros, serenos e azues, "E' que haviam visitado o paiz em época diversa daquella em que o fiz", annota com uma ingenuidade quasi "lapalissica", em sua generalização — para territorio do tamanho do nosso — do que vira nas praias guanabarinhas.

"No Rio não tive o ensejo de observar, nem tardes longas nem crepusculos bellos; logo após o occaso tratavam todos de voltar a casa porque as trevas e a humidade surgiam immediatamente". O crepusculo, quando muito, durava de 20 a 30 minutos apenas". Nova generalização, exaggerada, bem o sabemos.

Flagello da vida fluminense era a presença de incontavel sevandija de formigas, baratas, bichos de pé e pernilongos.

Ahi com certeza toda a razão assistia á queixosa., O saneamento actual do solo carioca trouxe tal diminuição do poder offensivo das pragas entomologicas, que os actuaes habitantes do Rio nem por sombra avaliam o que era a abundancia dessa fauna inferior assoladora dos seus maiores.

Diz Ida Pfeiffer ter presenciado a passagem de correções de formigas, interminaveis, desfilando horas e horas quatro e seis ás vezes. A sua hospedeira, a consuleza austriaca, vira-se certa ocasião acordada pelo prurido pavoroso proveniente da passeata de formigas pelo seu corpo.

Ai dos cariocas que não guardassem a roupa, e o que possuíam de destructivel, em latas de folha hermeticamente fechadas! E ai dos que, de tempos a tempos, não revistassem o conteudo de taes bahus.

Meia pagina consagra a viajante a descrever os malficios dos bichos de pé, e a ensinar os meios de os pacientes se libertarem do maldito *pulex penetrans*, hoje *sarcopsylla*, se não nos trahe a memoria, bichinho totalmente incognito ao carioca das gerações modernas, que jamais haja sahido do seu querido asphalto.

Irritada com as aggressões soffridas por parte de nossa hélas! por demais abundante riqueza entomologica, que lhe proporcionara numerosas noites mal dormidas e algumas passadas em claro, enxergou Ida Pfeiffer com maus olhos e verdadeira injustiça muitas das coisas do nosso paiz.

Terra que tinha café e açúcar, não havia duvida, mas incapaz de produzir muitas das coisas essenciaes aos civilizados. Onde o trigo? As batatas optimas e as frutas deliciosas da Europa? Os tuberculos brasileiros, adocicados, e até certo ponto saborosos, não podiam de todo supportar o confronto com a batata de Parmentier,

melhorada no Velho Mundo. Frutas boas do Rio só as laranjas, bananas e mangas.

Os tão gabados ananazes fluminenses não tinham nem grande aroma nem grande sabor. Provara a nossa reparadora abacaxis infinitamente mais saborosos “pro-vindos de estufas européas”! (sic)

Quanto ás demais frutas brasileiras era o caso de, a seu proposito, repetir-se o famoso alexandrino:

Le reste ne vaut pas l'honneur d'être nommé

Queixa-se a nossa viajante de dois artigos essenciaes da alimentação fluminense. E provavelmente com carradas de razão. Façamos-lhe justiça. Pareceram-lhe muito deficientes a carne e o leite vendidos no Rio. A carne, por demais enxuta e fibrosa; o leite, aguadissimo, baptizado e rebaptizado.

“Em summa, philosopha a circumnavegadora, quer consideremos o conjunto das coisas, quer os seus pormenores, comparando vantagens e inconvenientes, penderá a balança, a principio, para o lado do Brasil, mas infallivelmente depois descambará para o da Europa. Aos olhos do viajante é o Brasil, talvez, o mais interessante dos paizes da America, mas como residencia habitual não hesitarei em affirmar que prefiro a Europa.”

Avança a nossa Ida Pfeiffer que se não atrevia a discorrer sobre os habitos e costumes do Brasil, visto como delles não adquirira largo conhecimento, devido á exiguidade de sua permanencia no paiz.

Assim, a tal respeito, se limitaria a dar aos leitores algumas informações apenas.

Era natural que na antiga America portugueza imperassem os costumes portuguezes; pois os brasileiros não passavam de lusitanos de ultramar. Com a transmigração tornara-se obvio que alguns habitos se tivessem modificado, outros, nascido e outros ainda perdido.

Os europeus emigrados á America distinguiram-se pela pavorosa ganancia: por uma sêde de ouro que chegava a ser frenetica transformando, frequentemente, o europeu, pusillanime na terra natal em verdadeiro heroe do Novo Mundo!

Haveria por exemplo maior demonstração de coragem do que esta que levava um branco a viver só, numa fazenda, no meio de varias centenas de escravos promptos á revolta, a qualquer momento? E longe de qualquer soccorro, tendo sempre diante de si a perspectiva de morte irremediavel, apenas se desse um levantar servil?

Mas esta ganancia dos immigrants não vinha a ser exclusivo apanagio masculino. A's mulheres espicaçava a mesma *auri sacra fames* do velho brocardo.

Para documentar tal asserção refere a viajante que no Rio era muito costume presentear os maridos as suas mulheres com escravos de ambos os sexos que ellas ferozmente exploravam matando-os de trabalho.

A's escravas ensinavam a cozinhar, coser e bordar. Alugavam-nas como criadas aos estrangeiros ou á gente que não apreciava possuir escravos.

Havia muitas pessoas que se vestiam elegantemente graças aos proventos resultantes das officinas e lavanderias onde trabalhavam mucamas. Outras senhoras mantinham *ateliers* de bordados e costuras em que se faziam trabalhos elegantes e finos.

Tudo isto confere. Mas o que não nos parece accetavel vem a ser certos pormenores de costumes que a viajante nos attribue: a saber por exemplo que entre os commerciantes e os artifices reinava a praxe de os maridos fixarem ordenados ás mulheres quando estas os ajudavam em seu trabalho.

Em 1846 pagava-se no Rio de Janeiro por uma criada cinco e seis mil réis de ordenado mensal. Uma cozinheira vencia doze. Recebia uma ama de leite de vinte a vinte dois mil réis; um bom official de officio chegava a ganhar de 25 a 35.

Da moralidade da capital brasileira avança Ida Pfeiffer que era pouco satisfatoria. E tal estado de coisas provinha do facto de que a primeira educação das crianças confiavam-n'a os paes fluminenses aos escravos de cuja sensualidade provinha uma corrupção geral e muito precoce.

Generalizando, novamente, e a julgar pelas apparencias, segundo o seu ponto de vista europeu, avança a viajante absurda conclusão.

“Em parte alguma do mundo se verão crianças pallidas e gastas como as do Rio”, como se as influencias climatericas anemiantes para nada devessem ser levadas em linha de conta.

Teve Ida Pfeiffer a impressão nitida de que nos meios brasileiros reinava muita falta de crenças religiosas.

“O Brasil é profundamente catholico, affirma, e sob este ponto de vista só a Hespanha, a Italia poderão talvez ser-lhe comparadas”.

“Quasi diariamente occorrem procissões, novenas, festas religiosas. Mas tudo isto não passa de pretexto para divertimentos a que se acham inteiramente alheios os principios religiosos”.

A estas duas causas, á licenciosidade e a irrelição, se devia a frequencia dos homicidios no Brasil de 1846 onde muito menos se matava para roubar do que para a satisfação dos sentimentos de odio e da vingança.

Muito commum que parã tal fim lançassem mão os poderosos de mandatarios vilmente pagos, ou escravos.

O homicidio e a impunidade frequente do crime eram pois dois velhos flagellos brasileiros causando ao europeu civilizado pessima impressão.

Amargamente relata a viajante que no dizer popular do Rio de Janeiro quando um criminoso era rico pouco se lhe dava de lhe descobrirem ou não o crime "porque o ouro tudo fazia arranjar".

Coisa que lhe causou maior escandalo foi porém não haver reprovação social effectiva para os autores de assassinatos. "Vi no Rio de Janeiro alguns homens accusados não de um homicidio mas de diversos. E não só gozavam da liberdade como tinham entrada em todas as rodas".

A tolerancia brasileira attingia inconcebiveis limites.

De tudo quanto viu e soube do Brasil, fez Ida Pfeiffer um apanhado que a habilitou a endereçar alguns conselhos áquelles de seus compatriotas tentados a emigrar para o imperio sul americano. E o que escreveu altamente lhe abona o criterio e os sentimentos.

Antes do mais quiz abrir os olhos aos pobres rebanhos humanos facilmente engodaveis pela visão magnifica dos pretensos eldorados americanos. Não se esquecessem os immigrants, um minuto sequer, de quanto vivia a Europa cheia de individuos infames a quem os negreiros da Africa não levavam a melhor em materia de baixaza de sentimentos.

Eram estes miseraveis os que a cada passo alardeavam aos seus patricios as riquezas da America, a belleza dos paizes ultramarinos, a fertilidade do solo do Novo Mundo e a falta de trabalhadores que nesta par-

te do globo havia. Tudo isto apenas com o fito de levar aos navios transportes, e a tanto por cabeça, o gado humano, a quem arrebatavam as migalhas de sua pequena economia.

Viu Ida Pfeiffer chegar ao porto do Rio diversos de taes barcos apinhados de immigrants espontaneos alliciados de tal modo.

O governo brasileiro em nada valera a estes miseros. E aliás nada o obrigava a isto.

Não tinham dinheiro algum. Não podiam comprar terras nem apresentar-se como trabalhadores nas propriedades agricolas brasileiras onde ninguem delles quereria saber pois estavam todos convencidos de que o clima prostrava em breve prazo os europeus que se punham a trabalhar na agricultura.

Não sabiam os desventurados immigrants teutos o que fazer. Encheram-se de mendigos as ruas do Rio e afinal tiveram os recém-chegados de se resignar aos mais sordidos empregos.

Os immigrants chamados pelo Governo brasileiro estes entravam em condições incomparavelmente mais favoraveis, recebendo lotes, viveres e alguns recursos para começarem vida nova.

Ninguem emigrasse sem trazer ao menos algum dinheiro! aos que vinham sem vintem triste sorte aguardava: as privações e as molestias arrebatavam fatalmente a maioria destes imprudentes. Pequena porcentagem dentre os que tinham uma saude de ferro conseguia vencer. Isto mesmo após enorme fadiga.

Só assim conseguiam estes seleccionados da energia arranjar situação melhor do que a antiga em seu paiz natal.

Os unicos que tinham melhores ensanchas de triumpho eram os artifices. Collocavam-se sempre melhor e

mais depressa. Mas assim mesmo, agora, com a affluencia de immigrants especializados e a habilidade crescente demonstrada pelos negros, nos differentes officios, dia a dia diminuiam as probabilidades de exito no Rio de Janeiro, mesmo para os bons officiaes.

“Antes de deixar a patria aconselhava a viajante: deve o immigrant reflectir longa e maduramente e sobretudo procurar informar-se muito, afim de se não deixar engodar por enganosas esperanças.

Tanto mais terrivel a decepção quanto surge quando o mal se tornou irremediavel e a victima succumbe prostrada pelas privações e a miseria”.

Nas informações estatisticas sobre o Brasil pelas quaes se encerra este capitulo dá-nos Ida Pfeiffer alguns informes, frequentemente de autoridade pittoresca, em materia geographica, historica, social e economica.

Assim affirma que o Imperio tinha 6 milhões de habitantes dos quaes 900.000 brancos e 3 milhões de negros escravos. O Rio contava então 215.000 habitantes. Das linguas do Brasil a mais falada era o portuguez (sic).

Em materia de historia o mais exacto informe é talvez que até 1822 fôra o Brasil um vice-reino.

Estranhou immenso a viennense que no paiz do ouro e das pedras fosse o numerario quasi que só papel impresso.

O ouro e a prata brasileiros eram conservados em barras ou expedidos para o estrangeiro”.

As nossas moedas nacionaes metallicas chamavam-se: o meio “vinte e um” (sic) que valia 10 réis; o “vinte e um” (20 réis), o duplo “vinte e um” (40 réis) a pataca (320 réis) e o cruzado (400 réis).

E com estas noções monetarias novas ficamos sabendo, mais uma vez, quanto podem valer, frequente-

mente, os informes dos individuos que referem coisas de uma lingua diversa da sua.

O estrambotico “vinte e um” da viajante austriaca não era coisa diversa da palavra vintem interpretada lá a seu modo, pelas suas oiças germanicas.

E assim se propalam e se divulgam as coisas estrangeiras mercê das interpretações inconscientemente irresponsaveis.

Interessante descripção nos dá Ida Pfeiffer de sua excursão á cascata da *Teschuka* (sic).

Para o que hoje se chama a Volta da Gavea, venivel em pequeno numero de horas, como todos sabem, era então necessario gastar-se nada menos de dois dias, affirma-nos a *globe trotter*. Verdade é que neste computo se incluiam as diversas horas exigidas pela visita demorada ao Jardim Botânico.

Não nos esqueçamos porém de que tal excursão foi feita quasi sempre pela forma a que a giria chama o processo do *calcante*.

Partiram Ida Pfeiffer e o seu compatriota o conde Berchtold num omnibus que os levou ao *Andaraky* (sic). D'ahi seguiram a pé serra acima, atravez de trechos florestados e pequenas collinas onde se notavam elegantes casas de campo situadas a pouca distancia dessas emi-nencias e ao longo da estrada.

Após uma legua de marcha encontraram uma cascatinha “nem alta nem abundante apesar de ser a mais notavel dos arredores do Rio”.

Seria a Cascatinha Taunay? Parece-nos que não, pois se ella não avulta pelo menos bem alta é como todos sabem. E estranhará o leitor advertido que nem uma só linha de impressões consagre a viajante á paisagem admiravel que enquadra a lindissima cachoeira do Maracanã,

Mais uma hora de estrada e os dois itinerantes atingiram pequena eminencia de onde se percebia um valle de pittoresco aspecto.

Faz-nos a descripção da viennense suppor que se trata das tão conhecidas furnas de Agassiz, "as furnas do indio Agassiz" (!) como costumava certo e pretenciosissimo personagem de antanho, metido a erudito. dizer, segundo relata Max Fleiuss entre outras anedotas narradas com immensa graça creio que a enfeitar um pouco a reputação já consideravel do "eminente sabedor" de nossas coisas.

"Parte lembrava verdadeiro chaos, descreve a viennense, outra um jardim florido.

A' primeira occupavam blocos de granito entre os quaes se erguiam outras pedras colossaes enquanto em outros lugares se superpunham grandissimos penedos.

De outro lado viam-se as mais magnificas arvores frutiferas no meio de luxuriante verdura. A este valle pittoresco envolviam bellas montanhas, por tres lados Está o quarto desimpedido e proporciona livre vista sobre o mar".

Em pequena venda repararam forcas os valentes pedestres tomando um pouco de pão e vinho.

Dirigiram-se depois para a cascata que acharam menos notavel do que a pequena.

Minusculo ribeiro escorria sobre larga rocha de pequeno declive, cahindo depois de se subdividir em diversos filetes.

Depois da travessia do valle chegaram os andarihos ao *Porto Massalú* (sic?) talvez a Barra da Tijuca.

Ali notaram a presença de botes, simples troncos de arvores escavados, que em frente a umas choupanas se amarravam nas aguas da bahia.

Alugaram um destes “bonitos barcos” para a travessia do braço de mar. Coisa de um quarto de hora apenas e mais salgada que as aguas salobras do estreito, queixa-se a nossa viennense ao relatar que a passagem lhe custara dois mil réis.

Puzeram-se os robustos itinerantes novamente em marcha a subir e a descer através de areões e pessimos caminhos montuosos.

Tres leguas venceram do modo mais fatigante até attingir a ponta de uma montanha que se eleva como um muro de separação entre dois grandes valles.

Tal ponta se chamava a *Boa Vista*, “nome apropiadissimo, porque do seu cume se divisavam os dois valles com as montanhas e as cadeias de collinas”. Ali appareciam outros morros elevados, sobretudo o Corcovado e os Dois Irmãos; mais longe, a capital brasileira, as casas de campo, as aldeias circumvizinhas, as bahias e o alto mar.

Foi com real saudade que os dois andarilhos deixaram aquelle lindo logar. Ignoravam quanto teriam ainda de caminhar até encontrarem pouso. Assim precisaram apressar-se. Naquellas estradas ermas só haviam avistado negros com quem um encontro nocturno não era precisamente das coisas mais desejaveis.

Assim voltaram ao valle, decididos a pernoitar na primeira estalagem que se lhes deparasse.

Diz-nos a viajante que teve muito maior felicidade do que podia imaginar. Não só encontraram, ella e o Conde Bechthold, um hotel excellente, com quartos asseados e bellos moveis, como tambem a presença de individuos, cuja observação muito os divertiu.

Uma familia de ricos mestiços attraheu-lhes sobretudo a attenção.

A mulher, “de belleza assaz grosseira” e trintona, apresentou-se enfeitada como na Europa, não se lembraria de o fazer uma pessoa de seu sexo, embora victima das maiores aberrações do mau gosto. Sobre si carregava todas as suas joias. Por toda a parte, onde havia logar para ouro e diamantes, dependurara adereços e broches, que a convertiam na vitrina ambulante da comparação classica.

Um vestido de seda espessa e um chale magnifico cobriam-lhe o corpo trigueiro escuro. Pequeno chapéo de seda branca, delicado e faceiro, comicamente lhe co-roava a enorme cabeça.

O marido e as cinco filhas formavam magnifico cortejo á sua esposa e mãe.

Nem escapava áquella orgia de penduricalhos a ama secca da criançada, negra de raça pura, coberta de berenguedens de toda a especie. Cinco pulseiras a um braço, seis a outro, de pedra coral e perolas, mas tudo de fancaria, quanto era possivel avaliar-se. . .

Devia ser gente muito rica, pois, passado algum tempo, embarcaram “marido, mulher, filhas e ama secca em dois landaus, puxados a quatro, em que se installaram com um ar de dignidade positivamente majestoso”.

Mal haviam os coches partido, appareceu um cavalleiro a correr. Era o amigo dos itinerantes, o Sr. Geiger, que, sabendo de sua intenção de pernoitarem no hotelzinho propôz-lhes leval-os á chacara de seu sogro, vizinha daquelle ponto.

Era este senhor um velho de setenta annos, homem da mais fina educação e director da “Sociedade de architectura e artes plasticas (?)”.

Infelizmente não nos revela Ida Pfeiffer quem seria este personagem amavel a cuja casa elegante, “em estilo italiano e de apurado gosto rodeava bello jardim”.

No dia seguinte partiram os dois itinerantes para o Jardim Botânico de cuja visita receberam bastante desencanto, pois ali tinham esperado encontrar árvores e flores de todos os países e todas sob o seu maior realce vegetativo.

Ao envez deste espectáculo verificaram pequena escolha de plantas; as poucas que ali se viam nem traziam os rotulos que aos visitantes lhes ensinassem os nomes scientificos, sequer os vulgares.

Recentemente plantadas não haviam as árvores ainda attingido o pleno desenvolvimento.

O que no parque mais interessante achou a vienense foram, certas e enormes cucurbitáceas, cujo peso variava entre cinco e doze kilos. Continham estas aboboras immensa quantidade de sementes apreciadissimas pelos macacos e também pelos homens (sic).

Alguma curiosidade despertaram aos visitantes as árvores de especiarias, os cravos da Índia, canneleiras, nozes muscadas, cacaueros, camphoreiras e árvores de chá.

Mas o que maior interesse causou á nossa austriaca foi certa palmeira, estrambótica quanto possível.

A parte inferior do fuste, até uma altura de dois ou tres pés, approximadamente, era lisa, parda e tinha a forma de cubas. (?)

D'ahi nascia uma haste verde clara, igualmente lisa e brilhante como se a houvessem envernizado.

Não era muito alta esta palmácea e a sua coma achava-se, como nas demais palmeiras, á extremidade da árvore (sic).

Infelizmente não houve quem lhe soubesse dar-lhe o nome.

No decorrer de toda a sua longa viagem ao redor do universo jamais se lhe depararia encontro com vegetal tão curioso quanto este.

Após diversas horas despendidas em percorrer todos os recantos do Jardim Botânico, marcharam os dois visitantes, sempre a pé, em direcção a Botafogo, onde um omnibus os transportou ao centro da cidade.

Nem uma unica palavra consagra Ida Pfeiffer á famosa alameda de palmeiras imperiaes que durante dezenas e dezenas de annos seria inevitavelmente apontada como uma das maravilhas cariocas. No emtanto, naquella época, devia ter grande desenvolvimento; datando de diversos decennios, de quando determinára D. João VI a sua plantação no jardim de Frei Leandro do Sacramento.

